



Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Graciela Inés Ravetti de Gómez
Vice-Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – ESTÁDIOS DE FUTEBOL: POLÍTICAS E USOS

Arlei Sander Damo (UFRGS)
Sérgio Settani Giglio (UNICAMP)

Entrevista, Paralelas e Resenha

Gustavo Cerqueira Guimarães

Poética

Gustavo Cerqueira Guimarães
Sérgio Settani Giglio

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Luciane Correa Ferreira, UFMG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo

Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFU
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Adílio Jorge Marques, UFF
Argus Romero Abreu de Moraes, UFSJ
Bruno Ocelli, UFOP/MG
Emília Mendes Lopes, UFMG
Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha, UERJ
Gabriel Gama, Fúlia-UFMG
Gustavo Bandeira, UFRGS
Cláudia Samuel Kessler, UFSM
Mauricio Fontana Filho, Unijui/RS
Paulo Roberto Caetano, Unimontes/MG
Rodrigo Koch, UERGS
Rogério Othon Teixeira Alves, Unimontes/MG

COORD. EDITORIAL, PREPARAÇÃO DE ORIGINALS, DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Gustavo Cerqueira Guimarães

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Erilma Desireé

IMAGEM (Favicon do portal)

Pablo Lobato (Brasil)
Um a zero #2 (2012)

IMAGEM DA CAPA DESTE NÚMERO

Victor de Leonardo Figols (Brasil)
Experiências Futebolísticas, 2011-2020

Sumário

APRESENTAÇÃO

Estádios de futebol políticas e usos (Homenagem a Gilmar Mascarenhas) – Sérgio Settani Giglio, Arlei Damo, p. 3-12

DOSSIÊ – ESTÁDIOS DE FUTEBOL: POLÍTICAS E USOS (Homenagem a Gilmar Mascarenhas)

A composição dos dias de jogos da Arena do Grêmio na vida de moradores e não moradores das imediações do estádio – Daiane G. Martins, Alan G. Knuth, p. 13-34

A política do esporte e a construção do estádio Mineirão – Wanessa Pires Lott, p. 35-51

Amor (não) se explica: torcida, topofilia e estádio de futebol – Phelipe Caldas, p. 52-78

Cartografias urbanas, estádios e gestão de conflitos entre torcidas rivais: os casos de Recife e Fortaleza – Francisco Thiago Cavalcante Garcez; Geovani Jacó de Freitas, Laura Hêmilly Campos Martins, p. 79-96

Estádios de futebol: o movimento da memória na atribuição de sentidos à Boca do Lobo – Naiara Souza da Silva, p. 97-115

Estádios de futebol e linguagem: potencialidades, limites e efeitos político-ideológicos de expressões metafóricas – Felipe Tavares Paes Lopes, p. 116-134

Processos de individuação dos torcedores na Arena do Grêmio – Gustavo Andrade Bandeira, Fernando Seffner, p. 135-157

Quando se mistura futebol e política: a patrimonialização do futebol em debate – Felipe Tobar, Ilanil Coelho, Luana Gusso, p. 158-181

Reforma e reformulação do Mineirão: planejamento, conceito e inspirações – Priscila Augusta F. Campos, p. 182-202

ENTREVISTA

A geografia dos esportes no Brasil: entrevista com Gilmar Mascarenhas – Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha, Filipe Mostaro, p. 203-217

Futebol e cidade: entrevista com Gilmar Mascarenhas – Sérgio Settani Giglio, Enrico Spaggiari, p. 218-239

PARALELAS

Esporte, geopolítica e relações internacionais – César Teixeira Castilho, Wanderley Marchi Júnior, p. 240-257

RESENHA

Nunca foi apenas um jogo: a minissérie *The English Game* – Edilson de Oliveira, Miguel Archanjo de F. Júnior, Thiago Savio I. da Luz, p. 258-265

POÉTICA

Experiências futebolísticas: estádios do Brasil [imagem] – Victor de Leonardo Fígols, p. 266-285

Estádios de futebol: políticas e usos

(Homenagem a Gilmar Mascarenhas)

Football Stadiums: Policies and Uses

(Tribute to Gilmar Mascarenhas)

Este texto de apresentação não deveria ter sido escrito por nós, Arlei Sander Damo e Sérgio Settani Giglio, era para ter sido escrito pelo querido Gilmar Mascarenhas. Mas no dia 10 de junho de 2019, recebemos a trágica notícia do seu falecimento. A sensação de impotência diante do acidente que o vitimou tomou conta de nós. A certeza de que o acidente poderia ter sido evitado por parte do imprudente motorista de ônibus é um fato permanente em nossa memória. Quem conheceu o Gilmar pode confirmar que ele transbordava vida. Seu jeito atencioso, carinhoso e apaixonado de viver era e é um estímulo a seguir a caminhada. Sem ele é mais difícil, mas é preciso seguir.

Era difícil não se tornar amigo do Gilmar!¹ Eu, Arlei, fui apresentado pessoalmente por um amigo em comum, o historiador César Guazzelli, no final dos anos 1990, e desde então ficamos amigos, no âmbito acadêmico e fora dele. Antes disso nos conhecíamos por texto, acerca da Liga dos Canelas Pretas, sobre a qual ambos havíamos escrito praticamente ao mesmo tempo.

Esta liga, cujas fontes documentais são escassas, foi uma associação de clubes de negros e mulatos, segregados pela elite do futebol porto-alegrense, nas primeiras décadas do século XX.² Gilmar chegou até os Canelas Pretas em função da sua pesquisa visando a tese de doutorado, que trata da difusão do futebol no Brasil tendo o caso do Rio Grande do Sul como paradigmático.³ A tese mais tarde transformada em livro é um primor em termos de contestação da narrativa hegemônica que até então tomava o

¹ Essa apresentação é uma versão modificada da homenagem feita ao Gilmar Mascarenhas em 20 de junho de 2019, dia do seu aniversário. Conf.: DAMO. Gilmar Mascarenhas de Jesus, presente!. *Ludopédio*, 2019.

² DAMO. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Mestrado em Antropologia, UFRGS, 1998.

MASCARENHAS. *O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS), Anos 90*, UFRGS, 1999.

³ MASCARENHAS. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, 2014.

futebol, o eixo Rio de Janeiro-São Paulo como um modelo nacionalmente generalizável, com cronologias, personagens e sentidos.

Aliás, o interesse pelas narrativas contra-hegemônicas é uma constante nos tantos livros e artigos publicados e nas incontáveis intervenções orais que realizou, mesmo em sua militância política. Ter encontrado e depois se encantado com a história dos Canelas Pretas, é um exemplo do que apreciava intelectualmente e de quão incansável era na busca pelo que contrariava o senso comum ou o *status quo*, inspirando outros intelectuais, inclusive no que diz respeito à Liga dos Canelas Pretas.⁴

Como passei a lê-lo praticamente ao mesmo tempo em que o conheci, nunca me pareceu contraditório a mesma pessoa formular críticas contundentes ao *establishment* e ser tão afável; tão incisivo na contestação aos projetos neoliberais e sempre disponível para uma história vinda dos subterrâneos do mundo futebolístico. Por ocasião da realização dos megaeventos no Brasil, Gilmar foi uma das mais eloquentes e qualificadas vozes a rechaçar o projeto de atualização dos estádios e, sobretudo, de cidade e

⁴ SANTOS. *Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre, 2018

de cidadania que o acompanhou.⁵ As convicções às vezes nos custam caro e o atropelamento parece ser o preço, demasiado oneroso, que Gilmar pagou por confrontar, de corpo e alma, a gentrificação e a desumanização das cidades, cujo “carrocentrismo” é uma das tantas expressões.

A última vez em que eu estive com Gilmar, foi em setembro de 2018, por ocasião do III Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, realizado junto ao Museu do Futebol, no Pacaembu. Estivemos juntos numa mesa e coordenamos um GT, discutindo justamente a questão da arenização dos estádios e os rumos do debate pós-megaeventos. Não era apenas o campo de estudos esportivos que estava apontando mudanças, neste caso, instigantes, mas um cenário nebuloso no espectro da política nacional, cujos impactos nos atingiriam cedo ou tarde.⁶

⁵ MASCARENHAS; BIENENSTEIN; SANCHEZ. (Orgs.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*, 2011. MASCARENHAS. *Globalização e políticas territoriais: os megaeventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro*, 2012. MASCARENHAS. *A produção da cidade olímpica e os sinais da crise de um modelo globalitário*, GEOUSP, 2016.

⁶ DAMO. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*, FuLiA/UFMG, 2018.

Tínhamos divergências em alguns aspectos e podíamos discuti-las longamente, pois como pensador inquieto e sagaz Gilmar sabia ponderar seus pontos de vista, abertos ao jogo argumentativo e à dialética. Entrementes as atividades acadêmicas, conversamos, naquela ocasião, sobre temas políticos e pessoais, sempre que possível acompanhados de uma cerveja. Chegamos, inclusive, a vislumbrar um livro, escrito a quatro mãos, para dar conta das transformações pelas quais passaram os estádios brasileiros ao longo dos tempos. A arenização seria então uma etapa, não o fim de um processo, e Gilmar certamente vislumbrava localizar alguma resiliência, tal qual a dos Canelas Pretas, a partir da qual se pudesse afirmar que o povo ou seu espectro ainda habitava os estádios. Tínhamos esperanças; ou ilusões, não sei. Em novembro recebi uma mensagem empolgada dizendo que o projeto teria mais algumas participações e fiquei de rascunhar um esboço que, amadurecido, haveríamos de submeter a uma agência de pesquisa.

O projeto tinha um título provisório: *Pós-Copa 2014 – os dilemas da arenização*. Pensávamos em fazer uma história de longa duração e havia espaço para pensar, inclusive, as novida-

des, tais como as Antifas, torcidas organizadas que além de engajadas em torno do clubismo estão comprometidas com bandeiras identitárias de combate ao racismo, xenofobia, a homofobia, entre outras. Ou de movimentos de torcedores articulados às disputas políticas internas dos clubes, como é o caso do Povo do Clube,⁷ cujos propósitos vão além do clientelismo que caracteriza a atuação da maior parte das organizações convencionais. Os dois exemplos são apenas alguns dos fatos novos concomitantes ao processo de arenização, algo não previsto pelo marketing e, em que pese sejam insipientes, têm levantado bandeiras até então silenciadas nos espaços de protagonismo viril. Por razões óbvias, o esboço do projeto que partilhamos segue adormecido, à espera de que a esperança vença o ódio novamente e que volte a existir financiamento para a ciência e a educação. Então a investigação haverá de ser realizada e o geógrafo Mascarenhas, a mais destacada autoridade brasileira – talvez internacional – será referência indispensável, o que equivale a dizer que seguirá vivo entre nós.

⁷ OLIVEIRA JÚNIOR. *A reviravolta dos "fanáticos": arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional*. Doutorado em Antropologia Social, UFRGS, 2017.



Arlei Damo e Gilmar Mascarenhas em banca de doutorado de Ricardo Gadelha de Oliveira, Porto Alegre, 2018.

Eu, Sérgio, conheci o Gilmar em 2009, ele havia sido membro da banca de defesa do meu amigo e um dos fundadores do *Ludopédio*, Paulo Miranda Fávero. Naquela banca havia duas pessoas que se tornariam importantes ao longo da minha caminhada nos estudos sobre futebol: o Gilmar Mascarenhas e o Arlei Damo. Após a defesa fomos almoçar em um local perto da USP e lá pude trocar algumas palavras com Gilmar.

Mas foi, efetivamente, nos anos seguintes que me aproximei de Gilmar. Criamos um diálogo nos eventos que aconteceram no Museu do Futebol, USP e PUC nas três oportunidades em que aconteceram – 2010, 2014 e 2018.

No ano de 2013, durante o I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado em setembro, na cidade de Belo Horizonte, consegui fazer a entrevista com ele para o portal *Ludopédio*. A referida entrevista produzida com o Enrico Spaggiari encontra-se disponível nesse Dossiê. Durante esse evento, tivemos a oportunidade de visitar o Mineirão em dia de jogo. Era uma espécie de final antecipada de um campeonato de pontos corridos. Jogavam naquela noite Cruzeiro e Botafogo. Eu resolvi ir na torcida do time da casa para ver como a maioria da torcida se comportaria. Se soubesse do futuro teria feito a escolha do Arlei, de ir na arquibancada ao lado do Gilmar (botafoguense). A vitória por 3 a 0 do Cruzeiro tirou o Botafogo da disputa pelo título, mas não tirou o ânimo do Gilmar, afinal, o futebol é um potente meio de conectar as pessoas, de promover o encontro e essas eram questões fundamentais para ele, o contato humano.

Em 2015, organizei, juntamente com outros docentes,⁸ o Fórum Permanente na Unicamp chamado Jogos Olímpicos em debate: um olhar das Ciências Humanas no qual Gilmar Mascarenhas foi um dos conferencistas que fez o fechamento do evento. Do evento publicamos um livro intitulado *Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos*.⁹ E no dia seguinte ele ministrou na Faculdade de Educação Física a palestra “O direito à cidade nos estádios de futebol”.¹⁰ Diante das verbas escassas para atender uma programação com pessoas vindas de diferentes lugares do Brasil quando fiz o convite ao Gilmar ofereci minha casa para ele pernoitar entre o primeiro e o segundo dia do evento. Como dissemos no início – “era difícil não se tornar amigo do Gilmar” – e como uma característica marcante do seu jeito de ser encantou rapidamente os meus filhos. A partir daí todas as vezes que falava com o Gilmar ele seguia a mesma ordem de perguntas: como estavam meus filhos, minha esposa e meu Palmeiras.

⁸ Também foram organizadores do Fórum: Sílvia Cristina Franco Amaral, Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, Marco Antonio Coelho Bortoleto.

⁹ GIGLIO; AMARAL; RIBEIRO; BORTOLETO. *Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos*, 2018.

¹⁰ A palestra pode ser vista na íntegra em: <https://youtu.be/jD8oqE4Xvtg>.

Posso dizer que os laços de amizade se estreitaram quando Gilmar iniciou a sua coluna “Futebol e Cidade” no *Ludopédio*,¹¹ em setembro de 2017. Uma vez por mês, pelo menos, conversávamos sobre o fluxo dos textos e as dúvidas que Gilmar tinha ao enviar o texto para o sistema. Dias antes do acidente ele me enviou uma mensagem por WhatsApp muito feliz por ter conseguido inserir o texto sem a minha ajuda. E na mensagem havia um pedido: inverter a ordem e publicar antes o último texto escrito por ele – “Maio 68: um urubu no estádio, um estádio na cidade e uma cidade no urubu”.¹²

A última vez em que estive com o Gilmar foi em abril de 2019 no Seminário Internacional “Copa América – 2019: Esporte, mídia, identidades locais e globais” que aconteceu na UERJ. A princípio não estaríamos na mesma mesa, mas as chuvas torrenciais que atingiram o Rio de Janeiro acabaram por reduzir o evento para apenas um dia. Com isso, tive a honra de abrir a mesa sendo precedido pelo querido Gilmar.

¹¹ A coluna pode ser conferida no seguinte endereço: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada-categoria/futebol-e-cidade>.

¹² Foi o último texto escrito, mas o penúltimo publicado a pedido do próprio Gilmar. Conf.: MASCARENHAS. Maio 68: um urubu no estádio, um estádio na cidade e uma cidade no urubu, *Ludopédio*, 2019.

Depois de tanta chuva fomos jantar todos juntos no Café Lamas. Enquanto esperávamos a comida a conversa sobre futebol tomou conta da mesa ainda mais porque havia jogos da Libertadores sendo transmitidos.

Por fim, fico também feliz por ter organizado o livro *O futebol nas ciências humanas no Brasil*,¹³ pela Editora Unicamp, juntamente com o professor Marcelo Proni, e poder contar com a que imagino ser a sua última produção acadêmica: “A geografia das Copas: o Brasil urbano em 1950”.

Ressaltamos o quanto estamos felizes em prestar essa homenagem ao amigo Gilmar. Reforçamos que a chamada para este Dossiê foi escrita por ele e segundo suas palavras “O dossiê *Estádios de futebol: políticas e usos* tem como proposta reunir reflexões de pesquisadores em torno deste equipamento, seus usos, formas e significados. Um espaço em constante disputa: em construção”. Vamos ao conjunto de textos!

¹³ GIGLIO; PRONI. (Orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas, 2020.



Sérgio Giglio, Lívia Magalhães, Irlan Simões, Rosana Teixeira e Gilmar Mascarenhas, Rio de Janeiro, 2019.

O artigo que abre o **Dossiê** foi escrito por Daiane Grillo Martins e Alan Goularte Knuth, “A composição dos dias de jogos da Arena do Grêmio na vida de moradores e não moradores das imediações do estádio”, e analisa, por meio de uma etnografia, como a apropriação dos territórios por torcedores podem se estender para além do interior dos estádios, ocupando suas imediações.

“A política do esporte e a construção do estádio Mineirão”, de Wanessa Pires Lott, investiga os aspectos políticos envolvidos na construção do Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão. O texto inicia com um panorama das políticas públicas nacionais de esporte, com destaque para a valorização do futebol no estado de Minas Gerais e em seguida o processo de construção e inauguração do Mineirão.

“Amor (não) se explica: torcida, topofilia e estádio de futebol”, de Phelipe Caldas, traz algumas questões muito importantes: qual a relação do torcedor com o estádio de futebol de seu clube do coração? E como isso pode interferir no desempenho deste clube em campo? Para isso parte do Estádio Almeidão, de João Pessoa, casa do Botafogo/PB, para discutir o conceito de topofilia no contexto futebolístico.

“Cartografias urbanas, estádios e gestão de conflitos entre torcidas rivais: os casos de Recife e Fortaleza”, de Francisco Thiago Garcez, Geovani Jacó de Freitas e Laura Campos Martins faz uma análise comparativa dos usos da Arena Itaipava Pernambuco, em Recife/PE, e do Estádio Governador Plácido Castelo, em For-

taleza/CE, para compreender as conexões entre as ações de gestão de conflitos entre torcidas rivais e a cartografia dessas cidades.

Naiara Souza da Silva assina o artigo “Estádios de futebol: o movimento da memória na atribuição de sentidos à Boca do Lobo”, utilizando-se do aparato teórico e analítico da Análise de Discurso busca compreender o sentido atribuído ao Esporte Clube Pelotas, um estádio situado na cidade homônima no sul do Rio Grande do Sul.

O artigo “Estádios de futebol e linguagem: potencialidades, limites e efeitos político-ideológicos de expressões metafóricas”, de Felipe Paes Lopes, analisa as potencialidades e limites explicativos de expressões metafóricas habitualmente utilizadas para se referir aos estádios de futebol, bem como alguns de seus efeitos político-ideológicos.

Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner analisam no artigo “Processos de individuação dos torcedores na Arena do Grêmio” como os torcedores gremistas foram interpelados por diferentes conteúdos ao realizarem um trânsito entre o antigo estádio Olímpico Monumental e a atual Arena do Grêmio, especi-

almente na relação que se estabelece entre um sujeito individual, o torcedor, e um sujeito coletivo, a torcida.

“Quando se mistura futebol e política: a patrimonialização do futebol em debate”, de Felipe Bertazzo Tobar, Ilanil Coelho e Luana Silva Gusso, discute a relação entre futebol e política a partir do estudo do processo de tombamento da sede social do America Football Club/RJ.

Priscila Augusta Ferreira Campos assina o artigo “Reforma e reformulação do Mineirão: planejamento, conceitos e inspirações”, em que apresenta e analisa a entrevista realizada com o arquiteto responsável pelo projeto executivo da reforma e reformulação do Mineirão.

Na seção **Entrevista** são apresentados dois trabalhos feitos com o professor Gilmar Mascarenhas. O primeiro e “A geografia dos esportes no Brasil: entrevista com Gilmar Mascarenhas”, de Fausto Amaro e Filipe Mostaro – foi realizado pelo Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). E o segundo – “Futebol e cidade: entrevista com Gilmar Mascarenhas”, de Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari – feito para o portal *Ludopédio*. Essas entrevistas se complementam e trazem uma visão

ao mesmo tempo ampla e detalhada da trajetória acadêmica de Gilmar Mascarenhas.

Na seção **Paralelas**, César Teixeira Castilho e Wanderley Marchi Júnior assinam o artigo “Esporte, geopolítica e relações internacionais”, que busca analisar os possíveis diálogos existentes entre o esporte, a geopolítica e as relações internacionais.

Na seção **Resenha**, Edilson de Oliveira, Miguel de Freitas Júnior e Thiago Ingles da Luz analisam a minissérie *The English Game*.

Por fim, na seção **Poética**, Victor de Leonardo Figols apresenta seu projeto fotográfico “Experiências Futebolísticas: estádios do Brasil” em que busca realizar registros dos estádios de futebol.

Reforçamos que a publicação deste dossiê é, antes de mais nada, uma singela homenagem ao querido amigo, professor, botafoguense e amante dos estádios – de qualquer estádio, desde que tivesse povo. A propósito, Gilmar era um torcedor das Gerais, território popular por excelência, festivo e criativo, onde floresce a paixão intensa de coletivos anárquicos, anônimos e fugazes. A “geral”, com público, sempre fora o território de uma modalidade

de existência do torcer que nós, por ideologia ou romantismo – ou por ambos – identificamos com o povo e sua inequívoca capacidade de resiliência. Quem nunca frequentou uma geral terá por certo uma lacuna na sua biografia de torcedor, pois o povo é a alma dos estádios de futebol. Como diria nosso amigo de tantas jornadas: “falta às novas arenas a alma do futebol”. Em todo o caso, a luta continua!

Boa leitura!

Porto Alegre e Campinas, 20 de dezembro de 2020

Arlei Sander Damo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sérgio Settani Giglio

Universidade Estadual de Campinas

* * *

REFERÊNCIAS

DAMO, Arlei Sander. Gilmar Mascarenhas de Jesus, presente!. **Ludopédio**, São Paulo, v. 120, n. 27, 2019.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, 2018, p. 37-66, 2018.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Mestrado em Antropologia, UFRGS, Porto Alegre, 1998.

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GIGLIO, Sérgio Settani; AMARAL, Silvia Cristina Franco; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. (Orgs.). **Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos**. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. A geografia das Copas: o Brasil urbano em 1950. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 493-507.

MASCARENHAS, Gilmar. Maio 68: um urubu no estádio, um estádio na cidade e uma cidade no urubu. **Ludopédio**, São Paulo, v. 120, n. 37, 2019.

MASCARENHAS, Gilmar. A produção da cidade olímpica e os sinais da crise de um modelo globalitário. **GEOUSP**, v. 20, p. 52-68, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e políticas territoriais: os megaeventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro. In: PACHECO, Susana Mara Miranda; MACHADO, Mônica Sampaio (Orgs.). **Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 92-108.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SANCHEZ, Fernanda. (Orgs.). **O jogo continua**: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ; FAPERJ, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, UFRGS, Porto Alegre, n. 11, p. 144-61, 1999.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha de. **A reviravolta dos "fanáticos"**: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional. Doutorado em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

A composição dos dias de jogos da Arena do Grêmio na vida de moradores e não moradores das imediações do estádio

The Matchdays Composition of the Arena do Grêmio in the Residents and Non-Residents Lives Around the Stadium

Daiane Grillo Martins

Instituto de Desenvolvimento, Ensino e Assistência à Saúde, São Leopoldo/RS, Brasil
Mestra em Educação Física, UFPEL
daia.martins82@gmail.com

Alan Goularte Knuth

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil
Doutor em Epidemiologia, UFPEL

RESUMO: Nos dias de jogos de futebol, a apropriação dos territórios por torcedores pode se estender para além do interior dos estádios, ocupando suas imediações. Realizamos uma pesquisa etnográfica com o objetivo de compreender a apropriação das imediações da Arena do Grêmio, nos períodos que antecedem os jogos, bem como a descrição de aspectos da vida de moradores e não moradores das imediações do estádio. Consideramos que o território dos dias de jogos na Arena compõe as vidas de moradores das imediações do estádio, de outros bairros de Porto Alegre/RS, cidades e estados. São gremistas, torcedores aliados, guardadores, catadores, comerciantes e demais sujeitos que se relacionam entre si. O território é constituído pelas nuances de suas ambiguidades, pela multiplicidade das inter-relações de sociabilidade e pelas relações comerciais, significados e pertencimentos inerentes à apropriação e dominação do espaço, tramadas nas redes da multiterritorialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Estádio; Torcedores; Moradores; Território.

ABSTRACT: On match days, the appropriation of territories by fans may expand beyond the interior of football stadiums, occupying their surroundings. We conducted an ethnographic research in order to understand the appropriation of the surroundings of the Arena do Grêmio, in the periods before fans' entrance in the stadium, as well as to describe aspects of the lives of residents and non-residents around the stadium. We consider that the territory around the Arena on match days makes up the lives of residents of surroundings, other neighborhoods in Porto Alegre/RS, and nearby cities and states. They are Grêmio supporters, rivals, allies, car watchers, garbage collectors, street traders and other subjects who relate to each other. The territory is constituted in the nuances of its ambiguities, in the multiplicity of interrelationships of sociability and commercial relationships, meanings and belongings inherent to the appropriation and domination of space, woven into multi-territoriality networks.

KEYWORDS: Football; Stadium; Fans; Residents; Territory.

INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a investigar os esportes nos tempos atuais, Gilmar Mascarenhas menciona que estas manifestações compõem “uma dimensão complexa e multifacetada da realidade social, e seu enfrentamento requer o aporte teórico-metodológico das mais diversas disciplinas acadêmicas”. Complementa que

os estudos setoriais do fenômeno esportivo não permitem visualizar sua complexidade, mas também porque o estudo da produção da demanda esportiva de determinada sociedade requer uma perspectiva contextual que envolve o espaço geográfico, suas formas e sua dinâmica.¹

Referindo-nos mais especificamente ao futebol de alto rendimento, essa prática agrega diversificados atores envolvidos na difusão social e também na manutenção dos clubes. Destacamos os públicos torcedores que, segundo Damo, caracterizam-se pelo sentimento de pertencimento clubístico, atribuindo às suas vivências específicos símbolos, linguagens e significados, em que o torcer se estabelece a partir do engajamento emocional, das ligações afetivas de cada sujeito com determinado clube.²

Buscando analisar o espaço-tempo vivido das manifestações relativas especificamente aos torcedores e às torcedoras que frequentam estádios de futebol,³ sinalizamos que essas relações ocorrem não somente dentro destes espaços, mas também podem ocorrer no lado de fora dos estádios, nas suas imediações, nos tempos pré, durante e pós jogo de futebol. Assim, realizamos uma pesquisa de campo com objetivo de compreender como ocorre a apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio,⁴ situada na zona norte da cidade de Porto Alegre/RS, no período que antecede a entrada dos torcedores no estádio, em dias de jogos. Além disso, buscamos investigar como esse acontecimento compõe a vida dos moradores e das moradoras das imediações do estádio e de outras regiões.⁵

¹ MASCARENHAS. *À Geografia e os esportes*, 1999, p. 57.

² DAMO. *Esporte e sociedade*, 2006. DAMO. *Do dom à profissão*, 2007.

³ HAESBAERT. *Território e multiterritorialidade: um debate*, 2007.

⁴ A fase empírica da pesquisa foi realizada pela primeira autora deste trabalho.

⁵ Da pesquisa desdobraram-se dois artigos. Um deles, que trata especificamente da análise da configuração do território, está disponível na Revista Movimento da UFRGS (MARTINS; KNUTH. *Manifestações torcedoras e território: configurações das imediações da Arena do*

DA FUNDAÇÃO DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE À ARENA DO GRÊMIO NO HUMAITÁ

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegre foi fundado em 15 de setembro de 1903. Em outubro de 1912, o clube inaugurou um pavilhão para 500 pessoas e lá jogou por quase 50 anos. O estádio ficou conhecido como Fortim da Baixada.⁶ Ao final da década de 1940, o Grêmio passou por transformações significativas, incluindo a transferência da sede para um novo estádio, construído no Bairro Azenha. O estádio Olímpico Monumental foi inaugurado nos primeiros anos da década de 1950 e foi a casa do clube até a fundação, em dezembro de 2012, da Arena do Grêmio, no bairro Humaitá.⁷

O Humaitá situa-se na zona norte de Porto Alegre, a 8 km do centro da cidade, limitando-se ao sul com o bairro de Navegantes e, ao norte, com o município de Canoas. Em uma área alagadiça que sofreu processo de aterramento, o território teve seus primeiros movimentos de ocupação na década de 1960, através da ampliação das zonas residenciais para atender o crescimento populacional, decorrente da reestruturação oriunda da industrialização na capital gaúcha e do êxodo rural.⁸

Entre os anos de 1996 e 2005, o Humaitá teve aumento significativo da população, devido à expansão das vilas e às invasões ocorrentes a muitos prédios construídos. Já os anos de 2006 a 2009 são marcados pelo domínio imobiliário, denominando o Novo Humaitá, alavancado pelo promissor complexo de entretenimento, situado ao norte do bairro, contemplando em seu projeto original, além da Arena do Grêmio, também um hotel, prédios residenciais, shopping, centro de convenções e empresarial e estacionamento.⁹

No Brasil, os grandes estádios de futebol cumprem papel relevante na reprodução social urbana, onde o calendário futebolístico demarca os tempos e os

Grêmio, 2020). Portanto, este trabalho é dedicado à investigação sobre a composição dos dias de jogos na vida de moradores das imediações do estádio e de outras regiões.

⁶ RODRIGUES. Amizade, trago e alento, 2012.

⁷ DAMO. *Futebol e identidade social*, 2002.

⁸ MARTINS. O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã, 2010; BIANCHI, Agentes e práticas da organização capitalista do espaço, 2012.

⁹ MARTINS. O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã, 2010.

horizontes da vida cotidiana.¹⁰ Portanto, há de se considerar que a Arena do Grêmio foi inaugurada há oito anos nessa localidade, fato que apontamos como gerador de transformações no Humaitá e bairros próximos.¹¹

TRAJETOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a realização dessa investigação, embasamos na etnografia, entendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”.¹² Na produção do conhecimento etnográfico, “o olhar, o ouvir e o escrever” constituem-se etapas indispensáveis à apreensão dos fenômenos sociais.¹³ Ressaltamos ainda que as ações de andar, ver e escrever são três fluxos que dinamicamente se inter-relacionam, exercendo e sofrendo influências recíprocas.¹⁴ Assim, foram realizadas caminhadas, observações, conversas e diários de campo. Também utilizamos, para auxílio das confecções dos diários, imagens fotografadas e filmadas através de *smartphone*, de uso pessoal.

Considerando aspectos éticos relativos às falas, os nomes dos sujeitos pesquisados são fictícios, já que “a etnografia, como qualquer produção reflexiva, requer uma seleção do que pode e deve ser divulgado”.¹⁵ A pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que emitiu parecer nº 2.897.136. No segundo semestre de 2018, de 23 de setembro a 02 de dezembro, ocorreu a imersão no campo, totalizando sete incursões, em dias de jogos oficiais do Grêmio, sendo cinco no Campeonato Brasileiro e dois na Copa Libertadores da América.

A prioridade de espaço-tempo de observação ficou reservada ao período que antecedeu aos jogos, na extensão da Avenida Padre Leopoldo Brentano,

¹⁰ MASCARENHAS. Construindo a pátria de chuteiras, 1998; MASCARENHAS. A Geografia e os esportes, 1999.

¹¹ Salientamos que até o ano de 2016, a Arena do Grêmio situou-se no bairro Humaitá. No entanto, através da mudança no plano diretor de Porto Alegre, o estádio passou a ser localizado no bairro Farrapos.

¹² ANGROSINO. *Etnografia e observação participante*, 2009, p. 30.

¹³ OLIVEIRA. *O trabalho do antropólogo*, 2006, p. 18.

¹⁴ SILVA. A situação etnográfica: andar e ver, 2009.

¹⁵ GOMES; MENEZES. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro, 2008, p. 3.

tendo início no Bar do Tricolor, até o Bar do Ito, na Avenida AJ Renner. Destacamos que as imediações da Arena contemplam um espaço além do território da pesquisa. No entanto, foi preciso, já nas primeiras idas ao campo, delimitar o espaço de investigação.

Então, além de um recorte temporal, também houve um recorte espacial, que se deu por meio da possibilidade de ver o campo,¹⁶ considerando dois aspectos específicos: o cenário de permanência de maior número de torcedores e demais sujeitos do campo e também por proporcionar maior sensação de segurança à pesquisadora que circulava sozinha nesses espaços. O território em que houve a imersão pode ser visualizado através das seguintes imagens de satélite, as quais apontam a rota percorrida e suas extremidades, sinalizadas pelas setas, na imagem de satélite (Fig. 1).

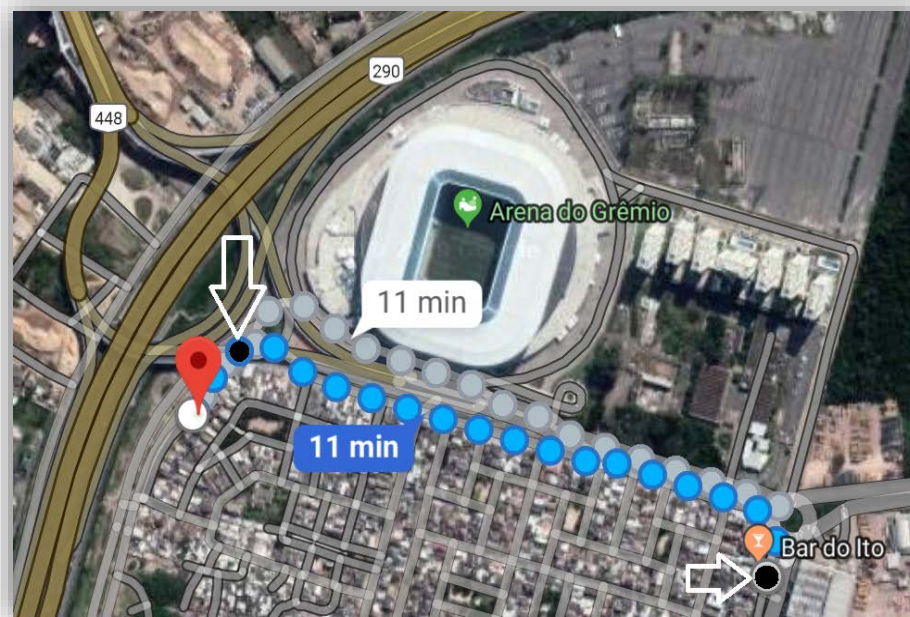


Fig. 1: Rota do campo de pesquisa. Fonte: Google Maps, 2019.

¹⁶ Ocorre que ver, sendo diferente de olhar pura e simplesmente, implica uma organização do que foi olhado, espiado, espionado, entrevistado, reparado, notado, percebido ao longo do percurso etnográfico. Ver implica um olhar que se organiza; um olhar organizado e reorganizado; que vai organizando; que organiza e reorganiza; que vai revendo; que revê e dá por revisto (SILVA, 2009, p. 181 e 182).

Dependendo dos acontecimentos durante o processo de pesquisa, o tempo estimado de permanência a cada imersão teve variações de uma a quatro horas.¹⁷ Em um dia de Libertadores, houve também a necessidade de permanecer em campo durante o período do jogo, mesmo que a previsão projetada contemplasse, preferencialmente, o período pré-jogo. Isso porque, por tratar-se de pesquisa qualitativa, o cientista social tem como preocupação básica “a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar de forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la”.¹⁸

A PULSAÇÃO DOS DIAS DE JOGOS COMO COMPONENTE DE VIDAS

Ao tratar de territorialização em tempos atuais, especificamente nos ambientes urbanos, Haesbaert nos direciona ao entendimento de multiterritorialidade, caracterizada pela multiplicidade de territórios que não é isolada, mas que se estabelece em redes.

É, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou ‘pós-moderna’ da reterritorialização [...] é consequência direta da predominância, especialmente no capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais de territórios-zona [...] o que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas formas mais antigas de território não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial.¹⁹

No campo investigado, podemos compreender que a inter-relação dia de jogo na Arena e moradores está para além dos sujeitos que residem nas imediações do estádio. O dia de jogo compõe também a vida de moradores de bairros próximos, de outras regiões de Porto Alegre, do interior do Rio Grande do Sul e de

¹⁷ O deslocamento da pesquisadora, por ser moradora do interior do estado, em quatro idas a campo, ocorreu através de excursão com grupo de torcedores gremistas, da cidade de Rio Grande/RS, os Borrachos do Trovão. Assim, as variações de permanência no campo dependiam do horário de chegada do ônibus às imediações da Arena, que de acordo com as condições da estrada e relevância da partida, chegava de duas a quatro horas antes do horário do jogo. Três idas ocorreram através de ônibus intermunicipal e aplicativo, pois já havia chegado à capital no dia anterior. Esse deslocamento antecipado ocorreu pra que nesses dias, a pesquisadora pudesse chegar mais cedo, visando observar as movimentações iniciais dos sujeitos no território.

¹⁸ MARTINS. Metodologia qualitativa de pesquisa, 2004, p. 292.

¹⁹ HAESBAERT. *O mito da desterritorialização*, 2010, p. 338.

outros estados, tramando redes de multiterritorialidade. Mais do que o fim dos territórios, Haesbaert afirma que não há indivíduo ou grupo social sem território, “sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico”.²⁰ Assim, dedicamos a análise aos sujeitos pertinentes ao território, que ali residem e também aos que são moradores de outras localidades.

MORADORES DAS IMEDIAÇÕES DA ARENA²¹

Quanto à composição na vida dos moradores das imediações da Arena, referimo-nos aos sujeitos que possuem residência fixa no território de limitado na investigação. Como foi observado, ao longo dos dias de jogos e, de forma mais intensa em ocasiões que movimentam maior público, grande parte dos lares da avenida interagem com a transformação ocorrente, fazendo parte ativamente desse acontecimento. Essa verificação consta no trecho do diário de campo II:

muitas casas abriam as suas portas para se transformar em comércio de bebidas e lanches. Garagens se transformaram em lancherias, canteiros em centros de comércio de churrasquinho, cachorro quente, entrevero, bebidas e artigos que se remetiam ao clube (bonés, camisas, bandeiras, cavalinhos) [...] ao longo da caminhada, me impressiono com a quantidade de bares, mercearias e lancherias existentes, em que a grande maioria faz alusão ao Grêmio, seja no nome e/ou nas cores do estabelecimento. Do meio para o final da avenida também chamou atenção a quantidade de casas que se transformam em estacionamentos: são calçadas, garagens, pátios guardados por mulheres e homens fixados no centro da rua, chamando por seus clientes que chegam nos seus veículos.²²

A preparação para a recepção dos torcedores inicia-se horas antes da partida. O público começa a chegar cedo, em particular, as excursões, como a dos Borrachos do Trovão, já que estar no território no período pré-jogo faz parte do ritual do grupo de torcedores da cidade de Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul, localizada a mais de 300 km da capital. No diário de campo V, a pesquisadora

²⁰ HAESBAERT. *O mito da desterritorialização*, 2010, p. 339.

²¹ Considerando a mudança recente de localização do território investigado, do Humaitá para Farrapos, por questões empíricas e históricas da popularização do estádio como “Arena do Humaitá”, nesta pesquisa, contemplamos como “moradores/as das imediações da Arena” tanto os/as moradores/as do Humaitá, quanto os/as do bairro Farrapos.

²² DIÁRIO DE CAMPO II, 02 out. 2018.

comenta que chegou “na Padre Brentano às 13:50 [...] havia pouca circulação de torcedores, considerando os dias de jogos anteriores e alguns ambulantes já estavam presentes. Os bares e lancherias estavam se preparando. O D’ Julia estava abastecendo as bebidas”.²³ O D’ Julia é um ponto comercial, em que há concentração de torcedores também no período do jogo, para assistir a partida televisionada. Em uma das idas a campo, uma das funcionárias relata que a abertura do bar ocorre somente em dias de jogos.

Nesse contexto, em que estabelecimentos comerciais atendem ao público somente em dias de jogos, sendo parte deles o próprio local de moradia dos comerciantes, observamos que o privado também se torna público. Isso ocorre quando os moradores abrem as portas de suas casas para torná-las estabelecimentos de fonte de renda. Assim, muitos torcedores permanecem ao lado de fora do estádio, durante o jogo, assistindo a partida pela transmissão televisiva nos bares e lanchonetes.

O consumo se efetiva no território e as relações de sociabilidade também, principalmente pelo churrasco e a cerveja. A simbologia significativa da bebida compõe a inter-relação entre comerciantes e torcedores. Por isso, a existência do grande número de bares e lanchonetes que tomam conta da extensão do território, incluindo garagens, pátios e calçadas, especificamente para os dias de jogos.

Confraternizar com comida e bebida é um ato coletivo de pertencimento ao território e ao clube. “O clube do coração faz parte disso. Em determinado momento é ele que dá identidade, é ele que faz ser parte de um grupo, é ele que dá rosto. É ele que faz estar junto das pessoas que comungam da mesma visão, dos mesmos sentimentos”.²⁴

Mascarenhas sinaliza que a prática esportiva

implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais. Primeiramente, o esporte deve ser encarado como uma atividade econômica, particularmente quando realizado em caráter oficial, de competição, e oferecido à sociedade (público espectador) como um artigo de consumo. Enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado, o esporte precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um

²³ DIÁRIO DE CAMPO V, 11 nov. 2018.

²⁴ SILVA. *Futebol, cultura e sociedade*, 2005, p. 50.

amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de permanência.²⁵

Na mesma perspectiva, Toledo aponta que “no universo do consumo ganha cada vez mais a importância a figura do torcedor consumidor como arrimo moral e legal da ordem esportiva distributiva da riqueza que aí se produz e acumula”.²⁶ Procurando ampliar o olhar, propomo-nos a dizer que no contexto investigado o comércio/consumo futebolístico está para além do lado de dentro do estádio e dos cofres do clube. Os sujeitos envolvidos no consumo dos dias de jogos também se expandem para o território do entorno do estádio.

Nas imediações da Arena do Grêmio, os dias de jogos constituem composição relevante à vida de moradores, no que tange ao aspecto financeiro. Essa sinalização é proporcionada pelas relações comerciais observadas e reforçada pela conversa com um morador da Avenida Padre Brentano:

Odone [...] conta que é morador antes mesmo da construção da Arena e que a presença do estádio, enquanto seu vizinho, mudou sua vida, já que afirma: “virei empresário”. Utiliza seu pátio como estacionamento e construiu um espaço em cima da sua casa, destinado para torcedores/as confraternizar. Além disso, possui uma carrocinha que vende lanches e bebidas. Aponta para sua filha, que trabalha na carrocinha [...] ao falar de seu estabelecimento, Odone relata que ainda não está dentro da regularidade, mas que em breve estará, pois está “batalhando alvará e bombeiros” [...] pergunto quais são os fatores que influenciam no seu lucro e ele afirma que a competição que o Grêmio está disputando é muito importante porque tem relação com a quantidade de público. Menciona que “no campeonato gaúcho a gente ganha bem pouquinho”, ate porque “o visitante põe preço”, como existem bastantes estacionamentos e pouca clientela, “vira leilão”.²⁷

Portanto, comercializam-se também os espaços físicos. Odone comercializa o espaço privado de sua residência, tornando negócio o pátio de sua casa e construindo ali um espaço de convivência para locação aos torcedores. O empreendedor transforma o que era exclusivamente o seu lar, antes da efetivação da Arena no Humaitá, em lugar de manifestações torcedoras, colocando público e privado em certa relação de simbiose. Seu lar é também a

²⁵ MASCARENHAS. À Geografia dos esportes, p. 7.

²⁶ TOLEDO. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora, 2013, p. 152.

²⁷ DIÁRIO DE CAMPO IV, 03 out. 2018.

sua empresa. Odone é um morador/empresário do território, na inter-relação morador/torcedores/dias de jogos.

Uma situação relevante para se compreender o olhar de torcedores sobre o que os dias de jogos na Arena significam para moradores do território, se deu por meio de uma conversa com dois frequentadores do Bar do Tricolor, pois “quando indagado se achavam que os dias de jogos são importantes para os moradores, Jardel exclama que ‘a chegada da Arena foi uma dádiva divina para eles’”.²⁸ O outro torcedor concorda com Jardel. Destacamos ainda que ambos residem em outras áreas de Porto Alegre e frequentam o território exclusivamente em dias de jogos.

A fala de Jardel denota que, ao seu olhar enquanto sujeito torcedor, a presença da Arena e toda configuração pertinente aos dias de jogos possuem função positiva na composição da vida dos moradores das imediações do estádio, o que corrobora a fala de Odone, ao afirmar que a instauração da Arena próxima à sua casa, mudou sua vida. No entanto, após o diálogo com os dois torcedores do Bar do tricolor, um acontecimento proporcionou o entendimento de que nem toda relação dos moradores com os dias de jogos é costurada pela linha da harmonia:

sigo pela Leopoldo Brentano e outra situação chama atenção, que é a fisionomia nada festiva de uma moradora. Estava parada, em frente à sua casa, de braços cruzados, acompanhada de dois senhores, observando o movimento típico dos dias de jogos. Ao passar adiante, resolvo retornar, me apresentar e estabelecer diálogo, pois senti que aquela interação poderia ser importante. Na rápida conversa que tivemos, dona Nena fez questão de explicar seu incômodo com o movimento dos dias de jogos. Quando perguntei o que significava os dias de jogos para ela, prontamente respondeu “para mim significa bagunça. É um incômodo”, corroborando o descontentamento visível em sua fisionomia. Indaguei se ela torcia para algum time e ela responde, elaborando também uma justificativa: “para o Inter, mas meu marido é gremista”, apontando prontamente para seu esposo, Jonas. E complementou “mas ele não vai aos jogos”. E ele confirma mencionando que nunca foi. A moradora ainda comenta que antes eles ainda ganhavam um dinheiro, fazendo estacionamento na frente da sua casa, mas que agora foi proibido, então eles não têm nenhuma vantagem.²⁹

A partir da conversa com os moradores e a moradora, especialmente a que a pesquisadora teve com dona Nena e Jonas, entendemos que se estabelece também

²⁸ DIÁRIO DE CAMPO III, 06 out. 2018.

²⁹ DIÁRIO DE CAMPO III, 06 out. 2018.

a inter-relação entre o dia de jogo e os sujeitos moradores das imediações da Arena, nos aspectos tanto físico (arquitetônico e geográfico), socioeconômico e também de sociabilidade e identidades. Relações estas que são impostas pelo acontecimento da Arena do Grêmio no território, pois se estabelecem através do “controle limitado”, em que nossas escolhas nem sempre são produtos de decisões conscientes. Portanto, “há muitas situações equivalentes, nas quais nossa liberdade para agir é limitada por circunstâncias sobre as quais não temos controle”.³⁰ Logo, a inter-relação se estabelece pelo dia de jogo, proporcionada pela existência do estádio Arena e de moradores em suas imediações.

Aqui também é chamada atenção para a questão de que, além do sentimento de pertencimento ao Grêmio, também podemos nos deparar com a situação inversa: de torcedores de outros clubes que compartilham a vida pulsante do território, em dias de jogos, mas que não compartilham o sentimento de pertencimento a este clube. Levando em consideração que “com relação às práticas cotidianas de liberdade, somos ao mesmo tempo autorizados e constrangidos”,³¹ nos propomos a dizer que provavelmente, assim como dona Nena, também existam outros moradores torcedores do clube rival e de outros clubes, que se sintam constrangidos pela festividade gremista no território.

Expomos ainda que as relações de pertencimento não são apenas do torcedor com o clube, mas também inerente ao contexto socioespacial em que o estádio se localiza. Se o estádio do Grêmio se situa em determinado contexto urbano, os sujeitos que lá habitam, em suas moradias e/ou ambiente de trabalho, de alguma forma, têm seus modos de vida compostos à vida pulsante do clube e da circulação de torcedores gremistas em dias de jogos. Assim como os torcedores, ao ter o estádio de seu clube situado em determinado território, também se relacionam e se apropriam desse território, exercendo sua liberdade de permanecer nas imediações do estádio, no período que antecede os jogos.

Como, “para sermos capazes de agir livremente, precisamos ter mais do que livre-arbítrio”,³² as tensões dos pertencimentos e das apropriações denotam

³⁰ BAUMAN; MAY. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*, 2010, p. 34-5.

³¹ BAUMAN; MAY. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*, 2010, p. 37.

³² BAUMAN; MAY. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*, 2010, p. 36.

ambiguidades do território. Logo, ser morador das imediações da Arena pode significar a dádiva para alguns e incômodo para outros.

MORADORES/AS DE BAIROS PRÓXIMOS À ARENA E DE OUTRAS LOCALIDADES DE PORTO ALEGRE

As atividades comerciais também são exploradas por moradores de bairros próximos ao território investigado e de outras localidades de Porto Alegre. Em conversa com um guardador de veículos, que atua na via pública contínua à AJ Renner,³³ Edilson conta que os guardadores moram no Humaitá ou em outros bairros das redondezas. Esse relato reforça a inter-relação de geração de renda entre os dias de jogos e moradores das imediações do estádio e também de bairros próximos. No caso dos guardadores, a comercialização é do próprio espaço público da rua:

O guardador conta que chegou às 7h da manhã [...] trabalha nesta função desde o princípio dos jogos na Arena. [...] Indaguei onde estavam os colegas, que pouco mais de uma hora atrás estavam ali, mas agora eu já não via mais nenhum. Ele conta que “vão tudo para casa almoçar. Moram tudo na volta”. A conversa flui até que chega seu último cliente, que o guardador acomoda na vaga de seu carro que estava estacionado. Edilson diz que está indo para casa também fazer uma refeição, já que está desde cedo trabalhando, sem comer, sinalizando nossa despedida.³⁴

Também foi possível constatar a inter-relação de geração de renda com outros sujeitos do território, que são os catadores. Na quarta ida a campo, houve uma conversa com três catadores, um que se identifica como morador do Humaitá e os demais, moradores de bairros próximos. Dona Vitória, uma encantadora senhora que gosta de uma boa conversa, relata que vai a todos os jogos e cata latinhas porque ajuda na renda familiar, mas, sobretudo, porque o médico indicou que ela fizesse caminhadas. Daí “ela já aproveita a caminhada para ‘fazer um dinheirinho’”. A catadora de 76 anos comenta que vai coletando o que encontra e os comerciantes também guardam para ela. Caminha até onde dá, mas não chega até o final da avenida”.³⁵

Para dona Vitória que mora num bairro próximo à Arena e deixou a zona rural para viver na capital, o território, além de ser um lugar de atividade para

³³ Local onde parte das excursões de torcedores estacionam os ônibus e pagam o valor cobrado pelos guardadores, para que possam fazer uso do espaço.

³⁴ DIÁRIO DE CAMPO VII, 02 dez. 2018.

³⁵ DIÁRIO DE CAMPO VI, 18 nov. 2018.

complementação de renda é também lugar de sociabilidade com os moradores e também com os torcedores, já que “menciona que é bem conhecida por ali, não só pelos moradores que lhe fazem doações, mas também pelos torcedores, que pedem para tirar foto com ela”.³⁶

Dona Vitória também faz parte da festa e embora nunca tenha entrado na Arena, a sua aproximação espacial com o clube ao qual é torcedora se dá pelo lado de fora do estádio, ou seja, o lado de dentro da celebração dos dias de jogos. Ela estabelece relações com os torcedores através da sociabilidade, do sentimento de pertencimento e do trabalho de catar latinhas. Usa camisa e boné do clube, oferece conversa e abraços, pausa para fotos. Portanto, o consumo que os torcedores fazem das bebidas também se relacionam com a catadora, ao gerar fonte de renda. Há relações de solidariedade com os comerciantes locais, que juntam as latas em seus estabelecimentos para doá-las à catadora. Vitória também exerce função de comerciante, pois “tem uma sobrinha que mora próxima à Arena e diz que em dia de jogo vem para ajudá-la, já que é mais uma moradora que faz de sua casa um ponto de comercio, em dias de jogos”.³⁷

Ainda sobre catadores, endossamos as inter-relações de trabalho informal dos moradores, contemplando Lupicínio, de 34 anos, morador do Planalto, bairro vizinho e Renato, 41 anos, morador do Humaitá:

Portando sacos grandes e cheios, diferente de dona Vitória com sua sacolinha com meia dúzia de latinhas [...], ambos comentam que coletam latas nas imediações da Arena em todos os jogos, desde a fundação do estádio para complementar a renda [...] Ao perguntar sobre a renda aos dois catadores, eles informam que conseguem levantar uma boa quantia por mês, principalmente quando o Grêmio joga “com times maiores” porque tem mais público e quanto mais público, maior o faturamento. Citam que quando o Grêmio perde, esse faturamento também diminui, já que chegam para a coleta antes do jogo e permanecem até o público começar a ir embora das imediações da Arena. Lupicínio conta que no último jogo da Libertadores levou seu material coletado para venda e lucrou 130 reais. Depois voltou novamente ao território para catar mais latinhas e faturou mais 80 reais. O que ele considera uma quantia bastante expressiva para um único dia de coleta.³⁸

³⁶ DIÁRIO DE CAMPO VI, 18 nov. 2018.

³⁷ DIÁRIO DE CAMPO VI, 18 nov. 2018.

³⁸ DIÁRIO DE CAMPO VI, 18 nov. 2018.

A conversa com os catadores reforça a inter-relação existente entre quem exerce atividade coletora das latinhas por moradores das imediações da Arena, de bairros próximos e a existência do estádio, já que Lupicínio e Renato realizam esse trabalho em todos os jogos, desde o primeiro ocorrido no estádio. Dependendo do *status* do adversário no universo futebolístico, maior é a quantidade de público, assim como a relevância de uma competição internacional também demanda maior público de torcedores e por isso, movimenta mais geração de renda. Quanto mais público, mais consumo de bebidas. Outra inter-relação do lucro dos catadores é o fator derrota ou vitória do Grêmio. Isso aponta que como, a atividade dos catadores acontece também depois do jogo, o estado de euforia com a vitória faz com que a celebração se estenda no território. Logo, jogo com vitória é comemorado com mais cerveja.

Gonçalves afirma que, em se tratando de mercado, o principal elemento determinante do ritmo de trabalho de catadores é ter quem compre o que foi recolhido.³⁹ Assim, complementamos que as inter-relações extravasam os territórios aqui tratados, nas redes da multiterritorialidade. Isso porque existem indivíduos que, mesmo não marcando presença no território dos dias de jogos, também estão envolvidos de alguma forma, o que é o caso dos compradores de latinhas.

Tratando agora das inter-relações pertinentes à configuração do território, compondo vidas de moradores de outras localidades de Porto Alegre, consideramos que estas também não se dão exclusivamente aos sujeitos torcedores. Policiais/fiscais, cambistas, ambulantes podem ser moradores de outras localidades. É o caso de Maria Madalena, ambulante desde o estádio Olímpico e que também exerce o mesmo trabalho nas imediações do estádio Beira Rio, do Sport Club Internacional.

É aposentada e trabalha como ambulante para complementar a renda. Salaria que a renda de ambulante ajuda bastante. Menciona que sempre ocupa o mesmo lugar e que demarca seu espaço com cordas. Porém, “quando é jogo grande, são proibidos de colocar corda” [...]. Pergunto se nos dias de chuva ela também permanece ali. Responde que sim, usando capa de chuva. Todos os jogos do Grêmio ela está lá, no mesmo lugar. Moradora da zona sul da capital, Maria Madalena se locomove até as imediações da Arena de carro, chegando por volta de

³⁹ GONÇALVES. O Trabalho no Lixo, 2006.

cinco horas antes do início do jogo e permanecendo por volta de uma hora e meia, após o término da partida. Reforça que “se o jogo é grande, chega mais cedo ainda”. Chega à sua casa aproximadamente quatro horas depois que o jogo acaba.⁴⁰

Consideramos que mesmo que o dia de jogo na Arena não faça parte da vida diária dos moradores de Porto Alegre, ele faz parte da estrutura, da organização de vidas, das relações urbanas estabelecidas, em que os dias de jogos possuem uma lógica diferenciada dos dias que não tem jogos. Moradores, torcedores, comerciantes, trabalhadores do transporte e segurança pública organizam suas vidas contemplando também os dias de jogos. Existe transporte público específico exclusivamente para esses dias.

Policiamento e fiscais elaboram e efetivam estratégias de segurança, em função do dia de jogo. Moradores se transformam em empresários. Catadores e guardadores complementam suas rendas em função dos dias de jogos. Torcedores saem mais cedo do trabalho, preparam-se, chegam antecipadamente ao início da partida, para celebrar e confraternizar. O dia de jogo na Arena não abre parênteses na vida de moradores da capital gaúcha, já que contextualiza processos que estruturam a lógica da cidade. Logo, o dia de jogo também faz parte da composição de vidas porto-alegrenses.

MORADORES/AS DE OUTRAS CIDADES E ESTADOS

No que tange aos torcedores e torcedoras, o dia de jogo faz parte da composição de vidas não somente dos que residem em Porto Alegre, mas também de moradores de outras cidades do Rio Grande do Sul, que têm estabelecidas na celebração do dia de jogo, as suas redes de sociabilidade. Redes estas que também se conectam na multiterritorialidade. São torcedores vindos de outros estados e do interior do Rio Grande do Sul, como é o caso dos membros da excursão dos Borrachos do Trovão, que são moradores da zona sul do estado. Nesse contexto, os torcedores organizam seu itinerário para chegar mais cedo e se fixarem, prioritariamente, no Bar do Ito.

Estar nas imediações da Arena, em dias de jogos, faz parte dos espaços-tempos vividos das pessoas que lá estão. Como já explanamos, o trabalho de sujeitos

⁴⁰ DIÁRIO DE CAMPO V, 11 nov. 2018.

é tecido neste território, ou ainda, adaptado por torcedores, pela importância dada ao dia e jogo. Integrantes do Borrachos do Trovão comentam que trocam horários de trabalho e dias de folga para que possam comparecer aos jogos do Grêmio. Portanto, a festa não se opõe ao trabalho e não escapa à realidade. Ela faz parte da vida dos sujeitos do território e está inter-relacionada às relações de trabalho. Pessoas trabalham na festa e reorganizam seus dias de trabalho para estar na festa, ser parte da festa. Arranjam suas vidas, fazendo o dia de jogo parte delas.

Desde a primeira viagem junto ao grupo dos Borrachos, a pesquisadora teve oportunidade de vivenciar as longas horas de viagem, com partida de Rio Grande no início da tarde, para os jogos realizados à noite, ou ainda na madrugada chuvosa, em dia de jogo ocorrido pela manhã. Constatou que o hábito de deixar a cidade onde moram, em dia de jogo no meio da semana, chegando às suas casas pouco antes do horário de sair para trabalhar, são acontecimentos pertinentes às vidas de moradores do interior, que torcem por um clube da capital.

Silva atenta que o sentimento de sacrifício está presente no torcer. Faz parte da individuação por meio do futebol que o torcedor resolva “viver seu torcer intensamente e viajar inúmeros quilômetros para assistir a um jogo que será televisionado”, ou ainda, gastar “o dinheiro que lhes faz falta para outras coisas com ingressos, com a compra de objetos que lembram seu time, com deslocamento para outras cidades e estádios, justamente porque acreditam que a sua presença será importante para o bom desempenho do time”.⁴¹

Portanto, na vida dos sujeitos do campo investigado, o tempo que antecede o jogo está para além do dia de jogo. Ele é pensado e estruturado de forma constante, na tríade espaço-tempo-vida. Nesse contexto,

deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca.⁴²

⁴¹ SILVA. *Futebol, cultura e sociedade*, 2005, p. 27.

⁴² ELIAS. *O processo civilizador*, 1994, p. 22.

O espaço-tempo vivido dos dias de jogos na Arena é de festa, é de trabalho, é de lógica específica, mas é também de lógica inerente à vida dos moradores da capital e do interior. Não se abre parênteses. O dia de jogo é dia de festejo, mas um festejo que é parte do total da vida das pessoas e, por isso, está inter-relacionada com as demais esferas. Pessoas possuem suas vidas organizadas, incluindo nelas o dia do jogo.

Assim, “o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado”.⁴³ E nas habitações das imediações da Arena, em dias de jogos, no que tange aos torcedores, não são somente os gremistas que estabelecem relações e apropriações do território. São também os torcedores de times aliados às torcidas do Grêmio, caso da torcida do Club de Regatas Vasco da Gama.

Na tarde de jogo contra o time do Rio de Janeiro, a pesquisadora chegando à Avenida Padre Brentano se surpreende, ao ver um grupo de torcedores identificados com a camisa do Vasco, que transitavam, vagarosamente, com seus copos de cerveja pelo território. A surpresa ocorreu porque era a primeira vez que presenciava torcedores adversários circulando. Essa descoberta se tratava da aliança existente entre torcidas organizadas do Grêmio e de clubes de outros estados.

Segui rumo à Avenida, na mesma direção a que se dirigiram os torcedores do Vasco. Deparei-me com um grupo ainda maior junto aos torcedores gremistas no Buteco 1903. Aproveitei a oportunidade para abordar dois deles para uma conversa. Apresentei-me e comecei a indagar sobre a aliança das torcidas. Eles contam que as duas torcidas presentes são a Caravela Vascaína e Vasco Maçaramduba, ambas de Santa Catarina, contando com mais de 100 integrantes, vindos de ônibus, nesse dia [...] Os vascaínos explicam que esse tipo de aliança acontece também com torcidas de clubes de outros estados e que a disputa se restringe somente ao interior do estádio, na hora do jogo. Depois que a partida termina, independente do resultado, a confraternização segue do lado de fora do estádio.⁴⁴

Sobre as alianças entre torcidas, Souza elucida que “a partir da década de 1990, o futebol brasileiro foi inserido no rol dos espetáculos midiáticos mais importantes - do ponto de vista da audiência televisiva e atração de investidores privados”. Isso estimulou “clubes e jogadores a adequarem-se cada vez mais rápido

⁴³ SANTOS. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*, 1988, p.14.

⁴⁴ DIÁRIO DE CAMPO V, 11 nov. 2018.

aos padrões exigidos pelos interesses do capital”. Conseqüentemente, todos os atores pertinentes ao universo futebolístico, inclusive os torcedores, “passaram a desempenhar e ocupar papéis específicos no ‘negócio do futebol”.⁴⁵ Portanto,

é diante desta aquarela que se estabelecem as Alianças entre os grupos organizados de torcedores, como estratégia de defesa e resposta diante da espetacularização promovida pelos veículos de comunicação - em torno dos episódios violentos -, onde em busca de soluções ao “mal do futebol brasileiro” imputou sistematicamente aos grupos de torcedores a quase totalidade pela responsabilidade da violência registrada no futebol nacional [...] como consequência, interpretados como *outsiders*, e estigmatizados pelo discurso construído pelas classes hegemônicas do futebol nacional, os grupos organizados de torcedores necessitaram de novas relações que lhes rendessem recursos, visibilidade e crescimento, possibilitando, desta forma, aproximações entre grupos de cidades e estados diferentes do país.⁴⁶

Habitualmente, em dias de jogos, torcedores do time adversário não circulam pelo território e possuem um setor de entrada específica no estádio, onde há fixada escolta policial, justamente para promover a segurança e prevenir possíveis enfrentamentos. Naquela tarde foi percebida uma configuração de espaço-tempo vivido de atores em uma situação peculiar, promovida pela aliança estabelecida entre torcedores gremistas e vascaínos. Através deste pacto entre as torcidas organizadas, os visitantes agregam *status* de aliadas no território, através de um valor simbólico de trocas. A parceria estabelecida proporciona aos gremistas as mesmas permissões, quando o jogo é no território adversário, o que pode ser entendido na conversa com os torcedores do Vasco:

Quando pergunto se eles vêm aos jogos com frequência, é garantido que a todos os jogos marcam presença. Chegam sempre cedo para confraternizar, pois fazem um almoço que acontece na Torcida Jovem ou na Geral do Grêmio. Comentam que a aliança permite que eles circulem pelo território do Grêmio, assim como acontece, de forma recíproca quando os torcedores gremistas também vão aos jogos na casa do Vasco.⁴⁷

Conforme a participação dos clubes que competem regularmente nas principais competições do calendário nacional foi se ampliando, os contatos entre os grupos torcedores de estados diferentes “passaram a ser mais corriqueiros e

⁴⁵ SOUZA. Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil, 2016, p. 20.

⁴⁶ SOUZA. Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil, 2016, p. 21-2.

⁴⁷ DIÁRIO DE CAMPO V, 11 nov. 2018.

intensos. Essa situação acabou aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades”.⁴⁸

Portanto, sinalizamos que o território investigado é tramado na teia da multiterritorialidade (Fig. 2), pois se trata da experiência integrada do espaço, na forma de territórios-rede. São gremistas, torcedores aliados, guardadores, catadores, comerciantes e demais sujeitos que se relacionam e compõem o território das imediações da Arena do Grêmio. Ademais, os dias de jogos no estádio compõem as vidas de moradores não somente de suas imediações, mas também de bairros próximos, de outras zonas de Porto Alegre e de outras cidades e estados, já que a multiterritorialidade não se trata de acessar diferentes territórios, mas de, por meio da experiência espacial integrada de dominação, fazer parte deles.⁴⁹ Assim, falar da totalidade das relações territoriais das imediações da Arena é falar da indissociabilidade entre espaço, tempo e vidas.

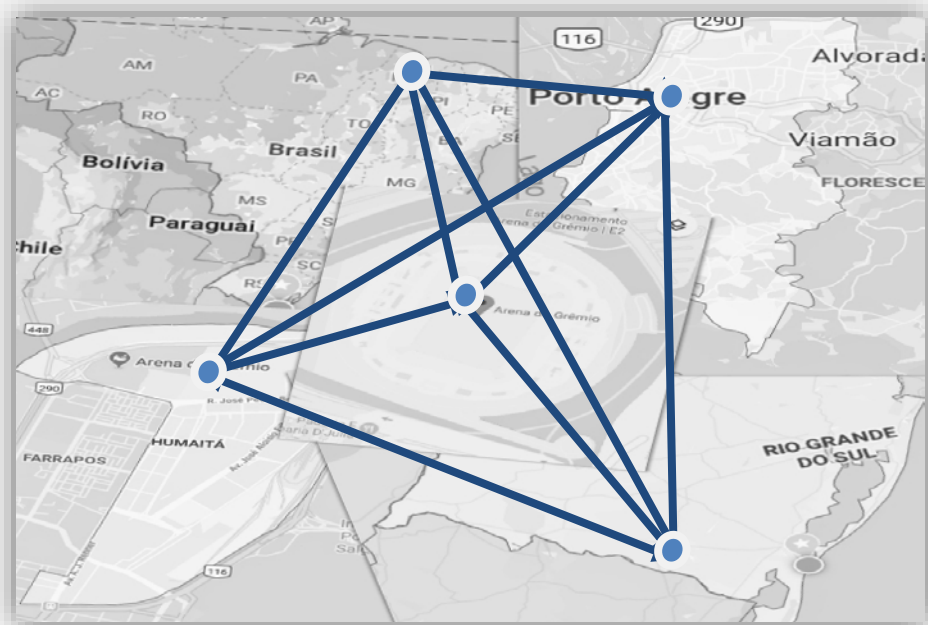


Fig. 2: Composição multiterritorial.

⁴⁸ SOUZA. Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil, 2016, p.22.

⁴⁹ HAESBAERT. *O mito da desterritorialização*, 2010.

CONSIDERAÇÕES

No contexto investigado, consideramos que a apropriação do território das imediações da Arena do Grêmio se constitui como lugar de festividade e de trabalho. Celebrar e trabalhar são formas interligadas de fazer a festa acontecer, através da sociabilidade e relações comerciais. É o espaço-tempo vivido do encontro entre sujeitos, entre os pares e com torcidas aliadas. É o lado de fora do estádio, mas é o lado de dentro da festa das manifestações torcedoras gremistas.

Quanto à composição na vida de moradores das imediações da Arena, parte dos lares da avenida Padre Leopoldo Brentano interage com a transformação ocorrente, principalmente no que tange às relações comerciais. No entanto, a insatisfação também se faz presente com toda transformação decorrente do dia de jogo. Isso considerando quem não interage de forma lucrativa com a festa e também não torce pelo Grêmio. Logo, ser morador das imediações da Arena em dias de jogos pode significar a dádiva para alguns e o incômodo para outros.

Faz parte da apropriação do território consumir e as atividades de geração de renda, na inter-relação consumo/comércio, são contempladas também por moradores de bairros próximos ao estádio e de outras localidades. A composição dos dias de jogos na Arena se estende para além de suas imediações, configurando a cidade, que se desenha de forma peculiar, nesses dias. Mesmo que o dia de jogo não faça parte da vida diária de Porto Alegre, ele faz parte da estrutura, da organização de vidas de moradores da capital e de outras localidades que, na celebração do dia de jogo na Arena, estabelecem suas sociabilidades e relações de trabalho.

Consideramos, assim, que o território dos dias de jogos na Arena é lugar inerente às vidas de moradores das imediações do estádio, dos bairros próximos, de outras localidades de Porto Alegre, de outras cidades e de outros estados, que se compõem a partir da celebração do dia de jogo. Portanto, o território é constituído nas nuances de suas ambiguidades, na multiplicidade de inter-relações, significados e pertencimentos que são pertinentes às relações de apropriação e dominação do espaço, tramadas nas redes da multiterritorialidade.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**; tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BIANCH, Greison. **Agentes e práticas da organização capitalista do espaço o espetáculo do bairro Humaitá**. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-43, 2006.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2007.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O trabalho no lixo**. Tese de Doutorado em Geografia. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2006.
- GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. **Ponto Urbe**, Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 2008.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. Geographia, ano IX, n. 17, 2007.
- MARTINS, Daiane Grillo; KNUTH, Alan Goularte. Manifestações torcedoras e território: configurações das imediações da Arena do Grêmio, **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 26, 2020.
- MARTINS, Daniella Paula. **O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã**. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- MARTINS, Heloísa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.
- MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a pátria de chuteiras: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER, Neiva et al. (Orgs). **Ensinar e Aprender Geografia**. Porto Alegre: AGB, 1998, p. 93-103.
- MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões** – Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2, p. 47-61, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. À Geografia dos esportes: uma introdução. **Scripta Nova** – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, n. 35, 1999b.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento** – A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. 142 p. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

SILVA, Helio. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar. (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: autores associados, 2005.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. **Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil**. Tese. Programa de pós-graduação em Antropologia da UFPE, Recife, 2016.

TOLEDO. Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 119-148, 2013.

* * *

Recebido para publicação em: 06 jun. 2020.
Aprovado em: 07 out. 2020.

A política do esporte e a construção do estádio Mineirão

Sports Policy and Construction of the Mineirão Stadium

Wanessa Pires Lott

Universidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil

Doutora em História, UFMG

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a construção do Estádio Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão, localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Destaca-se neste estudo o contexto da política do esporte nacional como fator relevante no processo de edificação do estádio. Assim, como uma partida de futebol, o artigo será apresentado em dois tempos, além da ‘concentração’, com intuito de uma breve apresentação sobre o tema e do ‘apito final’ para as últimas considerações. Primeiramente, será feito um panorama das políticas públicas nacionais de esporte, com destaque para a valorização do futebol no estado de Minas Gerais e em seguida o processo de construção e inauguração do Mineirão. A pesquisa, para além da bibliografia acadêmica pertinente, utilizou jornais e revistas de relevância nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Belo Horizonte; Estádio Mineirão; Políticas Públicas.

ABSTRACT: The present work aims to present the construction of the Magalhães Pinto Stadium, popularly known as Mineirão, located in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. In this study, the context of national sports policy stands out as a relevant factor in the process of building the stadium. Thus, like a football match, the article will be presented in two stages, in addition to ‘concentration’, with the intention of a brief presentation on the topic and ‘final whistle’ for the last considerations. First, an overview of national public sports policies will be made, with emphasis on the valorization of football in the state of Minas Gerais and then the construction and inauguration process of Mineirão. The research, in addition to the pertinent academic bibliography, used newspapers and magazines of national relevance.

KEYWORDS: Football; Belo Horizonte; Mineirão Stadium; Public Policies.

A CONCENTRAÇÃO: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO TEMA

Inserido no Brasil nos primeiros anos da República como um esporte para as elites, o futebol ganhou o status de uma modalidade esportiva capaz de moldar o corpo e promover competições amigáveis – *fair play* – entre os pares. No entanto, aos poucos foi sendo abraçado pelo povo, tornando-se uma das paixões nacionais.¹ Até os anos de 1930 e de 1940, o esporte estava em transição do amadorismo para o profissionalismo e a preocupação com as manifestações populares – como as partidas de futebol – era um ponto de atenção do governo. Assim, a organização dos clubes foi um dos caminhos tomados pelo Estado não só para uma efetiva profissionalização como também como uma forma de controle das massas. Neste sentido, o Estado entrou com efetiva legislação para a organização do esporte e, por conseguinte, a cooptação do futebol para os objetivos de governo, dentre os quais estavam a construção da identidade da recente república brasileira.

É relevante destacar que, para a construção de uma identidade nacional em torno do futebol, os suportes de uma memória coletiva não são apenas as gloriosas vitórias. O processo de formação de uma identidade abarca as vitórias, as derrotas, os personagens, os monumentos que irão interligar o passado e o presente por meio de elementos afetivos. Não obstante a memória ser um fenômeno constituído coletivamente, o trabalho de ‘enquadramento da memória’² se faz de maneira compulsória, muitas vezes pela mão do Estado. Dentre este conjunto de suportes, destaca neste artigo o monumento, que aqui será também tomado como um ‘lugar de memória’. Estes “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea” e por isso “é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”. Assim, os ‘lugares de memória’ são construídos. São espaços onde a memória pode ser constantemente lembrada por meio de um dado ritual. Desta maneira, se tomarmos o estádio de futebol como um ‘lugar de memória’,

¹ DA MATTA Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro.

² O termo ‘enquadramento da memória’ foi retirado do texto de POLLAK, Memória e Identidade Social. Sobre o tema de memória e identidade ver, não só os estudos deste autor como também de HALBWACHS, *A memória coletiva*.

percebermos que a memória do futebol é constantemente retomada em cada partida, em cada comemoração no estádio.

Assim sendo, mais uma vez é assertiva a postura dos governantes de construir estádios imponentes para consolidar a memória e a identidade nacional por meio do futebol. Na esteira deste pensamento e, utilizando como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a análise da legislação e de periódicos coerente ao tema, o estudo aqui proposto irá apresentar primeiramente um panorama das políticas públicas em torno do esporte, com destaque para o futebol. Em seguida, o estádio do Mineirão será tomado como um exemplo da reafirmação das ações políticas do governo em prol da valorização do futebol bem como da afirmação do governo vigente.

PRIMEIRO TEMPO: A POLÍTICA ESPORTIVA

Em âmbito nacional, o segundo governo Vargas (1937-1945) retomou as ideias de construção da identidade nacional do primeiro governo e elegeu o esporte, principalmente o futebol, como um ponto de grande relevância para a estruturação da nação. Acreditou-se “no poder mobilizador do futebol e, conseqüentemente, em sua relevância como elemento na construção de um pensamento nacional que aglutinasse diferentes opiniões e segmentos”.³ Assim, as políticas públicas em torno da questão do esporte ganharam fôlego com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) em 14 de abril de 1941 por meio do decreto-lei 3.199. Vinculado ao Ministério de Educação e Saúde Pública, o intuito foi de estabelecer as bases de organização dos desportos em todo o país. O CND fazia a filiação, regia as penalidades e intervia na administração interna das entidades esportivas. Além disso, o registro, o contrato de atletas e a autorização para haver competições também ficaram a cargo do conselho, ou seja, o setor esportivo privado foi cooptado pela administração pública.⁴

³ BRINATI; MOSTARO. Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no “maior do mundo”, p. 214.

⁴ MANHÃES. *Política de Esportes no Brasil*.

Art. 3º Compete precipuamente ao Conselho Nacional de Desportos: a) estudar e promover medidas que tenham por objetivo assegurar uma conveniente e constante disciplina à organização e à administração das associações e demais entidades desportivas do país, bem como tornar os desportos, cada vez mais, um eficiente processo de educação física e espiritual da juventude e *uma alta expressão da cultura e da energia nacionais* (grifo meu).⁵

É importante também destacar a vinculação do esporte com a questão da alta cultura e como fonte de energia para o país. Tais pontos vão ao encontro das políticas desenvolvimentistas cunhadas na época de Vargas, as quais pretendiam inserir o Brasil no grupo dos países ‘modernos’, ‘civilizados’ e ‘desenvolvidos’. A ideia do ‘esporte a serviço da pátria’ de Mazzoni,⁶ produziu diversas deliberações no governo Vargas,⁷ bem como conquistas importantes para este esporte, como a realização da Copa do Mundo no Brasil.

No dia “primeiro de julho de 1946, os representantes das nações filiadas à Federação Internacional de Futebol (FIFA) reunidos em Luxemburgo aprovaram por unanimidade a designação do Brasil como anfitrião da IV Copa do Mundo” que foi realizada em 1950.⁸ Para tal, o antigo sonho de erguer um monumental estádio na capital federal começou a ser concretizado. Assim, aliado à concepção higienista e eugenista de Vargas, a edificação monumento grandioso como um ‘lugar de memória’ para o futebol se faz pertinente para o governo. “Defender a construção do Maracanã significava dar à cidade do Rio um reforço simbólico de sua importância como capital, dentro de um projeto de modernização proposto pelo Estado brasileiro”.⁹

⁵ BRASIL Decreto n. 3.199 de 14 de abril de 1941 – Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

⁶ O termo ‘o esporte a serviço da pátria’ foi retirado do livro homônimo lançado em 1941 pelo jornalista esportivo Thomaz Mazzoni (1900-1970). Para o autor, o esporte era um dos caminhos para constituir a identidade nacional além de engrandecer o país. Ver MAZZONI, *O esporte a serviço da pátria*.

⁷ Sobre as deliberações do CND no governo Vargas ver VERONEZ, *Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição de 1988*.

⁸ SARMENTO. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF* p.72. A princípio o campeonato seria realizado em 1949, mas os dirigentes solicitaram o adiamento de um ano. Assim, a Copa do Mundo no Brasil foi realizada em 1950. Ver SARMENTO, *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*.

⁹ SANTOS. Maracanã: símbolo das disputas e da complexidade das modernas contradições brasileiras p. 24.

Mesmo com a derrota da Copa de 1950, fato este considerado por Vargas como a ‘vergonha nacional’, o futebol se manteve como o esporte mais cultuado no país e o grande ápice para nação foi a conquista da Copa do Mundo de 1958. Esta vitória abrilhantou o governo desenvolvimentista do mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira,¹⁰ que por sua vez deu sequência às polícias públicas em prol do esporte iniciadas no governo varguista sem grandes modificações. JK manteve o CND e aprovou o regimento da Divisão de Educação Física (DEF), este último com o intuito de “difundir e aperfeiçoar a educação física e os desportos, a fim de contribuir para a melhoria das condições de saúde e de educação do povo”. Neste sentido, o esporte passou a influenciar significativamente as práticas de Educação Física nas escolas, reforçando as diretrizes da CND¹¹. Nos boletins da DEF, os artigos sobre treinamento esportivo eram cada vez mais frequentes e intuito do governo foi ampliar a atuação da divisão nos estados.

O Decreto n. 49.639/1960 ampliava sua estrutura, criando as inspetorias seccionais de educação física (ISEF), objetivando expandir a ação do DEF no nível regional. Inicialmente foram criadas 18 inspetorias, todas em capitais de estados, com as mesmas funções do DEF, ou seja, orientar, fiscalizar e executar mediadas visando ao desenvolvimento da educação física.¹²

Não obstante as alterações da DEF e a vitória do Brasil na Copa de 1958 e de 1962, o governo desejava um maior crescimento do país em competições internacionais. Assim, desenvolveu em 1958 a Campanha Nacional de Educação Física (CNEF)¹³ e Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos em 1964, este último sob a regência do governo João Goulart. Com o golpe civil militar de 1964, Goulart é deposto, Ranieri Mazzilli assume o governo por poucos dias e posteriormente passa a faixa presidencial para Castelo Branco.¹⁴ Este, diferentemente dos seus antecessores, não apresentou forte vinculação com o

¹⁰ JK foi eleito governador de Minas Gerais pelo Partido Social Democrático (PSD). Governou entre 31 de janeiro de 1951 a até 31 de março de 1955. Ver CPDOC, Juscelino Kubitschek.

¹¹ BRASIL Decreto n. 40.296 de 06 de novembro de 1956 – Aprova o Regimento da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação.

¹² VERONEZ. *Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição de 1988* p. 200.

¹³ A CNEF foi instituída pelo Decreto n. 43.177/58. Posteriormente a campanha ganhou maior fôlego como o Decreto n. 53.741/1964. Este reafirmou os deveres do Estado frente ao esporte.

¹⁴ Humberto de Alencar Castelo Branco se manteve no poder entre 15 de abril de 1964 e 15 de março de 1967 CPDOC, Castelo Branco.

futebol, mesmo sendo um dos “elementos mais expressivos da propaganda populista”, o esporte não atraiu significativamente “o interesse do grupo castelista”.¹⁵ No entanto, não se pode afirmar que o governo de Castelo Branco não foi neutro ao tema.

O Jornal dos Sports de 22 de maio de 1964 – portanto, menos de dois meses depois do Golpe – menciona com destaque um convite da CBD¹⁶ aceito por Castelo Branco para esse assistir à partida entre Brasil e Inglaterra, válido pelo Torneio das Nações, competição comemorativa ao cinquentenário da entidade. Em junho de 1965, Castelo parece ter uma aproximação ainda mais evidente da CBD. Nesse período, o Presidente prometeu verba de Cr\$ 500 milhões à entidade para os compromissos da Copa do Mundo do ano seguinte, ainda que João Havelange, presidente da CBD, tivesse informado tempos antes que a entidade não queria receber nada do governo.¹⁷

Apesar de uma menor relação do presidente com os assuntos de futebol – se compararmos com os presidentes anteriores –, havia uma grande agitação em torno deste esporte após duas vitórias seguidas nas Copas do Mundo de 1958 e 1962. A vitória em 1966 ocasionaria, segundo as regras da FIFA, a posse definitiva do troféu. “A rara oportunidade, desperdiçada anteriormente pelos italianos, levou a direção da CBD a formular um plano de trabalho que buscava adequar as condições ideais de preparação às dificuldades financeiras então enfrentadas”.¹⁸ Somado à readequação financeira, a comissão técnica permitiu uma maior visibilidade dos jogadores durante os treinos, indo ao encontro dos “interesses políticos que envolviam o grande símbolo da nacionalidade”.¹⁹ Desta forma, inúmeros treinos e amistosos foram realizados em diversas cidades a pedido dos prefeitos que desejavam uma projeção política às custas da seleção brasileira de futebol. Tal prática reforçou as questões já observadas desde o decreto-lei n. 3.199/1941, no qual o Estado aproximou dos clubes e conseqüentemente os

¹⁵ COUTO. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*, p. 134.

¹⁶ A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi o órgão responsável pela organização do esporte no Brasil. Foi fundada em 20 de agosto de 1914, em 24 de setembro de 1979 passou a ser chamada Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Tal mudança estava estritamente relacionada ao decreto da FIFA, no qual as entidades de futebol deveriam ser exclusivas para este esporte. Ver SARMENTO, *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*.

¹⁷ LOPES. As interferências e interlocuções de Castelo Branco no futebol e os precedentes para a militarização do futebol brasileiro, p. 29.

¹⁸ SARMENTO. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*, p. 118.

¹⁹ SARMENTO. *A regra do jogo*, p. 118.

dirigentes de clubes aproximaram dos palanques políticos. Assim, “a eliminação precoce [que] foi decretada pela equipe de Portugal, mas parecia já se esboçar no confuso processo de preparação para o torneio”.²⁰

Na esfera do Estado de Minas Gerais, a questão das políticas públicas em torno do esporte estava a cargo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG), instituição essa que existiu entre os anos de 1946 a 1987.²¹ Alinhada aos preceitos do governo federal, a DEMG seguiu o intuito de promover atividades “para a ocupação do tempo de não trabalho, disciplinando os corpos para as exigências da produtividade; de contribuir para o aprimoramento eugênico do brasileiro” – no que tange principalmente a época do governo Vargas – além de reforçar o “espírito nacionalista, conseguido por meio dos “talentos esportivos e suas conquistas”.²² Durante a maior parte de sua existência, esta diretoria ficou ligada diretamente ao governador – salvo no interregno de 1963 a 1967 que esteve vinculada à Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular – e manteve forte relação com o Minas Tênis Clube da capital. De acordo com o decreto de 1946, “a Diretoria de Esportes de Minas Gerais compor-se-á de três membros, nomeados pelo Chefe do Governo do Estado, e mais o presidente do Minas Tênis Clube, seu membro nato”.²³ Ademais, a DEMG manteve a íntima relação entre o Estado e os dirigentes de clubes, aos moldes do CND, já que a diretoria deveria “opinar, junto ao Governo do Estado, quando solicitada, sobre as pessoas que julgar em condições de serem nomeadas para a presidência dos clubes (...) ou sugerir a sua substituição, quando isto lhe parecer conveniente”.²⁴

Dentre as ações políticas mais significativas, a construção de praças esportivas se destacou, medida esta que foi, mais uma vez, em comunhão com o governo federal. Com intuito de incentivar o esporte nas escolas, as praças deveriam

²⁰ SARMENTO. *A regra do jogo*, p.121.

²¹ A DEMG foi criada por meio do Decreto-Lei n. 1.765 de 17 de junho de 1946 durante o curto governo interventor João Tavares Corrêa Beraldo do PSD, que durou do dia 03 de fevereiro de 1946 até 12 de agosto de 1946.

²² COSTA; RODRIGUES. *Diretoria de Esportes de Minas Gerais*, p. 48.

²³ MINAS GERAIS, Decreto-Lei n. 1.765 de 17 de junho de 1946 - Muda a denominação da Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais, altera sua constituição e contém outras disposições, art. 2º.

²⁴ MINAS GERAIS, Decreto-Lei n. 1.765 de 17 de junho de 1946 - Muda a denominação da Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais, altera sua constituição e contém outras disposições, art. 4º.

“ser frequentadas por alunos dos grupos escolares, em horário que for combinado, para prática de exercícios físicos”.²⁵ A organização do espaço era feita pela Polícia Militar de Minas Gerais, que também orientava a prática de educação física.

Essa aproximação da Polícia Militar com a DEMG era uma forma de o governo assegurar que fossem inculcados, nos jovens, valores ligados à ordem, disciplina, obediência e civismo, inerentes à organização social que se pretendia legitimar. Resolveria, também, o problema da carência de pessoal habilitado para a atuação nas praças de esportes, uma vez que não havia em Minas Gerais, naquela época, outros cursos de formação em Educação Física, além do Centro de Educação Física do Departamento de Instrução da Polícia Militar, que foi um núcleo de formação de instrutores e monitores dessa especialidade.²⁶

Durante o governo estadual de JK, a DEMG ampliou suas funções e foi responsável pela promoção da cultura e do turismo no estado, além organizar o Conselho Regional de Desportos (CRD), órgão vinculado ao CND. Em 1957, a diretoria passou por mais uma reformulação e destacou como “centro de organização, orientação, difusão e fiscalização de educação física, dos desportos e da recreação” com atuação “nas entidades esportivas, estabelecimentos oficiais e particulares de ensino, núcleos de classes trabalhadoras, órgão de assistência social e estabelecimentos congêneres”. Com o intuito de “estimular o desenvolvimento racional da educação física, dos desportos e da recreação” no Estado.²⁷

A construção de praças se manteve de forma acelerada e contou com recursos financeiros da Loteria do Estado de Minas Gerais a partir de 1961,²⁸ no governo de Bias Fortes.²⁹ Também houve a maior inserção dos profissionais de educação física nos quadros da DEMG, facilitado a real promoção do esporte e da recreação. Seis meses depois foram promulgadas outras diretrizes da diretoria devido à troca de governo. A rivalidade entre o antigo governador, Bias Fortes e o

²⁵ MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de Decreto-Lei n. 922, de 16 de junho de 1943 - Dispõe sobre concessão do uso e gozo das praças de esportes Minas Gerais e sua administração, art. 4º

²⁶ COSTA; RODRIGUES. Diretoria de Esportes de Minas Gerais, p. 52-3.

²⁷ MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de Decreto n. 5349, de 05 de novembro de 1957. Contém o regulamento da Diretoria dos Esportes de Minas Gerais, art. 1º.

²⁸ Esta medida de utilizar os recursos da Loteria para a promoção do esporte, também foi utilizada também como forma de viabilizar a construção do estádio Minas Gerais, conforme será trabalhado no tópico seguinte deste artigo.

²⁹ Bias Fortes foi eleito governador de Minas Gerais pelo Partido Social Democrático (PSD) com apoio de JK. Governou entre 31 de janeiro de 1956 e 31 de janeiro de 1961. Ver CPDOC, Bias Fortes.

então eleito, Magalhães Pinto,³⁰ fez com que diversos decretos fossem rapidamente promulgados. Na prática, as mudanças giraram em torno do fim das parcerias com as Escolas de Educação Física e um maior esclarecimento entre as relações do Estado, dos municípios e dos clubes esportivos para a construção das praças esportivas. Não obstante a ideia da construção do estádio Minas Gerais advir do antigo governador, Magalhães Pinto abraçou o projeto, vislumbrando estes como um grande alavancar de sua carreira política em Minas Gerais.

INTERVALO EM IMAGENS



Fig. 1: Vista aérea do estádio Minas Gerais no dia de sua inauguração.
Fonte: Manchete.

³⁰ Magalhães Pinto foi eleito governador de Minas Gerais por uma coligação liderada pela União Democrática Nacional (UDN). Governou entre 31 de janeiro de 1961 e 31 de janeiro de 1966. Ver CPDOC, Magalhães Pinto.



Fig. 2: Magalhães Pinto na inauguração do estádio Minas Gerais. Fonte: *Manchete*.



Fig. 3: Inauguração do estádio Minas Gerais. Fonte: *Manchete*.

SEGUNDO TEMPO: ERGUE-SE O GIGANTE DA PAMPULHA

Na esteira dos projetos de promoção do futebol pelo governo federal, iniciaram em Minas Gerais os debates a respeito da construção de um novo estádio de futebol em Belo Horizonte. Não obstante a recente inauguração do Estádio do Independência e as reformas significativas nos demais estádios da cidade, os periódicos locais apontavam a necessidade de mais um espaço para o futebol.³¹ As reclamações giravam em torno da estrutura física, pois os estádios belo-horizontinos não apresentavam locais reservados para o jornalismo – “locutores e técnicos das rádios ficam dentro do campo” –, e nem entrada e saída independente para os jogadores – “é expressamente impraticável o estádio que não possui túnel para entrada e saída dos litigantes”.³² Ademais, com o crescente número de torcedores, os estádios locais não comportavam os espectadores sedentos pelo esporte. Não obstante o estádio Independência ter capacidade para 30 mil pessoas e os demais da cidade comportarem 10 mil, a demanda por espaço era crescente.

Diante desse cenário, o então governador do Estado, Juscelino Kubitschek de Oliveira consolidou em 1954 uma comissão responsável para a construção do novo estádio, mas as discussões não prosseguiram. Quatro anos mais tarde, a Federação Mineira de Futebol apresentou à prefeitura um projeto de um estádio a ser construído às margens da BR-3 (atual BR-040), que seria financiado pela venda de cadeiras cativas e mais uma vez o projeto não se concretizou.³³ Então, no ano de 1959, o deputado estadual Jorge Carone do Partido Republicano (PR) apresentou um projeto para a construção do novo estádio que foi sancionado como lei no dia 13 de maio de 1959 pelo governador José Francisco Bias Fortes.

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a construir em Belo Horizonte, em terreno de propriedade do Estado, ou que adquirir ou lhe venha a ser doado, um Estádio – que se denominará "Minas Gerais" – para a prática do futebol e atletismo, com capacidade para cem mil espectadores (...). Art. 6º A Loteria do Estado de Minas Gerais cobrará de

³¹ Sobre os estádios de futebol de Belo Horizonte, ver o estudo de SOUZA NETO, Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada.

³² FOLHA DE MINAS, p. 7. “O jornal *Folha de Minas* foi diário fundado em 14 de outubro de 1934, em Belo Horizonte, pela sociedade anônima Folha de Minas mantenedora do jornal (...). Encerrou suas atividades em novembro de 1964”. APM, *Folha de Minas*.

³³ SANTOS. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro.

seus agentes, sobre o custo real do bilhete de cada extração, uma taxa de dez por cento, que será assim distribuída: (...) IV - quatro por cento para construção do Estádio Minas Gerais.³⁴

Como a Federação Mineira de Esporte já havia iniciado um projeto para a construção de um estádio, esta entregou os projetos para a Diretoria de Esportes de Minas que foi responsável pela obra.³⁵

Art. 9º Fica a Diretoria de Esportes de Minas Gerais autorizada a indenizar à Federação Mineira de Futebol a importância de Cr\$ 1.080.000,00 (hum milhão e oitenta mil cruzeiros) correspondente às entradas iniciais, no valor de Cr\$ 7.200,00 (sete mil e duzentos cruzeiros) cada uma, da venda de cento e cinquenta cadeiras perpétuas do estádio que a federação programava construir. § 1º Para o recebimento da indenização prevista neste artigo, a Federação Mineira de Futebol se obriga a entregar gratuitamente à Diretoria de Esportes de Minas Gerais os estudos, plantas, projetos e especificações relativos ao estádio que programava construir. § 2º A despesa resultante deste artigo correrá por conta da quota destinada por esta lei ao Estádio Minas Gerais.³⁶

Com o financiamento garantido, a escolha do terreno contou com a parceria entre Ministério da Educação e Cultura, o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais, a Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais e a Universidade

³⁴ MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Lei n. 1947, de 13 de agosto de 1959. Dispõe sobre a construção de um estádio em Belo Horizonte, para a prática do futebol e atletismo, e contém outras providências.

³⁵ Art. 2º A construção do Estádio e, posteriormente, sua administração ficarão a cargo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, que será assistida por um Conselho de Administração composto de dez membros, sem direito a remuneração, os quais serão designados pelo Governador do Estado da seguinte forma: I - um representante do Governo do Estado; II - um representante da Assembleia Legislativa, indicado pela sua Comissão Executiva; III - um representante da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, indicado pelo Prefeito; IV - um representante da Câmara Municipal de Belo Horizonte; V - um representante da Federação Mineira de Futebol; VI - um representante dos clubes profissionais, indicado pelo Conselho Divisional da Federação Mineira de Futebol; VII - um representante da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, indicado pela sua Diretoria; VIII - um representante da Associação Mineira de Cronistas Esportivos, indicado pela respectiva Diretoria; IX - um representante da Federação Universitária Mineira de Esportes; X - um representante do Conselho Regional de Desportos. § 1º O mandato do Conselho será por tempo indeterminado, ficando sua substituição, que dependerá da homologação do Governador do Estado, a critério do órgão que o indicou. § 2º É permitida a recondução dos membros do Conselho. MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de Lei n. 1947, de 13 de agosto de 1959. Dispõe sobre a construção de um estádio em Belo Horizonte, para a prática do futebol e atletismo, e contém outras providências.

³⁶ MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de Lei n. 1947, de 13 de agosto de 1959. Dispõe sobre a construção de um estádio em Belo Horizonte, para a prática do futebol e atletismo, e contém outras providências.

de Minas Gerais (UMG),³⁷ sendo esta última a doadora do espaço. Em contrapartida, a universidade recebeu o Centro Esportivo Universitário (CEU) para as atividades dos docentes, que foi inaugurado em 08 de março de 1971.³⁸

Os estudos para a elaboração do projeto contaram com pesquisas em diversas localidades. Além do Maracanã, os estádios do Japão, Suíça, Inglaterra, França, Portugal, México, Iugoslávia, Canadá e Hungria foram foco de análise.³⁹ As obras do estádio, conhecido como Mineirão ou Gigante da Pampulha, iniciaram na gestão do governador Bias Fortes e deram sequência – a princípio a contragosto devido as posturas políticas contrárias – com seu sucessor José Magalhães Pinto.⁴⁰ A construção ganhou mais força à medida que se aproximava a data prevista para a inauguração e a cada mês contratou-se mais operários sob a orientação do engenheiro chefe Gil César Moreira de Abreu. O reforço financeiro veio por meio da venda das cadeiras cativas e contou com o Pelé para aquecer a publicidade, como nos relata um dos membros da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, Ulysses Panisset. “Trouxemos o Pelé, que tinha acabado de ganhar, mais uma Copa e tal, o Pelé estava igual a um menino; [...] não tinha 18 anos feito, tinha 17 anos e pouco. E o Pelé veio para fazermos a campanha de divulgação das cadeiras cativas.⁴¹

Com a conclusão das obras, as comparações com os demais estádios brasileiros afluíram: o estádio Minas Gerais com a capacidade para 100 mil torcedores era maior que o Independência e mais moderno que o carioca Maracanã.

Qual a diferença entre o Maracanã e o Minas Gerais? O Maracanã é maior, porém o Minas Gerais é mais moderno. Seu aspecto geral segue a tradicional linha elíptica inglesa, enquanto o Maracanã é circular. Neste, a distância do último degrau da arquibancada ao centro do campo é de 126 metros e, no Minas Gerais, apenas 90 metros. Os mineiros vêem o jogo mais de perto. E também não apanham chuva, pois uma grande marquise, como vão livre de 28 metros, cobre todas as localidades. Além disso, terão mais luz para os jogos noturnos, fornecida por um sistema de 240 refletores – 20 a mais do que o Maracanã – que é a última palavra no assunto.⁴²

³⁷ “Instituição pública de ensino superior gratuito, é a mais antiga universidade do estado de Minas Gerais. Sua fundação ocorreu em 07 de setembro de 1927 com o nome Universidade de Minas Gerais (UMG)”. Posteriormente a instituição foi alterada para Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG, A universidade.

³⁸ CEU, Estrutura do Clube.

³⁹ BIANCHI. O gigante de Minas.

⁴⁰ COSTA; RODRIGUES. Diretoria de Esportes de Minas Gerais.

⁴¹ PANISSET *apud* COSTA; RODRIGUES. Diretoria de Esportes de Minas Gerais, p. 77.

⁴² BIANCHI. O gigante de Minas, p. 20.

Os elogios traçados pela revista carioca *Manchete*⁴³ continuam ao afirmar que, não obstante os gramados do Maracanã e do estádio Minas Gerais serem do mesmo tamanho – 110 por 90 metros – a grama, trazida da Índia e da Inglaterra, era “inigualável, de um verde puro, uniforme e viçosa”, comparável com o estádio londrino de Wembley e do Vale do Jamor de Lisboa. A drenagem do campo era perfeita e o acesso a este era feito por túneis “que se ligam aos 5 vestiários, aparelhados com banheiras térmicas, gabinetes médicos, oxigenoterapia⁴⁴ e salas de massagem”. Ademais, havia “36 bares, 86 sanitários, 24 cabines com ar-condicionado para rádio e tevê (...) além de uma área de 100 mil metros quadrados para estacionamento de 5 mil veículos”.⁴⁵

Mesmo com a obra inacabada – no entanto mais finalizada ao se comparar com o dia da inauguração do Maracanã – os operários comemoraram a pré-inauguração com um churrasco no dia 17 de julho. O grande festejo ficou para o dia 05 de setembro de 1965 com a presença do então governador Magalhães Pinto (fig. 2) e com a vitória da Seleção Mineira sobre o River Plate da Argentina, por um gol do atleticano Buglê (fig. 3). No dia 07 de setembro as festas de inauguração continuaram com a partida da seleção brasileira – que foi formada pela equipe do Palmeiras – contra a seleção do Uruguai. A vitória foi dos brasileiros por 3 a 0.⁴⁶ Anos após a inauguração, o estádio ganha o nome de “Estádio Governador Magalhães Pinto”, em homenagem ao governador que conduziu a maior parte das obras até sua finalização.

O APITO FINAL: À GUIA DE UMA CONSIDERAÇÃO FINAL

O futebol “é uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de

⁴³ “*Manchete* foi uma revista semanal de grande circulação, lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 26 de abril de 1952, tendo circulado regularmente até 29 de julho de 2000. Criada pelo imigrante ucraniano Adolpho Bloch, (...) a publicação se estabeleceu como principal concorrente da então extremamente bem-sucedida revista *O Cruzeiro*, dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, a qual viria a superar (...). Com seu slogan “Aconteceu, virou *Manchete*” – atingiu seu ápice, firmando-se como verdadeiro fenômeno editorial: chegou a ter tiragem de milhões de exemplares naquele período. BNDIGITAL, *Manchete*.”

⁴⁴ A oxigenoterapia é um tipo de tratamento que pode ajudar atletas a se recuperarem de lesões.

⁴⁵ BIANCHI. O gigante de Minas, p. 20.

⁴⁶ MINEIRÃO. História.

vista. Neste estudo, o futebol foi tomado na ótica das políticas públicas bem como na relevância de um grandioso ‘lugar de memória’ para este esporte”.⁴⁷ Percebemos que esta multivocalidade foi tomada pelo Estado como uma forma de constituição da identidade brasileira, por meio do disciplinamento e cooptação do esporte em prol do Estado. Assim, as políticas públicas pautaram no entendimento que o futebol poderia transformar os corpos dos homens para a formação de uma sociedade saudável para o trabalho da pátria. O Estado de Minas Gerais seguiu as diretrizes do governo federal, e as ações políticas foram ao encontro da construção de um monumento para o futebol: o estádio Mineirão. Não obstante as dificuldades iniciais para a consolidação do sonho, o palco do futebol foi inaugurado e ganhou elogios da mídia. Ao ser comparado à grande obra da capital do Brasil, o estádio Maracanã, reforçou-se a identidade não só brasileira, mas principalmente a mineira em torno do futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

APM – Arquivo Público Mineiro. **Folha de Minas**. Disponível em: <https://bit.ly/3iaNz2b>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BIANCHI, Ney. O gigante de Minas. **Manchete**. Rio de Janeiro, n. 700, p. 18-21, 18 set. 1965. Disponível em: <https://bit.ly/38GrvsT>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BNDIGITAL – Biblioteca Nacional Digital. **Manchete**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/manchete>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BRASIL. Decreto n. 3.199 de 14 de abril de 1941 – Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <https://bit.ly/2XEBoB9>. Acesso em: 07 maio 2020.

BRASIL. Decreto n. 40.296 de 06 de novembro de 1956 – Aprova o Regimento da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação. Disponível em: <https://bit.ly/38NbAtb>. Acesso em: 07 maio 2020.

BRASIL. Decreto n. 43.177 de 07 de fevereiro de 1958 – Institui a campanha nacional de educação física. Disponível em: <https://bit.ly/3bDIz4J>. Acesso em: 07 maio 2020.

⁴⁷ DA MATTA. Antropologia do óbvio, p. 12.

BRINATI, Francisco Ângelo; MOSTARO, Filipe. Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no “maior do mundo”. **Revista Rua**, Campinas/SP, v. 24, n. 1, p. 211-236, jun. 2018.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Bias Fortes, 2020c. Disponível em: <https://bit.ly/3nJNeEw>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Castelo Branco, 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/3bEV0gE>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Juscelino Kubitschek, 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3oKqjKR>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Magalhães Pinto, 2020d. Disponível em: <https://bit.ly/2XDgwdo>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CEU – Centro Esportivo Universitário. Estrutura do Clube. <https://www.ufmg.br/ceu/site/estrutura>. Acesso em: 30 abr. 2020.

COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues; RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. Diretoria de Esportes de Minas Gerais: suas políticas, sua história (1946-1987). In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. (Orgs.). **Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP** – Dossiê Futebol, n. 22, p. 10-17, 1994.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, 11 jul. 1958.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

LOPES, Lucas S. As interferências e interlocuções de Castelo Branco no futebol e os precedentes para a militarização do futebol brasileiro. **Cantareira**, p. 23-33, jul.-dez., 2019.

MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de Esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal. 1986.

MAZZONI, Thomaz. **O esporte a serviço da pátria**. São Paulo: Olympicus, 1941.

MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de. Decreto-Lei n. 922, de 16 de junho de 1943 – Dispõe sobre concessão do uso e gozo das praças de esportes Minas Gerais e sua administração. Disponível em: <https://bit.ly/3nDA8J6>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de. Decreto-Lei n. 1.765 de 17 de junho de 1946 – Muda a denominação da Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais, altera sua constituição e contém outras disposições. Disponível em: <https://bit.ly/3sp3YVc>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de. Decreto n. 5349, de 05 de novembro de 1957. Contém o regulamento da Diretoria dos Esportes de Minas Gerais. Disponível em: <https://bit.ly/2Kckdnk>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de. Lei n. 1947, de 13 de agosto de 1959. Dispõe sobre a construção de um estádio em Belo Horizonte, para a prática do futebol e atletismo, e contém outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/39Bhehb>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MINAS GERAIS, Assembleia Legislativa de. Decreto n. 6107, de 09 de janeiro de 1961. Contém o regulamento da Diretoria dos Esportes de Minas Gerais Disponível em: <https://bit.ly/38GNZdm>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MINEIRÃO, Estádio. História. Disponível em: <http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/historia/>. Acesso em: 01 maio 2020.

NEVES, Jader; CAVALCANTI, Domingos; ALMEIDA, Gaspar de. O gigante de Minas. **Manchete**. Rio de Janeiro, n. 700, p. 18-21, 18 set. 1965. Disponível em: <https://bit.ly/2LN8sEo>. Acesso em: 30 abr. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n. 87, 2005.

SANTOS, Felipe Oliveira. Maracanã: símbolo das disputas e da complexidade das modernas contradições brasileiras. **Entropia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 22-52, jul.-dez., 2019.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **Do Prado ao Mineirão**: a história dos estádios na capital inventada. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Belo Horizonte, 2017.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. A universidade. Disponível em: <https://ufmg.br/a-universidade>. Acesso em: 30 abr. 2020.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. **Quando o Estado joga a favor do privado**: as políticas de esporte após a Constituição de 1988. Campinas: UNICAMP - Faculdade de Educação Física, 2005.

* * *

Recebido para publicação em: 08 maio 2020.
Aprovado em: 19 dez. 2020.

Amor (não) se explica: torcida, topofilia e estádio de futebol

Love (Can't Be) Explained: Fans, Topophilia and Football Stadium

Phelipe Caldas

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Doutorando em Antropologia Social, UFSCar

RESUMO: Qual a relação do torcedor com o estádio de futebol de seu clube do coração? E como isso pode interferir no desempenho deste clube em campo? Essas são algumas perguntas que pretendo refletir neste artigo, que parte do Estádio Almeidão, de João Pessoa, casa do Botafogo-PB, para discutir o conceito de topofilia no contexto futebolístico. Proponho-me a analisar como esses ambientes são ressignificados pela coletividade torcedora, que, por exemplo, coloca questões subjetivas como memória e afeto num patamar mais importante do que conforto e modernidade. Vou tentar discutir também, a despeito dos anseios da época, como pode reverberar criticamente o fato de João Pessoa ter ficado de fora da Copa do Mundo de 2014 e assim ter mantido sua praça esportiva com características e feições mais alheias ao processo de arenização que tomou boa parte dos grandes estádios do país. Para tanto, a título de comparação, vou resgatar a experiência traumática do Náutico com a Arena Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: Topofilia; Estádio; Arena; Torcidas; Antropologia das práticas esportivas.

ABSTRACT: What is the football fan's relationship with the stadium that he longs to his club? And how can it interfere with the performance of this club on the field? These are some of the questions I intend to reflect on in this article, which starts at João Pessoa's Almeidão Stadium, home to Botafogo/PB, to discuss the concept of topophilia in the soccer context. I analyze how the seen environments are re-signified by the supporter community, which, for example, places subjective issues such as memory and affection at a level more important than comfort and modernity. I will also try to discuss, in spite of the yearning of the time, how it can critically reverberate the fact that João Pessoa was left out of the 2014 World Cup and thus keep this sports venue with its characteristics and features more alien to the "sandstone process" that took over most of the country's big stadiums. For this purpose, as a comparison, I will rescue the traumatic experience of Náutico Club with the Pernambuco Arena.

KEYWORDS: Topophilia; Stadium; Arena; Football Fans; Anthropology of Sports Practices.

INTRODUÇÃO: CRÔNICA SOBRE UMA NOITE CHUVOSA DE FUTEBOL¹

Copa do Nordeste de 2018. Noite de bom público no Estádio José Américo de Almeida Filho, a praça esportiva de João Pessoa que os torcedores do Botafogo da Paraíba chamam apenas pelo nome afetivo de Almeidão.² O nome é o próprio lugar. O apelido mais do que o nome, na verdade. E isso basta. Conta muito mais do que parece a princípio.

Chovera torrencialmente na cidade ao longo de todo o dia, mas naquele momento pré-jogo já se vislumbrava uma estiagem. Ainda assim, apenas um jogo decisivo contra o Bahia, que valia vaga na fase seguinte da competição regional,³ para justificar tanta gente no local mesmo com clima tão adverso.

O jogo estava marcado para 21h45, mas duas horas antes de a bola rolar o frenesi já tomava conta dos arredores do estádio. Inúmeras barracas vendendo bebidas e tira-gostos, instaladas na área de estacionamento, estavam apinhadas de torcedores, que se apertavam embaixo de lonas improvisadas para fugirem da chuva que de tempos em tempos ameaçava voltar.

A cena do lado de fora era inexprimível, impressionante, até. Boa parte do estacionamento era de barro, mas, em meio a tanta água, o local se resumia a um gigantesco lamaçal, praticamente intransitável.

Não era fácil andar por ali, e eu mesmo já estava completamente imundo. Tênis e meias molhadas. Barro até a altura dos joelhos, uma areia grudenta que salpicava a cada passada e prendia nos braços e até em partes do rosto. Observava tudo aquilo enquanto caminhava e em pelo menos três momentos deslizei pelo barro escorregadio, evitando a queda apenas porque me apoiei em algum carro ou em algum amigo próximo.

Percorri aproximadamente 50 metros de caminhada vacilante até entrar por um portão estreito, levemente enferrujado. Fui então revistado por policiais debaixo de um vão de escada, cujas infiltrações deixavam o local extremamente

¹ Este artigo é uma versão ampliada e atualizada de um debate já abordado na parte final do capítulo 1 da dissertação de mestrado (CARVALHO, 2019) e em uma apresentação oral realizada na IV Semana de Antropologia do PPGA/UFPB, que resultou num resumo expandido sobre o tema (CARVALHO, 2018).

² É o clube mais popular da capital paraibana, também conhecido pelo apelido Belo.

³ Refiro-me a jogo realizado em 29 de março de 2018, pela rodada final da fase de grupos do torneio.

úmido. Ao ter meu acesso liberado, andei um pouco em direção à escadaria que me levaria às arquibancadas. Chão de cimento batido, manchado pelo passar de milhares de pessoas que ajudavam a levar parte da lama do lado de fora para o de dentro.

Quando finalmente cheguei às arquibancadas, feita de concreto, sem cadeiras ou qualquer outro tipo de assento a não ser a própria estrutura do estádio, obriguei-me a permanecer em pé, como todos os outros, visto que o local também estava empoçado em demasia.

Assim fiquei por boa parte do jogo, até que, em um momento de cansaço no segundo tempo, cedi. Sentei um pouco tentando relaxar as pernas e imediatamente senti a bermuda absorver parte da água que ainda estava retida no degrau de arquibancada.

Naquele momento, observei um pouco melhor a minha própria situação, imundo que estava. Exausto. Dei uma boa olhada também em minha volta, naquele estádio que eu conhecia tão bem. O alambrado de cerca de um metro, meio enferrujado, com tinta azul já gasta, que servia de limite de arquibancada; o fosso de dois ou três metros de profundidade que separava os torcedores do campo de jogo e que denunciava o fato inegável de aquele ser um estádio antigo, fundado ainda na década de 1970; as colunas semierguidas por detrás dos dois gols, abandonadas ainda na época da construção do equipamento e que nunca foram finalizadas, transformando o que seria no projeto original um único anel em dois vãos de arquibancada independentes, batizadas pelos torcedores e assimiladas pelo poder público com os sugestivos nomes de Sol e Sombra.⁴

E contemplava tudo isso com um sorriso no rosto. Porque enquanto observava, não parava de escutar uma música que era entoada a plenos pulmões por um monte de torcedores fanáticos. E orgulhosos. A música dizia mais ou menos assim: – Esta é a minha alegria de coração! Ver o Belo jogar no Almeidão!

O estádio era antigo. Repleto de problemas. Precário, em muitos aspectos. Mas, sem exagero, era uma espécie de templo sagrado para os botafoguenses. Não

⁴ Os nomes são autoexplicativos. A Arquibancada Sombra, com ingressos mais caros, é aquela posicionada do lado de onde o sol se põe, de forma que em jogos à tarde a própria estrutura do estádio protege o torcedor. Já a Arquibancada Sol, com ingressos mais baratos, fica do lado oposto, e o torcedor não só assiste à partida debaixo do sol forte do Nordeste brasileiro, como em regra tem sua visão comprometida pela incidência dos raios solares em direção aos olhos.

precisava fazer sentido para todo o resto. Eles eram apaixonados por aquele lugar. Estavam prontos para defendê-lo. Prontos para brigar, reclamar, protestar com quem ousasse falar mal daquilo ali.

UM POUCO MAIS DE ALMEIDÃO

O que eu quero analisar neste artigo, a partir da realidade pessoense (e botafoguense) e dentro de uma perspectiva etnográfica “de perto e de dentro”,⁵ é a relação que os torcedores de futebol possuem com o estádio em que o seu clube do coração costuma realizar jogos como mandante. E como essa relação não segue nenhuma lógica aparente, nem considera questões práticas, supostamente racionais, como estética, modernidade e facilidades técnicas.

Muito pelo contrário, essa suposta precariedade é ressignificada pelos torcedores como elementos positivos do que eles consideram um estádio tradicional, que tem história, que já sediou muitos jogos marcantes ao longo das décadas, que já foi palco de títulos, dramas, glórias inesquecíveis e que resiste ao tempo, sobrevivendo firme a uma época de modernizações nem sempre vista com bons olhos.

O Estádio Almeidão, a propósito, foi fundado em 09 de março de 1975, numa tarde de domingo em que o Belo foi derrotado pelo homônimo carioca por 2 a 0. De sua estrutura original, quase nada mudou, e o local passou completamente incólume pelo processo de modernização e arenização que muitas das praças esportivas brasileiras sofreram nos últimos anos.

Bom, logo de início é essencial registrar que todo este processo de construção de arenas esportivas multiusos no território brasileiro, dentro do contexto de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, já foi amplamente debatido por uma série de outros pesquisadores. Uma extensa bibliografia foi produzida nos últimos anos, e, para quem quiser ler mais sobre o assunto, eu sugiro o dossiê “Megaeventos”, publicado em dezembro de 2013 pela revista acadêmica *Horizontes Antropológicos*.⁶

⁵ MAGNANI. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, p. 11.

⁶ *Horizontes Antropológicos*, v. 19, n. 40, 2013.

Aqui, contudo, quero me ater mais à antítese de todo esse processo. Estádios como o Almeidão foram preteridos,⁷ mas por isso mesmo são resilientes diante da lógica do padrão-Fifa supostamente ideal que de copa em copa tenta se impor “como paradigma mundial de conforto, segurança, previsibilidade, controle e, acima de tudo – embora veladamente –, rentabilidade e elitização”.⁸ Estádio Almeidão esse que, após a voga e o frenesi novidadeiro da Copa, passou a ser valorizado por parcelas expressivas de torcedores justamente por causa desse caráter “marginal”. E que, em contraposição às arenas, é hoje chamado de “estádio raiz” por esses mesmos torcedores.

Para tratar dessas questões, pretendo analisar de forma mais aprofundada, um pouco mais a frente, o conceito de “topofilia” a partir das óticas de Tuan e de Bale,⁹ que a seus modos vão refletir sobre a relação afetiva que os seres humanos possuem com o meio ambiente material. Antes, contudo, gostaria de dialogar com outros estudiosos, e assim avançar paulatinamente na temática principal do debate ora proposto.

Por exemplo, Agier tem um amplo estudo antropológico sobre o conceito de lugar, algo que para ele pode ser resumido como “um espaço de relações, de memória e de identificação relativamente estabilizadas”.¹⁰ Uma abordagem que só se torna possível porque ele desloca sua reflexão sobre a cidade, deixando de entendê-la apenas como espaço em si, passando a pensá-la “a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos”.¹¹

Uma cidade que, ainda de acordo com o autor, é viva, possível de ser sentida, está sempre em processo. Que, muito por isso, só existe como experiência de seus cidadãos. Não é uma coisa, não é algo inanimado, não é uma totalidade. Constrói-se, acima de tudo, nas “situações elementares da vida urbana”.¹²

⁷ Caso ainda mais notório é o do Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube, preterido meses depois de ter sido confirmado extraoficialmente como estádio paulista para a (estreia da) Copa do Mundo.

⁸ MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, p. 143.

⁹ TUAN. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. BALE. *Sports Geography: Second Edition*.

¹⁰ AGIER. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*, p. 108.

¹¹ AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 32.

¹² AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 91.

São justamente essas situações elementares, pois, que permitem aos cidadãos dar novos significados aos espaços da cidade, transformando-os assim em lugares. Agier cita quatro tipos diferentes, mas para efeito de debate sobre estádios de futebol são as “situações rituais” o alvo preferencial de meu interesse.¹³

Para o autor, essas “são marcadas por uma distância do cotidiano regrado”.¹⁴ E, talvez por isso, representam “o local privilegiado de elaboração e de aplicação de estratégias identitárias coletivas, mesmo que a cidade ao redor proponha outras formas de classificação social”.¹⁵

É no ritual de se ir ao estádio semana após semana, jogo após jogo, portanto, que as identidades torcedoras são retroalimentadas. Que os torcedores se encontram e se distanciam desse cotidiano regrado e se percebem como coletividades, ainda que múltiplas e acima de tudo plurais. É nesse ritual contínuo, insisto, que têm a oportunidade de exercerem essa coletividade em sua amplitude máxima.

É óbvio que o estádio não é o único desses lugares afetivos para o torcedor, mas em regra é aquele de maior potência coletiva. E, no caso dos botafoguenses, o Almeidão desempenha, desde 1975, papel fundamental em todo este processo.

Com 89 anos em 2020, o clube de João Pessoa já tem mais tempo de história atuando no Almeidão do que em sua era pré-Almeidão. De forma que, não tardou, pouco a pouco os torcedores foram percebendo o estádio e as arquibancadas como sendo cada vez mais familiares, cada vez mais fontes de memórias e histórias.

E por mais que o Estádio Almeidão nem mesmo seja do Botafogo-PB, sendo na verdade propriedade pública do Governo da Paraíba, ao menos para os botafoguenses o local é sempre citado como a casa do Belo, onde o clube conquistou a maioria de seus títulos estaduais, e principalmente onde se tornou o primeiro clube paraibano campeão nacional, ao conquistar em 2013 a Série D do Campeonato Brasileiro. Onde viveu também tragédias, como perdas de títulos importantes, ainda assim vividas e sentidas coletivamente.

¹³ Os outros três tipos são o “ordinário”, o “extraordinário”, e o “de passagem”.

¹⁴ AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 97.

¹⁵ AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 99.

Essa relação afetiva com o espaço urbano, a propósito, vai receber atenção de outros pesquisadores. Caiafa, por exemplo, destaca que

a percepção do espaço urbano é densa e complexa na medida em que todos os sentidos parecem mobilizados. Entramos nesse espaço, pisamos, sentimos de alguma forma esse lugar que habitamos e a presença de nosso corpo ali. Há uma força experiencial nessa ocupação que pode evocar outras experiências e criar e modificar afetos.¹⁶

Ademais, pode-se citar Pais: “O conceito de territorialidade serve para identificar jovens com uma área que interpretam como sua e que, por ser palco de sociabilidades mais achegadas, entendem dever ser defendida de intrusões, violações, contaminações”.¹⁷

Ou mesmo é possível dialogar com Halbwachs, que vai refletir sobre como “as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva” de determinados grupos sociais.¹⁸ O autor destaca que tais grupos são constantemente marcados pelos lugares que costumam frequentar, de forma que esses passam a ter um sentido próprio: “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo”.¹⁹ Mais a frente, ele vai fazer referência à “força da tradição local” para justificar esse apego das coletividades aos lugares que o cercam.²⁰

Como se pode perceber, essa relação não é nunca exclusivamente racional. E, para exemplificar isso, pode-se fazer uma breve comparação com o Estádio Amigão,²¹ de Campina Grande, cidade paraibana localizada a 140 km da capital João Pessoa. Ele foi fundado no mesmo ano de 1975,²² possui um projeto idêntico ao do Almeidão, mantém as mesmas características, as mesmas precariedades, as mesmas ausências de arquibancadas atrás das metas, o mesmo entorno de barro, etc.

Na verdade, faz parte do anedotário político do Estado a versão (nunca confirmada oficialmente) de que o projeto original dos governantes da época era construir um único estádio com capacidade para 90 mil pessoas na capital

¹⁶ CAIAFA. Comunicação e consumo no metrô do Rio de Janeiro, p. 17.

¹⁷ PAIS. Bandas de garagem e identidades juvenis, p. 35-6.

¹⁸ HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 133.

¹⁹ HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 133.

²⁰ HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 137.

²¹ Nome oficial: Estádio Governador Ernani Sátiro.

²² Exatamente no dia 08 de março, um dia antes da inauguração do Almeidão.

paraibana, mas que a pressão dos políticos de Campina Grande, sempre muito influentes no cenário estadual, obrigou a divisão das verbas, erguendo assim dois equipamentos idênticos e com capacidade para 45 mil torcedores cada.

Sendo ou não boato a versão da divisão das verbas, fato mesmo, inclusive confirmado pelo engenheiro civil Carlos Pereira, que foi o responsável pelas construções de ambos os estádios, é a informação de que um mesmo projeto foi usado para ambas as obras.²³ De forma que não há dúvidas de que quem entra em um, ao menos teoricamente, deveria ter a mesma noção espacial, a mesma sensação, que tem quando entra no outro. Mas não é isso o que acontece.

Em 05 de abril de 2018, eu realizei uma viagem com torcedores botafoguenses para o primeiro de dois jogos da final do Campeonato Paraibano daquele ano. Na oportunidade, acompanhei a derrota do time de João Pessoa para o Campinense, de Campina Grande, por 1 a 0, numa partida que foi realizada justo no Estádio Amigão.

E, durante toda essa viagem, não importou nem um pouco aos torcedores do Belo se o Amigão e o Almeidão eram idênticos em sua forma, em seu tamanho, em suas características positivas e negativas. Porque apenas um deles era visto como “lugar” para aqueles torcedores. E apenas um deles era classificado pejorativamente como a casa do arquirrival.

Nos discursos, nos cânticos, nos xingamentos, isso ficava evidenciado a todo o instante. As provocações começaram ainda na concentração em João Pessoa, continuaram dentro da van que levou os torcedores à Campina Grande, intensificou-se dentro do estádio nas provocações entre torcidas, chegou ao ápice após a derrota. O Amigão era classificado como o “chiqueiro”, o “salão de festas”, o “lixo”. O Almeidão era identificado como uma praça esportiva “acabada”, “menor” em importância e status, “indigna”, principalmente se comparada à grandiosidade do Almeidão.

Tal como defendido por Toledo, aliás, são xingamentos que expressam “visões do outro” e que “devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de

²³ CALDAS; BATISTA; WANDERLEY. 40 anos de Amigão e Almeidão: veja curiosidades que cercaram as obras, 07 mar. 2015.

significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e *pares de oposição* mais recorrentes na própria sociedade”.²⁴

Os xingamentos, pois, ajudam a demarcar as alteridades. Entre torcedores, entre estádios também. E, no caso aqui analisado, eles possuíam tons variados. Ora irado, ora absolutamente irônico. Não havia comedimento. Enquanto a bola rolou, tinha sempre algum grupo de torcedor botafoguense (às vezes todos eles ao mesmo tempo) enumerando em direção aos rivais todas as mazelas que existiriam no equipamento de Campina Grande e que obviamente não existiriam no equipamento de João Pessoa. Ao menos na visão sempre apaixonada daqueles que se manifestavam.

De uma perspectiva estritamente arquitetônica, aquela postura não tinha a menor lógica. Mas, como se vê, não é apenas uma lógica aparente que sustenta a relação dos torcedores com os estádios de futebol. Tanto que a mesma postura de defesa a um e de crítica ao outro acontece igualmente quando os torcedores de Campina Grande visitam o Almeidão. Invertendo-se aí apenas os sentidos dados a cada estádio, claro.

O CONCEITO DE TOPOFILIA APLICADO AO ESPORTE

Para iniciar o debate sobre toponímia, é preciso antes destacar que esse é um neologismo criado e proposto pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que se refere basicamente a “todos os laços afetivos por seres humanos com o meio ambiente material”.²⁵

Um sentimento que, para o autor, é forte e ancorado principalmente naquilo que é familiar e histórico. Naquilo que invoca o sentido de pertencer a um dado espaço. Porque, primeiro, Tuan diz que “a familiaridade engendra afeição”.²⁶ Depois, ressalta que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”.²⁷

Ademais, ele explica que os sentimentos toponímicos são essencialmente locais, ao ponderar que “a lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso. Sangue é derramado em sua defesa”.²⁸

²⁴ TOLEDO. Por que xingam os torcedores de futebol?, p. 23.

²⁵ TUAN. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, p. 107.

²⁶ TUAN. *Topofilia*, p. 114.

²⁷ TUAN. *Topofilia*, p. 114.

²⁸ TUAN. *Topofilia*, p. 117.

Pois é em meio a todas essas reflexões que se chega ao britânico John Bale, também geógrafo, que se dedicou a pensar o conceito de Tuan no contexto dos esportes coletivos, onde o futebol está inserido. E faz isso tratando o esporte como uma ciência essencialmente espacial, visto que ele é caracterizado e definido por um confinamento que acaba por reunir num mesmo ambiente uma pluralidade de identidades que em regra não se encontrariam.

Bale vai sugerir também que é essa noção de espaço que vai permitir ao esporte invocar sentimentos muito mais amplos do que aqueles previstos a princípio. Afinal, “além da guerra, o esporte é uma das poucas coisas que une as pessoas simplesmente através da pertença”.²⁹

Ao adentrar especificamente na questão da topofilia dentro do cenário esportivo, o autor defende que são justamente locais como os estádios de futebol que vão promover “a experiência de uma camaradagem coletiva”;³⁰ que, por sua vez, vai paulatinamente revolucionar a relação que se tem com um meio ambiente material que apenas a princípio nasce inanimado e sem significados.

Bale completa: “Histórias de jogos e copas vencidas são importantes partes da construção da memória geográfica. Tal afeição pelo lugar tem sido chamado de topofilia. [...] Praças esportivas fornecem uma potente fonte de afeto”.³¹

Voltando aos torcedores do Botafogo da Paraíba e ao quadragenário estádio que os acolhem semana após semana ao longo de tantos anos, e dialogando com tudo o que já foi posto aqui, torna-se perceptível que o botafoguense não existe simplesmente em si, como algo isolado e fora de contexto. Nem se limita a torcer exclusivamente pelo clube, de forma seca e artificial, excluindo aí tudo o que lhe cerca.

Dito de outra forma, e resgatando uma antiga máxima da crônica esportiva de que não existe estádio sem torcida, o que quero propor aqui é que o inverso também é verdadeiro. Simplesmente não dá para pensar em torcidas de futebol sem que haja um ambiente comum, de convergências, que os una em torno de afetos e dramas a serem compartilhados.

²⁹ BALE. *Sports Geography: Second Edition*, p. 13-4. (As traduções dessa obra são nossas).

³⁰ BALE. *Sports Geography*, p. 18.

³¹ BALE. *Sports Geography*, p. 18-9.

O Almeidão não é uma edificação qualquer. Não é um simples conjunto de arquibancadas. Não é um campo de futebol como outros que existem Brasil afora. Não é uma área externa precária e lamacenta. Até pode ser tudo isso, mas, por mais contraditório que possa parecer, não será nunca apenas isso para os botafoguenses.

E já que o diálogo neste momento está se dando principalmente com geógrafos, retomo Mascarenhas, referência nos estudos sobre estádios de futebol no Brasil, que vai classificar essas praças esportivas mais antigas, anteriores às arenas, como “espaço vivido e lugar de referência”.³² Na mesma linha do que estou propondo aqui, o autor defende que “os estádios são memória acumulada, vivida coletivamente. [...] Meca de cânticos profanos”.³³

Para os botafoguenses, portanto, o Almeidão é lugar de encontros, de matar saudades, de se sentir pertencente, de cantar seu nome a plenos pulmões e de elevar à potência máxima as identidades torcedoras. Não é o Almeidão dos problemas. É o Almeidão dos títulos, dos dramas compartilhados, dos encantos. É o Almeidão que precisa ser defendido, protegido, salvaguardado.

Em nome do qual vale a pena brigar. E alardear com veemência: – Estamos em casa, porra! Não foram poucas as vezes que escutei essa frase ao longo de tantos meses de pesquisa. Principalmente porque essa é uma frase de múltiplos contextos, mas sempre aplicada para dizer o óbvio. Não se está em qualquer lugar, se está no Almeidão, oras. E isso não é pouco.

Por exemplo, o “estamos em casa, porra!” pode ser proferido num momento de ira, de revés, para avisar ao seu próprio time que, afinal de contas, honre a camisa que veste; pode ser dito em júbilo, êxtase, após uma vitória importante, para avisar ao rival quem manda ali; pode ser expressa, inclusive, antes mesmo do jogo, para seus pares, em tom de esperança por um resultado positivo.

É grito de guerra, mas é convocação também. É recado, ameaça, sentença. O estádio de futebol elevado a um novo patamar. Que deve ser amado e respeitado por um “nós”, deve ser temido por todos os demais, todos os “outros” indistintamente.

³² MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, p. 155.

³³ MASCARENHAS. Um jogo decisivo, p. 165.

Estou falando de botafoguenses e de sua relação com o Almeidão, é fato. Mas poderia estar falando de qualquer outro exemplo possível e imaginável. Essa relação, afinal, é inumerável no futebol. Giulianotti;³⁴ por exemplo, fala em seu livro sobre os torcedores do Milan, na Itália, e de sua relação de afeto com o Estádio San Siro. Mas outros tantos exemplos em vários estados brasileiros poderiam ser citados: a relação do São Paulo com o Morumbi, do Internacional de Porto Alegre com o Beira-Rio, do Santa Cruz do Recife com o Arruda, etc. Para Toledo, em alguns contextos pode-se dizer até que “o estádio ganha *status* de pessoa ao mesmo tempo em que aparece como espécie de corpo que melhor abrigará o sentimento torcedor”.³⁵

Mas volto ao Almeidão para citar e analisar outro ponto das observações de Bale. Pois o autor britânico defende que essa cumplicidade do torcedor com o estádio de futebol de seu clube do coração é tão intensa, que chega a ter o poder de influenciar no desempenho esportivo.

Não é que um time jogue melhor em casa porque seus jogadores têm mais familiaridade com as variações do estádio e do campo de jogo. Ou porque o rival, muitas vezes vindo de longe, está fisicamente mais cansado. Na verdade, o autor até admite que isso tudo possa acontecer de fato. Mas ele está realmente interessado no que chama de “efeito social da torcida da casa, constantemente lembrando a eles (os jogadores) que o time está representando um lugar em particular”.³⁶

Ele sugere, portanto, que o envolvimento da multidão, de todos aqueles aficionados reunidos num mesmo estádio de futebol, embalados por uma carga de emoções e de afetividades, tem o poder mesmo de influenciar resultados esportivos, “uma vez que vai gerar uma identificação e um orgulho mais intenso” dos jogadores em campo com o clube e com a cidade desse.³⁷ Defendendo, inclusive, que isso afeta também a torcida, já que “eventos esportivos proporcionam um fórum para a comunidade local celebrar a sua existência”.³⁸

³⁴ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*, p. 97.

³⁵ TOLEDO. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora, p. 156.

³⁶ BALE. *Sports Geography*, p. 31-2.

³⁷ BALE. *Sports Geography*, p. 32.

³⁸ BALE. *Sports Geography*, p. 32.

É uma dupla relação, portanto, que se nasce a partir do estádio. É apenas por causa dos jogos do Botafogo-PB em casa que se torna possível realizar uma congregação de torcidas em torno do Almeidão, e que vai gerar uma celebração da comunidade local pela própria consciência de existência – e de força – de si como torcida; e, por outro lado, é essa mesma congregação de torcidas que vai gerar o clima de euforia, de pertencimento, de orgulho, que vai interferir no desempenho do time esportivo dentro de campo.

Por sinal, dois dados de pesquisa vão atestar que essa tese de Bale sobre a interferência da torcida no desempenho desportivo tem fundamento. Naquele mesmo jogo entre Botafogo-PB e Bahia cuja crônica inicia este artigo, conversei demoradamente com o então diretor jurídico do clube pessoense, Alexandre Cavalcanti, que em 2020 viria a ser eleito presidente do clube.

Encontramo-nos por acaso algumas horas antes do jogo, ele me cumprimentou e se mostrou interessado no que eu andava analisando. Respondi algumas de suas dúvidas, teci alguns comentários e registrei que naquele momento estava particularmente interessado em entender a relação do torcedor botafoguense com o Estádio Almeidão.

Já naquele momento, comentei que os eventuais problemas do estádio não tinham o poder de arrefecer a devoção que o botafoguense possuía com a praça esportiva, e em seguida fiz um brevíssimo resumo das reflexões de Bale.

Alexandre escutou tudo atentamente. Depois, silenciou por um breve instante, como quem refletisse sobre tudo aquilo. Quando quebrou o silêncio, foi para fazer um testemunho em prol daquilo que eu estava comentando:

Eu acompanho muito os bastidores dos jogos, frequento os vestiários. E muitas vezes eu acompanho aquela última reunião, aquela última conversa dos jogadores antes de subir para o campo. E essa energia da torcida influencia mesmo. Por exemplo, quando o jogo do Botafogo-PB é fora de João Pessoa, o discurso dos jogadores naquela última juntada antes do jogo começar passa muito sobre jogar pela família, pelas carreiras de cada um, pela diretoria que está pagando em dia. Mas, quando o jogo é dentro de casa, não tem nada disso. Quando o jogo é no Almeidão, eles só falam da torcida. Falam mais em raça, em amor ao clube, em jogar pelo torcedor que está gritando, fazendo barulho, empurrando o time, e que ama tudo aquilo. Falam mais em se entregar, em honrar o torcedor que muitas vezes sai de casa apenas com o

dinheiro do ingresso para vê-los jogar. A coisa muda totalmente (Caderno de Campo, 30 de março de 2018).

Existe sim, como se vê, uma contaminação do jogador botafoguense pelo que vem da arquibancada. Uma energia que emana dos gritos e dos cânticos das torcidas e que chega ao campo e ao jogador. Esse, lembrado a todo o momento que joga por algo maior, mais forte, mais contagiante. Joga, não só por uma torcida, mas também por toda uma cidade que se faz representada no estádio de futebol.³⁹

Contaminação essa que, ao menos no caso pesquisado, reflete também nos números. E esse dado, ao que parece, é até mais objetivo. Porque entre 2013 e 2019, período que consiste na retomada do Botafogo-PB como participante recorrente de competições nacionais,⁴⁰ o clube pessoense realizou 128 partidas pelo Campeonato Brasileiro (sempre mantendo uma proporção exatamente igual no número de vezes que jogou dentro e fora de casa). São 49 vitórias, 39 empates e 40 derrotas nesse período.

Os dados confirmam a tese de Bale. Nesse período, foram 35 vitórias do Botafogo-PB dentro do Almeidão, contra apenas 14 vitórias conquistadas fora de seu estádio. Já com relação a derrotas, os números se invertem. São apenas 13 reveses dentro do Almeidão, contra 27 quando o clube jogou longe de seus domínios.

Aliás, até mesmo a análise dos 298 gols que saíram ao longo dessas 128 partidas ajuda a comprovar a teoria discutida aqui. Jogando no estádio onde comumente manda seus jogos, e onde é empurrado e contagiado por seus torcedores, o time pessoense marcou 98 gols e sofreu 57. Fora de casa, contudo, são 61 gols marcados e 82 sofridos.

Uma superioridade em prol do Estádio Almeidão, portanto, que apenas reforça a dedicação passional dos botafoguenses com o seu estádio. E que cria a certeza coletiva de que aquele é um espaço que possui um quê de sagrado, de mágico, de divino.

³⁹ Importante ponderar que essa questão específica de “jogar por toda uma cidade” é mais forte em locais como João Pessoa, que só possui um clube forte e competitivo atuando em competições nacionais.

⁴⁰ O clube foi campeão da Série D do Brasileirão de 2013 e de 2014 a 2019 já jogou seis edições consecutivas de Série C.

Saindo um pouco da reflexão específica sobre estádio, mas apenas para ressaltar o caráter espacial de um esporte coletivo como o futebol, pode-se apontar também o debate que Bale faz sobre o que ele chama de “marcadores territoriais” promovidos pelas torcidas. Pichações e grafismos espalhados pela cidade com o objetivo de demonstrar para os “de fora” quem detém o poder de territórios específicos.

Um tema, aliás, que é citado também por Toledo, ao se referir ao contexto paulistano das torcidas de futebol. Segundo ele, os nomes das torcidas organizadas dos quatro principais clubes do Estado são comumente vistos pela cidade, no que representam “verdadeiros grafismos que expressam e demarcam alteridades e identidades entre torcedores”.⁴¹

Uma questão, por fim, que não aprofundarei aqui por fugir um pouco do assunto principal deste artigo, mas que ajuda a entender, como já dito, a noção de espacialidade destes agrupamentos torcedores, e como a ideia de “casa” pode ser pouco a pouco, a depender do contexto, ampliada do estádio para o bairro, para a cidade, para o estado, a região. Tudo a depender de que alteridade está posta e pensada.

Mas, agora, gostaria de pensar o Almeidão dentro de um país que sediou recentemente uma Copa do Mundo de Futebol e que deu início a um processo de arenização de suas praças esportivas. E sobre o quanto foi importante para o futebol marginal que existe em João Pessoa ficar alheio a esse processo.

ARENA X ESTÁDIO: E COMO O CASO NÁUTICO AJUDA A ENTENDER A QUESTÃO

Antes mesmo de a Copa do Mundo de 2014 ser oficialmente confirmada para acontecer no Brasil, já havia um alvoroço sobre que cidades seriam sedes de jogos da competição internacional. E João Pessoa foi uma das 22 candidatas que chegaram a enviar à Confederação Brasileira de Futebol um projeto com esse intuito.⁴² No fim, 12 foram escolhidas.⁴³

⁴¹ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*, p. 44.

⁴² JORNAL EXTRA. CBF recebe as propostas das cidades interessadas em receber jogos da Copa 2014, 1º jan. 2007.

A candidatura pessoense, portanto, não vingou. Reportagem do jornal Folha de S. Paulo de dezembro de 2008 informava em dado momento que cidades como João Pessoa e Teresina não chegaram a concluir os estudos técnicos para se tornarem possíveis cidades-sedes porque perceberam a inviabilidade do projeto, visto que precisariam “de inúmeras obras de infraestrutura, além da construção de estádios novos”.⁴⁴

No caso da capital paraibana, o objetivo seria fazer com o Estádio Almeidão o que acabou acontecendo em Natal, por exemplo, capital do Rio Grande do Norte (localizada a 180 km de João Pessoa), em que o antigo Estádio Machado foi demolido para dar lugar à Arena das Dunas, erguida no mesmo terreno.⁴⁵

O caso de Natal, a propósito, ajuda a entender como as arenas vêm alterando radicalmente a relação do torcedor local com o futebol. Preço médio de ingressos mais altos, exclusão do estádio da parcela mais pobre das torcidas, mudanças radicais nas formas de torcer.

Existe, inclusive, como já dito, uma ampla gama de estudos que trata da questão e que balizam o que estou afirmando aqui. Para Holanda e Medeiros, “as arenas foram concebidas a partir das exigências standardizadoras da Fifa”⁴⁶ e trouxeram problemas futuros porque o público que as frequentam cotidianamente são diferentes daquele pensado para o período de Copa.

Os autores constatarem também, ao observarem principalmente o contexto paulistano, onde foram erguidas a Arena Corinthians e a Arena Palmeiras,⁴⁷ que houve “um projeto excludente, alijador das classes populares, cuja relação com os esportes de alto rendimento no país deixa de ser mediada pelas arquibancadas festivas e por seu tradicional caráter interclassista e multirracial”.⁴⁸

Opinião parecida tem Curi, que vai chamar a atenção para uma uniformização dos interiores dessas arenas, todas muito iguais do ponto de vista

⁴³ São elas: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

⁴⁴ FOLHA DE S. PAULO. Copa-2014 terá 12 sedes de Norte a Sul do país, 27 dez. 2008.

⁴⁵ Nome oficial: Estádio João Machado, construído em 1972 e demolido em 2011.

⁴⁶ HOLLANDA; MEDEIROS. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo, p. 2.

⁴⁷ Ambas foram construídas na mesma época, mas apenas a corintiana foi usada na Copa do Mundo.

⁴⁸ HOLLANDA; MEDEIROS. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”, p. 5.

arquitetônico, devido ao fato de elas respeitarem os mesmos “valores standardizados internacionalmente”⁴⁹ pelas federações organizadoras dos grandes eventos esportivos mundiais.

O debate proposto por Curi, por sinal, realizado em 2012 e tendo como objeto de análise o Engenhão,⁵⁰ teve ares premonitórios. Já naquela época, fazendo uso da mesma ideia de topofilia que resgato neste artigo, ele dizia que a nova arena nunca tinha se transformado em um lugar topofílico porque carecia de “laços locais”. E alertava para os riscos do Maracanã ser vítima de um “topocídio” caso as reformas para a Copa de 2014 não fossem feitas com o devido respeito a esse localismo.⁵¹

Pois, lançado quatro anos depois, em 2016, o documentário *Geraldinos* conta todo o processo de demolição da Geral do Maracanã e mostra como os antigos torcedores foram banidos, contentando-se a assistir aos jogos a partir de então pela TV ou pelo rádio.

Em matéria mais recente, a pretexto das comemorações dos 70 anos do estádio, que aconteceu em 16 de junho de 2020, o jornal O Globo publicou entrevista com o escritor e historiador Luiz Antonio Simas, em que ele fala que o Maracanã foi construído e inaugurado em 1950 “num momento que tinha esse projeto de Brasil, que se pretendia grande e inclusivo”, para logo em seguida dizer que “esse Maracanã entrou em colapso. Essa ideia de estádio inclusivo [...] foi sepultada”.⁵²

Sobre o assunto, pode-se registrar ainda análise de Ferreira, que lembra o fato dessas arenas grandiosas serem erguidas sob o pretexto de um pretenso “legado” que acaba não se concretizando, visto que

os equipamentos construídos para os megaeventos têm uma capacidade muito baixa de integração após a conclusão dos eventos. Linhas de transporte mostram-se superdimensionadas após o evento, e elefantes brancos surgem no meio do nada, exigindo enormes custos de manutenção.⁵³

⁴⁹ CURI. Espaços da emoção: os torcedores no estádio, p. 8.

⁵⁰ Arena construída para o Pan do Rio de 2007, batizada originalmente de João Havelange e que anos depois acabou rebatizada para Estádio Nilton Santos. À época, era conhecida por Engenhão, em referência ao bairro carioca de Engenho Novo, onde está localizada.

⁵¹ CURI. Espaços da emoção, p. 15.

⁵² DAMASCENO. Maracanã 70 anos: ‘a ideia do estádio inclusivo foi sepultada’, afirma Luiz Antônio Simas, 10 jun. 2020.

⁵³ FERREIRA. Um teatro milionário, p. 12.

Uma dicotomia entre construção e integração que, ainda de acordo com o autor, torna-se incrivelmente mais dramático em países subdesenvolvidos como o Brasil, uma vez que a população pobre não só é expulsa das arenas, enquanto torcedora, mas sofre igualmente um “*apartheid* urbano” por meio de remoções sumárias ou decorrentes de valorizações imobiliárias.

Para além de tudo isso, Lopes e Hollanda vão atentar ainda para “a mudança radical da experiência de torcer”,⁵⁴ que vai culminar num “processo de hipermercantilização do futebol”.⁵⁵ Ambientes monitorados, lugares marcados, obrigações de se ficar sentado, regras cada vez mais rígidas no estar e no agir, que pensarão os frequentadores cada vez mais como consumidores, passivos; do que como torcedores, ativos, peças importantes nos processos decisórios do futebol.

Em resumo, o que vem acontecendo nas grandes arenas é um processo de “gentrificação”, tal qual pensado por Leite.⁵⁶ O autor debate a questão a partir de intervenções em espaços urbanos das grandes cidades, como, por exemplo, o centro histórico do Recife, que passa por alardeados processos de “revitalização” por parte das autoridades públicas e que culmina na expulsão e na exclusão da população pobre dessas áreas. Vista como “indesejada” por tais autoridades, são postas à margem, com suas circulações e seus usos transferidos para os subúrbios e periferias, longe dos olhos dos demais. É, portanto, muito do que vem acontecendo com o futebol brasileiro das grandes arenas, sendo que os “indesejados” desta vez são principalmente os pobres e os torcedores organizados que são pouco a pouco “convidados” a se retirarem das arquibancadas.

Santos, no entanto, deixa claro que esse tipo de ação, que visa a todo o momento promover o que ele chama de uma nova cultura de torcer, não está livre de reações e resistências. Primeiro, ele registra que “torcedores, em especial aqueles inseridos numa dinâmica de maior identidade e afetividade com relação ao clube, podem renegar o discurso de ‘futebol é um negócio’ e combater medidas que

⁵⁴ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo, p. 207.

⁵⁵ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”, p. 229.

⁵⁶ LEITE. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown, p. 116.

[...] possam causar prejuízos aos seus iguais”.⁵⁷ Depois, ele lista movimentos organizados por torcedores brasileiros que têm como pauta “o combate à mercantilização da paixão”.⁵⁸

Pois é justo aqui, ao falar em resistências, que quero introduzir a análise do caso do Náutico e da Arena Pernambuco. E cito o exemplo do Timbu⁵⁹ não só por ser emblemático, mas também pela proximidade geográfica, já que João Pessoa e Recife estão divididas por apenas 120 km de distância.

Como eu dizia, o Náutico firmou uma parceria com a construtora Odebrecht e o consórcio que geria a Arena Pernambuco em 17 de outubro de 2011, para que assim passasse a mandar os seus jogos no local a partir de 2013, depois que as obras do novo equipamento fossem concluídas. O contrato seria de 30 anos e neste período o clube receberia um valor mensal fixo do consórcio, que em troca receberia uma porcentagem da arrecadação com ingressos a cada jogo.⁶⁰ Alguns meses antes da assinatura oficial, inclusive, o clube já havia colocado o Estádio dos Aflitos⁶¹ e boa parte da sua sede social à venda. Reportagem do Jornal do Commercio dizia que o clube esperava arrecadar algo em torno de R\$ 100 milhões com o negócio.⁶² Em novembro daquele mesmo ano, nove construtoras tinham enviado algum tipo de proposta para ficar com a área, localizada em um bairro de classe alta recifense.⁶³

Na prática, o Timbu estava abrindo mão de um campo de futebol que fazia parte da história do clube desde 1918, e que se tornaria estádio por volta de 1939,⁶⁴ para mandar seus jogos em uma arena maior e mais moderna, que ainda nem estava totalmente pronta, mas que vinha sendo erguida em São Lourenço da Mata, município da Grande Recife localizado a 19 km do centro da capital pernambucana.

⁵⁷ SANTOS. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras, p. 3.

⁵⁸ SANTOS. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores, p. 11.

⁵⁹ Um dos apelidos possíveis para o Náutico, sendo esse em referência a sua mascote.

⁶⁰ GLOBOESPORTE.COM. Náutico assina contrato e oficializa ida para a Arena Pernambuco, 17 out. 2011.

⁶¹ Nome oficial: Estádio Eládio de Barros Carvalho, de propriedade do clube alvirrubro e tem capacidade para pouco mais de 22 mil torcedores.

⁶² MENEZES. Estádio dos Aflitos à venda, 18 ago. 2011.

⁶³ GLOBOESPORTE.COM. Náutico recebe propostas para arrendamento dos Aflitos, 08 nov. 2011.

⁶⁴ GOMES. De campo até se tornar estádio, Aflitos marca época no futebol de PE, 31 mai. 2013.

A estreia do Náutico na arena aconteceu em 22 de maio de 2013, num amistoso em 1 a 1 com o Sporting de Portugal.⁶⁵ O time se mudou de vez para a nova casa depois da Copa das Confederações daquele mesmo ano, que foi realizada entre 15 e 30 de junho. Mas, nada sairia como o planejado a princípio.

Quem explica parte dessa história é o jornalista esportivo recifense Elton de Castro,⁶⁶ em entrevista que realizei com ele em 10 de junho de 2020. O jornalista comenta que o acordo financeiro era bom para o Náutico, e que de início a torcida aceitou a mudança, mas não tardou para acontecer “uma série de rupturas emocionais”.

Para começo de conversa, a Arena Pernambuco fica muito mais longe do que o torcedor estava acostumado com os Aflitos. E isso se tornou um problema ainda maior quando as obras de mobilidade urbana não ficaram prontas. O metrô, prometido a princípio para ir até a porta do estádio, só deixava o torcedor a dois quilômetros da arena, e assim mesmo esse só funciona até 22h. Em jogos televisionados com início às 21h45, o torcedor alvirrubro só tinha como usar o metrô na ida. Na volta, tinha que se contentar com linhas de ônibus escassas e extremamente demoradas.

E, se a opção fosse ir de carro, a única saída era deixar o veículo no próprio estacionamento privativo da arena, cujo acesso custava R\$ 20 por jogo. Isso sem contar os ingressos: preço médio de R\$ 20 nos Aflitos, de R\$ 50 na Arena Pernambuco. “O recifense não gosta de ir para a arena. É longe para cacete. O trânsito da volta é muito ruim. E o transporte público uma merda. É moderno, confortável, mas a torcida não gosta de ir”, resume Elton.

Outra questão começou a incomodar o torcedor. A arena não era do clube, e isso levava a algumas situações inusitadas. Em 07 de julho de 2013, logo na estreia do Náutico atuando na arena em jogos oficiais, o clube pernambucano jogaria pela Série A do Brasileirão com a Ponte Preta. Mas, para o mesmo dia, o Botafogo do Rio de Janeiro resolveu mandar o seu jogo contra o Fluminense no mesmo estádio. O consórcio da Arena Pernambuco, então, priorizou o clássico carioca e obrigou o

⁶⁵ FITIPALDI. Náutico e Sporting empatam no primeiro jogo da Arena Pernambuco, 22 mai. 2013.

⁶⁶ Conversei com vários atores, mas neste artigo citarei dois que me autorizaram o uso de seus nomes.

Timbu a antecipar a sua partida para o dia seis.⁶⁷ A medida revoltou os torcedores locais. “O que é casa de todos no fim não é de ninguém”, finaliza o jornalista.

Torcedor fanático do Náutico desde os quatro anos de idade, Daniel Santana, de 34 anos, corrobora com o que Elton de Castro diz, agora sob a ótica de um apaixonado. Ele comenta que frequentar a Arena Pernambuco como casa do Timbu foi sempre “uma experiência muito melancólica” e explica que não tardou para existir “uma animosidade da torcida com o local”.

O papo com ele também aconteceu em 10 de junho de 2020. E o depoimento que ele dá corrobora com muito do que já foi dito aqui:

A Arena Pernambuco é o melhor estádio que eu já fui na minha vida. Mas o futebol não é só isso. O jogo começa antes de a bola rolar. As pessoas se encontram antes. Mas na Arena Pernambuco isso é muito limitado. Você não tem um bar perto. [...] No entorno dos Aflitos tem uma série de bares. Dentro do próprio clube tem o Bar do Americano. É um espaço de confraternizações que não existe na arena. [...] Os Aflitos é um estádio menor. A noção de espaço vazio não existe lá. [...] Tem a questão emocional também. Todo torcedor do Náutico gosta de estar nos Aflitos. É um estádio apertado, com atmosfera própria, perto da linha de campo. O lugar do torcedor do Náutico é os Aflitos.

A torcida do Náutico, então, ainda de acordo Daniel Santana, não tardou para iniciar um árduo trabalho de convencimento, por meio de protestos e de outros canais de diálogo, para convencer a diretoria do clube a fazer o caminho de volta para o Estádio dos Aflitos, cujo projeto de venda acabou sendo sustado. O clube deveria permanecer na Arena Pernambuco por 30 anos. Ficou pouco mais de cinco, apenas, retornando à antiga casa em 2019. Num processo, aliás, que se iniciou ainda em 2016, quando o clube lançou a campanha “Voltando pra Casa”,⁶⁸ com o objetivo de arrecadar dinheiro para a reestruturação dos Aflitos, que estava abandonado desde 2013.

E como mais uma demonstração do que já foi dito aqui sobre o conceito de Bale, que defende que os estádios de futebol e os sentimentos topofílicos que esses geram nos torcedores têm o poder de interferir positivamente no desempenho esportivo dentro de campo, basta dizer que, em 2013, quando o Náutico deixou os Aflitos para passar a mandar os seus jogos na Arena Pernambuco, o clube jogava a

⁶⁷ ZIRPOLI. A costura de Fluminense x Botafogo no lugar de Náutico x Ponte na Arena, 27 jun. 2013.

⁶⁸ WAGNER. Náutico realiza campanha para volta aos Aflitos, 22 ago. 2016.

Série A do Brasileirão. Em 2019, quando retornou aos Aflitos, já estava na Série C.⁶⁹ E logo no ano de retorno à velha casa o clube se sagrou campeão da terceira divisão e retornou ao menos à segunda divisão nacional.

CONCLUSÃO: A VIRTUDE ESTÁ NO MEIO

Eu sugiro pensar os estádios de futebol como lugares que têm história. Em certo aspecto, até, vida própria. E a relação desses locais com os torcedores vão para além do meramente técnico, racional, estrutural.

Quando os torcedores de um clube como o Botafogo da Paraíba veem os jogadores do time adentrarem no campo de jogo de um estádio como o Almeidão, eles carregam juntos em seu imaginário toda uma carga afetiva, simbólica, histórica, fruto de uma memória acumulada e que transcende qualquer análise lógica. Que, como exposto aqui, têm repercussão dentro de campo.

Em 2007 e 2008, no período que separou a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e a definição das cidades-sedes que receberiam jogos oficiais, praticamente todo mundo quis tirar algum proveito disso. Diante da possibilidade de investimentos públicos milionários, passando pela visibilidade turística que o megaevento poderia proporcionar, dezenas de cidades oficializaram o desejo de receber a competição. E, ainda que a candidatura pessoense não tenha chegado nem perto de prosperar, ela existiu.

Mais de dez anos depois, no entanto, o que quero sugerir é que foi um excelente negócio para um futebol marginal – e pobre – como o paraibano ficar de fora da Copa. O América de Natal, por exemplo, que mandava os seus jogos no Machadão, praticamente sumiu do cenário futebolístico nacional depois da demolição do antigo estádio para a construção da Arena das Dunas. E o caso amplamente exposto aqui da relação entre Náutico e Arena Pernambuco, mesmo num futebol mais rico e bem estruturado como o pernambucano, é outra evidência sobre a complexidade da questão.

⁶⁹ O Náutico foi rebaixado para a Série B ainda em 2013 e para a Série C em 2017.

Aliás, pode-se dizer que nem mesmo João Pessoa passou incólume pela Copa do Mundo. Depois de ser preterida como cidade-sede, tentou, sob o argumento de estar localizada entre Recife e Natal, ser sub-sede da competição, candidatando-se como possível local de treinamento para alguma das 32 seleções que participariam do Mundial.

Naquela época, a Prefeitura Municipal de João Pessoa estava construindo ao preço de R\$ 5,2 milhões a Vila Olímpica do Valentina, um complexo esportivo que incluiria uma pista de atletismo de padrões internacionais para formar novos atletas na cidade.⁷⁰ Mas, sob o pretexto de adequar o espaço para as exigências da Fifa, o projeto da Vila Olímpica foi sustado em 2013,⁷¹ quando já estava 70% concluído. Em seu lugar, foi proposto o Centro de Treinamento do Valentina, onde até hoje é possível ver as marcações do que seriam a pista de corrida, as pistas de saltos e os bancos de areia. Todos aterrados e sem usos.⁷²

No fim das contas, nenhuma seleção escolheu a capital paraibana como centro de treinamento. A cidade ficou sem uma Vila Olímpica municipal, sem Copa, e com um estadiozinho minúsculo, um microelefante branco com capacidade para apenas 1.200 torcedores, que hoje em dia é subutilizado, mesmo sendo destinado para jogos amadores ou entre clubes de menor expressão do futebol local.⁷³

Mas, ao menos, o Almeidão foi preservado. E como dado adicional para ressaltar a importância dessa preservação, basta dizer que arenas construídas em cidades como Manaus e Cuiabá passam por dificuldades anos depois da competição mundial ter sido encerrada e precisam se reinventar longe do futebol para serem minimamente rentáveis. A primeira já recebeu shows, bazares,

⁷⁰ PMJP. Prefeitura constrói Vila Olímpica no Valentina com estrutura para competições internacionais, 25, mai. 2012.

⁷¹ MADRUGA. João Pessoa vai ganhar Centro de Treinamento para a Copa de 2014, 16 abr. 2013.

⁷² CALDAS. Para não esquecer: como um complexo esportivo virou estádio de segunda linha, 03 mar. 2015.

⁷³ O local acabou sendo batizado de Estádio Ivan Tomaz, o Tomazão, mas sem muita necessidade de existir porque João Pessoa já possui desde 1944 o Estádio da Graça, igualmente municipal, com capacidade para cinco mil torcedores e que já servia para clubes menores como alternativa ao Almeidão.

festivais e até colação de grau de ensino secundarista.⁷⁴ A segunda teve parte de sua estrutura transformada em escola estadual e salas de aula em 2017.⁷⁵

Os altos valores investidos não parecem justificar os usos que são feitos desses espaços atualmente. E, pior, a que custo sensorial. No caso de Manaus, a arena foi construída onde existia o Estádio Vivaldão,⁷⁶ que ao longo de 40 anos foi o palco da maior parte da história afetiva dos torcedores de Rio Negro e Nacional, os dois principais clubes do Amazonas.

A propósito, só um detalhe extra: os próprios nomes populares dos estádios de futebol falam muito sobre essa topofilia que tanto se discutiu aqui. Não importa como são batizados esses espaços, eles em regra são ressignificados pelos torcedores, pelo povo, pela coletividade. Poucos são os que frequentam estes estádios e sabem quem foi José Américo de Almeida Filho, João Machado, Eládio de Barros Carvalho. Mas todos sabem onde ficam, todos têm histórias para contar, todos lembram algum drama ou alguma glória vividos no Almeidão, no Machadão, nos Aflitos.

Tal como escreveu Eduardo Galeano, afinal, “o estádio do rei Fahd, na Arábia Saudita, tem palco de mármore e ouro e tribunas atapetadas, mas não tem memória nem grande coisa a dizer”.⁷⁷

Como arremate final, penso que João Pessoa não tinha mesmo chances de vencer qualquer disputa para receber jogos da Copa do Mundo de 2014. A cidade está encravada entre o apelo imagético do turismo de Natal ao norte e a grandiosidade de uma metrópole (inclusive futebolística) como Recife ao sul.

Porém, foi ao ser preterida que, paradoxalmente, ajudou a revelar as contradições dos empreendimentos vultosos em torno das novas arenas. Modernas, mas excludentes. Confortáveis, mas sem afetos. Caríssimas, mas sem usos que as justifiquem economicamente. Ao menos em alguns casos, quem ficou onde estava, parece, se deu melhor em todo o processo.

Se certa fragilidade política e econômica alijou João Pessoa do dito processo de modernização do futebol, suas formas de torcer acabaram ganhando potência

⁷⁴ LEONEL. Arena da Amazônia completa 4 anos entre sonhos e dura realidade do futebol local, 09 mar. 2018.

⁷⁵ GLOBOESPORTE.COM. Camarotes da Arena Pantanal se transformam em salas de aula; vídeo, 12 abr. 2017.

⁷⁶ Nome oficial: Estádio Vivaldo Lima, inaugurado em 1970 e demolido em 2010.

⁷⁷ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 26.

sociológica justamente porque se mantiveram criticamente mais afastadas do padrão-Fifa, que impulsionou os exageros do consumismo esportivo hoje tão presentes estádios afora.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BALE, Jhon. **Sports Geography**: Second Edition. London and New York: Routledge, 2003.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença na cidade. **Lugar Comum**, n. 18, p. 91-102, 2003.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O belo e suas torcidas**: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 2019.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. A casa de todo botafoguense: sentimentos topofílicos que unem a torcida do Belo em torno de um mesmo Almeidão. In: Semana de Antropologia do PPGA/UFPB, 4, 2018. **Anais Eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/d6lDd>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CURI, Martin. Espaços da emoção: os torcedores no estádio. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia-SP. **Anais Eletrônicos...** Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/3W1x3>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Um teatro milionário. In: ANDREW, Jennings. **Brasil em jogo**: o que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 7-15.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-27, 2019.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

PAIS, José Machado. Bandas de garagem e identidades juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da Silva. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

SANTOS, Irlan Simões. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade**, n. 27, p. 1-18, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Caderno de Campo**. São Paulo, n. 3, p. 20-29, 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 40, p. 149-184, 2013.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CALDAS, Phelipe. Para não esquecer: como um complexo esportivo virou estádio de segunda linha. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 03 mar. 2015. Disponível em: <https://bityli.com/kCu8X>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CALDAS, Phelipe; BATISTA, Silas; WANDERLEY, Hévilla. 40 anos de Amigão e Almeidão: veja curiosidades que cercaram as obras. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 07 mar. 2015. Disponível em: <https://bityli.com/X9IKE>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DAMASCENO, Renan. Maracanã 70 anos: ‘A ideia do estádio inclusivo foi sepultada’, afirma Luiz Antônio Simas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/z1EPf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FITIPALDI, Lucas. Náutico e Sporting empatam no primeiro jogo da Arena Pernambuco. **GloboEsporte.com**, Recife, 22 mai. 2013. Disponível em: <https://bityli.com/DyxmE>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. Copa-2014 terá 12 sedes de Norte a Sul do país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 dez. 2008. Disponível em: <https://bitly.com/9RC0d>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asbeg e Renato Martins. 2016 (73 min.), son., color.

GLOBOESPORTE.COM. Camarotes da Arena Pantanal se transformam em salas de aula; vídeo. **GloboEsporte.com**, Cuiabá, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://bitly.com/4FRC3>. Acesso em: 15 jun. 2020.

GLOBOESPORTE.COM. Náutico assina contrato e oficializa ida para a Arena Pernambuco. **GloboEsporte.com**, Recife, 17 out. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/xad9z>. Acesso em: 14 jun. 2020.

GLOBOESPORTE.COM. Náutico recebe propostas para arrendamento dos Aflitos. **GloboEsporte.com**, Recife, 08 nov. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/omfib>. Acesso em: 14 jun. 2020.

GOMES, Daniel. De campo até se tornar estádio, Aflitos marca época no futebol de PE. **GloboEsporte.com**, Recife, 31 mai. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/rp7Sk>. Acesso em: 15 jun. 2020.

JORNAL EXTRA. CBF recebe as propostas das cidades interessadas em receber jogos da Copa 2014. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 1º jan. 2007. Disponível em: <https://bitly.com/cSohr>. Acesso em: 13 jun. 2020.

LEONEL, Camila. Arena da Amazônia completa 4 anos entre sonhos e dura realidade do futebol local. **A Crítica**, Manaus, 09 mar. 2018. Disponível em: <https://bitly.com/BZvgM>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MADRUGA, Expedito. João Pessoa vai ganhar Centro de Treinamento para a Copa de 2014. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 16 abr. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/oXV9q>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MENEZES, Diogo. Estádio dos Aflitos à venda. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 ago. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/bc7Zw>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PMJP. Prefeitura constrói Vila Olímpica no Valentina com estrutura para competições internacionais. **PMJP**, João Pessoa, 25, maio 2012. Disponível em: <https://bitly.com/7WASz>. Acesso em: 18 jun. 2020.

WAGNER, Thiago. Náutico realiza campanha para volta aos Aflitos. **NE10**, Recife, 22 ago. 2016. Disponível em: <https://bitly.com/vVvY4>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZIRPOLI, Cássio. A costura de Fluminense x Botafogo no lugar de Náutico x Ponte na Arena. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 jun. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/K7Sgn>. Acesso em: 15 jun. 2020.

* * *

Recebido para publicação em: 19 jun. 2020.
Aprovado em: 10 nov. 2020.

Cartografias urbanas, estádios e gestão de conflitos entre torcidas rivais: os casos de Recife e Fortaleza

Urban Cartographs, Stadiums and Conflict Management Between Rival Fans: The Cases of Recife and Fortaleza

Francisco Thiago Cavalcante Garcez

Faculdade Princesa do Oeste, Crateús/CE, Brasil
Mestre em Sociologia, UECE

Geovani Jacó de Freitas

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil
Doutor em Sociologia, UFC

Laura Hêmilly Campos Martins

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil
Doutoranda em Políticas Públicas, UECE

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar comparativamente os usos da Arena Itaipava Pernambuco, em Recife/PE, e do Estádio Governador Plácido Castelo, em Fortaleza/CE, visando a compreender as conexões entre as ações de gestão de conflitos entre torcidas rivais e a cartografia dessas cidades. A pesquisa foi de natureza qualitativa, na qual optamos por abordagem comparativa, tendo como campos de observação as cidades de Fortaleza e Recife. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram pesquisa documental, observação direta, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Constatamos que a cartografia urbana possui um potencial a ser explorado a partir de ações de gestão de conflitos no futebol, entretanto, alguns fatores, como modais de transportes insuficientes e histórico de violência no futebol entre coletivos de torcedores podem mitigar as ações de gestão de conflitos, tanto do Poder Público quanto dos clubes e associações de torcidas organizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão de conflitos; Estádios; Violência; Futebol, Torcida.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze comparatively the uses of the Arena Itaipava Pernambuco in Recife/PE and the Governador Plácido Castelo Stadium in Fortaleza/CE, analyzing the connections between actions of conflict management between rival fans and the cartography of the city. The research was of a qualitative nature, in which we opted for a comparative approach, having as fields of observation the cities of Fortaleza and Recife. The techniques used for data collection were documentary research, direct observation, field diary and semi-structured interviews. It has been argued that urban cartography has a potential to be explored from conflict management actions in soccer. However, some factors, such as insufficient transportation modes and history of violence on soccer among fan groups, can mitigate the conflict management actions of both the Public Power and organized clubs and associations.

KEYWORDS: Conflict Management; Stadiums; Violence; Football, Fans.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo, a partir de uma abordagem comparativa, analisar como ações consideradas violentas podem ser compreendidas a partir da relação entre a cartografia urbana, os usos das principais praças esportivas e as ações de gestão de conflitos entre torcidas rivais, tendo como campo empírico a Arena Itaipava Pernambuco e Estádio Governador Plácido Castelo de pesquisa, também conhecido como Arena Castelão, situados, respectivamente, nas cidades de Recife, capital de Pernambuco, e Fortaleza, capital do Ceará.

Entendemos cartografia urbana como uma constituição cartográfica que se insere além do campo meramente espacial. Que envolve manifestações e cenas existentes nos espaços públicos urbanos. Trata-se de uma cartografia sensível que se interessa pelas “singularidades produzidas nas abrangências dos limiares e bordas da cidade”.¹

Nesta perspectiva, conduzimos a pesquisa mediante processo de investigação com enfoque qualitativo, optando por meio de estudo comparativo entre essas duas cidades. Inicialmente, realizamos pesquisas bibliográfica e documental das quais resultou um balanço teórico do tema, com enfoque sobre as diferentes posições de análise e interpretações sobre futebol, estádios e violência, o que contribuiu com o entendimento e apreensão da problemática em questão.

Em decorrência de pesquisa documental, foram pesquisadas as ocorrências policiais referentes às duas capitais e aos dois Estados. Referidos documentos foram coletados tanto na Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social – SSPS do Estado do Ceará, quanto na Secretaria de Defesa Social – SDS, do Estado de Pernambuco, considerando indicadores criminais disponíveis para consulta pública. Tomamos estes dados estatísticos como parâmetro para situar as duas capitais no que respeita à violência e criminalidade.²

A pesquisa de campo foi desenvolvida durante o período de um ano e meio, entre 2014 e 2015, e realizada em duas etapas. Na primeira, foi realizada

¹ ROCHA et al. Cartografias sensíveis na cidade: experiência e resistência no espaço público da Região Sul do Rio Grande do Sul.

² Reconhecemos que existem outras variáveis que merecem atenção no tocante à violência, no entanto, optamos por esse caminho por não existirem dados precisos que garantam indicadores confiáveis a respeito da violência no futebol.

observação direta em dias de jogos nas duas cidades com a finalidade de compreender como a cartografia da cidade é utilizada para mitigar questões que envolvem conflitos entre torcedores. Consideramos olhares dos Juizados de torcedores nas duas cidades, na condição de agentes externos ao fenômeno da violência no futebol. Aplicamos entrevistas semiestruturadas com quatro trabalhadores responsáveis pela gestão e coordenação dos Juizados de torcedores em Fortaleza e Recife (dois em cada), além de uma coleta de documentos internos.

Na segunda etapa da pesquisa de campo optamos por entrevistar agentes representantes de agremiações que são, também, responsáveis pela gestão de conflitos nas praças esportivas, e que vivenciam diretamente situações tidas como violentas. Neste sentido, foram realizadas entrevistas com quatro diretores das principais torcidas organizadas de Fortaleza e Recife (Torcida Jovem do Sport, Torcida Organizada Fanáticos, Torcida Organizada Inferno Coral, Torcida Organizada Cearamor e Torcida Uniformizada do Fortaleza).

DIMENSÕES DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Importante ressaltarmos que o futebol é, atualmente, considerado patrimônio cultural mundial, com destaque para o Brasil, por ser conhecido como o “país do futebol”. No País, em dias de jogos, são mobilizados torcedores, torcidas, clubes esportivos, comércio, Poder Público, dentre outros, visando a um acontecimento que ocorrerá num determinado estádio de futebol.

Embora apresente um viés lúdico, o futebol associa-se, também, a características percebidas como violentas, pois o esporte mais popular do mundo é, dentre os desportos, o que envolve maiores índices de conflitos e de práticas consideradas violentas,³ sendo muitas delas tipificadas como criminosas, segundo a ordem jurídica vigente.

É nítido que existe preocupação do Estado e da sociedade em relação à problemática da violência no futebol, evidenciada pela urgência da instituição de mecanismos de controle, tais como leis, o Estatuto do Torcedor, Tribunais

³ MURAD. *A violência no futebol*, 2012.

Esportivos, Justiça Desportiva a polícia especializada em eventos. O conjunto desses dispositivos orienta as práticas voltadas para a gestão de conflitos que visam a coibir a violência nos estádios, com aplicação de penas aos transgressores voltadas à mitigação das implicações decorrentes das disputas conflituosas entre as agremiações esportivas e suas entidades torcedoras.

Segundo Carlos Alberto Pimenta,⁴ é possível observar que a preocupação com a legislação esportiva é antiga, ao retratar a Tragédia de Bolton, em 1946, na qual aconteceram incidentes que marcaram a história do futebol.

Richard Giulianotti, ao analisar problemas criados decorrentes das práticas específicas da gestão dos conflitos no futebol, expôs que a maioria de desastres ocorridos no cenário futebolístico (a exemplo, a Tragédia de Heysel, na Bélgica, em 1985, e o Desastre de Hillsburg, na Inglaterra, em 1989) foi resultado de ações executadas pelos Estados em tentativas errôneas de garantir a segurança dos espectadores das partidas de futebol.⁵ Para o autor, o principal responsável pela gestão desses conflitos é o próprio Estado e não as torcidas. As tragédias são consequência da má gestão dos entes estatais, sendo passíveis de serem evitadas. O autor afirma ainda que as “fatalidades anormais nas arquibancadas são mais comumente causadas pela tentativa da polícia de controlar torcedores ‘violentos’ do que pela própria violência das torcidas”.⁶

Sabemos que os integrantes de torcidas organizadas são apontados, por grande parte de agentes públicos, torcedores e mídia, como os principais responsáveis pela violência no futebol.⁷ Lopes, inclusive, ao analisar os discursos enunciados no atual debate público sobre a violência no futebol brasileiro acerca do torcedor vinculado a atos violentos, identifica narrativas estigmatizantes que relacionam os torcedores a tais atos, mais particularmente, atribuindo responsabilidade direta aos torcedores organizados, mantendo-os em uma situação de dominação.⁸

⁴ PIMENTA. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*, 1997.

⁵ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socio-culturais do esporte das multidões*, 2010.

⁶ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p.101.

⁷ O GLOBO, 2013.

⁸ LOPES. *Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro*, 2013.

Maurício Murad defende que a violência no futebol é um reflexo da violência social, compreendida sob a perspectiva a estrutural, aquela que é expressa por toda a sociedade, como uma categoria constante e mutável ao longo da História.⁹ Este conceito conglomerava tudo aquilo que é considerado violento, de forma individual ou coletiva, e cujos atos infringem o código penal. Esta abordagem nos remete a Murad afirma que, se no Brasil a violência em suas expressões microsociológicas – trânsito, escola, futebol, política – aumentou, isto se reflete no aumento da violência em suas expressões macroestruturais.

Não obstante a interpretação da violência do futebol como um microcosmo social, podemos identificar uma relação entre a excitação proporcionada pela atmosfera futebolística e atos transgressores. Em um de seus principais estudos, Norbert Elias e Eric Dunning argumentam que as civilizações passaram por um processo de suavização da estética da violência na resolução de seus conflitos.¹⁰ Isso ocorre por intermédio de uma longa trajetória de mudanças nos hábitos e costumes por intermédio de um longo processo civilizador, cujas consequências incidiram diretamente no autocontrole das pulsões e das condutas dos indivíduos.

A serem submetidos a essas mudanças, os indivíduos foram submetidos a transformações processuais, de caráter civilizatório, em que determinadas práticas sociais, antes culturalmente aceitas, fossem se transformando e submetidas a novos padrões societários. Cuspir nos espaços de convívio coletivo, escarrar, hábitos de higiene e determinados comportamentos a partir de então considerados grosseiros passaram a ser constrangedores perante a novas regras e etiquetas de convivialidades às novas configurações sociais estabelecida. Segundo Elias, foram mudanças sociais de caráter tanto psico quanto sociogenético.¹¹ Por meio da vergonha e do constrangimento, os indivíduos foram impelidos a desenvolverem novos hábitos civilizatórios, resultando maior sensibilidade em relação às práticas de resolução dos conflitos sem a mediação da violência entre as pessoas ou grupos. Criaram-se mecanismos de adestramento e pacificação dos comportamentos individuais, mediante o estabelecimento do monopólio legítimo da força física e da

⁹ MURAD. *A violência no futebol*, 2012.

¹⁰ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, 1985.

¹¹ ELIAS. *O processo civilizador: uma história dos costumes*, 2011.

violência pelo Estado moderno.¹² Resultou deste longo processo a consolidação dos dispositivos racionais, estabelecidos em leis e rituais jurídicos modernos denominando e julgando práticas delituosas, crimes e contravenções como “homicídio, golpes e ferimentos, estupros etc.”.¹³

Os desportos, em geral, também passaram a ser controlados pelos hábitos de pacificação decorrentes do processo civilizatório. No entanto, o futebol, como prática de lazer, constitui-se um espaço onde as pessoas extravasam suas impulsões e emoções de forma imediata, evidenciando-se, nisto, diminuição do autocontrole e da quebra de determinadas regras de comportamentos cotidianos socialmente aceitos. Para Elias e Dunning,¹⁴ embora isto seja um fato, é pelo desporto, sobretudo no futebol, que toda a carga de energia social de conflitos e disputas extravasam coletivamente, de maneira sublimada, em que os indivíduos fazem catarse coletiva, pela excitação do momento. Sob esta ótica, o desporto revela-se como espaço em que, embora tensamente experimentado, revela, em tese, a força do autocontrole das pulsões, uma vez que a multidão convive ali em suas diferenças, sem que, no entanto, as pessoas se devorem umas às outras. Estes afirmam que:

As actividades de lazer, tal como o procuramos demonstrar, constituem um enclave onde, até certo ponto, os controlos emocionais podem ser atenuados, e no qual a excitação é estimulada e abertamente expressa. Nas nossas sociedades tão bem reguladas, a legitimação de qualquer diminuição de autocontrolo implica riscos não só para as próprias pessoas envolvidas, mas, também, para os outros, para a «boa ordem» da sociedade.¹⁵

Pimenta defende que as regras sociais são afrouxadas numa partida de futebol,¹⁶ o que propicia momentos de transgressões não permitidas nas relações sociais fora do campo do jogo, surgindo daí trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo.

¹² WEBER. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, 1994.

¹³ MUCHEMBLED. *A história da violência*, p. 8.

¹⁴ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, p.176.

¹⁵ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, p.176.

¹⁶ PIMENTA. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*, 2000.

Os participantes são mais tolerantes a certas incivildades, tais como ofensas à genitora de um árbitro ou cantos ofensivos dirigidos para o adversário ou clube rival. Existe legitimação da diminuição do autocontrole em massa. Nesse universo, são construídos códigos específicos cuja gramática moral nem sempre se rege por códigos morais que orientam condutas mais amplas dos indivíduos na sociedade. Roubar uma faixa de um clube adversário, por mais insignificante que possa ser para os demais indivíduos que não partilham de tais códigos específicos, pode se constituir em ato grave e considerado uma ofensa pelos integrantes das organizadas.

Um debate um tanto amplo que existe na sociedade diz respeito à “produção” de violência associada ao futebol. Murad esclarece que existem práticas de violência no futebol e não do futebol.¹⁷ Mesmo que uma prática de violência ocorra num estádio ou na sede de uma torcida organizada, as conexões causais da ação têm uma relação direta com o futebol e com as suas agremiações. Este aspecto pode ser mais bem analisado a partir do que ocorreu na sede da TOC, em Fortaleza. Thiago de Souza Morais, 30 anos, foi assassinado na sede desta torcida. De acordo com notícia veiculada pelo Jornal OPOVO, em 04 de outubro de 2012:

Thiago de Souza Morais, 30 anos, chegou de carro com um amigo a uma oficina vizinha à loja, na Avenida João Pessoa, no bairro Porangabussu. O carro foi deixado na oficina, enquanto os dois foram à loja. Instantes depois, um homem entrou na loja e disparou vários tiros contra Thiago. Não se sabe o que motivou o crime [...] Pinheiro acredita que o crime tenha sido planejado. “Pelas características como tudo aconteceu, é provável que Thiago estivesse sendo seguido”, afirma. Segundo o delegado, Thiago já fez parte da Cearamor, “mas ainda não se sabe se o crime tem alguma ligação com brigas de torcidas”. “Pode ser apenas uma coincidência o homicídio ter acontecido na sede da Cearamor”, diz [...] Este é o terceiro homicídio contra pessoas que seriam ligadas à Torcida Organizada Cearamor (TOC), em menos de um mês.¹⁸

Em contraponto ao divulgado, B.P, ex-diretor da TOC, um dos nossos entrevistados, descreveu o ocorrido:

Foi tráfico, o Thiaguinho era traficante, muita gente fazia vista grossa. Ele estava lá na loja tranquilo conversando com os caras e o cara, que era da CEARAMOR também, chegou numa moto, aí ele falou: – Ei Felipe (censuramos o nome original para preservar a identidade do

¹⁷ MURAD. Violências e mortes no futebol brasileiro: reflexões, investigações, proposições.

¹⁸ OPOVO, 2012.

interlocutor) não tenho nada contra você não, viu, meu problema é com ele aqui. Aí levou ele pra fora, ajoelhou ele e meteu bala. Ali foi tráfico... Todo mundo sabia... Aí foi pra conta das organizadas nos prejudicando ainda mais. [...] Se fosse por causa de torcida tu não acha que ele teria matado mais gente, não?

Podemos constatar que os dados publicados pela mídia são imprecisos e não oficiais. Cabe ressaltar que ainda não existe instituição responsável pela coleta desse tipo de dados. A mídia possui seu ponto de vista sobre os fatos e o Estado, muitas vezes, é influenciado a corroborar a visão midiática, tomando-a como parâmetro para definir sua atuação. Por outro lado, os torcedores tentam se defender, buscando demonstrar isenção de responsabilidade, como podemos atestar na fala de um dos integrantes de 'organizada', abaixo:

Estamos percebendo que com a introdução das drogas, muita gente da torcida está morrendo, mesmo sendo uns 5% que usam, causa sim toda uma comoção na mesma, pois de imediato, além da perda humana de um amigo, a imprensa trata logo de associar as brigas de torcidas, o que é uma mentira. Tanto que traficantes, numa medida de confundir a polícia, trata de apagar devedores de drogas justamente em dias de clássico. (B.P, ex-diretor).

Ao atribuírem a culpa da morte de um torcedor ao tráfico, constatamos existir uma luta classificatória em torno dos homicídios de torcedores. Para este nosso entrevistado, existem estratégias do crime organizado que, numa espécie de camuflagem, pratica os crimes premeditados em dias de clássicos, o que acaba por confundir as investigações policiais.

Destarte, duas modalidades de violência são percebidas. A primeira estando diretamente relacionada à violência num sentido macro e, a segunda sendo consequência da excitação que envolve as ações que constituem o ato de torcer.

ARENA ITAIPAVA PERNAMBUCO: O CASO DE RECIFE

A Arena Itaipava Pernambuco é um estádio que foi construído para sediar grandes eventos, servindo como palco para a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do

Mundo de 2014.¹⁹ A arena fica localizada em São Lourenço da Mata, município da Região Metropolitana de Recife.

O acesso à Arena se dá por modal rodoviário, entretanto, o sistema de transporte público de Recife tem uma proposta de acesso a ela de modo interligado aos demais modais (aéreo, ferroviário e rodoviário), o que facilitará a locomoção dos usuários ao equipamento, mesmo este estando a quase 20 km de distância de Recife. Em dias de jogos, principalmente naqueles de grande apelo,²⁰ a cidade tem à disposição três modais de transporte e utiliza linhas expressas que formam bolsões em terminais e/ou estações de metrô. Após os jogos, são colocados, pelo menos, cinco ônibus disponíveis para os torcedores se deslocarem à Estação de Metrô de acesso mais próximo à Arena, proporcionando opções de transporte para que cada torcedor regresse ao seu destino de origem. A distância entre o estádio e a Estação de Metrô Cosme e Damião leva em média 15 min. para ser percorrida.

Os consumidores do serviço de transporte público que se dirigem ao estádio recebem uma pulseira que serve para evitar aglomerações e filas desnecessárias para ingresso nos ônibus, evitando tumultos. Funcionários são incumbidos de verificar quem tem a pulseira para liberar a entrada ao transporte.

A partir de ano de 2012, passamos a observar muitos casos de violência no futebol brasileiro. Entre vários acontecimentos no País, Recife foi cenário de casos emblemáticos de brigas e vandalismos envolvendo torcedores, com repercussão nacional. Em decorrência destes fatos houve especulações em torno da proibição das agremiações diretamente acusadas de envolvimento nesses episódios. Concretamente, medidas foram tomadas no âmbito judiciário, a exemplo da suspensão de TOFs responsáveis de acessarem o estádio por alguns jogos.

Em 2014, depois de repetidos casos de violência em Recife, em uma partida entre o Santa Cruz e o Paraná Clube, no estádio do Arruda, ocorreu de um torcedor do Sport Club do Recife, que estava no espaço reservado para a torcida do Paraná, falecer após ser atingido por um vaso sanitário arremessado por um torcedor do

¹⁹ Embora tenha sido construída com esse propósito, existem outros três grandes estádios no Grande Recife: Aflitos – Náutico, Arruda – Santa Cruz e Ilha do Retiro – Sport Clube Recife, mesmo assim, os três maiores clubes também utilizam a arena.

²⁰ Em Recife, temos o Clássico das Multidões (Santa Cruz x Sport), o Clássico dos Clássicos (Náutico x Sport) e o Clássico das Emoções (Náutico x Santa Cruz). A rivalidade é dividida entre três grandes torcidas.

próprio time. Em decorrência deste evento, foi decretada pela Federação Esportiva de Futebol de Pernambuco e pelo Ministério Público a proibição de acesso aos estádios de Recife, por tempo indeterminado, das três maiores 'organizadas' da cidade: Torcida Organizada Inferno Coral (TOIC) do Santa Cruz Futebol Clube, Torcida Jovem Fanático (FANÁTICO) do Clube Náutico Capibaribe e Torcida Jovem do Sport (TJS) do Sport Club do Recife. Além desta medida, houve a interdição do Estádio do Arruda por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Tais medidas ocorreram em decorrência do estabelecimento de um sistema de alianças entre as torcidas organizadas. O diretor da Torcida Organizada Inferno Coral (TOIC) descreve essas alianças enfatizando os seus objetivos de escolta, hospedagem, manter e fazer novos laços de amizade e auxílio em eventualidades contra torcidas locais.

Na verdade, é pra nos proteger, não da violência, mas, exemplo, ter uma facilidade de ir a campo, vamos dizer em Fortaleza. Como a gente não conhece, a gente não é de Fortaleza, então, alguém da TUF vai nos receber. Chega do Recife, ficamos tranquilo, tomamos banho, trocamos de roupa, comemos churrasco, tomamos cerveja, ficamos conversando. Na hora do jogo ficamos mais tranquilo. Então, é uma forma de recepcionar, na verdade um abrigo de amigos e não só de jogo, mas no ano inteiro. Por exemplo, eu, nas minhas férias, eu quero ir pra Fortaleza, tô ali com o pessoal de lá, vamos sair... Vamos pra um barzinho, vamos pra tal lugar. Essa que é a amizade.

Contrariamente à posição do diretor da TOIC, A. P., ex-presidente da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), afirma que

No início era romântico e estava na moda fechar alianças [...] Mero engano [...] As maiores violências registradas em torcidas no Brasil são ligadas as alianças de torcidas, onde se antes a TUF poderia ir pra Curitiba na paz assistir Fortaleza *versus* Coritiba, hoje é confusão muita por sermos aliados dos Fanáticos, principal rival do Coxa [como os torcedores se referem ao time do Coritiba]. Por mim deveria ser proibido torcida organizada viajar, pois sempre vai existir mortes e brigas.

Como podemos observar, além da questão do apoio, as 'organizadas' aliadas assumem a rivalidade local da torcida aliada, o que aumenta o risco em jogos interestaduais. A rivalidade agressiva não fica restrita apenas a times de uma mesma cidade que lutam por uma hegemonia local, mas a todo o Brasil. Por exemplo, existe grande rivalidade, com histórico, inclusive, de homicídios, entre a

TUF e a Torcida Uniformizada Terror Bicolor (TUTB), do Paysandu Sport Club do Pará, que é aliada à TOC. Por sua vez, a TUF se aliou à Torcida Organizada do Remo (TOR), do Clube do Remo, arquirrival do Paysandu na cidade de Belém do Pará. Essas alianças acabam por aumentar a complexidade da rivalidade entre as torcidas organizadas.

No contexto da pesquisa, além de estarem proibidas de ir aos estádios,²¹ as torcidas não poderiam também utilizar e comercializar, em Recife, produtos que contivessem seus símbolos. No entanto, essas torcidas criaram alternativas, como abrir as lojas apenas com o símbolo do clube (e não da TOF), comparecer ao estádio em grupo, ocupando o mesmo espaço, sem suas características peculiares, além de priorizarem músicas de apoio ao clube.

A experiência de Recife, no que respeita às práticas de gestão de conflitos no esporte, é tida como um bom exemplo para o restante do País. Em Recife, a experiência de gestão de conflitos entre torcidas executada pelo Poder Público encontra-se em fase intermediária. Trata-se da experiência pioneira no Brasil em relação ao acompanhamento dos apenados. O Juizado Especial Cível e Criminal do Torcedor (JETEP) teve seu surgimento em 26 de maio de 2006, sendo o primeiro Juizado do Torcedor instituído no Brasil, e desde então atua em todos os jogos na capital pernambucana.

Como garantia que ficarão afastados dos locais da realização dos jogos, os apenados têm de comparecer em local determinado pelo juizado nas ocasiões em que o seu time tenha um jogo em Recife.²² No interior do Juizado, existe um projeto de acompanhamento aos apenados.

O Projeto Futebol Cidadão, que prevê a aplicação de penas alternativas ao torcedor infrator, adaptou o modelo europeu à realidade brasileira buscando trabalhar as potencialidades dos jovens apenados. A coordenadora do Projeto Futebol Cidadão explica como acontece durante o processo desde a apreensão do jovem transgressor, ressaltando que é um modelo traçado pelo Estatuto do Torcedor:

²¹ Proibidas no plano simbólico. A “organizada” era proibida, mas seus componentes não. Eles apenas iam descaracterizados como membros de torcidas organizadas.

²² Exceto por motivo de saúde comprovado via atestado médico.

[...] o que acontece? É um crime! Pequeno delito, que seria uma prisão até dois anos, ou seja, teria uma prisão que seria dois meses, três meses, seis meses, um ano. Então, aquilo ali é transformado numa medida alternativa, né?! Que seria no caso o afastamento, se for promover tumulto ou alguns delitos que está lá no estatuto do torcedor, o 41d [...] Primeiro, a gente recebe aquele jovem durante a semana, antes do primeiro jogo, orienta ele o horário que tem que comparecer. Geralmente, a gente está pedindo pra comparecer uma hora antes do jogo, chegando aqui, a gente começa a discutir com ele vários temas. Cada encontro é um tema, certo? A gente trabalha com dinâmicas de grupo, a gente trabalha temas como álcool, respeito às diferenças, entendeu? A própria violência no estádio de futebol, as causas e as consequências disso... Isso tudo em grupo pra eles começarem a dividirem isso porque talvez eles nunca discutiram esse assunto. Então é uma maneira de estarem juntos: por que isso? Por que isso acontece? Por que isso é assim? E é a causa disso. E pra isso a gente faz uma reunião aqui no grupo e são muitos encontros dessa forma, outros encontros de outros temas que não tá bem relacionado à questão da violência nos estádios, mas a violência... A Lei Maria da Penha, da violência contra a mulher.

Percebemos, segundo o depoimento de nossa interlocutora, a ênfase do Programa em tratar o apenado como sujeito de direitos, responsabilizando-o pelo crime cometido, mas também abordar outros aspectos que podem contribuir na diminuição de reincidência.

As ações de gestão de conflitos entre torcidas em Recife demonstraram considerar etapas de prevenção de situações de risco. Além disso, é realizado um acompanhamento dos apenados, após os atos transgressivos terem acontecido. Neste sentido, pudemos constatar, com maior evidência, que a capacidade de intervenção do Estado não se resume apenas à repressão e à força, mas conjugam-se, aqui, políticas preventivas, gestão de pessoal, controle infra estrutural dos transportes públicos – mediados por tecnologias sociais que imprimem certa singularidade local, cujos resultados se verificam, tanto no âmbito esportivo como no de segurança pública, na redução do número de homicídios na cidade e, particularmente, nos eventos esportivos nos estádios.

ESTÁDIO GOVERNADOR PLÁCIDO CASTELO: O CASO DE FORTALEZA

O Estádio Governador Plácido Castelo, ou Arena Castelão, é o principal palco dos grandes jogos na cidade de Fortaleza. Foi inaugurado em 1973, sendo fechado no

ano de 2011 para reforma visando à Copa das Confederações de 2013 e para a Copa do Mundo de 2014.

O acesso se dá pela malha rodoviária. Fortaleza dispõe de seis terminais urbanos na cidade, com interconexão entre eles. O único tipo de transporte público que passa nas proximidades da Arena Castelão é justamente o ônibus. E, em dias de jogos, o terminal mais próximo que recebe mais torcedores de várias partes da cidade é o Terminal Parangaba, situado no bairro de mesmo nome.

Por conta das poucas vias de acesso à Arena Castelão, em dia de grandes jogos, comumente ocorrem congestionamentos nas ruas que possuem mais risco de confronto entre torcedores, a exemplo da Avenida Dr. Silas Munguba, principal via de acesso da Arena Castelão ao Terminal da Parangaba e à Estação do Metrô, conexa ao terminal.

Nessa avenida localiza-se a Praça da Cruz Grande, popularmente conhecida como Praça da Serrinha, por se localizar no bairro da Serrinha. Esta praça configura-se como território simbólico do Movimento Força Independente (MOFI), ligada ao time Ceará e, quando os torcedores do Fortaleza passam por esse espaço, ocorrem confrontos motivados por ambas as partes.²³ Esta peculiaridade da Av. Silas Munguba, como espaço estratégico de acesso do Terminal Urbano da Parangaba ao Estádio, transforma a região em palco de disputas, o que gera um ciclo de reprodução de práticas conflituosas muitas vezes culminando em violência, pois à medida que uma torcida comete um ato, a rival responde com igual teor.

Em Fortaleza não existem linhas exclusivas para o transporte do torcedor, como ocorre nos jogos em Recife. O transporte público, nesse sentido, é utilizado tanto por torcedores que vão aos jogos como por indivíduos que não vão para o Estádio, mas precisam utilizar o transporte público para se locomoverem até os seus destinos.

Os autores desses atos transgressores geralmente agem em grupos, muito deles classificados como atos de vandalismo (jogar pedras, bombas, rojões nos ônibus) com a intenção de agredir fisicamente um ou mais torcedores rivais. Caso

²³ Em proporção menor, porém não menos relevantes, são comuns nas adjacências, ações de integrantes da Jovem Garra Tricolor (JGT) do Fortaleza, que investem contra a torcida adversária.

sabido é que, em dias de jogos envolvendo os dois principais times da cidade, muitas pessoas evitam transitar nas linhas de ônibus cujo percurso dá-se pela avenida, temendo serem vitimizadas por algum desses conflitos.

Existe também a preocupação dos torcedores em relação ao regresso do Estádio, por conta de casos de vandalismo praticados por alguns torcedores. Neste sentido, há empresas de ônibus urbanos que permitem alteração no trajeto da linha de forma a não transitar nas proximidades do Estádio ou mesmo orientam seus motoristas a não parar para os torcedores que estiverem por lá, esperando diminuir a quantidade de torcedores, conforme expõe um funcionário da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR), em entrevista informal registrada em diário de campo durante a realização da pesquisa: “Nesses jogos assim, a empresa pede para os motoristas não pararem [...] eles pegam até desvio [...] qualquer jogo são muitos ônibus quebrados [...] (para poder voltar) tem que ter muita paciência”.

De acordo com observação direta, em campo, os torcedores se veem obrigados a utilizar transporte privado devido à ausência de transporte público destinado à locomoção de torcedores ao Estádio. Nessas situações, apenas quando o fluxo de torcedores começa a diminuir nas adjacências do equipamento, os ônibus retornam, viabilizando o transporte.

A deficiência no transporte público não envolve unicamente a logística, mas obstáculos que afetam o planejamento eficaz das instituições públicas e seus gestores, além dos agenciamentos das próprias torcidas a fim de que não ocorram situações de conflitos e violências.²⁴

No período de realização da pesquisa de campo, o projeto executado pelo Juizado do Torcedor e de Grandes Eventos (JTGE), em Fortaleza, se encontrava em fase inicial de funcionamento, tendo iniciado suas atividades em 2013. Nesse período, o Juizado estava em busca de parceiros para que realizassem atividades

²⁴ As experiências mais exitosas na relação entre transporte público e grandes eventos esportivos em Fortaleza se deram na Copa do Mundo de 2014 e na Copa das Confederações em 2013, atendendo às demandas do chamado ‘Padrão FIFA’ de qualidade. No entanto, as práticas desenvolvidas para o Mundial não foram aproveitadas posteriormente em grandes jogos dos times da Capital, mesmo com experiência considerada positiva das ações de planejamento e de organização para a Copa do Mundo.

de cunho socioeducativo com os apenados. Por indisponibilidade de recursos humanos, não havia condições de o Juizado manter e obrigar o apenado a ali comparecer nos horários estabelecidos por lei.

Diferentemente de Recife, em Fortaleza não existe acompanhamento sistemático aos apenados nos dias de jogos. Eles são julgados e, após isto, comparecem ao JTGE apenas para comprovar que não estão no estádio nem em suas proximidades nos confrontos entre os dois principais times da cidade – o Ceará e o Fortaleza. Entretanto, em outras situações, como partidas entre o Ceará e Vitória/BA ou Fortaleza e Icasa/CE, da cidade de Juazeiro/CE, o comparecimento ao Juizado dos torcedores apenados é dispensado.

Nos jogos entre Ceará e Fortaleza, os apenados ficam sob a custódia de um grupo de policiais, diferentemente de Recife, inexistente qualquer tipo de acompanhamento ou intervenção pedagógica, como palestras, dinâmicas de interação e integração, dentre outros, participando de atividades socioeducativas. Nos demais jogos, os torcedores não precisam comparecer ao Juizado, no entanto, ficam proibidos de irem ao estádio.

Cabe ressaltarmos, mais uma vez, que a equipe do Juizado em Fortaleza vem tomando algumas providências para que possam realizar acompanhamento integral dos apenados, por intermédio de uma equipe voluntária e interdisciplinar para o acompanhamento dos torcedores proibidos de frequentarem os jogos. A ideia inicial, conforme o planejamento proposto pela juíza titular da Vara, é trabalhar os aspectos sociais do indivíduo para evitar reincidência. Numa reunião na qual participamos, ela chegou a afirmar que existe a disponibilidade de profissionais do Poder Público realizarem palestras destinadas a esse público-alvo.

O Juizado de Fortaleza, assim exposto, não conta com projeto ou atividade socioeducativa voltada para os torcedores apenados, embora seja perceptível a preocupação de seus operadores em criar condições de superação desta situação, uma vez que a Lei 10.671, de 2003, determina que sejam implantados o programa de acompanhamento dos apenados. Segundo a própria juíza entrevistada “não basta estar apenas condenando e apenando, a gente tem que implantar programas que dê para reeducar”. (M. J. B., juíza titular do Juizado do Torcedor e Grandes Eventos da Comarca de Fortaleza).

Alguns poucos juizados no Brasil trabalham na perspectiva de reintegração do indivíduo na sociedade, reeducação, como menciona a juíza. Cidades como Recife e Rio de Janeiro são consideradas modelos a serem seguidos por conta de experiências exitosas nesse sentido. A existência dessas experiências aumenta a pressão exercida pelo Estado para implementação de ações de políticas públicas nos juizados que ainda não as executam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar que existem dois tipos de violência que incidem na criminalidade no futebol. O primeiro diz respeito à quebra da sublimação que é uma característica ligada intimamente ao esporte. Já o segundo, embora presente no futebol, é externa a esse desporto. São os crimes de motivação social – tráfico, falsidade ideológica, posse de armas, cambismo – que são anteriores ao esporte. Mesmo que o cambismo (a venda ilegal de ingressos) ocorra de forma específica no futebol, ela é anterior a esse esporte.

Percebemos que as práticas emotivas ao lado de outros aspectos (drogas, preconceito de classes etc.) afloram evidências de outros campos da dinâmica social. No futebol, o amor das torcidas e a emoção à ‘flor da pele’ levam ao afloramento de violências contidas, o que pode quebrar, mesmo que momentaneamente, o autocontrole conquistado e estabelecido pela civilização como padrão universal de condutas aceitáveis coletivamente.

As tecnologias sociais em Pernambuco, tanto no âmbito esportivo como no de segurança pública, contribuíram para redução do número de homicídios na cidade. Fortaleza está buscando medidas para reduzir o impacto da violência urbana. Em Fortaleza, assim como em várias cidades do interior do Estado, foram implantadas mudanças na gestão da segurança pública, por meio de projetos com propostas inovadoras, a exemplo do Pacto por um Ceará Pacífico. No entanto, ainda não realiza um trabalho específico com os apenados relacionados a transgressões vinculadas aos enfrentamentos de práticas denunciadas e classificadas como violentas e criminosas, associadas às torcidas organizadas e ou casos correlatos, visando à redução da reincidência. Apesar do esforço da equipe do Juizado do

Torcedor local, ainda não há garantias que esse modelo, iniciado em Recife, venha a fazer parte de programas de socioeducação desenvolvidos em Fortaleza.

As condições estruturais da cartografia urbana podem contribuir para mitigar ou agravar situações de violência no futebol. Cabe a gestão pública e aos protagonistas do espetáculo (torcidas, clubes e federações locais) tomarem medidas potencializando os usos da cartografia urbana para evitarem situações de violência.

* * *

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 12.299, de 27 de julho de 2010.** Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei no 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: encurtador.com.br/hOZ78. Acesso em: 12 jul. 2019.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: DIFEL, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e sócio-culturais socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 597-612, dez. 2013.

MUCHEMBLED, Robert. **A história da violência.** São Paulo: Zahar, 2012.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol.** São Paulo: Saraiva, 2012.

MURAD, Maurício. Violências e mortes no futebol brasileiro: reflexões, investigações, proposições. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 13. n. 1, p. 57-72, 2013.

OPOVO online. Homem é morto na loja da Torcida Organizada Cearamor. Fortaleza, 10 abr. 2012. Disponível em: encurtador.com.br/kxW15. Acesso em: 01 jul. 2019.

O GLOBO. Pesquisa mostra que brasileiro culpa torcidas organizadas por violência no futebol. Rio de Janeiro, 10 dez. 2013. Disponível em: encurtador.com.br/alsA7. Acesso em: 01 jul. 2019.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

ROCHA, Eduardo et al. Cartografias sensíveis na cidade: experiência e resistência no espaço público da Região Sul do RS; UFPel; **Pixo**; v. 1; n. 3; 2017; 148-165.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva, v. 1. Editora Universidade de Brasília, 1994.

* * *

Recebido para publicação em: 13 abr. 2020.
Aprovado em: 22 nov. 2020.

Estádios de futebol: o movimento da memória na atribuição de sentidos à Boca do Lobo

Football Stadiums: The Movement of Memory
in the Attribution of Senses to Boca do Lobo

Naiara Souza da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil

Doutora em Letras, UFPEL

naiaraa_souza@hotmail.com

RESUMO: O presente texto origina-se de uma pesquisa de Doutorado na área de Letras, cuja temática principal trata do funcionamento do futebol em nossa sociedade, e, nessa linha, muitas discussões puderam ser propostas na sequência enquanto seguimentos de reflexões teóricas e analíticas. Assim sendo, com o aparato teórico e analítico da Análise de Discurso, tratada também como AD, cujo precursor é Michel Pêcheux, buscamos compreender o sentido atribuído ao Esporte Clube Pelotas, um estádio situado no interior sul do Rio Grande do Sul. Precisamente, atentamo-nos às palavras de um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo quando participou de uma entrevista oral semiestruturada com preponderância à aberta, realizada em 2017, a respeito de sua relação com seu time de preferência. Nosso objetivo é observar a representação do estádio de futebol e os efeitos de sentido que daí se (re)produzem, a partir do movimento da memória “do edifício ao torcedor” e do “torcedor ao edifício”.

PALAVRAS-CHAVE: Estádio; Boca do Lobo; Memória; Sentidos.

ABSTRACT: The present text originates from a Doctoral research in the area of Letters, whose main theme is the functioning of football in our society, and, thus, many discussions could be proposed in the sequence as segment soft he or etical and analytical reflections. Thus, with the theoretical and analytical support of Discourse Analysis, also treated as AD, whose precursor is Michel Pêcheux, we seek to understand the sense attributed to Esporte Clube Pelotas, a stadium located in the southern interior of Rio Grande do Sul. Precisely, we are attentive to the words of a golden-cerulean tattooed an when he participated in a semi-structured oral interview with a preponderance to the open, held in 2017, about your relationship with your preferred team. Our objective is to observe the representation of the football stadium and the effects of sense that are (re) produced based in this representation, from the movement of the memory “From the Building to the Fan” and from the “Fan to the Building”.

KEYWORDS: Stadium; Boca do Lobo; Memory; Sense.

PALAVRAS INICIAIS

O presente texto origina-se de um trabalho de quatro anos de dedicação,¹ cuja temática principal trata do funcionamento do futebol em nossa sociedade, e, nessa linha, muitas discussões puderam ser propostas na sequência enquanto seguimentos de reflexões teóricas e analíticas. Esse período pode parecer pouco tempo, pensando na grandiosidade da temática do futebol, mas, ao trabalhar nesse jogo entre memória e sentidos acerca de um clube situado no interior sul do Rio Grande do Sul, o Esporte Clube Pelotas, observamos que recuperamos um século de história.

Das palavras ouvidas, dos livros lidos, dos jornais folheados, das fotografias vistas e das tatuagens analisadas, emergem diferentes sentidos, tão afetivos quanto singulares, que vão além daqueles sentidos socialmente determinados desde a consolidação do Clube na cidade de Pelotas, sendo (re)construídos e movimentados pelo viés da memória de cada sujeito tatuado torcedor acerca do seu clube.

Tal como bem pontuou José Éder (2010) ao decidir escrever um livro sobre o clássico Bra-Pel, que trata do Clube em questão e do seu rival, o Grêmio Esportivo Brasil, ele sabia que estaria mexendo em um baú riquíssimo, na medida em que foram escritas milhares de páginas de uma história que tem incontáveis cenas a partir da chegada da primeira bola à cidade pelotense. Trata-se, sobretudo, de um Clube que sensibiliza uma grande torcida chamada de áureo-cerúlea pelas cores que remetem ao símbolo representativo do mesmo, amarelo e azul. E como bem lembra o repórter, são incontáveis cenas e inúmeros personagens que fazem parte dessa história.

Assim sendo, com respaldo do aparato teórico e analítico da Análise de Discurso,² tratada também como AD, cujo precursor é Michel Pêcheux, na área da

¹ A Tese de Doutorado desenvolvida nesse período intitula-se *Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel*, defendida no ano de 2019 pela Universidade Federal de Pelotas.

² Enquanto analistas de discurso, com respaldo nas noções teóricas e nos procedimentos analíticos da teoria a qual nos filiamos, propomo-nos a encarar o desafio de estudar o futebol empenhando-nos “em descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009, p. 23), com o cuidado na articulação das três regiões do conhecimento que configuram a própria AD pecheuxtiana, sejam elas o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, considerando ainda o atravessamento da psicanálise ao tratar da subjetividade.

Linguística, buscamos compreender o sentido atribuído ao Pelotas por um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo³ quando participou, em 2017, de uma entrevista a respeito de sua relação com seu time de preferência.⁴ Especificamente, nosso objetivo é observar a representação do estádio de futebol do Esporte Clube Pelotas, conhecido como Boca do Lobo, e os efeitos de sentido que daí se (re)produzem, a partir do movimento da memória “do edifício ao torcedor” e “do torcedor ao edifício”.

O estádio, como entende Damo, é um cenário polifônico, e, sendo assim considerado, constitui-se por uma diversidade de possibilidades de experiências, significadas a partir de referenciais distintos. Segundo ele, essa polifonia resulta das múltiplas inserções dentro e fora do campo. Nesse caso, os torcedores, enquanto sujeitos inscritos nessa posição de torcedor, produzem sentidos quando no seu gesto de torcer.

Ainda segundo o autor, “não é porque os estádios sejam espaços relativamente permissivos que aquilo que é expresso no seu interior seja um *non sense*”.⁵ Dito isso, a partir da posição teórica que assumimos, entendemos os sentidos, noção cara à teoria, como possibilidades que, atribuídas por sujeitos submetidos à ordem do inconsciente e da ideologia e inscritos em determinadas posições, produzem determinados efeitos.

³ Gostaríamos de esclarecer que o sujeito, nessa perspectiva teórica, não é nem dono nem fonte daquilo que diz, pois se encontra submetido ao inconsciente e à ideologia, sendo a subjetividade mera ilusão. Numa teoria não subjetiva da subjetividade, como a AD, trabalha-se, então, com a noção de um sujeito dividido, uma vez que sua inscrição numa formação discursiva se faz imaginariamente através de uma posição. Recorrendo ao legado pecheuxiano, compreendemos que “qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 1990 [2010], p. 31). Orlandi (2012a, p. 49, grifo da autora), autora renomada na AD em nosso país, destaca que não há uma forma de subjetividade, “mas um lugar’ que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz: é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”.

⁴ A entrevista realizada na época da construção do arquivo da pesquisa é entendida como entrevista oral semiestruturada com preponderância à aberta, pois a metodologia aplicada não foi de perguntas e respostas, visto que acreditamos que poderíamos restringir as possibilidades de respostas do sujeito tatuado torcedor caso fosse uma entrevista de estrutura fechada, e também porque em alguns momentos houve nossa interferência a fim de mantermos uma melhor comunicação com ele. Nesse sentido, a partir da apresentação da pesquisa, foi proposto um roteiro ao sujeito com alguns pontos necessários a serem abordados, esses relacionados aos objetivos do trabalho. Mas isto foi somente uma tática de apoio para o sujeito, na medida em que ele poderia utilizar o tempo que entendesse conveniente para se expressar, acrescentando aos pontos iniciais o que julgasse pertinente diante sua história de torcedor (cf. SILVA N., 2019).

⁵ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 415.

Seguindo, então, as orientações de Pêcheux (2009) de que as palavras não significam *a priori*, buscamos, em nosso trabalho, compreender os sentidos que as palavras do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo produzem e quais foram mobilizados a partir da memória. Assim, analisando o processo discursivo podemos entender como os sentidos funcionam e que efeitos (re)produzem. Dessa forma compreendidos, os sentidos não podem ser entendidos como determinados.

Nesse fio que nos conduz, dividimos o texto em duas seções, a primeira destinada a uma breve história da formação e da edificação do estádio do Pelotas e, a segunda, dedicada ao processo de atribuição de sentidos pelo sujeito tatuado torcedor. Isto porque entendemos que é a partir da edificação desse Clube cidadão e da história construída acerca dele, fruto também do imaginário social,⁶ que esse sujeito participante de nossa pesquisa produz sentidos, e, nesse caso, enquanto analistas de discurso, precisamos estar atentas.

DO EDIFÍCIO AO TORCEDOR: A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO

Retornando há longos anos no tempo cronológico, quando fundada a Liga Pelotense de Foot-ball, na cidade de Pelotas, em 1908, foi disputado o primeiro Campeonato Municipal, sendo o Foot-Ball Club o campeão. Devido à breve duração dessa Liga, os clubes Foot-Ball Club e Internacional⁷ reuniram-se para tratar da fusão entre as duas agremiações, com a ideia bem acolhida pelos participantes da reunião proposta. Em sua redação, Éder escreve que:

O plano dos dirigentes era fundar, na época, *uma entidade esportiva que acompanhasse o progresso da cidade*. Em homenagem a ela, o novo clube decidiu usar as cores azul e amarelo, além de levar seu nome. Os salões do Clube Caixeiral foram palco do surgimento do *Sport Club Pelotas*, no dia 11 de outubro de 1908. O primeiro presidente foi Pedro Luís Osório, com Leopoldo de Souza Soares de vice.⁸

⁶ Cf. Pêcheux (2010 [1990]).

⁷ Clubes cidadãos daquele contexto.

⁸ ÉDER. *BRAPEL: A rivalidade no sul do Rio Grande*, p. 13. (Grifos nossos).

Em seguida, foi estabelecida a data de 12 de outubro como a data oficial da fundação do Sport Club Pelotas⁹ para facilitar os festejos de aniversário devido ao feriado que comemorava a Descoberta da América e a homenagem católica à padroeira do país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns dias após essa data de fundação foi inaugurada a praça de esportes, no centro da cidade, local onde está localizado o estádio até hoje. Alves (1984), em seu livro, acentua a rapidez com que foi planejada e executada essa obra. E assim surgiu o Esporte Clube Pelotas:



Fig. 1: Estádio Boca do Lobo. Fonte: Site do Clube Pelotas.



Fig. 2: Fachada do estádio Boca do Lobo (2018). Fonte: Silva N.

⁹ Grafia utilizada na época.



Fig. 3: Símbolo do Esporte Clube Pelotas.
Fonte: Silva N.



Fig. 4: Mascote do Esporte Clube Pelotas.
Fonte: Silva N.

Para a festa de inauguração, que aconteceu no dia 25 de outubro de 1908, o Sport Club Rio Grande¹⁰ foi convidado a participar de um jogo de apresentação. Éder descreve o acontecimento:

No dia 25 de outubro de 1908, a delegação do Sport Club Rio Grande chegou de manhã, em trem expresso, como era de costume dos clubes de futebol na época. Os rio-grandinos foram recebidos com festa já na gare da estação ferroviária. Dez bondes especiais da Ferro Carril subiram as ruas 7 de Abril (atual Dom Pedro II) e 15 de novembro, despejando centenas de pessoas na Praça Júlio de Castilhos (hoje Parque Dom Antônio Zattera).

Com mais de cinco mil pessoas na plateia, Artur Lawson, presidente do Rio Grande, cortou a fita inaugural do Estádio da Avenida. Aplausos e expectativa pelos jogos de “foot-ball” que viriam na sequência. [...] O futebol, em pouco tempo, havia caído no gosto dos pelotenses. Tudo em clima de bandas, foguetes estourando, aplausos, vivas e entusiasmo geral.¹¹

O futebol, dessa maneira, progressivamente, firmava-se como uma das grandes atrações dos finais de semana. Alves enumera alguns jogos ocorridos no Clube Pelotas, ano após ano, “com a presença de sócios, público e exmas. famílias”.¹² Em 1910, foi realizado o primeiro jogo de futebol internacional em seu

¹⁰ O Sport Club Rio Grande, fundado em 1900, é um clube de futebol brasileiro da cidade de Rio Grande, situada no interior sul do Rio Grande do Sul, conhecido como Rio Grande e pelos apelidos Vovô, Veterano e Tricolor.

¹¹ ÉDER. *BRAPEL: a rivalidade no sul do Rio Grande*, p. 13.

¹² ALVES. *O futebol em Pelotas: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941)*, p. 20.

campo, entre os times Pelotas e Estudiantes, clube argentino, que foi um marco também para a cidade.

Em 1911, o clube áureo-cerúleo iniciou a temporada com a inauguração das reformas da sua praça de esportes que teve a soma de duas canchas de tênis. Nesse ano, segundo o relato de Alves (1984), o presidente Dr. Pedro Luis Osório recebeu um telegrama de Montevideú informando que, atendendo ao convite recebido, em assembleia dos clubes uruguaios, ficou resolvida a visita dos representantes da Liga Uruguaia de Football a nossa cidade.

E à noite de sábado, 8 de julho, chegavam então a Pelotas os jogadores da Liga Uruguaia, acompanhados da comissão de recepção do SC Pelotas, com o presidente Dr. Pedro Luis Osório à frente. Na gare encontravam-se exmas. famílias, representantes de clubes, autoridade e povo, que foram recepcionar os visitantes. E à chegada do trem uruguaios foram aclamados com entusiasmo. As bandas Lyra Artística e Diamantina executaram os hinos uruguaio e nacional, entre vivas às duas nações, organizando-se após extenso préstimo, que desfilou entre as ruas 7 de Abril e 15 de Novembro até o Hotel Aliança, sendo os visitantes muito aplaudidos durante o trajeto.¹³

Foi um grande evento social e esportivo, comenta o autor, com todos os espaços do Clube tomados por uma multidão calculada em mais de quatro mil pessoas. Nesse contexto, apesar de serem inclusos “todos” os sujeitos pelotenses pelo uso da palavra “povo”, importa observarmos que: i. há divisão de classes nas relações de produção na cidade de Pelotas materializada linguisticamente na diferença, no embate, entre “exmas. famílias” e “povo”; e ii. o “povo” é um partitivo, uma parcela do povo, já que sabemos que nem “todos” eram bem recebidos no clube nessa época, e, assim, ancoradas no viés discursivo, entendemos que “o referente se constrói no e pelo discurso”.¹⁴ O que emerge desse funcionamento é o político enquanto relações de força que se estabelecem entre classes sociais distintas, e, por isso, precisamos estar atentas ao processo discursivo, pois nele trabalha a ideologia.

Luiz Rigo (2004), em seu texto, faz alusão a um *scratch* carioca ocorrido em 1912 na semana esportiva da nossa cidade, e apresenta a coluna “Pelo Foot-

¹³ ALVES. *O futebol em Pelotas*, p. 24.

¹⁴ CAZARIN. *Enunciados em rede na tessitura do discurso*, p. 5.

Ball” do *Diário Popular*, do dia 10 de novembro, com o cardápio, altamente sofisticado, da ceia oferecida pelo Pelotas ao visitante. A posição do autor ao apresentar o tal cardápio refere-se a sua tentativa de ilustrar uma das características do futebol pelotense daquela época: a natureza aristocrata. O jornal *Diário Popular*, segundo ele, dedicava-se a noticiar, em coluna elaborada, os preparativos da semana esportiva, anunciando os esforços do Pelotas para trazer o selecionado carioca e para promover as atividades propostas como jantares íntimos, banquetes, recepções, visitas a lugares e a personalidades públicas, atividades que se destacavam, tanto em número como em relevância, das partidas de futebol previstas.

O futebol pelotense, dessa época, era influenciado, portanto, na opinião do professor, pelos costumes e pelos comportamentos sociais predominantes da elite, e as práticas futebolísticas estabeleciam-se numa tensão entre uma aristocracia pastoril de ideário rural e uma burguesia urbana emergente. Na explicação, dentro de campo, exigia-se dos jogadores postura corporal e boas atitudes pessoais, pois havia a preocupação de que as boas maneiras fossem condizentes com os estereótipos de um cavalheirismo eurocêntrico, já que o campo tornava-se alvo de olhares. Fora de campo, a indumentária de nobre procedência dos jogadores exibia o *status* social que representavam, e apareciam também os prêmios e os brindes que ganhavam como gratificações que “pretendiam ser compatíveis com a estirpe de quem oferecia e de quem os recebia”.¹⁵

Todos esses cuidados, dentro e fora de campo, perpassavam os pressupostos ideológicos relacionados à classe social predominante, tornando as práticas de futebol dependentes do nível de escolarização, dos valores morais, dos padrões de comportamento e dos costumes culturais dessa parcela da sociedade pelotense, “tanto de quem entrava em campo, como de quem aplaudia”, completa Rigo.¹⁶ Assim, sobre o público que prestigiava as partidas, o professor explica que, sobre ele também, recaíam determinadas prescrições sociais quanto à forma de torcer e de se comportar dentro dos estádios.

¹⁵ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 94.

¹⁶ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 95.

No entendimento de Rigo,¹⁷ no período da década de 1920, as práticas de futebol extrapolaram as estruturas que o condicionavam a ser apenas um costume distintivo das elites, e, ao ser acessível a diferentes classes sociais, o esporte tornou-se símbolo de um “estilo de vida urbano”. De tamanha importância que assumiu na vida dos sujeitos torcedores e na movimentação da cidade de Pelotas, não era mais possível dissociar o futebol da história da cidade.

Com um salto nessa cronologia, pontuamos que, apesar de terem se passado anos, ainda existe um imaginário dualístico tanto de raça quanto de classe social que perpassa as representações dos sujeitos tatuados torcedores, e seu discurso é constituído em relação a esse imaginário que têm do lugar social de que falam. Por isso, retomamos a historicidade da edificação do Esporte Clube Pelotas, para entendermos esse imaginário construído historicamente e que produz determinados sentidos até hoje.

Para Pêcheux,¹⁸ “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. A esse respeito, Orlandi escreve que todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias. Nesse viés, segundo ela,

não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade [...], mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem ao sujeito passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições.¹⁹

A posição-sujeito torcedor áureo-cerúleo, assim, é significativa no discurso. Ela significa em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva, pois o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, dos clubes e do objeto do discurso – neste caso, a sua relação com seu clube “do coração”. E, ainda, mobiliza um dizer que remete a alguns sentidos e não a outros.

¹⁷ RIGO. *Memórias de um futebol de fronteira*, p. 122.

¹⁸ PÊCHEUX. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, p. 81.

¹⁹ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, p. 40.

Para Damo,²⁰ deslocar-se ao estádio implica “o empenho da fidelidade, pois o torcedor vai ao jogo do time pelo qual torce, e não a um evento futebolístico qualquer”. O pertencimento clubístico, nessa concepção, segundo o autor, especifica, quanto ao gesto de torcer, um segmento de público militante que se encontra emocionalmente engajado.

E, aqui, faz-se necessário uma distinção antes de darmos continuidade ao texto e adentrarmos na nossa interpretação, que diz respeito ao gesto de torcer e ao gesto de pertencer. Sobre isso, Damo explica que torcer caracteriza tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento intensa – caso do sujeito tatuado torcedor de nossa pesquisa.

Compreender, assim, a maneira como se articulam as relações de pertencimento é fundamental para ele, na medida em que são essas relações que “constituem um dos pilares que dão sustentação ao futebol enquanto espetáculo para além do espetáculo propriamente dito”.²¹ Ou seja, se bem entendemos o autor, não há uma “chave interpretativa”, utilizando-nos de seu próprio sintagma, para compreendermos a relação de afetividade dos sujeitos torcedores pelos seus clubes, e, é por isso, que acreditamos que a AD nos auxilia nesse trabalho, possibilitando-nos compreender o gesto de torcer e pertencer, por meio do funcionamento de identificação.

Do edifício ao torcedor, vejamos agora os sentidos atribuídos à Boca do Lobo pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo.

O MOVIMENTO DA MEMÓRIA NA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS À BOCA DO LOBO

“Não desejo tornar-me um positivista empedernido, não me interessa ‘tudo’ o que se passa no estádio. É impossível captar senão fragmentos”.²² Iniciamos esta seção com uma observação bastante precisa, a nosso ver, de Damo sobre a impossibilidade de darmos conta de todos os processos discursivos e de todos os discursos que são (re)produzidos em torno do futebol e dos estádios. Nesse aspecto que julgamos importante ser esclarecido, enfatizamos que efetuamos

²⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 388.

²¹ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 66.

²² DAMO. *Do dom à profissão*, p. 406.

recortes que nos interessam a serem trabalhados nesse momento, de acordo com nosso objetivo, tal como já pontuamos.

Cabe a nós, na nossa prática de leitura empreendida aqui, explicitar como um objeto simbólico – a língua, precisamente as considerações do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo – produz sentidos, o que implica saber, conforme escreve Orlandi,²³ “que o sentido sempre pode ser outro, porém não pode ser qualquer um, pois não dá para ler o que o texto não nos permite”. Nessa forma de conceber nossa prática, não nos compete o papel de atribuir sentido(s) às considerações desse sujeito tatuado torcedor entrevistado, mas de explicitá-las, observando os efeitos de sentido que (re)produzem e a memória que ele mobiliza ao produzi-los.

Daí nosso compromisso ético e político, tanto com o fazer científico quanto com seu retorno à sociedade enquanto uma reflexão séria e coerente. Na perspectiva teórica da AD, não buscamos um sentido verdadeiro sobre o estádio da Boca do Lobo que estaria oculto nas palavras do sujeito tatuado torcedor, como se tivéssemos a tal chave que abriria a porta do segredo de sua identificação. Trata-se de compreender, com base nos pressupostos teóricos, como os sentidos são formulados por esse sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, processo esse que nos chamou atenção, dentre os demais sujeitos tatuados torcedores entrevistados. Assim, das palavras do sujeito em foco,²⁴ trazemos o seguinte trecho:²⁵

Meu vô me (+) apresentou o Pelotas e... a época que ele me apresentou, a gente ganhava do Brasil direto, e então a gente, e... eu era pequeno e via aquela torcida do Brasil calada e a nossa fazendo a festa, e aquilo ali foi criando uma paixão, e aí fui acostumado a ganhar de Inter e de Grêmio também, então foi uma paixão criada desde pequeno e eu nunca

²³ ORLANDI. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, p. 64.

²⁴ Para a transcrição do depoimento, utilizamos como base o código definido por Marcuschi (1998), quando o autor trata da transcrição de conversas, a partir de seus estudos de conversação entre falantes. Por tratar-se de oralidade, convém explicarmos que nem sempre se apresentam parágrafos coesos e coerentes, podendo aparecer também vozes sobrepostas dos sujeitos envolvidos, interferência de terceiros ou interrupções por barulhos externos, o que não desqualifica o material. Portanto, para que a transcrição seja acessível ao sujeito leitor ao mesmo tempo em que fiel à situação e aos sentidos atribuídos pelo sujeito, são utilizados sinais que correspondem a uma formatação da conversação para que tenhamos uma transcrição “limpa e legível” (cf. SILVA N., 2019). A entrevista na íntegra pode ser lida em Silva N. (2019, p. 280).

²⁵ Os sinais utilizados representam: (+) pausas e silêncios: quando há pequenas pausas de até 0.5 segundos; [] sobreposições de falas: quando há sobreposição de falas dos sujeitos envolvidos; e, (()) comentários da pesquisadora: quando há interação de nossa parte (SILVA N., 2019, p. 141).

abandonei sabe, nunca abandonei nunca nunca. Sempre Pelotas, na primeira divisão, na segunda, pode estar jogando o que tiver que jogar, eu vou estar sempre lá apoiando e... é isso aí, a aí do meu avô passou para o meu pai né, o meu pai é Pelotas também, aí o meu pai me levava mais, a minha tia também é áureo-cerúleo, a minha tia mora em Porto Alegre, então eu sempre fui criado dentro da Boca do Lobo, né; agora em 2008, o meu vô, aí antes de conquistar o primeiro título que foi um dos motivos que fiz a minha tatuagem, o meu vô ele faleceu né, e aí a gente, e o sonho dele era ser crema cremado e... e ser colocado na Boca do Lobo né, e a direção do Pelotas, ela apoiou, autorizou e a gente fez uma cerimônia dentro da Boca do Lobo e o meu vô está lá né, e... depois que meu vô foi para lá, a gente nós levantamos a Lupi Martins em 2008, 2009 a gente subiu e começou a acontecer muita coisa sabe ((Claro!)) e... então, assim, é muito marcante assim, é uma coisa, para mim, que é a minha vida, é eu... é corre na minha veia o azul e o amarelo, então, aí a minha vó por último faleceu também e ela está lá junto com meu vô, então além de ser um lugar para que eu vou para me desestressar, relaxar, para torcer pelo meu clube, é um lugar que para mim é... é... como se fosse [((Acolhedor?))] com certeza, eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo, eu peço para ele para a gente se, eu tenho certeza que ele sabe disso, que ele me me sente [((Claro!))] e... então, é um lugar muito especial para mim né, a Boca do Lobo para mim é um lugar muito especial, já vivi muita história boa e muita história triste e... e... jamais vou abandonar né, agora a semana que vem começa [((É!))] e... é isso aí. Vamos estar lá na arquibancada, no mesmo lugar, apoiando o Pelotas né.²⁶

Com relação ao que nos propomos analisar, então, podemos observar nas considerações do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, enquanto sujeito interpelado ideologicamente pelo futebol e afetado pelo inconsciente, a memória que ele recupera na construção do seu depoimento.

Ao materializar pela língua a sua relação com o seu time de preferência, o sujeito movimenta dois eixos, o da memória e o da atualidade, na medida em que compreendemos que é na materialização do discurso, por meio de sua formulação, que a memória se atualiza. Sobre isso, Orlandi escreve que

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também, por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as formações ideológicas.²⁷

²⁶ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

²⁷ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, p. 53.

Em texto distinto, a autora retoma que é no eixo da formulação, em síntese, que “a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”.²⁸ Nessa forma de pensar, logo podemos sublinhar o funcionamento de identificação do sujeito torcedor ao Esporte Clube Pelotas e o efeito de sentido de pertencimento que emerge de suas considerações, através de alguns enunciados, como: “foi uma paixão criada desde pequeno”, “eu nunca abandonei”, “Sempre Pelotas”, “eu vou estar sempre lá apoiando”, “do meu avô passou para o meu pai”, “eu sempre fui criado dentro da Boca do Lobo”, “é uma coisa, para mim, que é a minha vida, é eu... é corre na minha veia o azul e o amarelo”, “jamais vou abandonar né”.

No caso, podemos observar que, mesmo antes de nascer, a criança (sujeito torcedor) é conseqüentemente “sempre-já sujeito”, designado a sê-lo na e pela configuração ideológica familiar específica em que é esperada (torcedores áureo-cerúleos). Essa evidência do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo é entendida na AD como resultante da sua identificação com a formação discursiva, apagando-se o fato de ele ser resultado de um processo de representação a partir de sua entrada no simbólico, via linguagem. Desse modo, ao mesmo tempo, o que se apresenta como evidente ao sujeito, a evidência de uma identidade, por exemplo, encobre sua interpelação e sua identificação.

Esse funcionamento de identificação, conforme Silva, a partir do que escreve Pêcheux, diz respeito a tomadas de posição, enquanto gestos de interpretação, por sua vez, já marcados pela história e pela ideologia. São esses gestos que nos permitem, na presente análise, compreender como tal sujeito constrói seu discurso, se significa e se posiciona na sociedade em que vive de acordo com a sua relação com o time em questão.

Esse processo de atribuição de sentidos nos faz pensar sobre o papel da memória, em especial, do que entendemos como “memória afetivo-discursiva”, tal como conceitua Silva,²⁹ em que “já-ditos e distintas emoções estão emaranhadas”. Reproduzindo a autora, “pressupor a afetividade é pressupor a dinâmica pulsional

²⁸ ORLANDI. *Processos de significação, corpo e sujeito*, p. 89.

²⁹ SILVA. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*, p. 42.

e, conseqüentemente, a constante mudança subjetiva”.³⁰ Nesse caso, acreditamos que seja possível vincularmos o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo a sua memória afetivo-discursiva, na lembrança do seu avô, do seu pai, da sua tia, da sua avó, enfim, na relação com sua família.

E essa relação com o Pelotas materializada na/pela língua significa, a nosso ver, algo mais forte para o sujeito tatuado torcedor quando se trata do estádio, cujas pistas linguísticas, como os advérbios de lugar, “dentro” e “lá”, utilizados recorrentemente, por exemplo, podem evidenciar esse sentido. A importância que é dada ao estádio não se relaciona somente ao fato de ser o edifício que acolhe os espetáculos de seu time, mas, também, por ser o espaço onde foram destinadas as cinzas de seus dois entes queridos, seu avô e sua avó, após a cremação de seus corpos.

A representação do estádio de futebol Boca do Lobo, assim, é perpassada por um imaginário construído de um lugar sagrado, que produz o efeito de sentido de particularidade, de especificidade a esse sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, conforme pode ser examinado no enunciado “eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo”.³¹ Retomando suas palavras,

então além de ser um lugar para que eu vou para me desestressar, relaxar, para torcer pelo meu clube, é um lugar que para mim é... é... como se fosse [((Acolhedor?))] com certeza, *eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo*, eu peço para ele para a gente se, eu tenho certeza que ele sabe disso, que ele me sente [((Claro!))] e... então, é um lugar muito especial para mim né.³²

Essa resignificação do estádio por meio da mobilização da memória afetivo-discursiva para além de sua edificação pode ser notada nesse recorte que realça a atmosfera emocional. Nesse modo de compreendê-lo, Damo acentua que o estádio pode não estar lotado, mas “há uma comunidade de sentimento à espreita de suas performances”.³³

Dessa forma, o sentido atribuído à Boca do Lobo relaciona-se ao imaginário do sujeito tatuado, torcedor áureo-cerúleo entrevistado, que diz

³⁰ SILVA. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador [...]*, p. 43.

³¹ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time*.

³² SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time*.

³³ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 392.

respeito a sua posição-sujeito de torcedor e, também, à imagem de seu clube, somado a uma memória afetivo-discursiva em que lembranças e emoções estão emaranhadas, parafraseando as palavras de Silva.

Com respeito a essa noção de memória afetivo-discursiva proposta pela autora citada, convocada por ela em virtude da rememoração dos sentimentos e dos acontecimentos pelos trabalhadores no discurso da Central Única dos Trabalhadores (CUT), gostaríamos de acrescentar que compreendemos essa expressão relacionada à afetividade do sujeito tatuado torcedor.

Em síntese, explicamos nossa leitura esclarecendo que, para nós, tratando-se do contexto futebolístico e do processo de subjetivação na/pela língua e na/pela tatuagem nesse meio, o discurso é produzido configurando um lugar de fala relativa ao afeto, ao amor e à identificação. Isto é, trata-se de sentimentos recuperados pelo viés da memória afetivo-discursiva que se caracteriza na/pela exposição da interioridade, da afetividade, e que se materializa (toma forma material) pela língua e pela tatuagem, como foi o caso do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo entrevistado, que, ao atribuir sentido à Boca do Lobo, produz um discurso atravessado pelo viés religioso quando movimenta o sentido de edifício ao efeito de sentido de templo, de lugar sagrado, que o acolhe e que lhe permite gozar de um sentimento ao qual não lhe é acessível em outro espaço.

Nessa passagem recém-apresentada, em que há o atravessamento do esportivo pelo religioso, conforme entendemos, emergem efeitos de sentido de fé, de crença, de esperança derivados de um discurso religioso cristão. Justificamos essa leitura pelo fato de que o próprio sujeito denomina o lugar que se sente acolhido (“eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô”) e o gesto que pratica devotamente (“eu rezo”), relatando as suas constantes visitas a esse espaço que lhe é sagrado, para orar e pedir por algo que não é simbolizado em palavras, que fica silenciado, mas que produz sentidos, colocando em prática os valores cristãos. E isto nos leva a afirmar que o mesmo buscava uma interlocução com os planos espirituais, tomando uma posição-sujeito de fiel aos pressupostos religiosos.

É nesse espaço físico, então, no estádio Boca do Lobo, que o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo pratica sua fé, busca por esperança, por amor e por forças, de um plano superior, para enfrentar os problemas e as dificuldades, tanto àquelas

encontradas por ele, quanto àquelas encontradas pelo seu time. Nesse funcionamento mitológico, o que importa é a crença, e para que se torne representável, é preciso que o sujeito pressuponha a existência dessa relação entre terra e céu (ou plano físico e plano espiritual). Dessa maneira, ao acreditar nessa força maior, o sujeito sente-se mais forte, e, em suas próprias palavras explica, “depois que meu vô foi para lá, a gente nós levantamos a Lupi Martins em 2008, 2009 a gente subiu e começou a acontecer muita coisa sabe”, só vitória.

De acordo com Hilário Franco Júnior,

Da mesma forma que em templos de religiões tradicionais, os de futebol estão adornados pelo símbolo de sua divindade. Aquilo que externamente ao mundo do futebol é considerado mero emblema (figura acompanhada de nome ou abreviação) ou distintivo (desenho e inscrição que identificam um grupo) é sentido pela comunidade em questão como símbolo. Isto é, significante visual que sintetiza a essência da coisa significada e tem por isso caráter religioso, quer dizer, de evocação do elo que se restabelece (*religere*) entre a divindade representada (clube) e seus fiéis (torcedores).³⁴

Logo, segundo o autor, “toda religião religa homem-divindade, todo símbolo reunifica e, portanto, ressignifica coisas temporariamente separadas”.³⁵ E, pensando nessa linha, apresentamos a seguir a tatuagem que o sujeito materializou em seu corpo em homenagem ao título conquistado por seu time e a uma promessa por tal feito.

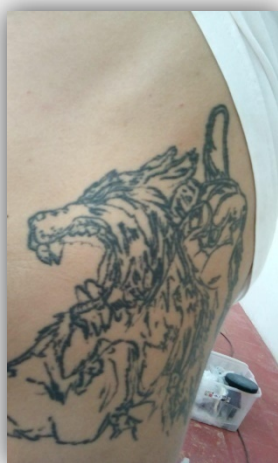


Fig. 5: Sujeito tatuado áureo-cerúleo. Fonte da tatuagem: Silva N.

³⁴ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*, p. 279.

³⁵ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 279.

Assim, a título de um efeito de fechamento de nossa análise, destacamos, para finalizar o atravessamento do discurso religioso, essa promessa de se tatuar, porque num sentido social, trata-se de um voto feito a algum santo ou a Deus para obter alguma graça com a consequência de cumprir o prometido. E, diante da fé exercida pelo sujeito tatuado áureo-cerúleo, “a gente subiu, e nesse mesmo ano que a gente subiu a gente levantou, nós levantamos um título que foi a Lupi Martins que foi em 2008, o ano do centenário do Pelotas”.³⁶

PALAVRAS FINAIS

Por fim, finalizamos esta reflexão salientando que, para esse sujeito, trata-se de “um lugar muito especial para mim né, a Boca do Lobo para mim é um lugar muito especial, já vivi muita história boa e muita história triste e... e... jamais vou abandonar né”.³⁷

E nesse processo de atribuição de sentidos, apresenta-se aos nossos olhos o inverso do que apresentamos na primeira seção intitulada “Do edifício ao torcedor”, em que podemos recuperar as condições de produção em que ocorreu a construção física do estádio, em seu plano operacional e urbanístico, quando foi inaugurado há 100 anos, e, temos, a passagem “Do torcedor ao edifício”. Neste, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo posiciona-se com muito entusiasmo e afeto com relação ao estádio, enfatizando: “Vamos estar lá na arquibancada, no mesmo lugar, apoiando o Pelotas”.³⁸

Sobre esse modo de interpelação futebolística, lembramos a leitura de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo sobre o futebol, chamada “Infantilidades”, do livro *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*, em que o escritor destaca o seguinte:

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e

³⁶ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

³⁷ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

³⁸ SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERÚLEO. *Entrevista sobre a tatuagem de seu time.*

observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada.³⁹

E, é com essa relação apaixonada, vibrante, de identificação ao Clube de preferência, que trabalhamos neste texto, com considerações subjetivas de um sujeito tatuado torcedor. Para Damo, “

O que fazem os torcedores no estádio é por em movimento um extenso conjunto de códigos, valores, atitudes, pertencimentos, identidades, sensibilidades estéticas, enfim, aquilo que as etnografias devem visar, pois essas categorias do simbólico não são mobilizadas de forma idêntica em toda parte.⁴⁰

Nessa maneira de entender a necessidade de estudos sobre o que acontece dentro dos estádios e os sentidos que dele ou de lá emergem é que desenvolvemos a presente reflexão, enquanto linguistas, desejando despertar interesse dos leitores a essa temática que propomos. E que a bola possa continuar rolando!

* * *

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu de Mello. **O futebol em Pelotas**: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941). Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

CAZARIN, Ercília. Enunciados em rede na tessitura do discurso. In: GRIGOLETTO, Evandra; STOCKMANS Fabiele; SCHONS, Carme. (Orgs.) **Discurso em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 1-14.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 p. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.

ÉDER, José. **BRAPEL**: A rivalidade no sul do Rio Grande. Pelotas, RS: Editora Livraria Mundial, 2010.

³⁹ VERÍSSIMO. *Infantilidades*, p. 25. (Grifos nosso).

⁴⁰ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 403.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: **Por uma análise automática do discurso**. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990], p. 11-38.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORLANDI, Eni. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b, p. 187-197.

ORLANDI, Eni. Processos de significação, corpo e sujeito. In: _____. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c, p. 83-96.

PÊCHEUX, Miguel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

ORLANDI, Eni. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organização: Françoise Gadet e Tony Hak. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

SILVA, Naiara. **Futebol e ideologia**: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SILVA, Renata. **O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT**. Tese. Universidade Católica de Pelotas, 2010.

SUJEITO TORCEDOR ÁUREO-CERULEO. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, mar., 2017, 1 arquivo mp3 (16:18), 1 fotografia da tatuagem.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Infantilidades. In: _____. **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010, p. 25-6.

* * *

Recebido para publicação em: 24 jun. 2020.
Aprovado em: 10 nov. 2020.

Estádios de futebol e linguagem: potencialidades, limites e efeitos político-ideológicos de expressões metafóricas

Football Stadiums and Language: Potentialities, Limits and Political-ideological Effects of Metaphorical Expressions

Felipe Tavares Paes Lopes

Universidade de Sorocaba, Sorocaba/SP, Brasil
Doutorado em Psicologia Social pela USP

RESUMO: Este artigo objetiva analisar as potencialidades e limites explicativos de expressões metafóricas habitualmente utilizadas para se referir aos estádios de futebol, bem como alguns de seus efeitos político-ideológicos. Num primeiro momento, examino a equiparação dos estádios de futebol a campos de batalhas e argumento, entre outras coisas, que isso tende a legitimar mecanismos de controle social. Num segundo momento, discuto sua equiparação a uma prisão e mostro, entre outros fatores, que isso tende a perder de vista as novas relações entre visibilidade e poder. Num terceiro momento, investigo sua equiparação a um *shopping center* e indico que isso oculta o fato de que, com frequência, os conflitos sociais irrompem no espetáculo futebolístico. Num quarto momento, examino sua equiparação a um teatro e sugiro que isso tende a sobrevalorizar as diferenças do presente em relação ao passado.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Linguagem; Metáforas; Estádios de futebol.

ABSTRACT: This article aims to analyze the potentialities and explanatory limits of metaphorical expressions commonly used to refer to football stadiums, as well as some of their political-ideological effects. At first, I examine the equivalence of football stadiums to battlefields and I argue, among other things, that this tends to legitimize mechanisms of social control. In a second moment, I discuss their equivalence to a prison and I show, among other things, that this tends to lose sight of the new relations between visibility and power. In a third moment, I investigate their equivalence to a shopping center and indicate, among other things, that this hides the fact that social conflicts frequently erupt in the football spectacle. At a fourth moment, I examine their equivalence to a theatre and I suggest, among other things, that this tends to overestimate the differences between the present and the past.

KEYWORDS: Football; Language; Metaphors; Football Stadiums.

INTRODUÇÃO¹

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre esporte e linguagem, focalizando algumas das metáforas habitualmente utilizadas na construção das representações dos estádios de futebol. Com muita frequência, fazemos uso de metáforas para dar sentido ao mundo em que vivemos. Esse tipo particular de tropo está presente tanto em poemas e conversas cotidianas quanto em documentos oficiais e artigos científicos, sendo considerado a figura mais importante do discurso.² Fundamentalmente, conhecer o mundo através de uma expressão metafórica significa compreender alguma coisa em termos de outra. Significa “[...] aplicar um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado”.³ Tal expressão estabelece, pois, relações de similaridade. Faz interagir campos semânticos distintos. Interação que levanta uma tensão dentro de uma sentença que, se bem-sucedida, produz um sentido novo e duradouro.

Com efeito, longe de ser somente um “ornamento discursivo”, que utilizamos para manifestar de forma mais elegante nossas ideias, a metáfora é um elemento fundamental na própria estruturação do nosso pensamento. Mas ela não apenas fabrica pensamentos como, também, contribui para a própria construção de nossos comportamentos e nossas relações, ajudando a performar a realidade. A título de exemplo: quando afirmamos que determinado segmento da sociedade é um “vírus”, uma “excrecência”, contribuímos para patologizá-lo e, conseqüentemente, para legitimar medidas que visam a sua eliminação. Diante disso, o estudo das metáforas torna-se central para a compreensão do próprio processo de construção da realidade. Não à toa, Hilário Franco Júnior discute o futebol como metáfora do mundo contemporâneo.⁴

Neste artigo, objetivo analisar as potencialidades e limites explicativos de algumas expressões metafóricas habitualmente utilizadas para se referir aos estádios de futebol, bem como alguns de seus (possíveis) efeitos político-

¹ Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo apoio financeiro às pesquisas que serviram de base para este texto.

² CHAURAUDEAU; MAINGUENEAU. *Dicionário de análise do discurso*.

³ THOMPSON. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, p. 85.

⁴ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*.

ideológicos. Essas metáforas, cabe destacar, não são, necessariamente, excludentes. Ao contrário, como veremos, podem se reforçar mutuamente.

Ao realizar essa análise, retorno a algumas discussões que realizei em outros textos. Textos que se debruçaram sobre discursos veiculados na imprensa, em relatórios governamentais, em entrevistas com torcedores e, também, na literatura especializada. Tal retorno justifica-se, em primeiro lugar, porque pretendo aqui sistematizar as análises feitas das metáforas dos estádios, que se encontram fragmentadas nesses textos. Em segundo lugar, porque pretendo aprofundar alguns pontos dessas análises. E em terceiro e último lugar, porque tal retorno é coerente com a proposta editorial da revista *FuLiA/UFMG* e, especialmente, com a do dossiê “Estádios de futebol: políticas e usos”.

Dito isto, cabe, agora, apresentar a organização do texto. Este foi dividido em quatro seções. Comecei pela metáfora bélica, que nos leva a crer que o estádio de futebol é um campo de batalha. Depois, debrucei-me sobre a metáfora panóptica, que o reveste com a imagem da prisão. Em seguida, examinei a metáfora mercadológica, que o descreve como um *shopping center*. E, por último, abordei a metáfora cênica, que o iguala a um teatro.

A METÁFORA BÉLICA: O ESTÁDIO COMO CAMPO DE BATALHA

A equiparação dos estádios a campos de batalha remete a ideia de que o futebol é “guerra simbólica”, ou seja, a de que o futebol é uma espécie continuação – ou prevenção – da guerra por outros meios.⁵ Através dessa óptica, os times se “digladiariam” no campo de jogo enquanto as torcidas travariam “batalhas” nas arquibancadas. Tal ideia alimenta fortemente o imaginário social do universo do torcedor e do futebol em geral e é expressa através de seu vocabulário específico. Conforme Hilário Franco Júnior,⁶ são bastante sugestivos alguns termos cunhados para se referir aos jogadores (“capitão”, “artilheiro”, “matador”), para designar os agrupamentos de torcedores (“pelotão”, “brigada”, “guerreiros”) e para nomear as jogadas (“matar a bola”, “matar o jogo”, “fuzilar o gol”). Algumas imagens também

⁵ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*.

⁶ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*.

são ilustrativas: por exemplo, a torcida Máfia Azul, do Cruzeiro, tem como personagem-símbolo Che Guevara, enquanto a sua arquirrival, a torcida Galoucura, do Atlético-MG, inspira-se na figura de René Barrientos, assassino do revolucionário argentino. Já os escudos dos clubes ingleses Arsenal e Bristol Rovers são um canhoneiro e um pirata, respectivamente.

Além dessas imagens, algumas práticas sociais são bastante sugestivas. As torcidas visitantes buscam “invadir” o estádio do adversário, esforçando-se para colocar o maior número possível de pessoas nos jogos fora de casa, para entoar, o mais forte possível, seus “gritos de guerra”. No universo do futebol, superar o adversário em número de pessoas ou em animação numa partida como visitante é uma prática altamente valorizada. Trata-se de uma espécie de vitória. De “conquista territorial”. Inclusive, alguns clubes, como o Corinthians, cultuam a memória dessas “invasões” e as convertem em importantes elementos identitários – que são, diga-se de passagem, bastante explorados comercialmente. A chamada “invasão do Maracanã”, em 1976, quando mais de 70 mil corintianos dividiram o estádio com a torcida do Fluminense, na semifinal do Campeonato Brasileiro daquele ano,⁷ é, por exemplo, o tema de uma série de produtos, tais como camisetas, pôsteres e canecas.

Vale salientar, aqui, que a questão da territorialidade é central para o estabelecimento da comparação entre a lógica torcedora e a da guerra. Ao abordar essa questão, Luiz Henrique de Toledo observa que os usos e significações dos espaços das cidades se transformam em dias de jogos.⁸ Como observa, os arredores dos estádios e os trajetos são tomados por alvinegros, alviverdes, tricolores, colorados, rubro-negros, entre tantos outros, que adquirem uma consciência de um “nós”, em oposição a um “eles”, que interfere significativamente na rotina e no cotidiano da cidade. Não à toa, a cada partida, um enorme aparato de vigilância e controle é montado pela polícia, reforçando a percepção (principalmente daqueles que não participam do espetáculo futebolístico) que as transformações no espaço público ocasionadas pelos jogos são o produto de um desvio e representam um perigo, uma ameaça à sociedade – que, diga-se de

⁷ PIVA. Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel.

⁸ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

passagem, pode efetivamente se realizar. Afinal, não raro, eclodem combates corporais e armados entre torcedores e entre eles e a polícia.

A chegada da torcida visitante, aliás, costuma gerar tensões e conflitos na maior parte dos lugares onde o futebol é disputado profissionalmente. No estádio de São Januário, do Vasco da Gama, os visitantes são recebidos com a seguinte mensagem estampada num muro próximo à entrada: “São Januário: território hostil desde 1927”. Não à toa, as autoridades públicas e do futebol têm, em alguns países e estados brasileiros, optado por realizar algumas partidas, como os clássicos locais, apenas com a presença da torcida mandante. Sem entrar no mérito da questão (ou, certamente, na falta dele), essa medida é sugestiva de que, efetivamente, a “guerra” do futebol, muitas vezes, transcende o plano simbólico.

Basta recordar aqui a famosa “Batalha Campal do Pacaembu”, ocorrida em meados da década de 1990, quando integrantes de organizadas do Palmeiras e do São Paulo invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e em mais de uma centena de feridos.⁹ Também são indicativos de que os conflitos no futebol transcendem, com certa frequência o plano simbólico os diversos homicídios relacionados a eles. Apenas para ilustrar com alguns dados: de acordo com a organização não governamental *Salvemos al Fútbol*,¹⁰ até 2018, a violência no futebol argentino já havia vitimado 332 pessoas. Já segundo Mauricio Murad, em 2012, o Brasil ultrapassou a Argentina e, também, a Itália consagrando-se o campeão do mundo de mortes de torcedores, contabilizando 23 homicídios apenas naquele ano.¹¹

Quando a violência no futebol transcende o plano simbólico, escutamos e lemos na mídia coisas do tipo: “o estádio X virou uma praça de guerra”. Nesse contexto, os torcedores briguentos seriam não-torcedores. Seriam “facções”, “gangues” ou “bandidos” travestidos de torcedores.¹² Com efeito, tais torcedores não fariam parte da coletividade torcedora. Seriam um agente externo a ela, portanto. Assim, se, por um lado, a metáfora da guerra possui um potencial explicativo da prática torcedora, jogando luz sobre muitos pontos comuns com a

⁹ LOPES. *Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social*.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3bKF1h6>. Acesso em: 02 dez. 2020.

¹¹ MURAD. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro.

¹² LOPES. *Violência no futebol*.

guerra – tais como, o desejo de conquista territorial, a suspensão de normas morais e a exaltação coletiva –; por outro, ela alimenta, em alguns contextos, uma narrativa estigmatizadora, que cria uma polarização, nitidamente maniqueísta, entre um “nós”, civilizados, e um “eles”, bárbaros. Estes últimos seriam os responsáveis por transformar um espaço de (suposta) harmonia e celebração em uma “praça de guerra”.

Cabe salientar que a metáfora bélica também perde de vista o fato de que parte dos conflitos não é premeditada, ou seja, é originada de forma relativamente espontânea, como quando duas torcidas rivais se encontram ao acaso ou quando os torcedores se revoltam com a arbitragem ou desempenho do time. Afinal, toda guerra pressupõe certo planejamento. Os combates aéreos, terrestres e náuticos entre dois exércitos seguem táticas bem definidas, diferente, repito, de alguns confrontos entre torcedores. Ademais, como veremos no próximo tópico, a referida metáfora contribui para legitimar medidas de controle e vigilância, fazendo crer que o estádio deve operar como um panóptico.

A METÁFORA PANÓPTICA: O ESTÁDIO COMO PRISÃO

A ideia de que o estádio se assemelha a uma prisão assenta-se nas análises feitas pelo pensador francês Michel Foucault, no livro *Vigiar e punir*,¹³ sobre um princípio geral de construção: o panóptico. Este foi elaborado no final do século XVII por Jeremy Bentham.¹⁴ Seguindo os princípios do pensamento utilitarista, o filósofo e jurista inglês sustentava que tudo deveria servir, ter utilidade, ou seja, tudo deveria concorrer para algo. Consequentemente, o desperdício deveria ser, necessariamente, absorvido. Tendo isso em mente, elaborou o referido princípio com o objetivo de tornar uma série de instituições (penitenciárias, escolas, manicômios etc.) mais eficazes.

Para Foucault,¹⁵ a figura do panóptico não apenas era uma engenhosa e idiossincrática forma de arquitetura, mas um modelo generalizável de uma nova

¹³ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*.

¹⁴ BENTHAM. O panóptico ou a casa de inspeção.

¹⁵ FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

organização do poder, que começou a tomar forma já no século no XVI. Até então, no Antigo Regime, o exercício do poder estava ligado, segundo o filósofo francês, à manifestação pública de força e superioridade do soberano. Nas palavras de John B. Thompson,

[...] era um regime de poder no qual uns poucos se tornavam visíveis a muitos, e no qual a visibilidade de poucos era usada como meio de exercer o poder sobre muitos – de tal maneira, por exemplo, que a execução pública numa praça de mercado se tornava um espetáculo no qual o poder soberano se vingava, reafirmando a glória do rei através da destruição de seu súdito rebelde.¹⁶

Esse regime de poder, todavia, foi perdendo força e cedendo lugar a formas mais sutis, criativas e sofisticadas de controle, que foram, gradativamente, se infiltrando nas diferentes esferas da vida social até o surgimento da chamada “sociedade disciplinar”. Nesta, a visibilidade de poucos diante de muitos, característica das sociedades anteriores, foi substituída pela visibilidade de muitos diante de poucos. Neste momento, sai de cena a manifestação espetacular do poder do soberano e entra a do poder do olhar, que exerce uma vigilância contínua, infinita e absoluta sobre as pessoas. Conforme já antecipei, para analisar essa nova relação entre poder e visibilidade, Foucault utiliza a imagem incisiva do panóptico. Na sua descrição: este é um edifício circular.

Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas; cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.¹⁷

¹⁶ THOMPSON. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, p. 120.

¹⁷ FOUCAULT. *Vigiar e punir*, p. 190.

A partir das análises feitas por Foucault,¹⁸ o panóptico tem sido utilizado como uma metáfora recorrente para falar de técnicas modernas de controle social, dado que as pessoas estariam, progressivamente, submetidas a um estado permanente de visibilidade. Cada vez mais, os espaços urbanos dispõem de câmeras de vigilância que monitoram o cidadão sem que este consiga enxergar quem o está monitorando. Tal monitoramento está, inclusive, previsto no Estatuto de Defesa do Torcedor. De acordo com seu Art. 18, “os estádios com capacidade superior a 10.000 (dez mil) pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente”.¹⁹

Por um lado, a metáfora panóptica chama a atenção para o enraizamento dos mecanismos disciplinares no espetáculo futebolístico e para uma das formas como o poder se organiza nesse espetáculo. Hoje em dia, o torcedor é permanentemente visto com suspeita, como um criminoso potencial, que deve ser isolado, individualizado e vigiado. Há, nesse espetáculo, uma espécie de coerção ininterrupta, que é exercida em um nível molecular e incide sobre os gestos mínimos dos torcedores.²⁰ Seus comportamentos parecem estar, cada vez mais, presos em uma rede de poderes que lhes impõe limitações e obrigações e os inserem em uma relação de utilidade-docilidade. Conforme Foucault, “[...] a disciplina ‘fabrica’ indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”.²¹ Em suma, ela dociliza os corpos das pessoas, submetendo-os, transformando-os e aperfeiçoando-os (do ponto de vista das forças dominantes). A metáfora em questão joga luz, pois, sobre o processo de docilização dos torcedores, que busca torná-los economicamente úteis e politicamente obedientes.

Por outro lado, baseando-nos nas análises de Thompson sobre a organização do poder nas sociedades contemporâneas,²² podemos dizer que tal metáfora não dá a devida atenção ao impacto das novas formas de publicidade

¹⁸ FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

¹⁹ BRASIL. *Lei nº 10.671*, s/p.

²⁰ GAFFNEY; MASCARENHAS. *The Soccer Stadium as a Disciplinary Stadium*, p. 1-16.

²¹ FOUCAULT. *Vigiar e punir*, p. 167.

²² THOMPSON. *A mídia e a modernidade*.

criadas pelas novas tecnologias de comunicação na organização do poder no espetáculo futebolístico. Essas novas tecnologias fornecem os meios para que a coletividade torcedora também reúna informações sobre aqueles que a controla. Nas palavras do professor da Universidade de Cambridge, “[...] graças à mídia, aqueles que exercem o poder é que são submetidos agora a um certo tipo de visibilidade, mais do que aqueles sobre quem o poder é exercido”.²³ Por exemplo, providos de câmeras em seus *smartphones*, os torcedores têm, agora, à sua disposição meios para tornar pública uma ação violenta da polícia.

Evidentemente que, mesmo antes da revolução digital facilitar a captura e a preservação de ações, bem como a cópia e a reprodução de imagens e informações, a polícia já tinha de se preocupar com esse tipo de ação, uma vez que poderia ser capturada pelas câmeras de televisão. Ocorre que, agora, não há mais

necessidade de tentar persuadir os *gatekeepers* institucionais dos canais de mídia estabelecidos a prestar atenção e a transmitir o seu conteúdo. Fazer o *upload* de um vídeo no Facebook ou no YouTube, ou de uma foto no Twitter ou no Instagram, não poderia ser mais fácil. Essa *democratização da transmissão* transforma todos em uma fonte potencial de conteúdo visualizável e compartilhável (embora potencial não seja o mesmo que efetivo, é claro).²⁴

Em outras palavras, se o aumento da visibilidade promovido pelas novas tecnologias fortaleceu o controle panóptico do torcedor, também transformou cada torcedor em uma testemunha em potencial capaz de fornecer evidências audiovisuais para o que testemunham e de distribuí-las para milhares ou, até mesmo, milhões de pessoas. Com isso, amplificou a possibilidade de ocorrências de escândalos envolvendo, entre outros atores, as autoridades policiais, ou seja, amplificou a possibilidade de expor ao domínio público comportamentos ou atividades que esses atores gostariam de negar, de deixar na sombra, nas “regiões de fundo”. Em 2016, por exemplo, parte da torcida corintiana entrou em confronto com a Polícia Militar em uma partida realizada no Maracanã. Pouco depois de seu encerramento, começaram a circular nas redes sociais digitais imagens e vídeos de agressões cometidas pelos policiais contra os torcedores na área interna do estádio

²³ THOMPSON. *A mídia e a modernidade*, p. 121.

²⁴ THOMPSON. *A interação mediada na era digital*, p. 40.

– o que acabou gerando comoção e colocando em xeque a legitimidade da atuação policial. Em suma, podemos afirmar que o aumento da visibilidade parece tornar mais complexa a dinâmica do poder do que a metáfora da prisão parece sugerir.

A METÁFORA MERCADOLÓGICA: O ESTÁDIO COMO *SHOPPING CENTER*

Outra metáfora recorrente é a que equipara os novos estádios, transformados em arenas multiusos, aos *shopping centers*. Esta metáfora costuma aparecer nos discursos dos mais variados atores, tais como torcedores, especialistas em marketing, arquitetos, acadêmicos e jornalistas. Para dar alguns exemplos: ao noticiar as reformas do Morumbi, o portal UOL afirmou que o São Paulo o havia transformado em um “verdadeiro *shopping center*”.²⁵ Ao comentar os problemas financeiros enfrentados pela Arena Corinthians, uma comissão de conselheiros do Corinthians reclamou que seu projeto “parecia o de um *shopping center* de luxo”.²⁶ Já o Diário do Centro do Mundo sentenciou que “o novo Maracanã parece um *shopping center*”.²⁷ Por sua vez, ao comentar a concessão do Pacaembu à iniciativa privada, o arquiteto do Museu do Futebol disse que ela “segue a lógica de *shopping center*”.²⁸ Em editorial sobre o tema, o jornal *Extra* questionou: “ainda que ganhe cara de arena ou shopping, fica a pergunta: haverá espaço para torcedores mais humildes?”.²⁹

Como indicam alguns dos trechos acima, a metáfora mercadológica é habitualmente utilizada para demarcar a passagem de um paradigma de estádio a outro. No entanto, na maior parte das vezes, não se trata de, com ela, indicar o óbvio: que, dentro das novas arenas, os torcedores atuam, em maior ou menor grau, como consumidores, adquirindo mercadorias – o que, diga-se de passagem, ocorre muito antes da referida mudança paradigmática (no mínimo, desde o momento que se passou a haver cobrança de ingressos dos torcedores). Mas, sim, de sublinhar que essas arenas são completamente moldadas pela lógica do consumo, isto é, que as relações sociais que nelas se desenvolvem e os elementos

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3qq8lO1>. Acesso em: 03 dez. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2KkzUsJ>. Acesso em: 03 dez. 2020.

²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3oR7tBR>. Acesso em: 03 dez. 2020.

²⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3qrlMgU>. Acesso em: 03 dez. 2020.

²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/38TmCgx>. Acesso em: 03 dez. 2020.

culturais que as caracterizam são significados a partir, principalmente, da necessidade da realização do lucro via consumo. Em outras palavras, trata-se de mostrar que a “cultura do consumo”³⁰ colonizou os estádios de futebol.

A despeito de essa colonização ser, com frequência, percebida como algo ruim, há seus defensores. Com efeito, podemos dizer que a metáfora mercadológica pode tanto servir de instrumento de ataque quanto de defesa do processo de transformação dos estádios. Integrantes de coletivos e de torcidas organizadas, por exemplo, tendem a vê-lo de forma negativa. Já os gestores dos estádios, de forma positiva. Para os primeiros, a (hiper)mercantilização dos estádios representa, muitas vezes, o fim de uma tradição popular de torcer e a profanação do futebol. Para os segundos, uma forma de ampliar a arrecadação dos clubes e de “modernizar” o futebol. Independentemente dos usos discursivos dessa metáfora (como denúncia ou como apologia), ela serve para destacar as várias semelhanças entre essas arenas e os *shopping centers*.

Por exemplo, como os últimos, costumam ser limpas, seguras e contam com variados serviços oferecidos por marcas muitas vezes internacionais. As novas arenas também constroem novos hábitos (de consumo), ensinam as pessoas a se comportar no seu interior (através das orientações dos *stewards* ou das mensagens dos altos falantes e telões), têm pouco contato com seus arredores (através do estabelecimento de “perímetros de segurança” em dias de jogos) e viram pontos de referência nas cidades, transformando-se, muitas vezes, em pontos turísticos.³¹

Ademais, as novas arenas tendem a “esquecer” aquilo que as rodeia, assumindo, frequentemente, uma relação de “indiferença” com a cidade à sua volta.³² As próprias histórias do clube e do futebol costumam nelas ser esquecidas,

³⁰ FONTENELLE. *Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas*.

³¹ SARLO. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*.

³² Por uma questão econômica, muitas vezes, são erguidas em zonas afastadas dos centros da cidade, em bairros periféricos – o que, a princípio, é positivo. Ocorre que, com frequência, as arenas multissos se “fecham” para esse entorno, abrindo apenas em dias de jogos ou em shows para uma elite capaz de pagar os altos valores dos ingressos. Essa “indiferença” em relação ao entorno, no entanto, começa ser vista como comercialmente equivocada. A área externa da Arena Corinthians, por exemplo, vai ganhar uma pista de corrida e uma quadra poliesportiva. Ambas serão gratuitas. Trata-se de uma tentativa do departamento de marketing do clube de transformar o estádio em um ponto de encontro da região e, conseqüentemente, atrair receitas para a megaloja do clube e estacionamento do estádio. Disponível em: <https://bit.ly/2LW7Kow>. Acesso em: 11 abr. 2020.

diga-se de passagem. Afinal, a despeito de muitas abrigarem museus, nestes, a história é tratada, utilizando as palavras de Beatriz Sarlo, “[...] como um *souvenir* e não como suporte material de uma identidade e de uma temporalidade que sempre apresentam ao presente seu conflito”.³³ Isso ocorre, pois, se a história superar sua função decorativa, esbanjará sentidos que o “futebol moderno” não tem interesse em preservar, sob o risco de alimentar, ainda mais, a resistência a ele próprio. Por exemplo, não é de interesse dos administradores das novas arenas construírem museus verdadeiramente “vivos”, que vão além de uma construção acrílica do passado, servindo de espaço de reflexão e denúncia das lógicas de exclusão presentes nesses espaços. Nesse sentido, podemos dizer que tais arenas não pagam tributo às tradições torcedoras passadas. Na frase lapidar da autora: “onde o mercado decola, o vento do novo se faz sentir com força”.³⁴

Uma das limitações da metáfora mercadológica é que ela tende a desconsiderar que, fiéis à universalidade do mercado, os *shopping centers* são mais inclusivos do que as novas arenas. Afinal, em princípio, qualquer pessoa pode entrar e circular nos seus corredores, mesmo que pertença aos setores econômica e socialmente mais vulneráveis. Diante disso, paradoxalmente, tal metáfora, que muitas vezes é utilizada em discursos de denúncia, acaba ocultando um dos aspectos mais perversos da (hiper)mercantilização do futebol: a exclusão da classe trabalhadora. As novas arenas não são somente um espaço de consumo, mas um espaço de consumo fechado, exclusivo e, portanto, excludente.

Outra limitação é que, no meio desse cenário de fantasia, os conflitos sociais e as contradições cotidianas irrompem com certa frequência, e isso é desfocado. Do lado de fora das arenas multiusos, camelôs que vendem os mais variados produtos alimentícios e dos clubes conferem ao local um aspecto de mercado popular, e não de *shopping* – ainda que seja preciso destacar que haja restrições de acesso nas ruas do entorno de algumas arenas, como é o caso da do Palmeiras – o que, evidentemente, contribui para a “limpeza social” da área, retirando aqueles indivíduos considerados “indesejáveis”. A sujeira e falta de iluminação adequada

³³ SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, p. 29.

³⁴ SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, p. 28.

das ruas arredores, a atuação de “flanelinhas” e o comércio ilegal de ingressos também apontam para alguns problemas sociais cotidianos.

A presença ostensiva da Polícia Militar (PM), por sua vez, recorda-nos que o futebol ainda é um espaço de risco e intolerância, e não uma ilha segura no meio da violência urbana. Já a batucada, os cantos, as coreografias e os protestos dos torcedores organizados deixam claro que o futebol ainda possui aspectos populares e é um território de disputas e lutas. Essa irrupção dos conflitos e das contradições que marcam a vida em sociedade indica-nos que o processo de mercantilização acelerada do futebol, que busca transformar os estádios em cápsulas higienizadas e extraterritoriais, não é um processo retilíneo, fechado e natural. Ao contrário, é marcado pela atuação de forças concorrentes e conflitantes.

Além dessas limitações, a metáfora mercadológica, conforme já antecipei, é utilizada por dirigentes esportivos e agentes do mercado para defender o modelo arquitetônico e de negócio das arenas multiusos – o que serve para naturalizar o capitalismo e, mais exatamente, o entendimento de que o futebol não passa de um “grande-negócio”. É emblemática a declaração dada anos atrás por João Havelange, então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), de que o Maracanã deveria ser implodido, dando lugar a um estádio menor, supostamente mais rentável, que poderia ter hotel, supermercado e *shopping center*.³⁵ Ao focalizar exclusivamente a dimensão econômica das arenas, a referida naturalização oculta sua importância cultural, política e social.

Ademais, implicitamente, contribui para legitimar a redução do torcedor ao seu papel de consumidor. A de mero coadjuvante na maquinaria do consumo. Se o estádio é (e deve ser) um *shopping*; então, o torcedor é (e deve ser) um cliente. Essa redução é problemática na medida em que, em primeiro lugar, não favorece o processo de formação de uma cidadania esportiva. E, em segundo lugar, porque a importância do consumidor é dada pelo seu poder de compra – o que é particularmente problemático num país atravessado por gravíssimas injustiças econômicas e sociais como o Brasil.³⁶

³⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3iiQaXH>. Acesso em: 03 dez. 2020.

³⁶ LOPES. *Violência no futebol*.

A METÁFORA CÊNICA: O ESTÁDIO COMO TEATRO

Outra metáfora habitualmente utilizada para designar os estádios de futebol é a cênica, que compara as novas arenas a teatros. Geralmente, esta é utilizada por torcedores-ativistas para criticar o novo padrão arquitetônico, que pressupõe o fim das “gerais”, o encadeiramento de todo (ou quase todo) o estádio, o investimento em aparatos tecnológicos (grandes telões, por exemplo), a segmentação das arquibancadas em diversos setores e a criação de várias áreas exclusivas.³⁷ Esse padrão, segundo seus críticos, como as torcidas organizadas e alguns movimentos e coletivos de torcedores, contribui para a individualização do ato de torcer, impedindo a formação de massas compactas, e esfria o clima nas arquibancadas. Os torcedores teriam, assim, um comportamento cada vez mais passivo e distanciado, convertendo-se em um espectador, preocupado, fundamentalmente, com a fruição estética.

Por um lado, tal metáfora coloca em xeque o processo atual de (hiper)mercantilização do futebol, questionando as diversas restrições a uma tradição específica de torcer, que valoriza o fervilhar da multidão e a festa nas arquibancadas, reivindicando um papel de protagonismo para o torcedor. Por outro lado, perde de vista que a necessidade de vender o futebol significa que os estádios devem oferecer produtos que atraiam grande público e, portanto, tenham algum eco na vivência social. E isso significa que, em alguns momentos, esses produtos podem transgredir as convenções estabelecidas para uma fruição distanciada do espetáculo futebolístico. Por exemplo, o novo estádio do Tottenham possui, atrás de um dos gols, um enorme “tobogã”, com capacidade para 17.500 pessoas. Esse setor foi projetado para que os torcedores possam assistir aos jogos de pé, vislumbrando a crescente mobilização dos torcedores para que isso seja possível (desde os anos 1990, depois de uma série de tragédias e da implementação do Relatório Taylor, os torcedores ingleses não podem assistir aos jogos de pé).³⁸

³⁷ LOPES; HOLLANDA. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística.

³⁸ Disponível em: <https://glo.bo/2Naf5kV>. Acesso em: 11 abr. 2020.

A metáfora cênica também sobrevaloriza as diferenças do presente em relação ao passado, exaltando o primeiro e condenando o segundo.³⁹ Como se este último fosse naturalmente inferior ao primeiro. Se é inegável que houve um aumento significativo do preço dos ingressos, muito acima da inflação⁴⁰ – o que contribui, evidentemente, para excluir a classe trabalhadora do espetáculo esportivo – e, também, que, cada vez mais, há restrições que impedem a produção efetiva da festa, com proibições, é questionável que tenha ocorrido uma transformação radical na forma de torcer.

Em primeiro lugar, porque o campo das interações entre torcedores de futebol constitui um espaço relativamente autônomo. Em outras palavras, constitui um microcosmo dotado de leis próprias, ainda que, evidentemente, jamais consiga escapar completamente das imposições do macrocosmo, isto é, do mundo global que o envolve.⁴¹ Com isso, o referido campo consegue refratar, até certo ponto, as demandas externas, transfigurando-as. Elas não se exprimem nele diretamente. Com efeito, não podemos retirar a lógica da rivalidade entre duas torcidas diretamente do campo sociopolítico mais amplo. Temos de entender suas forças e lutas internas.

Sendo assim, podemos supor que, na verdade, foi a constituição de uma nova força – as torcidas organizadas de futebol – que modificou radicalmente a estrutura do campo em questão, conferindo-lhe uma nova dinâmica, e não as demandas do campo econômico. Minha hipótese é que, se ocorreram rupturas significativas nas formas de torcer, elas aconteceram, principalmente, no final dos anos 1930 e início dos anos 1940, com a emergência dos primeiros agrupamentos organizados de torcedores, e, depois, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, com a aparição das atuais torcidas organizadas.

³⁹ LOPES; HOLLANDA. “Futebol moderno”.

⁴⁰ Neste ponto, o caso do Corinthians é emblemático. Apenas para dar um exemplo: o ingresso médio para o corinthiano assistir à final do Campeonato Paulista de 1977 – que decretou o fim do jejum de títulos de quase 23 anos do clube paulista – era, em valores atuais, corrigidos pelo IPC (Índices de Preços ao Consumidor), R\$ 10,32. Em contrapartida, para assistir à final do mesmo campeonato em 2017 – quando seu valor simbólico já era significativa menor, diga-se de passagem – o corinthiano teve de pagar, em média, R\$ 64,58. Disponível em: <https://bit.ly/2KoxfOS>. Acesso em: 18 mar. 2020.

⁴¹ BOURDIEU. *Questões de sociologia*.

Em segundo lugar, porque nem todos os torcedores aceitam o “roteiro” elaborado pelos organizadores do espetáculo esportivo. As torcidas organizadas, por exemplo, seguem fazendo sua festa nas arquibancadas, e interagindo ativamente com o espetáculo futebolístico – inclusive, às vezes, fazendo uso de itens considerados ilegais, como os pirotécnicos. Mas mesmo os outros grupos de torcedores, em muitas ocasiões, contagiam-se com a atmosfera e acabam se envolvendo com o espetáculo futebolístico de forma ativa, gesticulando contra o juiz, xingando o time e a torcida adversária e/ou entoando gritos de guerra. O que certamente mudou é o fato de, hoje em dia, o torcedor ter um leque maior de focos concorrenciais de atenção. Por exemplo, em alguns camarotes, o torcedor tem à sua disposição serviço de *buffet*, jogos eletrônicos, barbearias e, até mesmo, piscinas. Ademais, em todos os setores, sem exceção, não é incomum vermos torcedores olhando fixamente para a telinha do celular durante a partida.

Em terceiro lugar, porque a ideia de que, no passado, as torcidas eram muito mais engajadas no ato de torcer parece estar relacionada a um sentimento nostálgico, baseado numa narrativa romântica e, até certo ponto, idealizada do futebol, conforme já sugeri. Por exemplo, a década de 1990, vista pelos jovens torcedores organizados como o período de ouro da festa na arquibancada, registra médias de público pífias, com milhares de jogos com enormes espaços vazios nas arquibancadas, que em nada contribuía para a carnavalização do espetáculo futebolístico. Nela, o Campeonato Brasileiro não alcançou 11 mil pessoas em cinco ocasiões e em nenhuma chegou sequer a 18 mil.⁴² Por sua vez, o Campeonato Brasileiro de 2018 terminou com a maior presença de público desde 1987, registrando uma média de 18,5 mil torcedores por partida.⁴³

No entanto, é sempre possível contra-argumentar e sustentar que, embora menor, o público presente era mais animado e engajado em apoiar o time. Ainda que esse tipo de comparação seja, obviamente, de difícil realização (para não dizer impossível), pode-se afirmar, ao menos, que havia, sim, mais liberdade para a realização da festa na arquibancada – o que, certamente, colaborava para a

⁴² Disponível em: <https://bit.ly/2LZtolc>. Acesso em: 28 fev. 2020.

⁴³ Disponível em: <https://bit.ly/2N6pzlbl>. Acesso em: 28 fev. 2020.

constituição de um espetáculo audiovisual mais estimulante, propiciando a criação de uma atmosfera mais “calorosa” nas arquibancadas.

Entretanto, cabe recordar que, ao menos desde a constituição dos primeiros agrupamentos organizados de torcedores, no final da década de 1930 e início da década de 1940, a festa nas arquibancadas é preparada com certa antecedência e envolve algum grau de organização e planejamento – o que relativiza o discurso, vinculado à narrativa supramencionada, de que ela era, fundamentalmente, o produto de práticas espontâneas. Ademais, ainda que em menor medida, o espetáculo futebolístico já era afetado pelas forças que hoje o controlam, como o dinheiro, a mídia e os patrocinadores – o que, por sua vez, relativiza o discurso de que ele era realizado em um espaço livre e autêntico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tomando como base resultados de investigações produzidas desde o período de realização de minha pesquisa de doutorado, analisei as potencialidades, os limites explicativos e alguns dos possíveis efeitos político-ideológicos de quatro metáforas habitualmente utilizadas para designar os estádios de futebol. Ao realizar essa análise, busquei mostrar, entre outras coisas, que a metáfora bélica pode servir para legitimar a ampliação de medidas de controle e vigilância; que a metáfora panóptica chama a atenção para o enraizamento dos mecanismos disciplinares no espetáculo futebolístico, mas perde de vista o fato de que as novas tecnologias mudaram as relações entre visibilidade e poder nesse espetáculo; que a metáfora mercadológica, ainda que utilizada para denunciar o processo de hipermercantilização do futebol, pode contribuir para ocultar a exclusão da classe trabalhadora no referido espetáculo e que metáfora cênica sobrevaloriza as diferenças do presente em relação ao passado, tendendo a ignorar as estratégias de resistência levadas a cabo por grupos de torcedores.

Para finalizar, reforço que o estudo dessas e de outras metáforas é de grande importância para o desenvolvimento de uma teoria social crítica do futebol, pois não apenas falam muitas coisas acerca do espetáculo futebolístico, contribuindo para que possamos compreender melhor seu contexto mais amplo de

produção, transmissão e recepção, mas, também, porque moldam a forma como nós o percebemos e lidamos com ele. Cabe recordar que, ao nos fazer compreender uma coisa em termos de outras, as metáforas contribuem para a estruturação de nossos pensamentos, percepções, identidades e comportamentos.

* * *

REFERÊNCIAS

- BENTHAM, Jeremy. O panóptico ou a casa de inspeção. In: TADEU, Tomaz (Org.). **O panóptico: Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 13-88.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.
- BRASIL. **Lei nº 10.671**, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Torcedor e dá outras providências, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3nPe7qL>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- CHAURAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013 [1975].
- FONTENELLE, Isleide. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. The Soccer Stadium as a Disciplinary Stadium. **Esporte e Sociedade**, v. 1, p. 1-16, 2005-2006.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018.
- MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 99, p. 139-152, 2013.
- PIVA, Raphael. Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 296-312.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, v. 2, n. 3, p. 17-44, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Editores Associados, 1996.

* * *

Recebido para publicação em: 16 jun. 2020.
Aprovado em: 02 jul. 2020.

Processos de individuação dos torcedores na Arena do Grêmio

Selfhood Processes of the Football Fans at the Arena do Grêmio

Gustavo Andrada Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutor em Educação, UFRGS

Fernando Seffner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutor em Educação, UFRGS

RESUMO: Neste trabalho focamos nosso olhar sobre como os torcedores do Grêmio foram interpelados por diferentes conteúdos ao realizarem um trânsito entre o antigo estádio Olímpico Monumental e a atual Arena do Grêmio, especialmente na relação que se estabelece entre um sujeito individual, torcedor, e o sujeito coletivo, torcida. Para a construção de nosso material empírico realizamos diálogos com pequenos grupos de torcedores antes de partidas realizadas no novo estádio gremista. A tecnologia da Arena do Grêmio permite individualizar as ações dos torcedores por seus mecanismos de controle, o que poderia autorizar que o coletivo de torcedores fosse desfeito a qualquer momento. A torcida, em algumas circunstâncias, não poderia ser responsabilizada por ações realizadas por individualidades torcedoras, ao mesmo tempo em que as individualidades torcedoras não poderiam ser adequadamente avaliadas em suas ações sem levar o contexto da torcida em consideração.

PALAVRAS-CHAVE: Torcedor; Torcida; Arena; Estádios.

ABSTRACT: The article analyzes how the fans of Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense were challenged by different issues when making the transit between the old Monumental Olympic stadium and the current Arena do Grêmio. The focus of the analysis is on the relationship established between an individual subject, supporter, and the collective subject, football crowd. The empirical material was produced from dialogues with small groups of fans before matches held at Arena do Grêmio. The technology of the Arena do Grêmio allows individualizing the actions of the fans by their control mechanisms, which could authorize the collective of fans to be undone at any time. The fans, in some circumstances, could not be held responsible for actions taken by supporters, while the supporters could not be adequately evaluated in their actions without taking into account the context of the supporters.

KEYWORD: Fan; Supporter; Arena; Stadiums.

INTRODUÇÃO¹

Os estádios de futebol inserem os sujeitos em diferentes pedagogias. Eles são espaços de vivência intensa dos diferentes conteúdos produzidos sobre gênero, raça, geração, sexualidade, nacionalidade, corpo, pertencas políticas, emoções e sobre o torcer. O futebol, como qualquer prática cultural, está sempre envolvido em disputa por significados, ele é uma rede complexa em que diferentes atores transitam por diferentes funções. Sendo um esporte moderno, o futebol pode ser lido como uma instituição, complementar a tantas outras como a escola e a família. Os esportes “[...] representam e recriam a moderna domesticação das emoções, funcionando como pedagogias acerca de formas específicas de autocontrole. [...] São também concebidos, de certo modo, como os espaços controlados nos quais podem, contidamente, serem exteriorizadas as emoções”.²

O futebol faz circular diferentes emoções, aproximando e distanciando sujeitos. Algumas unidades e afetos, inclusive políticos, produzidos nos estádios de futebol ou durante as partidas não serão mantidos, necessariamente, ao final dos jogos ou em outros contextos. O estádio de futebol possui um histórico de registros simbólicos e de particularidade de relações que autoriza algumas práticas, que permitem aos sujeitos entenderem esse espaço como autônomo em relação aos demais espaços cotidianos. As linhas de continuidade ou ruptura entre o que se faz no estádio e o que se faz fora dele são contingentes e de complexos caminhos.

Normativas vindas da FIFA, das confederações continentais e de federações nacionais têm colocado em questão práticas historicamente autorizadas nos estádios de futebol, em sintonia com modificações no âmbito da cultura e impactos do campo dos direitos humanos. A modernização dos espaços do torcer, que vem ganhando andamento no Brasil, especialmente, a partir da década de 1990, foi catalisada com a realização da Copa do Mundo de futebol masculino no Brasil, em

¹ Este artigo é um dos produtos do projeto de pesquisa “Estratégias pedagógicas de construção, manutenção e modificação das masculinidades: ensinando a ser torcedor e a ser homem nas arenas de futebol pós Copa do Mundo”, Processo: 400749/2016-5, Chamada Universal 01/2016 CNPq.

² GUEDES. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado, p. 75-76.

2014. Com isso, diferentes olhares foram colocados para os estádios, os torcedores e suas práticas.

Dentro das diferentes disputas por significados sobre as práticas torcedoras nos estádios, envolvendo diretamente a torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense – clube no qual realizamos nosso trabalho de campo –, foi possível constatar certo ‘retorno’ da Coligay na memória coletiva de seus torcedores. A Coligay reuniu entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 um grupo de torcedores identificados como homossexuais que realizaram variadas performances no estádio Olímpico e, também, em outros estádios do Rio Grande do Sul. O que chamamos de retorno da Coligay se dá não apenas pelos materiais que passaram a ser produzidos sobre ela: um livro,³ um média-metragem⁴ e uma tese de doutorado,⁵ mas, especialmente, por sua presença no Memorial Hermínio Bittencourt, na Arena do Grêmio, inaugurado em princípios de 2016.

Além desse ‘retorno’ da torcida homossexual, agora inserida na linha do tempo da história do clube, procuramos olhar como as manifestações dos torcedores na Arena se configuravam a partir da nova arquitetura do estádio e das interdições as manifestações que apareceram, especialmente após o ‘caso Aranha’, episódio em que o, então, goleiro do Santos, Aranha, foi chamado de macaco por torcedores do Grêmio em partida pela Copa do Brasil de 2014.⁶ Em função das ofensas raciais, o Grêmio acabou sendo eliminado da competição e ampliou os debates sobre o permitido e o proibido de ser manifestado nos estádios de futebol.

Queríamos tentar visualizar, também, como se dariam algumas das disputas entre o que era esperado do público e o que esse público esperava do novo estádio. Continuará sendo possível apontar para sujeitos coletivos, para o ator social, ‘torcida do Grêmio’ nesse novo contexto, em que as variáveis de espaço e de tempo experimentaram modificação? Vale lembrar que o clube não apenas reformou seu estádio, mas, edificou um estádio totalmente novo, mudando geograficamente de local dentro do município de Porto Alegre, e entregando a antiga sede. É nesse

³ GERCHMANN. *Coligay: tricolor e de todas as cores*.

⁴ *Para o que der e vier* dirigido e roteirizado por Pedro Guindani

⁵ ANJOS. *De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay*.

⁶ BANDEIRA; SEFFNER. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol.

trânsito, especificamente na torcida do Grêmio, em que se poderia esperar uma sociabilidade torcedora diferente, que pretendemos olhar de que maneira os torcedores dialogam com esse novo espaço e nesse novo tempo, com discursividades em disputas por legitimidade. O objetivo deste trabalho foi procurar pensar como o currículo do torcer faz uma aproximação e distanciamento da relação do indivíduo torcedor com o sujeito coletivo torcida a partir de conteúdos que apareceram ou que passaram a ser questionados no contexto dos estádios de futebol. Para atingir nosso objetivo, este trabalho está dividido em seis partes. Após essa breve introdução, discutiremos sobre nossas estratégias metodológicas. A terceira seção procura mostrar como ocorre a inscrição do sujeito individual torcedor na coletividade da torcida. Na sequência do texto apontamos como o exercício da memória da torcida homossexual pode ser distinto quando pensado no indivíduo torcedor ou na coletividade torcedora. A quinta parte de nosso trabalho aponta para as justificativas dos torcedores sobre a responsabilidade de indivíduos e/ou do coletivo no caso em que o goleiro Aranha foi ofendido racialmente. Finalizamos nosso artigo apontando alguns entendimentos que nos mostram um processo de individualização dos torcedores nesses primeiros anos de uso no novo estádio do Grêmio, indicando formas de apropriação do novo espaço de exercício do torcer.

ESTRATÉGIAS DE JOGO: PEDAGOGIAS, DIÁLOGOS E INTERPELAÇÃO

Os estádios de futebol se constituem como um artefato cultural, eles são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos portadores de pedagogias de gênero e de sexualidade, dentre outras pedagogias culturais. É necessário passar por diferentes processos de aprendizagens para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto cultural. “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos

educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais”.⁷

Diferentes instâncias trabalham nos processos da construção dos sujeitos, “não é apenas a escola que educa [...] outras instâncias sociais também o fazem na medida em que constroem representações, subjetivam os indivíduos e grupos sociais”.⁸ A partir dos Estudos Culturais, é possível entender que existe pedagogia em diferentes artefatos culturais. “As pedagogias culturais que são colocadas para funcionar através de artefatos culturais da mídia contemporânea, dentre outros, têm-se revelado, pois, como processos educativos potentes quando se trata de instituir relações entre corpo, gênero e sexualidade”.⁹

Dentre as estratégias metodológicas que adotamos para a realização dessa investigação, estava um diálogo com pequenos grupos de torcedores, quase sempre duplas ou trios, nos quais nos inseríamos para discutir algumas das percepções desses indivíduos sobre a mudança do estádio Olímpico Monumental para a Arena do Grêmio, como entendiam o ‘caso Aranha’ e quais memórias possuíam sobre a extinta Coligay. Essas conversas foram realizadas, na maior parte das vezes, antes das partidas. Estávamos sempre vestidos com uma camiseta do Grêmio, nos apresentávamos enquanto pesquisadores, apontávamos brevemente os assuntos que gostaríamos de conversar e solicitávamos registrar esse diálogo em um gravador. Boa parte dos grupos abordados para os diálogos eram de torcedores que estavam tomando cerveja. Acreditávamos que essa era uma boa oportunidade de contexto de abordagem, não apenas por participarmos de um diálogo entre torcedores, como, também, pelo tempo que os torcedores precisariam ficar antes de subir até a esplanada ou entrar no estádio. Tendo em vista a proibição da comercialização de bebida alcoólica nas praças esportivas do Rio Grande do Sul, as cervejas compradas fora do estádio precisariam ser consumidas antes do acesso pelas rampas, assim como as adquiridas na esplanada não poderiam atravessar os portões.

⁷ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, p. 43-44.

⁸ FISCHER. *Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar*, p. 68-69.

⁹ MEYER. *Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero*, p. 223.

Com esses diálogos, foi possível tentar verificar como os torcedores produziam narrativas a partir de suas inserções e distintas apropriações nesse novo espaço, assim como eram interpelados pelo currículo de torcedor de futebol e de masculinidade atravessados pelos conteúdos que acabavam por mobilizar as condutas dos torcedores do Grêmio.

Uma interpelação é, pois, um chamamento, um enunciado que convoca o sujeito o qual pode ou não assumir a convocação. Seria como se alguém dissesse “ô baixinho” e o cara se virasse e respondesse: “Quem? Eu?”, reconhecendo-se de algum modo naquela interpelação e assumindo-se como tal.¹⁰

A aposta por esses diálogos se deu a partir do entendimento de que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiriam acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas por esses atores. Acabamos conversando com os chamados ‘torcedores comuns’. Essa alcunha é recorrente entre os mediadores especializados para diferenciar os indivíduos que comparecem aos estádios de forma distinta das torcidas organizadas, e, especialmente, no caso dos torcedores do Grêmio, aqueles que não frequentam o setor da Geral. A “Geral do Grêmio”, atualmente a maior torcida do clube, surgiu no início deste século influenciada pelas torcidas uruguaias e argentinas na forma de se portar nos estádios. A Geral inaugurou o movimento de ‘barras’ que ocupou outros estados brasileiros a partir da metade da última década e que serviu, de certa forma, como contraponto às torcidas organizadas que dominavam o cenário brasileiro quando dessa ‘importação’, no início deste século.

A vocação da torcida é o apoio incondicional ao clube, que se expressa no estádio através do incentivo agitando bandeiras e entoando cânticos, permanecendo de pé, durante todo o jogo, independente do placar. Os cânticos expressam de modo exemplar esta concepção assim como as faixas, e as barras, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes. Aparentemente espontâneos, os cânticos estão submetidos a regras e técnicas, sendo cuidadosamente criados e obrigatoriamente exigidos.

¹⁰ LOURO. Discursos de ódio, p. 271.

Expressão obrigatória desse novo modelo de torcedor, cantar o tempo inteiro exige dedicação e disciplina.¹¹

Esse diálogo, nesse espaço específico, foi pensado para provocar que os indivíduos se pensassem dentro de um sentimento de pertencimento ao coletivo de torcedores. Mais do que pensar nos indivíduos como pré-existentes às interações dos estádios, esses encontros rápidos nos permitiram acessar a forma como esses sujeitos torcedores e masculinos se entendiam interpelados pelos currículos de masculinidades e do torcer nos estádios de futebol,¹² e de que forma dialogavam com a mudança de endereço do Grêmio. Esse diálogo, nesse espaço específico, foi pensado para provocar que os indivíduos se pensassem dentro de um sentimento de pertencimento ao coletivo de torcedores. Mesmo que as falas fossem individuais, elas não podem ser descontextualizadas dessa pertença:

[...] não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático.¹³

O protagonismo das torcidas organizadas nas representações sobre o torcer pode gerar certa impressão de homogeneidade nas manifestações torcedoras nos estádios de futebol. Entretanto, muitas disputas por legitimidades acontecem, especialmente nos setores dos ‘torcedores comuns’. Por mais que a torcida seja narrada, em diferentes oportunidades, como uma totalidade, dentro dela é possível visualizar uma série de diferenças, com algumas disputas bem marcadas.

A INSCRIÇÃO NO SUJEITO COLETIVO TORCIDA

Nos estádios de futebol, algumas práticas são autorizadas em um processo coletivo de construção de fraternidades e solidariedades masculinas. No estádio se está, ao mesmo tempo, em casa e no espaço público. Os palcos onde ocorrem os jogos

¹¹ TEIXEIRA. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro, p. 8.

¹² BANDEIRA. *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol.*

¹³ BUTLER. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, p. 18.

carregam e instauram representações importantes na cultura do futebol. Os estádios são entendidos como a ‘casa’ de seus respectivos clubes. Esse entendimento é produtivo para pensarmos nas produções de significados. Como lembra Roberto DaMatta, “sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns de seus espaços”.¹⁴

Com uma carga simbólica e afetiva importante, a construção de enfrentamentos verbais, como os que ocorrem nos estádios de futebol, possui com a coletividade e com seu tempo de duração uma relação destacada de produção de sentidos. Em alguma medida, separado da vida cotidiana

[...] activam-se sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, e a sua manifestação aberta na companhia de muitas outras pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações colectivas de sentimentos intensos.¹⁵

Boa parte das manifestações que ocorrem nos estádios de futebol é protagonizada por um sujeito coletivo, ‘torcida’, “vale a pena distinguir o torcedor individual da torcida – um ser coletivo, nascido dos indivíduos, mas inexplicável se tomado como simples soma destes”.¹⁶ Estar em uma torcida ou fazer parte de uma torcida permite uma série de inscrições. Essas inscrições provocam distintas incitações para a circulação de significados em uma determinada cultura.

Essa coletividade dos torcedores de futebol em uma torcida aparece em um contexto festivo. A festa permite borrar algumas fronteiras existentes, como as de público e privado. No estádio se está em casa e no espaço público ou não se está efetivamente em nenhum dos dois, mas em uma intersecção entre ambos. Rita Amaral comenta que nas festas existe uma diminuição da distância entre os indivíduos, o que permite a transgressão de algumas normas coletivas, potencializando a existência de uma “efervescência coletiva”.¹⁷ As identidades individuais não são apagadas nas festas, e, nelas nem tudo é permitido, mas a ideia da festa permite pensar que as hierarquias do cotidiano sofrem deslocamentos,

¹⁴ DAMATTA. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, p. 50.

¹⁵ ELIAS. *O processo civilizador II: formação do Estado e Civilização*, p. 71-72.

¹⁶ FAUSTO. *De alma lavada e coração pulsante*, p. 146.

¹⁷ AMARAL. *Festa como objeto e como conceito*.

fazendo com que ações desvalorizadas nos espaços ‘sérios’ da vida possam ser mais bem avaliadas nesse espaço.

Uma das formas de olhar para as manifestações dos torcedores em estádios de futebol é procurar observar qual o comportamento desse sujeito coletivo em multidão: ‘torcida’. Aqui, não se entende a multidão como um todo unificado,¹⁸ mas como um conjunto de pessoas, um coletivo que autoriza determinados comportamentos ao mesmo tempo em que inibe uma série de outros. Olhar para a multidão implica procurar localizar quais as falas são possíveis; o que os sujeitos se autorizaram a gritar; quais gritos são rechaçados; como as manifestações individuais de torcedores receberam adesão ou não. As manifestações individuais são atravessadas por uma espécie de ‘controle’ produzido pela própria torcida que autoriza ou desautoriza as manifestações que ali aparecem.

A AUTORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA COLIGAY PARA TORCIDAS E TORCEDORES

Dentro do dispositivo pedagógico dos estádios de futebol, a Coligay acabou ocupando um lugar de destaque. Ela ocupou o lugar do apagamento, do desconhecimento, da ignorância.

Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros.¹⁹

Entretanto, nesse jogo de visibilidade e invisibilidade, a Coligay passou a disputar um novo lugar durante a segunda década deste século. No início de 2016, foi inaugurado, na Arena do Grêmio, o Memorial Hermínio Bittencourt. Além de bolas, uniformes e troféus, o memorial também conta com painéis em homenagem à torcida e aos torcedores. Um desses painéis é dedicado à Coligay. O painel é intitulado “Diversidade da Alegria” e apresenta o seguinte texto:

Na cinzena década de 1970, o Brasil atravessava um dos períodos mais obscuros de sua história, com repressão e censura suprimindo e sufocando as liberdades democráticas. Era preciso ser muito corajoso

¹⁸ RUDÉ. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*.

¹⁹ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, p. 30.

para expor sua preferência sexual, ainda mais dentro de um estádio de futebol. Mas a torcida Coligay encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reerguer o moral do time, que andava para baixo. Vestindo figurino extravagante e ousado de túnicas esvoaçantes, plumas e paetês – tudo em azul, preto e branco, é claro – cerca de 60 rapazes gremistas provaram que o Grêmio é mesmo um clube plural e inovador do país.

Volmar Santos, então gerente da célebre boate Coliseu, de Porto Alegre, foi quem organizou a festa: “Eu queria a torcida incentivando mesmo quando o time não ia bem... Quando parti pra recrutar, pensei em gente como eu!”. Cantando, pulando e dançando o tempo todo ao som de sua potente charanga, a Coligay embalava o time e os estádios por onde passava. O que realmente os distinguiu era a animação e o bom humor.

O clube acolheu a torcida e esta, além da alegria, trouxe sorte e foi pé quente! Logo, todos os gremistas puderam comemorar o mais festejado título gaúcho da história (1977) e seguiram comemorando, Brasileiro, Libertadores, até a conquista do mundo, em 1983.

A torcida chegou ao fim, pois seu líder, Volmar, retornou naquele ano para sua terra natal, Passo Fundo. Mas a Coligay já havia ajudado a colorir os anos de chumbo.

O Grêmio tem feito esforços para tentar transformar sua imagem bastante associada como um clube elitista e, mesmo, racista. Além do painel da Coligay e do torcedor negro Bombardão²⁰ em seu museu, o clube passou a adotar a alcunha de “Clube de Todos” tentando associar uma nova imagem de clube plural e inclusivo.

Procuramos nos diálogos realizados identificar como a memória ou esquecimento sobre a torcida homossexual do Grêmio era entendida e narrada pelos torcedores do clube.²¹ Aqui nos interessou, especialmente, observar como a torcida homossexual poderia se relacionar com indivíduos torcedores isolados ou com o sujeito coletivo, torcida, nesse novo espaço e nesse novo tempo.

Em diferentes diálogos utilizamos a relação do Sport Club Internacional com os negros como mito de origem. O principal rival do Grêmio teve uma excelente capacidade de produção de sua vinculação ao popular e, também, aos negros a partir das décadas de 1930 e de 1940 e acaba sendo lido como um clube em que a presença negra se vincula a sua origem. Para os diálogos conseguimos trabalhar razoavelmente bem essa relação como ‘mito de origem’ do rival. Em um exercício de imaginação, questionamos esses mesmos torcedores para saber se

²⁰ Bombardão foi um torcedor ícone do clube entre as décadas de 1920 e 1950. Negro e pobre ele se destacava pelos gritos de Grêmio no Centro da cidade de Porto Alegre.

²¹ Uma discussão mais aprofundada sobre como os torcedores dialogam com as memórias da Coligay podem ser encontradas em BANDEIRA; SEFFNER. *Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*.

eles entendiam que seria possível o Grêmio realizar uma apropriação semelhante utilizando a Coligay como certo mito de origem para narrar sua história torcedora como mais tolerante. Ângelo²² afirmou que *“possível é, mas eu, particularmente não iria curtir a história do time ser em cima disso aí, não por um preconceito para mim não interessa se é negro, se é branco se é veado, mas... quer vir, vem”*²³ (DC 12).²⁴ Edilson respondeu que *“quando eu falo com algum outro torcedor esse é um assunto que não gostam como gremista. Se os caras pudessem apagar isso aí poderia passar despercebido, não é um título que a gente gostaria de ter como o primeiro clube a mostrar que não tem preconceito”* (DC 21). É interessante que mesmo nesse contexto, Edilson acredita que não existe preconceito contra homossexuais na torcida do Grêmio: *“beleza, não há preconceito, mas não precisa fazer uma torcida gay para isso”* (DC 21). Essa relação entre a existência ou não de preconceito/violência em relação a torcedores homossexuais também é entendida dessa maneira pelos antigos integrantes da Coligay. Em seu trabalho sobre a torcida, Luiza Aguiar dos Anjos aponta: *“Chama atenção o fato da existência de preconceito ser negada pelos ex-componentes da Coligay, mas ao mesmo tempo, de mencionarem situações em que não se sentiam seguros no ambiente futebolístico e o fato de tomarem certas precauções”*.²⁵ Adilson achava muito difícil o Grêmio realizar tal apropriação: *“eu acho que o clube não se apega tanto como o Inter fez, trouxe. O Grêmio quer se apegar como um clube que a torcida tanto homossexual, negro, branco, todos tenham seus direitos e tenham lugar no estádio sem nenhum preconceito”* (DC 24). Jonas creditou a ação de colocar a torcida no Memorial a uma estratégia de marketing do clube: *“foi uma jogada boa do marketing do Grêmio ter assumido e não fugir do assunto como fugia antigamente”* (DC 25). Réver entendia que era bem difícil falar. Segundo ele, *“o preconceito racista caiu, sei lá, de 100%, deve ter 1% de racismo no mundo, digamos assim.*

²² Os nomes dos torcedores com os quais dialogamos ao longo da estada em campo foram substituídos para manutenção do anonimato.

²³ As falas dos torcedores registradas com o gravador serão destacadas em itálico.

²⁴ Todas as manifestações dos torcedores compuseram nossos diários de campo. Optamos por utilizar após cada um desses trechos a sigla DC, para diário de campo, e o número do respectivo diário. Nossos diários foram construídos a partir das observações e dos diálogos realizados com os torcedores. Tentamos elucidar neles, especialmente, as relações entre as falas dos entrevistados, modos como os interpelamos e fomos interpelados por eles, além de relacionar suas falas com a teoria que dá suporte ao nosso trabalho.

²⁵ ANJOS. *De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”*, p. 119.

Agora, em relação aos gays, em relação ao orgulho do clube, eu não sei se o clube futuramente usaria como marketing do clube a parte da torcida gay” (DC 29). Enquanto gremista, ele acreditava que não faria essa posituação: “eu não tenho nada contra, eu até acho que são torcedores, assim como nós, que tem que participar, mas eu não sei se o clube usaria isso como marketing do clube, enfim, como orgulho” (DC 29).

Outra forma de relacionamento com a Coligay é ignorar a possibilidade de vivências torcedoras distintas. Colocando o ‘gremismo’ como marcador essencial da relação entre os diferentes torcedores, Hernán definiu: *“se o cara torce pelo Grêmio e é apaixonado pelo Grêmio, eu não tenho preconceito nenhum, se a pessoa está ali independentemente da cor, da raça que ela tem e gosta do time não tem porque banir essas pessoas do estádio” (DC 7). Kléber disse: “a nossa parte, somos gremistas independentemente de cor, sexo, etnia, qualquer coisa. A gente está junto para empurrar o tricolor” (DC 7). Rhodolfo, em um exercício sobre a interpretação que poderia ser dada em um eventual retorno da Coligay, argumentou: “tu não tens a torcida gay do Grêmio, é uma torcida do Grêmio. Eles são gays, eles são brancos, eles são assados, ok, mas é uma torcida do Grêmio” (DC 11). Ele acreditava que as diferentes identidades são subsumidas ao ‘gremismo’ dentro do estádio: “lá fora eu tenho uma vida, tu tens uma vida, cada um tem sua vida, não vou eu julgar tua vida de acordo com o que eu acho que é certo ou não. Aqui dentro todo mundo é gremista, são grupos que vão se reunir para torcer a favor do Grêmio” (DC 11). Em alguma medida, uma torcida subordinada ao “torcer a favor do Grêmio”, que disfarce ou ignore suas diferenças, poderia ser bem acolhida.*

Sobre um eventual retorno da Coligay, Everaldo afirmou não ter nada contra, mas apontou outros atores como possíveis dificultadores desse retorno: *“se quiserem criar o que forem criar, quem frequenta, quem é torcedor, se é homossexual ou não é, não tem diferença, mas eu acho que a torcida Geral do Grêmio ia criar alguma dificuldade, algum preconceito em relação a isso” (DC 12). Rodrigo entendia que, quando o livro foi lançado,²⁶ “o Grêmio tinha que ter abraçado essa história. Qualquer história ligada ao Grêmio é do Grêmio, faz parte do Grêmio” (DC 14). Victor acreditava que “existem gays nas torcidas de Grêmio e de Internacional, mas*

²⁶ GERCHMANN. *Coligay: tricolor e de todas as cores.*

eles não se apresentam como tal. Eu acredito que se um grupo de torcedores aparecesse com faixas e bandeiras de uma torcida gay eles seriam facilmente alvo de violência física” (DC 18). Sobre a possibilidade de um eventual retorno da Coligay, Germán argumentou: *“eu apoiaria, gostaria, mas eu acho que a reação da torcida, por exemplo, aqui a reação da torcida do Grêmio para uma manifestação a favor da Coligay eu acho que seria reprimida. Iria receber uma opressão por parte da própria torcida”* (DC 29). Sobre a possibilidade de uma torcida gay em qualquer estádio no Brasil, Renato disse: *“teria a possibilidade, mas ela seria hostilizada, eu tenho certeza que sim, em qualquer clube, eu tenho certeza que sim”* (DC 31).

O CASO ARANHA E AS POSSIBILIDADES DE RESPONSABILIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Em 28 de agosto, Grêmio e Santos fizeram a primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil de 2014 na Arena do Grêmio, em Porto Alegre. Próximo ao final da partida, o goleiro Aranha, da equipe paulista, afirmou que torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte (setor com ingressos mais baratos e destinado aos torcedores que assistem às partidas em pé e às torcidas organizadas) o chamaram de “preto fedido” e de “macaco”, além imitarem sons emitidos por macacos em direção ao atleta.

O, então, assessor de futebol do clube gaúcho, Marcos Chitolina, defendeu punição aos torcedores, ao mesmo tempo em que procurou eximir o clube de responsabilidade: “Não vamos compactuar com o racismo, mas o Grêmio não pode ser punido por um ato individual. A administração da Arena tem todas as condições de buscar a identificação. Assim que for encontrado, vai punir e tomar as medidas necessárias”.²⁷ O argumento de defesa do clube e de responsabilização individual dos diretamente envolvidos poderia ser pensado, exclusivamente, como uma tentativa de produzir ganho jurídico. Porém, é possível inserir essa argumentação em certo viés moral destacando desde o início que os violentos são os outros ou, no mínimo, isolar os protagonistas de determinados atos.

²⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-defende-punicao-torcedores-nao-vamos-compactuar-com-racismo.html>. Acesso em 10/06/2020, às 11h06.

Uma imagem produzida pelo canal de televisão ESPN flagrou a torcedora Patrícia Moreira gritando o termo “macaco”. Essa torcedora acabou sendo colocada como a principal responsável pelas ofensas dirigidas ao goleiro. A imagem da jovem e loira torcedora conseguiu personificar a injúria racial e acabou servindo como argumento para que o clube apresentasse a hipótese de que a ofensa se tratava de uma ação isolada. Se pensarmos, porém, que toda a fala é excitável, os falantes poderão alegar que não possuem a total responsabilidade pelo uso de uma linguagem que os precede e os excede. Neste caso, mesmo que a tentativa de isolar a atitude possa trazer algum conforto moral, essa opção acabaria por desconsiderar o contexto em que tal ‘atitude individual’ se originou. Como nos lembra Guacira Louro “quem insulta não insulta sozinho, mas é, de fato, um falante que ecoa outras vozes”.²⁸

As novas arenas/estádios brasileiras construídas para a Copa do Mundo de 2014, ou seguindo as mesmas diretrizes sugeridas pelo Caderno de Encargos da FIFA, possuem um grande controle do público²⁹ na tentativa de individualizar suas ações em um processo que, em alguma medida, poderia ser comparado ao modelo do panóptico que, segundo Michel Foucault, “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”.³⁰ Richard Giulianotti lembra que o “controle panóptico do espaço público foi testado em ‘condições normais’, pela primeira vez, no campo de futebol”.³¹ Essa vigilância se aplicaria ao conjunto de torcedores em suas individualidades. Com isso, esses sujeitos deixariam de ser entendidos como anônimos na multidão, o que algumas interpretações sugerem que produziria um sentimento de inimizabilidade em suas condutas. Essa ‘novidade’ das atuais arenas corresponde a um processo disciplinar dos torcedores. É uma forma de condução das condutas que tende a ser mais barata e eficiente, pois opera em uma autorregulação das ações. “Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do

²⁸ LOURO. Discursos de ódio, p. 274.

²⁹ BANDEIRA; BECK. As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios.

³⁰ FOUCAULT. *Vigiar e punir*, p. 167.

³¹ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*, p. 111.

poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição”.³²

A partir de Gilles Deleuze, se poderia ter outro entendimento e apontar que as práticas do estádio estariam mais vinculadas ao controle do que à disciplina. O autor recorda que as ações de controle são de curto prazo, contínuas e ilimitadas, enquanto a disciplina se fazia em processos de longa duração, de maneira infinita e descontínua.

Estamos entrando nas sociedades de controle que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. [...] O que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. [...] Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado.³³

O comentarista do canal Sportv, Maurício Noriega, destacava a multidão como um fator que poderia interferir no comportamento dos indivíduos gerando atitudes condenáveis: “Infelizmente, quando tem multidões, o cara até é um sujeito bacana, comportado, mas no meio de um monte de gente, ele se transforma e a idiotice prevalece. É lamentável que isso aconteça de novo”.³⁴ Esse processo que desloca o sujeito individual – torcedor – a integrante de uma determinada multidão – torcida – precisa ser afluído e vai se construindo desde o caminho até o estádio.³⁵ O contexto das arenas e seu controle contínuo, em alguma medida, faria com que o indivíduo torcedor não mais pudesse ser parte de um coletivo ou de uma multidão, mas fosse continuamente individualizado, avaliado e responsabilizado por suas condutas, ignorando a construção de sociabilidades distintas, como a torcedora. Até então, se pensava na sociabilidade torcedora que iria se construindo desde o caminho até o estádio, e era possível imaginar que ela permaneceria após o encerramento da partida em algumas oportunidades. Esse processo de individualização constante captada pela tecnologia do novo estádio acaba estimulando algumas ações e emoções ao mesmo tempo em que restringe uma série de outras ações e emoções naturalizadas nas experiências torcedoras dos antigos estádios.

³² FOUCAULT. *Vigiar e punir*, p. 168.

³³ DELEUZE. *A vida como obra de arte*, p. 215-6.

³⁴ Disponível em: <https://glo.bo/38MSgvO>. Acesso em: 10 jun. 2020.

³⁵ DAMO. *Futebol, engajamento e emoção*.

O processo de individualização dos sujeitos torcedores, como conseguimos visualizar nas atuais arenas, a partir dos assentos individuais e do monitoramento realizado pelas câmeras, pode ser pensado como uma tentativa de manter mais estáveis os marcadores identitários dos indivíduos dentro dos estádios. Isso poderia provocar uma diminuição das experiências de conjunto, ao mesmo tempo em que poderia facilitar o controle pelos organizadores dos eventos.

[...] el hecho de estar formando parte de una masa libera de las reglas de la vida ordinaria, por eso, por ejemplo, se puede decir malas palabras, y esto favorece la expansión de valores proscritos en lo cotidiano, se actualiza un sentimiento de comunidad que está desdibujando en la vida de todos los días.³⁶

É do interior de um certo aparato tecnológico, aliado à arquitetura das novas arenas, que a produção de distintos modos de torcer se engendra, eventualmente tornando inaceitáveis atitudes que até pouco tempo eram corriqueiras.

Casos como o que envolveu o goleiro Aranha podem ser lidos como fazendo parte do jogo, nesse tempo diferente da vida cotidiana como entendido por Huizinga.³⁷ Neste caso, as ofensas poderiam ser lidas como fazendo parte do contexto dos enfrentamentos. Hernán acreditava que os jogos possuem componentes específicos e poderiam ser entendidos como *“um caso à parte, na adrenalina do jogo muita gente fala besteira, muita gente fala coisa que não deveria falar, mas eu acho que tu estás no estádio, tu tens liberdade para falar algumas coisas, tu ficas com raiva, assim como tu ficas feliz com algumas coisas”* (DC 7). Everaldo entendeu que *“a menina chamou o cara de macaco nas pilhas da torcida. Eu levo em consideração que ela estava nas pilhas da torcida e gritou e sem querer ofender”* (DC 12). Ele acreditava que a manifestação, individualizada na figura da torcedora Patrícia Moreira, está dentro de um contexto mais amplo dos diversos xingamentos que aparecem nos estádios de futebol: *“tu podes chamar o cara de macaco da mesma forma que tu chamas o outro de filho da puta ou de alguma coisa assim, mas tu saís do estádio e acabou, isso não existe mais. É aquele momento do jogo, a torcida pegando no pé”* (DC 12). Adilson acreditava que os xingamentos aconteceram em um momento *“de loucura, de estar acostumado, de calor do jogo”*

³⁶ BROMBERGER. *Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol*, p. 27.

³⁷ HUIZINGA. *Homo Ludens*.

(DC 24). Maurício afirmou que o coletivo ‘torcida’ ofendeu o goleiro: *“não foi uma pessoa, foi infelicidade da guria, eu acho que muitas pessoas chamaram sim, eu acho que foi uma infelicidade, foi na emoção. Uma emoção que deve sim, com certeza ser controlada, deve ser sim, banida do futebol”* (DC 28). Para Patrício, o ocorrido no ‘caso Aranha’ *“foi mais uma coisa do calor do momento. O Aranha vinha no decorrer do jogo fazendo muita cera, o Grêmio estava perdendo o jogo, então foi no calor do momento”* (DC 33).

Um dos entendimentos dos torcedores sobre o ocorrido durante a partida de ida das oitavas de final da Copa do Brasil não negava o episódio racista. Entretanto, existia certa discordância dos procedimentos punitivos e, mesmo, da responsabilidade pelos atos ao clube ou a seu conjunto de torcedores. Rhodolfo afirmou: *“vamos supor que a guria fosse racista. A guria era racista. Ela odeia negro. Ela vê um negro e começa a xingar. Cara, ela representa ela”* (DC 11). Ele concluiu que *“ela não representa a torcida do Grêmio, ela representa ela só, ponto. Aí tu taxares o time por causa da opinião de um torcedor, de dois ou até se fosse uma quantidade maior de torcedores, perto do que foi o estádio”* (DC 11). Edilson acreditava ser difícil controlar as manifestações dos torcedores. Ele entendia, também, que *“têm pessoas que pensam totalmente ao contrário uma das outras aqui e se pudéssemos controlar essas pessoas sem nenhuma pessoa se manifestar de forma que ofenda um jogador ou outra torcida assim se controlaria”* (DC 21). Sobre a punição sancionada ao clube, Patrício afirmou: *“é ridícula porque tu vais punir sete milhões de torcedores eliminando um time por causa de um ato de um torcedor, isso é completamente ridículo”* (DC 33).

É bastante interessante pensar a partir de certos indicadores apontados pelos torcedores. A exigência de unanimidade poderia apontar para existências de discursos totalizadores dentro da torcida? A lógica da produção identitária ‘gremista’ teria algum tipo de traço capaz de igualar as ideias desse conjunto de torcedores? O que significa sermos sete milhões de gremistas? Em alguma medida, parece existir o entendimento da inexistência de consenso entre os torcedores, mas parece existir, também, um entendimento na direção contrária que apontaria para algo capaz de unir esses tais sete milhões de gremistas. Na fala de um dos torcedores, ele apontava que a torcedora representaria apenas a ela mesma. Isso

poderia ser ampliado e cada torcedor ser apenas o representante de si mesmo? Se cada torcedor é um e suas ações são individuais e individualizadas, faz sentido falar em torcida enquanto sujeito coletivo?

A RELAÇÃO ENTRE O TORCEDOR E A TORCIDA NA ARENA DO GRÊMIO

Durante a abordagem aos sujeitos, realizamos um exercício para tentar nos aproximarmos de como os torcedores entendiam a presença da Coligay na história do torcer pelo Grêmio. Questionamos se os torcedores acreditavam ser possível a presença de uma torcida homossexual no Grêmio ou, mesmo, em outro clube do futebol brasileiro. Enquanto alguns torcedores mais sensibilizados às pautas de diferentes minorias apontavam que seria uma questão de tempo e que ocorreria naturalmente, outros marcavam que essa existência seria desnecessária ou equivocada. Segundo esse raciocínio, a torcida deveria unir e não separar. No caso da torcida do Grêmio, o único ingrediente que deveria ser levado em consideração seria o gremismo. Incentivando a equipe e colaborando com o clube, os torcedores homossexuais estariam autorizados a torcer ‘conosco’, mas sem a necessidade de uma torcida homossexual. Esse gremismo era lido nessa chave de inteligibilidade como não possuindo marcadores de masculinidade. Em alguma medida, o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio foi bastante competente ao participar da construção de sujeitos generificados que não percebiam os diferentes processos pedagógicos pelos quais tiveram que percorrer para se constituírem enquanto torcedores.

As tecnologias de individualização dos torcedores acabam diminuindo as possibilidades do sujeito ser subsumido pela multidão. A multidão dava certo contorno aos sujeitos e, também, a torcida. Com essa modificação posta pelas novas praças esportivas, o próprio torcer pode ser modificado. A coletividade era um ingrediente importante da socialização torcedora nos antigos estádios. Acerca das sanções aplicadas ao clube após os episódios de injúria racial na Arena do Grêmio, alguns torcedores reclamaram que os indivíduos que se manifestaram de forma injuriosa deveriam ser responsabilizados individualmente, mas não o clube, pois essa punição seria injusta com a coletividade de torcedores. A tecnologia da

Arena do Grêmio permite individualizar as ações dos torcedores por seus mecanismos de controle, o que poderia autorizar que o coletivo de torcedores fosse desfeito a qualquer momento e recriado novamente sem a presença de algum elemento 'indesejado'. Ao mesmo tempo, esse coletivo é solicitado para tentar acomodar um certo 'nós' gremistas, para reivindicarmos sermos vítimas de uma punição exagerada ou inadequada. A própria relação dos indivíduos torcedores com seus telefones e câmeras, que os mantém conectados com aqueles que estão distantes do estádio, poderia diminuir tanto a possibilidade de associação à coletividade dos demais presentes no estádio, como acabar exigindo que sua postura fosse avaliada por seus relacionamentos extra estádio de futebol, mesmo durante o tempo do jogo.

A relação entre o indivíduo torcedor e esse 'ente coletivo' que chamamos de torcida é uma chave explicativa para um número importante de atitudes. Os torcedores conseguem diferenciar-se desse coletivo, ao mesmo tempo em que se entendem participantes dessa mesma coletividade. A torcida, em algumas circunstâncias, não poderia ser responsabilizada por ações realizadas por individualidades torcedoras, ao mesmo tempo em que as individualidades torcedoras não poderiam ser adequadamente avaliadas em suas ações sem levar o contexto da torcida em consideração.

A diferenciação entre certo 'eu', torcedor, e 'ela', torcida, acabaria marcando boa parte dos entendimentos sobre liberdade e responsabilidade do que é dito dentro do estádio. Os torcedores afirmavam que boa parte das manifestações dentro do estádio acontecia nas "pilhas" ou no "calor da torcida". Essas afirmações apontavam que o indivíduo torcedor não teria domínio sobre aquilo que manifestava. Ao mesmo tempo, quando clube ou torcida fossem apontados como responsáveis por uma fala dita nesse contexto, imediatamente seria realizado um processo inverso. Nesse caso, esse indivíduo, que não seria autônomo para a construção de sua manifestação, precisaria ser responsabilizado individualmente, mesmo que essa individualidade só tivesse realizado tal manifestação por estar em meio ao coletivo de torcedores.

Essa contradição explícita dialoga bastante bem com a ideia de clubismo.³⁸ É possível inferir que as percepções ética, estética e moral são atravessadas por essa comunidade de sentimento. É através deste pertencimento que os indivíduos torcedores conseguem sentir as emoções de toda uma vida: felicidade, sofrimento, ódio, angústia, admiração e sentimento de injustiça. Um dos conteúdos do clubismo é a defesa incondicional da agremiação. O mesmo clubismo que ensina que o pertencimento pode alterar as ações dos torcedores também ensina que é necessário defender o clube, especialmente se existe algum risco de punições financeiras ou esportivas.

Na Arena do Grêmio também é possível observar pequenos conjuntos de torcedores agrupados com diferentes práticas em relação a outros setores do estádio, nas torcidas organizadas maiores ou na lógica das multidões. Aqui, o agrupamento é feito pelo time/clube, mas também por fatores outros, como vínculos políticos ou de visão de mundo e afetivos. Seria possível apontar que esses pequenos grupos poderiam trabalhar com uma lógica ampliada de relações familiares ou afetivas, que ainda parece ser a principal maneira como os torcedores se dirigem ao estádio, sejam em duplas de irmãos, pais e filhos, namorados etc. Na Arena existe a faixa de uma torcida de quatro pessoas integrantes de uma mesma família, por exemplo.

Não chegou a ser o objeto de discussão desse artigo, mas uma das alterações de público percebida pelos torcedores poderia estar mais bem associada ao entendimento de “familiarização”. Mais do que uma massa de torcedores, os sujeitos entendiam que as famílias estavam ocupando o estádio. A família esteve muito associada às mulheres e às crianças. O maior conforto e as maiores possibilidades de escolhas de consumo para eleger um lugar no estádio acabavam facilitando a presença desses agentes agrupados no conceito de família. Essa família, nas falas dos torcedores, foi posta como oposição ao antigo frequentador, o torcedor que sem ser nomeado pode ser entendido como um homem jovem ou jovem adulto que estaria associado a uma estética vinculada ao popular, mais bem lida como uma estética com menores preocupações vinculadas

³⁸ DAMO. O espetáculo das identidades e das alteridades.

a polidez. A família impõe um sobrenome e um lugar um tanto fixo na relação entre seus membros que a multidão ou o espaço público não sustentariam. Essa fixidez imposta pela família ajudaria a controlar a irrupção de comportamentos masculinos considerados destoantes para o bom andamento do espetáculo esportivo. Em alguma medida, a família dificultaria o ingresso dos indivíduos torcedores no sujeito coletivo torcida, diminuindo, com isso, as alterações de subjetivação dos indivíduos. Ela acaba funcionando como uma instância que poderia refrear os impulsos e ordenar os comportamentos de forma bastante ativa.

A elitização e a arquitetura do estádio, somados a outras tecnologias, permitem que o sujeito no meio da multidão seja mais facilmente individualizado. Isso acaba fazendo com que esse indivíduo tenha maiores dificuldades na transição entre o sujeito atravessado por diferentes currículos de subjetividade para o sujeito torcedor. Essa dificuldade para o sujeito torcedor, que precisaria responder afirmativamente à lógica de socialização do estádio, faz com que a ideia de coletividade seja um tanto borrada. Há uma fluidez maior entre torcedor e torcida. O torcedor, mesmo dentro da torcida, ao ser individualizado carrega consigo marcadores de raça/etnia, sexualidade, classe social, pertença familiar. Com isso, os compromissos éticos, políticos, estéticos e morais de fora do estádio não poderão ser deslocados mediante a interpelação do currículo do torcedor de estádio de futebol, ao menos não da forma como eram feitos anteriormente. Ainda é muito cedo para saber o que acontecerá com o que temos chamado de currículo de masculinidade dos torcedores de estádio a partir da desnaturalização de algumas práticas. Agora, mais do que antes, há um jogo a ser jogado sobre as construções dos torcedores e do torcer nos estádios de futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. Festa como objeto e como conceito. In: _____. **Festa à brasileira**: sentidos de festejar no país que não é sério. Tese de doutorado, São Paulo, PPGAS/USP, 2001.

ANJOS, Luiza Aguiar do. **De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. 2018. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, Brasil.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris editora, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; BECK, Matheus Passos. As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios. **Esporte e Sociedade**, n. 23, 2014, p. 1-12.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. **Diversidade e Educação**, v. 7, 2019, p. 312-328.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, v. 22, n. 3, 2016, p. 985-998.

BROMBERGER, Christian. **Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol**. Buenos Aires: Librosdel Rojas, 2001.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 5ª ed., 1997.

DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Ronaldo. AMARO, Fausto. **Esporte e mídia**: novas perspectivas – a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a, p. 49-94.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades – as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014b, p. 23-55.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 118-126.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador II**: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. In: **Revista de História**. São Paulo: FFLCH/USP n. 163, 2010, p. 139-148.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 73-85.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo, Perspectiva, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Márcio. (Orgs.). **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**. Rio Grande: Editora da FURG; Realize Editora, 2016, p. 271-282.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 213-233.

RUDÉ, George. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

TEIXEIRA, Rosana de Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. In: **Esporte e Sociedade**, n. 21, 2013, p. 1-16.

* * *

Recebido para publicação em: 14 jun. 2020.

Aprovado em: 12 nov. 2020.

Quando se mistura futebol e política: a patrimonialização do futebol em debate

When Football and Politics Mix: The Heritagization of Football Under Debate

Felipe Bertazzo Tobar

Clemson University, Clemson/SC, Estados Unidos
Doutorando em Parques, Recreação e Turismo pela Clemson University
ftobar@clemson.edu

Ilanil Coelho

Universidade da Região de Joinville
Doutora em História, UFSC

Luana de Carvalho Silva Gusso

Universidade da Região de Joinville
Doutora em Direito, UFPR

RESUMO: O artigo tem por objetivo discutir a relação entre futebol e política a partir do estudo do processo de tombamento da sede social do America Football Club (RJ). Mediante pesquisa sobre a história do clube, análise de reportagens da imprensa e do estudo da legislação, discutem-se os atos de tombamento da sede social, realizados no início da década de 2010, pela lavra discricionária do poder executivo municipal. Com base na teoria geral dos campos sociais de Pierre Bourdieu, buscou-se responder como e por que agentes políticos, provocados por dirigentes futebolísticos, apropriaram-se deste instrumento jurídico para, num primeiro momento, proteger a edificação e, posteriormente, por outro decreto regulamentador, determinar o seu destombamento. Deste modo, possibilitou-se inferir ser o presente caso um inequívoco exemplo sobre os usos e abusos políticos do instituto do tombamento que, desvirtuado, não respondeu ao seu primordial interesse público, mas a interesses particulares.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural; Tombamento; America Football Club.

ABSTRACT: This article aims to discuss the relationship between football and politics based on the study of the heritagization process of the headquarters of America Football Club (RJ). By conducting historical research of the club, textual analysis of press reports and legislation, it is discussed the discretionaries executive orders promulgated at the beginning of the 2010 decade, which provided recognition to America's headquarters as a site worthy of preservation. Supported by Pierre Bourdieu's theory of social fields, this manuscript sought to answer how and why political agents, influenced by football directors, have appropriated of this legal instrument to at first protect the building, and later, through another executive order cancel its recognition as a cultural asset. As such, it was possible to infer that the present case is a clear example of the uses and political abuses of the Landmark Act, which once distorted, has not attended its primordial public interest, but to private ones.

KEYWORDS: Cultural Heritage; Landmark Act; America Football Club.

INTRODUÇÃO

Com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88),¹ as disputas políticas em torno do Patrimônio Cultural foram intensificadas, tendo se tornado corrente a reivindicação por inúmeros atores sociais, mediante institutos e remédios jurídicos permitidos na legislação brasileira, de práticas patrimonializadoras de bens culturais de natureza material ou imaterial.

Nesse sentido, considerando o futebol uma metáfora da vida social por excelência,² parte relevante da cultura da nação e vetor de manifestações sociais cada vez mais apreciadas,³ o campo do futebol não deixou de revelar cenários inéditos aos campos político e do patrimônio cultural. Não são poucos os exemplos que auxiliam a desenhar o “estado da arte” relacionado aos processos de patrimonialização envolvendo o esporte no país. Neles vislumbra-se a ausência de princípios como o da legalidade, da moralidade e do interesse público, especialmente pelo fato do futebol brasileiro ser cada vez mais tangenciado pela interferência do poder constituído e de agentes políticos e por interesses controversos de seus dirigentes.

Desde o ano de 2015, vimos levantando e mapeando, em escala nacional, os casos que tiveram como objeto a patrimonialização do futebol em suas diversas facetas majoritariamente através de projetos de lei e decisões monocráticas/unilaterais, exaradas por membros do Poder Executivo, em desacordo com as categorias, ritos e procedimentos previstos na legislação brasileira (federal, estadual ou local).⁴ As conexões e percepções que foram geradas pelo binômio “futebol e patrimônio” têm seu marco inicial na década de 1980, com os tombamentos da antiga sede social do Clube Botafogo de Futebol e Regatas, no Rio de Janeiro (1983), e do estádio do Pacaembu, em São Paulo (1988), que hoje abriga o Museu Nacional do Futebol.

¹ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

² MURAD. *Football and Society in Brazil*.

³ A esse respeito ver: WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*; ROSENFELD. *Negro, macumba e futebol*; ORTIZ. *Imagens do Brasil*.

⁴ TOBAR. *O futebol brasileiro no “jogo” da patrimonialização cultural*.

Com a entrada no século XXI, estádios como o do Maracanã e Mineirão, e outros menos conhecidos do grande público como o Antônio Mourão Filho (Olaria Atlético Clube) e Dr. Robert Todd Locke (Atlético Jaboticabal), passaram a fazer parte da lista de bens tombados (Autor, 2017). Ainda, neste mesmo período, foram vários os pleitos buscando o reconhecimento de bens, ditos de natureza imaterial, tais como: os times paraenses Clube do Remo e Paysandu Sport Club e os brasões dos pernambucanos Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube. É também oportuno destacar o mesmo procedimento em face de torcidas, clássicos e gols memoráveis do “desporto-rei”.⁵

No que compete às solicitações oriundas dos clubes de futebol, a problematização dessas vem se mostrando cada vez mais indispensável, haja vista os interesses envolvidos, o contexto fático, os argumentos acionados nos requerimentos de patrimonialização, bem como as “representações” associadas a determinados valores culturais que, ao fim e ao cabo, parecem buscar obter benefícios de ordem econômica, normativa ou mesmo eleitoral.

Nesse particular, sem deixar de registrar similitudes com diferentes casos envolvendo futebol e patrimônio no Brasil, o presente artigo tem como foco de análise o processo de patrimonialização da sede social do America Football Club (AFC). Tal caso, por um lado, remete-nos aos recentes usos do discurso patrimonial emergentes das interfaces e dos jogos de poder promovidos por dirigentes futebolísticos e por políticos, os quais repercutem na órbita legal – notadamente, na validade, legitimidade e legalidade dos atos administrativos do Poder Público e nos supostos prejuízos processuais e financeiros suportados por credores e pela própria coletividade.

Por outra banda, o caso nos remete à oportuna problematização sobre as razões pelas quais o campo patrimonial, concebido como instância em que atuam instituições (nas diferentes esferas) e agentes (técnicos e especialistas) empenhados na preservação e gestão do patrimônio cultural no Brasil, majoritariamente, não tem sido acionado para liderar os estudos necessários que subsidiariam decisões sobre os pleitos apresentados.

⁵ TOBAR. *O futebol brasileiro no “jogo” da patrimonialização cultural*.

Desta perspectiva, contrariando o dito popular, o artigo tem por objetivo discutir “política e futebol”, destacando as formas pelas quais podemos vislumbrar o jogo entre esses campos que, a cada lance, “misturam-se” recorrendo a discursos de um terceiro campo, o do patrimônio cultural, para, simbolicamente, encobrirem as conveniências de suas proximidades e as vantagens que daí surgem.

Isso posto, o artigo está dividido em três partes. A primeira, amparada no referencial teórico de Pierre Bourdieu, discute as dinâmicas de entrelaçamento dos campos político, futebolístico e patrimonial e os intercruzamentos e deslocamentos de funções e objetivos ligados ao bem cultural. Na segunda parte do artigo, os aspectos constitucionais do Patrimônio Cultural e a “viralização” patrimonial do futebol são levantados para a interpretação dos atos decisórios concernentes aos atos de (des) tombamentos direcionados à sede social do AFC, objetos da terceira parte deste escrito. Por fim, a título de considerações finais, apontamos alguns dos desafios abertos tanto para os profissionais de várias áreas do conhecimento que atuam no campo do patrimônio cultural quanto para aqueles que se dispõem a contribuir com a formulação e acompanhamento de políticas públicas voltadas à proteção, valorização e apropriação cidadã da cultura futebolística.

POLITICA, FUTEBOL E PATRIMONIO CULTURAL: PERSPECTIVAS DE CAMPO

O termo “campo” acionado nesse artigo decorre da influência da teoria dos campos sociais – produzida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu⁶ e apropriada por inúmeros autores – em nossa análise. Nossa atenção recai sobre as dinâmicas de funcionamento dos (e entre os) campos político, futebolístico e patrimonial que, por suas naturezas sociológicas, são de difícil decifração, já que insinuam estratégias ocultas de dominação orquestradas pelos agentes ou entre os agentes que os habitam. Para Bourdieu, um campo é um espaço social estruturado a partir de relações objetivas entre indivíduos e grupos que se posicionam e são posicionados à medida que competem por um mesmo objeto.⁷ Nessa direção,

⁶ A esse respeito ver: BOURDIEU. Algumas propriedades dos campos; BOURDIEU. Alta costura e alta cultura.

⁷ BOURDIEU. Algumas propriedades dos campos.

Wacquant explica que cada campo prescreve seus valores particulares e possui suas próprias regras e princípios, os quais decorrem dos jogos de poder travados para legitimar disputas e hierarquias internas que dizem respeito ao poder de dizer a “verdade” de um objeto comum a seus agentes.⁸ Dito de outro modo, um campo é, pois, um espaço energizado principalmente por lutas intestinas relacionadas à defesa ou subversão de posições.

Importante também destacar a noção de estratégia de Bourdieu quando associada às dinâmicas de um campo. Segundo Carmo e Augusto, a noção não decorre de uma fria análise realizada por agentes que buscam posições vantajosas, mas de uma “relação infraconsciente entre um *habitus* e um campo”.⁹ Assim, a estratégia não abriga uma escolha integralmente consciente, mas é motivada pelo *habitus* de cada agente, condicionado pelas experiências adquiridas, e pelas necessidades que cada campo apresenta seguindo os seus próprios fluxos e jogos que trava com outros campos.

De acordo com Prestes e Mezzadri, a noção de estratégia nos serve para analisar as formas de ação dos agentes de um campo quando promovem interações e disputas “baseando-se no acúmulo global de capital e na estruturação deste capital acumulado; seja ele econômico, cultural, social ou simbólico”.¹⁰ No entendimento de Bourdieu,¹¹ capital é equivalente à noção de poder, o que aumenta a importância em reconhecê-lo e compreender os seus usos.

Também de acordo com Bourdieu,¹² o campo político – um microcosmo social obedecendo às próprias leis – tem por característica marcante a relação de desigualdade com aqueles que chama “profanos”, ou seja, os que estão fora ou os que aspiram adentrar em suas fronteiras. Tal relação propicia, inclusive, a tendência de naturalizar o poder do campo diante de outros campos e de reforçar e legitimar a posição dos dominantes desse campo enquanto agentes exclusivos para debater e resolver os assuntos da política.

⁸ WACQUANT. *O mistério dos ministérios*.

⁹ CARMO; AUGUSTO. *Habitus, capital e agência no futebol brasileiro: uma perspectiva regional*, p. 3.

¹⁰ PRESTES; MEZZADRI. *O contexto de sua criação e possibilidades de implementação*, p. 3.

¹¹ BOURDIEU. *Algumas propriedades dos campos*.

¹² BOURDIEU. *O campo político*.

Nessa esteira, o capital político consiste em uma “espécie de capital de reputação, um capital simbólico vinculado à maneira de ser reconhecido”.¹³ Se, por um lado, isto incide sobre o poder dos agentes no espaço público para assuntos da política, por outro lado, esses mesmos agentes não podem olvidar o fato de que foram aqueles que estão à margem que propiciaram seu ingresso no campo político e que, naturalmente, poderão definir futuras exclusões ou mesmo impulsionar novas configurações hierárquicas em seu interior. Como veremos no caso da patrimonialização da sede social do AFC, agentes do campo político mobilizaram seus capitais simbólicos para tratarem de assuntos e decidirem sobre questões que afetavam diretamente outros campos, quais sejam, o do futebol e o do patrimônio.

Para Souza, Almeida e Marchi Júnior, a autonomia relativa de um campo social pode ser analisada “numa relação de contraste e ênfase perante outros campos”.¹⁴ Considerando que “o espaço social é composto por todos esses microcosmos que tendem a reproduzir a estrutura do campo do poder em suas lógicas internas”,¹⁵ pelas interações travadas entre diferentes campos, seria possível apreender em contextos específicos o poder e o grau de autonomia de um determinado campo. Os autores, ao se valerem do referencial teórico de Bourdieu para “uma reconstrução teórica do futebol”, afirmam que, tal como o campo político, aquele se constitui, na atualidade, como um campo autônomo e não como um subcampo do campo esportivo, como queria Bourdieu em “Programa para uma sociologia do esporte”.¹⁶

Isso porque, seja enquanto prática esportiva hegemônica amplamente difundida, apreciada e consumida, especialmente no Brasil, seja pelos aspectos organizacionais, econômicos, políticos e sociais que passaram a impulsionar o denominado futebol profissional em âmbito internacional, não é mais possível tratá-lo como uma mera modalidade, dentre outras, do mundo dos esportes. O futebol, explicam os autores, por sua característica de apelo massivo, é apreciado

¹³ BOURDIEU. O campo político, p. 204.

¹⁴ SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial teórico de Pierre Bourdieu, p. 225.

¹⁵ SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR. Por uma reconstrução teórica do futebol..., p. 225.

¹⁶ BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte.

por diferentes grupos e classes sociais, o que o leva a “um lugar de destaque na hierarquia de oferta e consumo dos bens esportivos”.¹⁷

Além disso, ao considerarmos o “relativo destaque e dominância no contexto do espetáculo esportivo globalizado”,¹⁸ o futebol se revela como um campo relativamente autônomo quando observamos as disputas travadas por agentes e instituições pelo monopólio dos capitais em jogo e pela legitimidade e reconhecimento que deles decorrem ou podem decorrer. Logo, a partir dessa reformulação teórica proposta pelos autores, é possível estudar o futebol em suas redes de influência local, regional e nacional (Federações estaduais e Confederação Brasileira de Futebol – CBF) e internacional (Fédération Internationale de Football Association – FIFA), buscando revelar as interações e, no caso estudado, as articulações com agentes do campo político.

Análises produzidas desde o campo do futebol acabam por se tornar ainda mais relevantes quando as tomadas de decisões registradas dentro do seu espaço social, por estarem envoltas de alto grau de valoração cultural, identitária e emocional, junto a parcelas da população, são apresentadas como oportunidades únicas para agentes de outros campos maximizarem seus específicos capitais simbólicos. Para tanto, é necessário que atuem, quando convocados, para a solução de conflitos e problemas localizados no interior do campo do futebol, ainda que tal conduta exclua ou diminua em importância outros campos e agentes diretamente envolvidos nas decisões, como procuraremos apontar no caso da exclusão do campo patrimonial na patrimonialização da sede do AFC. Isso, por sua vez, pode desafiar os agentes desse campo, especialmente no tocante à sua suposta exclusividade em declarar ou instituir patrimônios culturais.

Para Maria Cecília Fonseca,¹⁹ também calcada na perspectiva de Bourdieu, o fato de existirem agentes (técnicos/especialistas do patrimônio) e processos de seleção e proteção do patrimônio nacional, definidos em legislação e em rituais normativos consolidados, sustenta a hipótese de que a política estatal brasileira sinaliza a existência de um campo que deve gozar de autonomia, ainda que relativa.

¹⁷ SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR. Por uma reconstrução teórica do futebol..., p. 225.

¹⁸ SOUZA; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR. Por uma reconstrução teórica do futebol..., p. 224.

¹⁹ FONSECA. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*.

Dessa forma, a partir da perspectiva teórica de Bourdieu e de suas posteriores ressignificações, esse artigo também visa contribuir para uma avaliação do grau de autonomia que os três campos sob análise apresentam, buscando desvelar as estratégias e os interesses que nortearam os pedidos e os posteriores decretos de (des) tombamento da sede social do AFC.

A CONSTITUCIONALIDADE DO PATRIMONIO E A PATRIMONIALIZAÇÃO DO FUTEBOL

Conceituar patrimônio cultural na contemporaneidade nos obriga a assumir uma pluralidade de interpretações e significados que nem sempre serão reconhecidos por aqueles que detém o poder de oficializar os patrimônios, mas que continuarão sendo vividos e percebidos por aqueles que os invocam.

O alargamento da noção de patrimônio que vimos assistindo desde a década de 1970 tem sido sustentado tanto por convenções internacionais, advindas de órgãos como Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), quanto por lutas travadas por minorias que recorrem à patrimonialização para angariarem direitos ou mesmo darem visibilidade a suas identidades no espaço público. Desse modo, a noção de patrimônio enquanto referência a valores excepcionais artísticos, históricos e paisagísticos transbordou para o mundo social vivido na cotidianidade [A esse respeito, ver a evolução dos marcos normativos que definem o patrimônio cultural, dentre os quais se destacam as Convenções da Unesco de 1972²⁰ e 2003²¹]. Por conseguinte, na visão de Santos isto permitiu “ao desporto, como a outros sectores da vida e da sociedade – a indústria, a vida local e rural, a moda, a gastronomia, etc, encontrar um lugar no campo do património”.²²

No escopo do ordenamento jurídico brasileiro é possível perceber a influência de referido alargamento conceitual, com a criação do instituto jurídico denominado “registro”, elaborado pelo Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI) que apresentou a proposta técnica do Decreto No 3.551, de 4 de agosto de

²⁰ UNESCO. Convenção para a protecção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.

²¹ UNESCO. Convenção para salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

²² SANTOS. *Patrimônio desportivo e musealização*, p. 18.

2000, reconhecendo os bens culturais de natureza imaterial e criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).²³ Tais iniciativas também foram diretamente influenciadas pela CF /88 e pela Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular da Unesco de 1989.²⁴

O *caput* do artigo 216 da CF/88 definiu patrimônio cultural como “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.²⁵ Por ocasião do julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) 4.976, em 07 de maio de 2014, sobre a Lei do Estatuto do Torcedor, o Supremo Tribunal Federal (STF) se viu imerso no processo de interpretação semântica das bases conceituais do artigo 216 da CF/88, particularmente em relação à presença ou não do futebol como parte do patrimônio cultural brasileiro. Quase ao final da sessão, o então relator Ministro Ricardo Lewandowski, afirmou:

[...] José Afonso da Silva bem esclarece que a expressão “de criação nacional”, inserta na Carta Magna, “não significa” – necessariamente – “que seja de invenção brasileira, mas que seja prática desportiva que já se tenha incorporado aos hábitos e costumes nacionais”. Isso quer dizer, a meu sentir, que o futebol, como esporte plenamente incorporado aos costumes nacionais, deve ser protegido e incentivado por expressa imposição constitucional, mediante qualquer meio que a Administração Pública considerar apropriado.²⁶

Não seria equivocado, portanto, afirmar que o ministro enxerga o futebol como um bem cultural “incorporado” historicamente nos hábitos e costumes nacionais, portador e símbolo da identidade nacional do povo brasileiro. Sendo assim, a patrimonialização do futebol se vale da ideia de que este esporte foi e é indelevelmente inscrito no gosto, no estilo de vida, enfim, na “alma” de qualquer brasileiro. Ora, o reconhecimento por parte do STF deste valor identitário atribuído ao futebol, por si só, não poderia bastar para ancorar e legitimar quaisquer iniciativas de tombamento, declarações e de reconhecimentos de bens ou práticas a ele ligados?

²³ BRASIL. Decreto n. 3551, de 4 de Agosto de 2000.

²⁴ TOBAR. *O futebol brasileiro no “jogo” da patrimonialização cultural.*

²⁵ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

²⁶ BRASIL. Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4.976, p. 16-17.

Por outro lado, o ministro, ao naturalizar o futebol como elemento do caráter nacional, sustenta que a proteção e incentivo a sua perpetuidade devam constar no escopo de atuação da Administração Pública, que, a priori, poderia se valer dos meios que entender cabíveis para garantia dessa imposição constitucional. Contudo, não existiriam limites a serem observados quando da apreciação de requerimentos dessa espécie?

Em caso que se debruçou no estudo do artigo 462 da Lei Orgânica do Rio de Janeiro (Agravo de Instrumento 714.949)²⁷ que possibilitava o tombamento de bens via Poder Legislativo ou por ato unilateral do Poder Executivo, o Supremo Tribunal Federal declarou ato inconstitucional o tombamento sem respaldo de estudos técnicos desenvolvidos por instância administrativa competente. A posição adotada reafirmou o voto do Des. Ronald Valladares que na Representação de Inconstitucionalidade N. 65/2006,²⁸ cujo trâmite se deu no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (2ª Instância), apontou que “o tombamento realiza-se através de um *procedimento administrativo vinculado*” [grifo nosso].

Depreende-se da decisão que cabe aos Conselhos do Patrimônio Cultural em seus âmbitos federal, estadual e municipal, estabelecer um controle sobre a matriz de valores que o bem apresenta dentro do campo patrimonial, recomendando ou não o seu tombamento, respeitados os procedimentos disciplinados em legislação aplicável, isto é, pelo Decreto-Lei N. 25, de 30 de novembro de 1937, recepcionado pela CF/88. Desta feita, pela relevância dos efeitos que assume qualquer processo de patrimonialização relacionada ao instituto do tombamento, é mister a observância de conduta irretocável segundo os princípios da administração pública por aqueles responsáveis (chefes do executivo) pelo “toque de midas”²⁹ que resultará na oficialização do tombamento.

Nesse particular, elementos como a imparcialidade e moralidade devem estar presentes nos processos de patrimonialização, especialmente envolvendo o futebol, por existir, como apontou Barp “o perigo de que, mais uma vez, o dinheiro

²⁷ BRASIL. Agravo de Instrumento n. 714949.

²⁸ BRASIL. Representação de Inconstitucionalidade n. 65/2006.

²⁹ RADUN. *O (des)tombamento em questão*, p. 24.

público seja gasto para salvar clubes de futebol que fazem parte da história do Brasil e que, historicamente, são mal administrados”.³⁰

A realidade patrimonial brasileira, no tocante ao futebol, diverge e continua a produzir distanciamentos da defendida competência do campo patrimonial em determinar ou não o tombamento, após a realização de estudos técnicos, por vezes, longos e profundos. Constatamos em nossa investigação que foram muitos os clubes que perquiriram o tombamento de suas praças ou sedes sociais, operando com uma seleção, precedida por interesses individuais ou coletivos pouco evidentes, calcada em discursos emocionais e identitários, com o fito de supostamente preservar clubes e práticas futebolísticas ou protegê-los de iminentes riscos.

No que se refere aos bens de natureza material, apenas dois processos tiveram como origem o órgão federal de preservação, Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN): Estádio do Mineirão (1997) e Estádio do Maracanã (2000). Dentre os bens tombados em nível municipal, apenas três (Estádio do Pacaembu, Sede Social do Fluminense F. C. e Fachada do Estádio Moisés Lucarelli) se originaram de Conselhos de Preservação do Patrimônio. Nos demais nove casos – Sede Social do Botafogo (1983); Estádio Proletário Guilherme da Silveira do Bangu Atlético Clube (1996); Sede Social do América Football Club (2010, 2012); Sede Social e Arquibancadas do Estádio Doutor José Procópio Teixeira pertencente ao Sport Club Juiz de Fora (2011); Estádio Municipal de Natal Juvenal Lamartine (2012); Estádio Doutor Robert Tedd Locke pertencente ao Jaboticabal Athletic Club (2012); Sede Social e Estádio do Olaria Atlético Clube (2013); Estádio Benedito Teixeira pertencente ao América Futebol Clube (2015); e Estádio Palma Travassos pertencente ao Comercial Futebol Clube (2017), os tombamentos foram realizados pelos poderes executivo e legislativo sem anuência de quaisquer instâncias de gestão do patrimônio. Destaca-se também o tombamento de um bem material móvel: o acervo de premiações de Clubes do estado do Rio de Janeiro. Quanto aos períodos de patrimonialização, dos quinze bens tombados, nove foram patrimonializados entre 2007 e 2017, fato que sinaliza

³⁰ BARP. Tombamento do futebol.

recente intensificação dos interesses e dos usos de instrumentos jurídicos para patrimonialização do futebol.³¹

No que tange aos bens reconhecidos ou declarados patrimônios imateriais, verificou-se também a intensificação de iniciativas a partir de 2007, ainda que consideremos que o Decreto 3.551 que criou o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial no Brasil remonta ao ano de 2000. Destaca-se que nenhum processo de patrimonialização destes bens teve por origem o IPHAN ou qualquer Conselho estadual ou municipal. Quanto à tipologia, percebe-se uma grande variedade abrangendo desde torcidas – Flamengo (2007); Bahia e Vitória (2017); times – Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas (2011); Paysandu Sport Club e Club do Remo (2013, 2015); Castanhal Esporte Clube; São Raimundo Esporte Clube; Aguiá de Marabá Futebol Clube ; Tuna Luso Brasileira e Cameté Sport Club (2013); Botafogo Futebol Clube (2017); Esporte Clube São Bento (2017); e Agremiação Sportiva Arapiraquense (2017); clássicos – Fla-Flu (2012), Come-Fogo (2014), Re-Pa (2016), gols do ex-jogador Zico no Maracanã (2013), brasões – Clube Náutico Capibaribe; Sport Club Recife e Santa Cruz Futebol Clube (2014) – e modalidades como o futevôlei (2017) e futebol de praia/areia (2017). (Autor e Autor, 2018)

Deste contexto, tomamos como pressuposto que a viralização da patrimonialização do futebol foi motivada por interesses políticos que incidem e, por vezes, comprometem as dimensões jurídicas e técnicas implicadas nas ações e instrumentos de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural brasileiro. Contudo, para os propósitos de nossa reflexão questiona-se: estaria os (des) tombamentos da sede social do AFC a servirem à finalidade pretendida pelo legislador ou foram submetidos a interesses diversos, no sentido de inviabilizar o gozo de direitos e prerrogativas legais de terceiros? Ainda, os atos discricionários de (des) tombamentos congregaram e observaram o interesse público exigido e esperado? Como?

³¹ TOBAR; GUSSO. Os bastidores da patrimonialização cultural do futebol brasileiro no século XXI.

OS (DES) TOMBAMENTOS DA SEDE SOCIAL DO AMERICA FOOTBALL CLUB

Durante os seus 113 anos de existência, o AFC, um dos times mais antigos do estado do Rio de Janeiro, foi sete vezes campeão carioca. A sua massa torcedora há várias décadas registra acentuada queda, o que resultou, desde o início da década de 2000, investimentos na imagem do clube, como ilustrado na campanha “America, Patrimônio do Rio”, em que se ressaltou a importância de sua história para o futebol carioca e nacional.³²

Ocorre que, em meio a esse incessante processo de angariação de novos associados, em razão de dívidas acumuladas em seguidas gestões, no ano de 2010, o clube se viu em situação delicada em relação à sua sede social, o que desencadeou uma sucessão de iniciativas articuladas pelo poder municipal e dirigentes do clube que tiveram por elemento central uma discutível forma de evocação do instituto jurídico do tombamento.

Em virtude da construção de seu atual Estádio Giulite Coutinho, localizado no bairro de Edson Passos, o AFC acumulava uma dívida estimada em mais de 18 milhões de reais em favor da credora W. Torre Empreendimentos, que aguardava a realização do leilão da sede, marcado para fevereiro de 2010, para ver quitado seu crédito.³³

Assim, dada a iminente ameaça da perda da sede social e os efeitos esperados como a diminuição do número de sócios e o medo do fechamento do departamento de futebol, somados ao receio de restar marcado para sempre como o presidente que permitiu o leilão, Ulisses Salgado Rodrigues, junto à sua diretoria, passou a buscar soluções para a situação do iminente ato, conforme anunciado por um órgão de imprensa desportiva.³⁴

Cientes de que futebol e política estão intimamente ligados, haveria de ser no campo político que o entrave seria solucionado. Em matéria do website “FutRJ” de fevereiro de 2010, informa-se que em reunião entre a Prefeitura e a cúpula americana, o ato do tombamento fora levantado como solução por Eduardo Paes, então Prefeito:

³² D'ONOFRE; BARBOSA; FERNANDES. Futebol, o patrimônio imaterial da Cidade Maravilhosa: o carioca e sua fome de gol, p. 4.

³³ MACHADO; CHIAVERINI. Eduardo Paes tomba sede do America, mas presidente rubro adota cautela.

³⁴ GLOBO ESPORTE. America lança projeto de sua nova sede, “um sinônimo de modernidade”.

O America ganhou um aliado de peso para evitar que a sede da Rua Campos Salles, na Tijuca, Zona Norte do Rio, vá a leilão. Nesta terça-feira, o presidente rubro Ulisses Salgado se reuniu com o prefeito Eduardo Paes e ouviu a promessa de que o local será tombado. O prefeito entendeu que o America é um patrimônio do Rio e precisa ser preservado.³⁵

A informação logo seria confirmada por vários blogs que tratavam do cotidiano do clube, os quais destacaram a fala emocionada do presidente americano sobre o socorro fornecido por Paes:

Junto com o vereador Luis Carlos Ramos fomos recebidos pelo prefeito Eduardo Paes, que iniciou a conversa perguntando em que ele podia ajudar o America. Com a mesma objetividade disse-lhe que nosso Clube necessitava com urgência um milhão de reais para honrar seu compromisso com a W. Torre. Disse-me então que a Prefeitura estava disposta a ajudar com esta quantia, desde que o America fizesse convênios nas áreas esportiva e cultural. Concordei imediatamente, antevendo que esta seria a salvação do Clube e que este convênio iria também propiciar maior movimentação em nossa Sede e atrair possíveis novos sócios.³⁶

Dessa maneira, a aceitação por parte do AFC dos citados “convênios nas áreas esportiva e cultural”, como forma de assunção da dívida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, fora transformada, naquela mesma data, no Decreto de Tombamento provisório da sede social, N. 31.890,³⁷ sob a justificativa de preservar a importante história do clube e sua posição enquanto segunda equipe do coração dos cariocas.

Amparado pelo artigo 5º, parágrafo único da Lei municipal N. 166, de 27 de maio de 1980, que prevê o tombamento em caráter provisório em caso de urgência ou de interesse público relevante, o que, frise-se, não restou expresso no teor do Decreto, o prefeito Eduardo Paes, que não ouviu previamente o Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural (CMPPC), determinou no mesmo Decreto que quaisquer obras ou intervenções no bem citado deveriam ser previamente analisadas e autorizadas pelo referido Conselho, dado de fundamental importância para colocar em contraposição aos fatos que seriam registrados posteriormente em relação à sede.

³⁵ MACHADO; CHIAVERINI. Eduardo Paes tomba sede do America, mas presidente rubro adota cautela.

³⁶ FORUM NOW. Sede do America-RJ Tombada.

³⁷ RIO DE JANEIRO. Decreto n. 31.890 de 9 de fevereiro de 2010.

Uma vez promulgado o Decreto e acreditando ter sido assumida a dívida pelo Município,³⁸ torcedores e dirigentes imaginavam um caminho frutuoso ao clube. Porém, não tardou para que novos pedidos de socorro à municipalidade surgissem como forma de salvaguardar o AFC. Em razão de dívida de 938 mil reais contraída entre 1997 e 1999, um novo leilão foi marcado para o arremate da sede para o dia 17 de julho de 2012, por determinação da 3ª Vara de Fazenda Pública do Rio.³⁹

Novamente entrou em “campo” o Prefeito Eduardo Paes e a modo de arremate, publicou três decretos de tombamento definitivos, os de N. 35.939;⁴⁰ 35.940;⁴¹ e 35.941.⁴² Sustentando ser o futebol um veículo de compreensão da sociedade e identidade cariocas e que o America fazia parte da memória e história do futebol local, o Prefeito foi além da mera determinação de preservação e conservação da estrutura física da sede social, promovendo o tombamento do uso daquele espaço, isto é, sua destinação exclusiva para fins esportivos e de lazer, o que afastaria o interesse da compra por credores e a realização de novos leilões.

Sugerindo a confirmação de uma politização do ato no sentido de não permitir, mas fazer parecer que aqueles que deveriam tê-lo promovido (CMPPC) haviam igualmente participado do processo decisório, os decretos definitivos se basearam expressamente no artigo 1º da Lei n. 166, de 27 de maio de 1980,⁴³ que permitia ao Prefeito, previamente ouvido o CMPPC, determinar os respectivos tombamentos. Contudo, a referida lei havia sido revogada com a vigência da Lei n. 928, de 22 de dezembro de 1986,⁴⁴ a qual, por sua vez, permite ao Prefeito, através de decreto, a prática do tombamento, inobstante como vimos acima, ter sido tal disposição considerada inconstitucional pelo STF quando ausentes estudos técnicos.

³⁸ Em verdade a dívida não fora paga pela municipalidade. Conforme despacho do ano de 2014, exarado pela relatora Des. Nanci Mahfuz nos autos do Agravo de Instrumento n. 5698/2010, a construtora seguia perseguindo o crédito apesar do tombamento realizado: “(...) conforme bem assinalado na decisão agravada, o montante da dívida é elevado, já tendo decorrido aproximadamente quatorze anos desde o ajuizamento da ação, verificando-se ter sido demonstrado nos autos a manifesta insuficiência da arrecadação, não tendo o agravante trazido aos autos qualquer informação que pudesse alterar a situação anterior, razão pela qual deveria ser mantida a penhora do imóvel, salvo se o tombamento o impedir”.

³⁹ MELLO. Presidente do America fala sobre o leilão da sede social do clube, que soma 21 milhões de dívidas.

⁴⁰ RIO DE JANEIRO. Decreto n. 35.939 de 16 de julho de 2012.

⁴¹ RIO DE JANEIRO. Decreto nº 35.940 de 16 de julho de 2012.

⁴² RIO DE JANEIRO. Decreto nº 35.941 de 16 de julho de 2012.

⁴³ RIO DE JANEIRO. Lei nº 166, de 27 de maio de 1980.

⁴⁴ RIO DE JANEIRO. Lei nº 928, de 22 de dezembro de 1986.

Com as ressalvas aplicáveis, os tombamentos nos moldes em que foram realizados, moldados às circunstâncias econômicas do clube, parecem ter servido como um sopro de vida nas contas da instituição, a qual nos anos seguintes (2013-2017) conviveu com a continuidade do abandono da sede social, refletida, por exemplo, em interdição pelo Corpo de Bombeiros e Defesa Civil em julho de 2014 e suspensão de todas as atividades de caráter social da sede.⁴⁵

A inatividade da sede aparentou ser deliberada pelas gestões posteriores que passaram a veicular um discurso pela construção de uma nova edificação, mesmo que significasse a demolição do bem tombado. Antes tida como indispensável para se preservar as atividades e as memórias do clube, o discurso agora lançava à sociedade carioca a necessidade de alcançar “modernidade e sustentabilidade”.⁴⁶

Em reportagem do ano de 2016, o então presidente Léo Almada, questionado sobre os benefícios de referida construção, destacou que o projeto tinha um propósito maior do que beneficiar apenas os torcedores americanos: “Queremos ajudar o prefeito Eduardo Paes no processo de revitalização do nosso município e penso que este empreendimento será importante no progresso do Rio”.⁴⁷

Pesquisa do jornal “O passeador tijucano” naquele mesmo ano revelaria que os dirigentes haviam sido capazes de promover uma mudança nas percepções sociais, já que mais da metade da população do entorno da sede afirmou querer um novo uso para aquele espaço, entendendo-o como um retrocesso para a evolução do clube e o futuro do bairro (O Passeador Tijucano, 2016).⁴⁸

Como resultado, ao fim do ano de 2016, os dirigentes em acordo promovido com Eduardo Paes obtiveram a apresentação de Projeto de Lei n. 169/2016,⁴⁹ que buscava a revitalização, manutenção e a modernização de suas instalações sociais e esportivas. Segundo disse Paes:

Atualmente a sede encontra-se fechada e em precário estado de conservação devido à situação financeira do Clube, ocasionando

⁴⁵ TOBAR; GUSSO. Sai leilão, entra tombamento: a patrimonialização como forma de salvaguardar o America Football Club (RJ), 2016.

⁴⁶ GLOBO ESPORTE. America lança projeto de sua nova sede, “um sinônimo de modernidade”.

⁴⁷ LANCEPRESS. Presidente do America analisa temporada e projeta triênio.

⁴⁸ Trata-se de jornal do bairro da Tijuca, onde está situado o clube America e que acompanha e busca informar seus leitores sobre a situação do clube e demais assuntos de interesse dos moradores.

⁴⁹ RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei Complementar nº 169/2016.

problemas com a vizinhança no que diz respeito às condições de segurança e de saúde pública, bem como prejuízo aos associados que não podem mais usufruir de suas instalações. Diante dessa situação, o Presidente do Clube solicitou a adoção de medidas que viabilizassem uma nova Sede associada a empreendimento comercial, que assegure a sobrevivência do America Football Club. Em atendimento a esta demanda, foi elaborado o presente Projeto de Lei Complementar, que visa a possibilitar a revitalização, a manutenção e a modernização das instalações sociais e esportivas do Clube.⁵⁰

Com a posterior publicação da Lei 169/2017⁵¹ confirmando o teor do projeto de lei proposto por Eduardo Paes, e, sobretudo, com o Decreto Rio N. 45618/2019,⁵² assinado pelo atual Prefeito Marcello Crivella, declarando o destombamento da sede para dar lugar à construção de outra nova e moderna sede anexada a um shopping center, vimos que as críticas realizadas anteriormente⁵³ e retomadas neste artigo, de fato, eram precisas ao apontar o contínuo e proposital abandono da sede para atender a motivações particulares dos agentes do campo político e futebolístico.

A insatisfação local e as promessas para o enobrecimento da área eram os argumentos necessários para a realização do destombamento, o qual, instituído pela Lei n. 928, de 22 de dezembro de 1986,⁵⁴ pode ser realizado unilateralmente pelo chefe do Executivo através de decreto, independentemente de qualquer parecer do CMPPC. Ademais, o destombamento foi justificado por tratar-se de “exigência indeclinável do desenvolvimento econômico-social do município”, fatores entendidos como de natureza indispensável para concretização do ato, de acordo com o inciso II do artigo 6º de referida lei.

Outrossim, os apontamentos quanto ao isolamento dos técnicos do patrimônio que, de acordo com o previsto no primeiro decreto de tombamento (provisório) deveriam analisar toda e qualquer obra que se quisesse realizar naquele espaço, igualmente acabou por se revelar na prática. O teor de referido

⁵⁰ RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei Complementar nº 169/2016.

⁵¹ RIO DE JANEIRO. Lei n. 169 de 4 de abril de 2017

⁵² RIO DE JANEIRO. Decreto Rio N. 45618/2019.

⁵³ TOBAR. *O futebol brasileiro no “jogo” da patrimonialização cultural*; TOBAR; GUSSO. Sai leilão, entra tombamento: a patrimonialização como forma de salvaguardar o America Football Club (RJ); TOBAR; GUSSO. Os bastidores da patrimonialização cultural do futebol brasileiro no século XXI.

⁵⁴ RIO DE JANEIRO. Lei nº 928, de 22 de dezembro de 1986.

decreto de destombamento explicitou os jogos realizados por agentes dos campos político e futebolístico, sugerindo ainda que “na reserva” ficaram os agentes do campo patrimonial, os quais, paradoxalmente, deveriam ter entrado no jogo mesmo sem serem convocados.

Desse modo, para o Poder Executivo o destombamento se tornara legítimo, pois, em 2019, conforme descrito nos “considerandos” do decreto inexistia o “processo administrativo avaliando os fundamentos para a declaração de tombamento da sede do América Football Club ”; assim como encontravam-se ausentes os “registros da tramitação da proposta pelo órgão de proteção do patrimônio cultural” e de posterior inscrição “no Livro Tombo”.

De modo similar a determinação dos tombamentos (provisório e definitivo), a propositura do projeto de lei também sinalizou as razões oportunistas e de conveniência que envolveram o ato do administrador público. Para que fosse legitimado e válido à luz da CF/88 e, igualmente, da legislação carioca, seria necessário verificar e atestar a presença do interesse público e não um “mero interesse político”.⁵⁵ No caso, os princípios próprios do funcionamento da Administração Pública, dentre os quais, os da razoabilidade, legalidade, precaução, impessoalidade e moralidade, não norteram os tombamentos ou a propositura do projeto de lei, mas serviram para ocultar sua utilização para interesses privados, contrários à finalidade pública, e, portanto, passíveis de nulidade.

Do nosso ponto de vista, a constatação de posicionamento do Conselho Patrimonial no decreto de destombamento, em nada se opondo a tal medida, por fim, pode ser compreensível haja vista que decisão contrária reforçaria ainda mais a sua já violada e descartada autonomia enquanto campo responsável por dizer por que a sede do AFC deveria ou não ser patrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de patrimonialização como os que envolveram o AFC oportunizam aos pesquisadores das ciências sociais – em especial aqueles que se debruçam nos

⁵⁵ RODRIGUES; MIRANDA. *Estudos de direito do patrimônio cultural*, p. 146.

estudos críticos do patrimônio cultural e que enfrentam tensas demandas técnicas, políticas e administrativas – lancem questionamentos sobre os jogos que os campos e seus agentes estabelecem em seus pleitos pela patrimonialização, antes, ou ao mesmo tempo, de identificarem os valores memoriais e identitários que supostamente suportam determinados bens culturais. Em outras palavras, assumindo que o patrimônio se refere antes a atos que o criam, acreditamos que algumas das questões elementares que se colocam são sobre como, para quem e para que, em termos processuais, ele é construído. Tal abordagem, contribui para a percepção de que os processos de patrimonialização não são neutros, muito menos consensuais. Trata-se, pois, de problematizar as funções, os fins perspectivados e as razões sob as quais a patrimonialização é operada, bem como, as conveniências que, em nome do interesse público, servem a interesses particulares.

Nesta direção, o artigo procurou contribuir com a necessária ampliação da discussão que envolve atualmente os campos futebolístico, político e patrimonial na sociedade brasileira. Primeiramente, a retirada de uma espécie de “carapuça nostálgica” que sustentou pedidos de tombamento, como os que envolveram o AFC, levou-nos a observar que, de per si, o discurso patrimonializador que alude ao futebol não pode ser assumido como legítimo tão somente por sua aparente importância, ainda mais quando se constatam a carência de estudos que enfocam especificamente atribuição de valores culturais com fins de patrimonialização do futebol, e, principalmente, a carência de debates públicos e abrangentes sobre o futuro dos bens a serem patrimonializados.

Como segunda constatação, embora nos remeta a outro conjunto de questões, é o alijamento ou o não acionamento do campo patrimonial nas decisões tomadas pelos agentes dos campos político e futebolístico . As interações e as estratégias discutidas e colocadas em ação pelos diferentes dirigentes americanos em conjunto com agente do campo político, em momento nenhum se furtaram de explorar os remédios jurídicos que , em tese , seriam prerrogativas atribuídas ao campo do patrimônio cultural . Além de prejuízos a credores do clube , tais interações e estratégias tiveram a intenção de garantir, por um lado, a preservação dos cargos esportivos, geradores de uma condição de prestígio e de acumulação de

capital simbólico futebolístico e, de outro, a maximização de recursos para a acumulação de capital político.

Bourdieu,⁵⁶ nesse particular, destaca que somente se poderá compreender as ações de um agente em um campo se tivermos conhecimento de sua posição. Não parece exagerado afirmar que tanto os dirigentes americanos como Paes detinham conhecimento prévio que a solução dos problemas que se apresentaram, de acordo com as condições e contextos, não estavam nos seus respectivos campos, mas na figura do tombamento como quedou incontestado com a posterior promulgação do decreto de destombamento no ano de 2019 através do Prefeito Crivella.

Agindo como “saqueadores” de um objeto que se imaginava exclusivo do campo patrimonial, elevaram e impuseram os seus respectivos capitais simbólicos para além das fronteiras em que estão acostumados a jogar, o que configuraria para Bourdieu uma forma de tirania.⁵⁷ Em suas análises, o sociólogo recorda que a intromissão de políticos em outros campos não é novidade no curso da história, tendo se registrado políticos agindo sobre o campo literário ao criarem “academias sem ver que há uma lei fundamental de um campo autônomo que diz que só podem agir sobre ele as forças que ele reconhece que são conformes ao seu *nomos*”.⁵⁸

Porém, como o capital político repousa no capital de reputação e de notoriedade e levando-se em consideração a força massiva do futebol no Brasil e na própria cidade do Rio de Janeiro, que em comparação com as demais cidades brasileiras conta com o maior número de casos de patrimonialização do futebol, acaba por ser facilitado o entendimento acerca dos usos e abusos políticos dos tombamentos destinados ao clube americano. Mais ainda, o próprio campo patrimonial dá indícios de enfraquecimento frente às situações vividas e que as afetam diretamente.

É de conhecimento daqueles que se debruçam nos estudos bourdieusianos que o poder de um campo se mede pelo grau de autonomia que ele possui, o que se dá na constante tentativa de decifrar a sua própria dinâmica e o quanto apropriado os capitais simbólicos foram por seus agentes, sem que seja possível que agentes

⁵⁶ BOURDIEU. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*.

⁵⁷ BOURDIEU. O campo político.

⁵⁸ BOURDIEU. O campo político, p. 204.

de fora do campo possam emitir juízo de opinião sobre tais capitais. Desde essa perspectiva, parece-nos que o campo patrimonial passa por uma crise de autonomia em relação aos processos e procedimentos de patrimonialização, requerendo dos agentes e instituições que o configuram como campo, o enfrentamento das dimensões políticas de todo e qualquer processo de patrimonialização, bem como das disputas ocasionais ou cotidianas que nutrem todo e qualquer bem cultural patrimonializado.

* * *

REFERENCIAS

BARP, Rodrigo. Tombamento do futebol. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/38QWUsE>. Acesso em: 29 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 205-215.

BOURDIEU Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O campo político . **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Brasília, n. 5, p.193-216, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3nPn3wr>. Acesso em: 1 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000**. 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/3qrzj81>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. 2014. Décima Segunda Câmara Cível. **Agravo de Instrumento nº 0005698-36.2010.8.19.0000**. Agravante: America Football Club. Agravado: Walter Torre Junior Construtora Ltda. Relatora Des. Nanci Mahfuz. Disponível em: <https://bit.ly/3oUN7aM>.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. 2014. **Ação Direta de Inconstitucionalidade n 4.976**. Relator Ricardo Lewandowski. Disponível em: <https://bit.ly/3iuZ7gZ>. Acesso em: 04 jan. 2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **2015. Agravo de instrumento n 714949.** Relator Ministro Roberto Barroso. Disponível em: <https://bit.ly/2XMFh7e>. Acesso em: 03 jan. 2020.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. 2007. **Representação de Inconstitucionalidade N. 65/2006.** Relator Desembargador Ronald Valladares. Disponível em: <https://bit.ly/2LD21UK>. Acesso em: 05 fev. 2020.

CARMO, Robson Martins do; AUGUSTO, Paulo Otavio Mussi. Habitus, capital e agência no futebol brasileiro: uma perspectiva regional. **VII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**, 2012. Disponível em : <https://bit.ly/35M3FtW>. Acesso em: 26 maio 2020.

D'ONOFRE, Dan Gabriel; BARBOSA, Juliana Gomes; FERNANDES, Luciana. Futebol, o patrimônio imaterial da Cidade Maravilhosa: o carioca e sua fome de gol. **Revista Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-27, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres da. **O Patrimônio em processo** : trajetória da política federal de preservação no Brasil . Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN, 2005.

FORUM NOW. Sede do América – RJ Tombada. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/38MHKow>. Acesso em: 14 maio 2020.

GLOBO ESPORTE. Torcida do America 'abraça' a sede social em protesto contra leilão do imóvel. 2010. Disponível em: <https://glo.bo/2KIHOIN>. Acesso em: 14 maio 2020.

GLOBO ESPORTE. America lança projeto de sua nova sede, 'um sinônimo de modernidade'. 2016. Disponível em: <https://glo.bo/2NchQSP>. Acesso em: 12 maio 2020.

LANCEPRESS. Presidente do america analisa temporada e projeta triênio. 2015. Disponível em: <https://glo.bo/3oS8WaP>. Acesso em: 12 maio 2020.

MACHADO, Laura; CHIAVERINI, Pedro. Eduardo Paes tomba sede do America, mas presidente rubro adota cautela. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3swm1Jq>. Acesso em 14 maio 2020.

MELLO, Cícero. Presidente do America fala sobre o leilão da sede social do clube, que soma 21 milhões de dívidas. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3oQ1wVJ>. Acesso em: 14 maio 2020.

MURAD, Mauricio. **Football and Society in Brazil**. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/39ykUjA>. Acesso em: 03 jun. 2020.

O PASSEADOR TIJUCANO. A Sede do America na Rua Campos Sales 118: sem perspectivas favoráveis. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2XMYGoE>. Acesso em: 10 maio 2020.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, v.28, n. 3, p. 609-633, set. 2013.

PRESTES, Saulo Esteves de Camargo; MEZZADRI, Fernando Marinho. O contexto de sua criação e possibilidades de implementação . **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología...**, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3sxU1Fh>. Acesso em: 12 maio 2020.

RADUN, Denis Fernando. **O (des)tombamento em questão : (des)patrimonialização de bens culturais tombados pelo órgão federal de preservação no Brasil (1937-2015)**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade), Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2016.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 166, de 27 de Maio de 1980**. Dispõe sobre o processo de tombamento e dá outras providências. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 1980.

RIO DE JANEIRO. **Lei n. 477, de 15 de dezembro de 1983**. Declara de interesse cultural e histórico, para efeito de tombamento, o imóvel da Avenida Venceslau Brás n. 72, onde estava localizada a antiga sede do Botafogo de Futebol e Regatas. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 1983.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 928, de 22 de Dezembro de 1986**. Altera a Lei nº 474, de 14 de dezembro de 1983, que dispõe sobre o tombamento de bens móveis ou imóveis de significativo valor cultural para o povo da cidade do Rio de Janeiro, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, [1986].

RIO DE JANEIRO. **Decreto n. 31.890 de 9 de fevereiro de 2010**. Determina o tombamento do Imóvel da Rua Campos Sales , n. 118, na Tijuca. Rio de Janeiro: Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2010.

RIO DE JANEIRO. **Decreto n. 35.939 de 16 de julho de 2012**. Determinar o tombamento definitivo da sede do America Football Club. Rio de Janeiro: Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2012a.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 35.940 de 16 de julho de 2012**. Dispõe sobre o uso e a ocupação do solo dos imóveis que menciona. Rio de Janeiro : Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2012b.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 35.941 de 16 de julho de 2012**. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel que menciona. Rio de Janeiro: Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2012c.

RIO DE JANEIRO. **Projeto de Lei Complementar nº 169/2016**. Define condições específicas para o imóvel sede do América football club - VIII RA - Tijuca e dá outras providências. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 2017.

RIO DE JANEIRO. **Lei n. 169 de 4 de abril de 2017**. Define condições específicas para o imóvel sede do America Football Club - VIII RA - Tijuca e dá outras providências . Rio de Janeiro: Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 2017.

RIO DE JANEIRO. **Decreto Rio N. 45618/2019**. Determina o destombamento da sede do América Football Club , revoga o Decreto Rio no 35.939, de 16 de julho de 2012, que determina o tombamento definitivo da sede do América Football Club, e dá outras providências . Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

RODRIGUES, José Eduardo Ramos; MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **Estudos de direito do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Fórum, 2012.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Anne Philip Rita Stroobant. **Patrimônio desportivo e musealização**: elementos para um projecto de musealização do Estádio Nacional. Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

SOUZA, Juliano de.; ALMEIDA, Bárbara Schausteck.; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 221-232, jun. 2014.

TOBAR, Felipe Bertazzo. **O futebol brasileiro no “jogo” da patrimonialização cultural: uma análise interdisciplinar sobre as relações de poder**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade), Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

TOBAR, Felipe Bertazzo; GUSSO, Luana de Carvalho Silva. Os bastidores da patrimonialização cultural do futebol brasileiro no século XXI. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 434-467, 2018.

TOBAR, Felipe Bertazzo; GUSSO, Luana de Carvalho Silva. Sai leilão, entra tombamento: a patrimonialização como forma de salvaguardar o America Football Club (RJ). **III ENIPAC – Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural...**, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3a86N4S>. Acesso em 14 maio 2020.

UNESCO. **Convenção para a protecção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Paris. 1972. Disponível em: <https://bit.ly/3bL2Q8D>. Acesso em: 01 jan. 2020.

UNESCO. **Convenção para salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3oPBn9n>. Acesso em: 01 jan. 2020.

WACQUANT, Loïc (org). **O mistério dos ministérios** : Pierre Bourdieu e a política democrática. Rio de Janeiro: Reavan, 2005.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido para publicação em: 15 jun. 2020.
Aprovado em: 05 nov. 2020.

Reforma e reformulação do Mineirão: planejamento, conceitos e inspirações

Mineirão Reform and Reformulation: Planning, Concept and Inspirations

Priscila Augusta Ferreira Campos

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG, Brasil
Doutora em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: O estádio de futebol, um microcosmo social, reflete as mudanças sociais em fluxo. Escolhido como estádio-sede da Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2014, o estádio Mineirão (Belo Horizonte/MG) foi reformado e reformulado para atender às normativas da FIFA. Esse artigo objetiva apresentar e analisar a entrevista realizada com o arquiteto responsável pelo projeto executivo da reforma e reformulação do Mineirão. A entrevista que ocorreu em dezembro de 2014 foi transcrita e, aqui, trechos foram selecionados para a discussão que tangencia o assunto. Os dados demonstraram alguns dos elementos do processo de reformulação do Mineirão, entre eles o alinhamento com a escala global de construção e transformação dos estádios, o hibridismo entre planejamento, implementação e operacionalização do estádio e a influência do modelo europeu de futebol e do modelo estadunidense de gestão de estádios.

PALAVRAS-CHAVE: Estádio; Futebol; Copa do Mundo.

ABSTRACT: The football stadium, a social microcosm, reflects social changes in flux. Chosen as the host stadium for the FIFA Soccer World Cup in 2014, the Mineirão stadium (Belo Horizonte/MG) was reformed and reformulated to meet FIFA regulations. This article aims to present and analyze the interview with the architect responsible for the executive project of there form and reformulation of Mineirão. The interview that took place in December 2014 was transcribed and some excerpts selected for the discussion that touches on there form and reformulation of Mineirão. The data demonstrated some of the elements of the Mineirão reformulation process, among them the alignment with the global scale of construction and transformation of the stadiums, the hybridism between Mineirão planning, implementation and operationalization and the influence of the European football model and the American model stadium management.

KEYWORDS: Stadium; Football; World Cup.

Os estádios de futebol, por seu tamanho e arquitetura, têm grande destaque na paisagem urbana, sendo, para muitos, uma referência espacial e simbólica. Para seus frequentadores, podem constituir-se, também, como formadores de identidade pessoal e coletiva. E, ainda para outros, são apenas um objeto construído para a disputa de partidas de futebol.

Entretanto, para alguns autores,¹ os estádios devem ser vistos, antes de tudo, como um microcosmo social. Desta maneira, entendidos como um espaço social, conectado “por normas e práticas sociais específicas, onde, não apenas características da cultura nacional ou regional se desenvolvem, como também, um local onde se congrega e se expressa a comunicação e a tendência de projetos de arquitetura”.² Portanto, os estádios são uma estrutura social dinâmica e múltipla, constituído por uma materialidade e por ações dos sujeitos de forma interrelacional,³ que lhes fornecem uma autonomia relativa e lhes conferem um sentido que tem significado dentro de uma dimensão histórica e cultural.

Gilmar Mascarenhas,⁴ em seus estudos sobre espaço urbano e estádios de futebol, verifica que os estádios não são neutros e nem passivos, uma vez que neles se produzem práticas sociais e se reproduzem normas sociais. Dito de outra forma, os estádios de futebol podem ser vistos como um espaço material e social, nos quais questões econômicas, sociais e culturais se desenvolvem e se intensificam.

Assim, pesquisadores como Frank e Steets sugerem que se olhe para os estádios com outras lentes, de modo que, por meio dos estudos das dimensões históricas, econômicas, políticas, geográficas, sociais dos estádios de futebol, se possa identificar e compreender as mudanças sociais em fluxo.⁵ John Bale é pioneiro nesse pensamento, ao afirmar que as mudanças nos estádios não refletem apenas o desenvolvimento do esporte. Elas refletem também as mudanças sociais, uma vez que mostram como a sociedade se desenvolve e demonstra suas preferências, convertendo-as em ativismo, no qual o esporte é uma parte.⁶

¹ BALE. *Sport, space and the city*, 1993. BALE; MOEN. *The Stadium and the City*, 1995. FRANK; STEETS. *Stadium Worlds: Football, Space and the Built Environment*, 2010. MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol*, 2013.

² FRANK; STEETS. *Stadium Worlds*, p. 1.

³ SANTOS. *A natureza do espaço*, 1996.

⁴ MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina*.

⁵ FRANK; STEET. *Stadium Worlds*, 2010.

⁶ BALE. *Sport, Space and the City*, 1993.

Em 2010, quarenta e cinco anos após a sua inauguração, uma grande reforma iniciou-se no estádio Mineirão (Belo Horizonte/MG), para adequá-lo às normas da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), já que, em 2014, o Brasil seria a sede da Copa do Mundo de Futebol e o Mineirão um dos estádios-sede. Isso fez com o que estádio fechasse suas portas, interrompendo suas atividades por dois anos.

Nesse sentido, visando atender uma norma hegemônica, pode-se dizer que o Mineirão, além de reformado, seria, também, reformulado. Tomando como base o significado das palavras,⁷ não se trata apenas da alteração arquitetônica ou melhoria de alguns espaços (reformular), refere-se, também, na alteração nas formas de uso, nas normas de permanência, no público esperado e no valor simbólico (reformular). Isto é, não se trata apenas das alterações físicas e estruturais para atender às demandas da FIFA, mas também de uma alteração de conceito e de entendimento. Nesse novo contexto, os estádios que apresentam tais características passam a ser reconhecidos por outras denominações: arena (no contexto brasileiro);⁸ *stadia* (em língua inglesa).⁹

Utilizando-se da festa, da paixão pelo esporte e da premissa de investimentos, a Copa do Mundo da FIFA chega como uma solução para determinados segmentos da sociedade. Ela se torna uma justificativa e também um marco necessário para mudar a forma de se pensar o futebol brasileiro e o espaço onde é praticado. No caso específico, a obra do “Novo Mineirão”, como foi apresentado à população pela imprensa mineira e pelos órgãos dos governos municipal e estadual, foi uma síntese do que almejava esses atores hegemônicos, mas também o desejo autoral de um escritório de arquitetura.

Sendo assim, que elementos embasaram a reforma e reformulação do Mineirão? O que os arquitetos responsáveis pelo projeto planejaram para o estádio para além do que previa os cadernos de encargos da FIFA? Qual/is foi/foram o/s conceito/s concebido/s para o Novo Mineirão? Quais foram as fontes de inspiração para o desenho do projeto arquitetônico? Quais usos foram projetados para os espaços?

⁷ FERREIRA. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, s/ d.

⁸ MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina*, 2013.

⁹ PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern: The Development of Football Stadia in Europe*, 2008.

Com a finalidade de responder essas inquietações, esse artigo tem por objetivo apresentar e analisar a entrevista realizada com o arquiteto responsável pela reforma e reformulação do estádio Mineirão para a Copa do Mundo FIFA 2014.

Para compreender a maneira como a reforma e reformulação do Mineirão foi pensada, realizou-se uma entrevista semiestruturada com um dos arquitetos responsáveis pelo projeto executivo da reforma do Mineirão.¹⁰ A entrevista ocorreu em dezembro de 2014, na cidade de Belo Horizonte/MG. Os noventa minutos de conversa foram transcritos e, após, alguns trechos foram selecionados para a discussão dos conceitos que tangenciam a reforma e reformulação do Mineirão. Ressalto que os dados compartilhados devem ser relativizados por apresentar o ponto de vista de apenas um dos atores envolvidos no processo de planejamento do projeto de reforma e reformulação do Mineirão.

O arquiteto entrevistado,¹¹ um dos sócios do escritório,¹² localizado em Belo Horizonte/MG, ganhador da licitação para a execução do projeto de reforma do Mineirão, é belo-horizontino e frequentava as cadeiras cativas do Mineirão desde criança. Formou-se em arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil) e fez mestrado na *Architectural Association School of Architecture*, em Londres/Inglaterra. Em sua trajetória profissional, fez estágio em um escritório de arquitetura em Nova Iorque/EUA, no qual concebeu a proposta de uma das instalações esportivas para a candidatura desta cidade às Olimpíadas de 2012. Em 2000, de volta ao Brasil, o escritório de arquitetura do qual é sócio foi convidado para construir o Estádio Olímpico de Montes Claros/MG e, na sequência, reformar o Ginásio Poliesportivo Divino Braga, em Betim/MG para que atendesse as normativas nacionais e internacionais para receber os jogos de vôlei. Depois, participou do Projeto Minas Olímpica¹³ oferecendo às prefeituras um cardápio de custo e implementação de diversas instalações esportiva. Em 2005, o escritório ganhou a concorrência para conceber parte do Complexo Esportivo de Deodoro, no

¹⁰ Este estudo passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UNICAMP – CAAE 21467313.8.0000.5404 – e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução n. 422, de 2012) envolvendo pesquisa com seres humanos. O entrevistado recebeu todas as informações acerca dos objetivos do estudo e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

¹¹ Neste texto, denominado Arquiteto.

¹² O escritório de arquitetura é composto por três sócios.

¹³ Projeto Minas Olímpica, lançado oficialmente em dezembro de 2005 pelo governador do Estado de Minas Gerais.

Rio de Janeiro, para os Jogos Pan-Americanos de 2007 e, posteriormente, à candidatura do Rio de Janeiro/Brasil às Olimpíadas de 2016. Concomitante a esse último projeto, em 2008, houve uma licitação do governo de Minas Gerais para fazer o estudo de viabilidade da reforma do Mineirão. Esse conjunto de experiências os transformou em um dos principais escritórios de arquitetura esportiva, já que “somos o único escritório que participou dos três megaeventos. Participamos do Pan, Olimpíada e Copa do Mundo. Nenhum outro escritório de arquitetura do Brasil participou desses três eventos. Foi uma coisa que aconteceu naturalmente, não foi algo que eu planejei” (Arquiteto).

De acordo com o Arquiteto, tratava-se de um estudo “que é muito mais do que arquitetura. É você estudar até mesmo o valor da marca Mineirão, pois tinha a questão de *namings rights*”.

A reformulação dos estádios trouxe à tona o direito de uso de nome, isto é, os estádios passaram a ser nomeados pelo nome de empresas que pagaram para tal. Cada estádio possui a sua marca e o seu valor de mercado. Este capital imaterial é produzido pelo valor simbólico agregado, provido das qualidades do produto ofertado, bem como investimentos importantes em marketing e em campanhas publicitárias.¹⁴ Sendo assim, após a reforma o Mineirão passou a ser chamado de Novo Mineirão.¹⁵

Nesse estudo preliminar, além de mensurar o valor e o impacto da marca Mineirão, a equipe técnica partiu da premissa de que o Mineirão não seria demolido, como afirmou o Arquiteto.

Então o que fizemos foi partir do princípio de que o estádio ia ser transformado, ia ser reformado e ia ser mantido, ou seja, não ia ser demolido como Wembley.¹⁶ Era um pré-requisito que ele ia ser mantido e a gente começou explorara as possibilidades da área externa do Mineirão para resolver, não só para resolver o programa de necessidades da FIFA que não iria caber dentro do estádio, uma série de coisas, de requerimentos, mas também uma série de coisas, estacionamento, e

¹⁴ GORZ. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*, 2005.

¹⁵ Entretanto, neste artigo será chamado apenas de Mineirão.

¹⁶ O Estádio de Wembley foi construído em Londres, em 1923, com capacidade para 100 mil pessoas, sendo considerado o maior estádio de futebol do mundo. Ao longo de sua existência, tornou-se uma referência arquitetônica e ocupou um lugar simbólico no futebol em nível nacional e internacional, entre outros fatores, por ser a casa da seleção inglesa e a Meca do futebol. Em 2002, o estádio foi demolido e, no mesmo local, foi construído um novo Wembley, com capacidade próxima ao antigo, porém com outra arquitetura considerada mais moderna e tecnológica. Para mais informações consultar: www.wembleystadium.com.

também essa conexão com o Mineirinho. O Mineirão está em uma localização muito privilegiada (Arquiteto).

A análise desse trecho demonstra que o pensamento vai à contramão dos empreendimentos sobre construção de estádios, uma vez que há a tendência, nos países europeus, de clubes venderem e demolirem os seus tradicionais estádios de futebol para construírem outros em locais afastados, usualmente em áreas distantes onde a infraestrutura urbana não está pronta ou em cidades vizinhas. Têm como justificativa a solução de problemas financeiros ou a adequação às novas normativas do futebol, porém, por trás desse processo, há um apelo ao fluxo do capital e à especulação imobiliária incentivada pelos gestores públicos.¹⁷

A premissa de que o Mineirão deveria ser demolido por estar obsoleto, justificando a cooptação pelo mercado de uma estrutura simbólica da cultura local para atender ao padrão FIFA, demonstrando conformação com o eurocentrismo e a neocolonização, foi verificada, primeiramente, em estudo de La Corte.¹⁸ O autor, em trabalho pioneiro sobre a viabilidade dos estádios para sediarem eventos internacionais (planejamento, infraestrutura, construção, formas de usos e manutenção) e comparando os estádios brasileiros (Mineirão, Maracanã, Morumbi e Pacaembu) no cenário internacional, avaliou que o Mineirão não estava em consonância com os ditames estrangeiros. Assim, o autor sugeriu que uma das formas de alcançar esse patamar seria a sua demolição e no local a edificação de um estádio com todos os conceitos modernos “[...] tornando-se um marco arquitetônico espetacular para o cenário brasileiro, maximizando também o potencial turístico de Belo Horizonte”.¹⁹

Ainda de acordo com esse estudo, Mineirão, Maracanã, Morumbi e Pacaembu ao mesmo tempo em que representam exemplos da capacidade construtiva de sua época, sendo considerados verdadeiros ícones da engenharia, são, também “[...] exemplos claros de incapacidade de gerenciamento das necessidades nascidas, com seu uso, gerando certa obsolescência. Sua conservação e os ajustes técnico-operacionais exigidos com o tempo e com as novas demandas são itens marginais de sua história”.²⁰

¹⁷ BALE. *Sport, Space and the City*, 1993. PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

¹⁸ LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol: uma análise de desempenho técnico, funcional e de gestão*, 2007.

¹⁹ LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol*, p. 209.

²⁰ LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol*, p. 245.

Tendo como fundo toda essa discussão em relação ao Mineirão e levando em consideração que se trata de um estádio público, o que o distingue, ou deveria distinguir, dos interesses econômicos que protagonizam os clubes, uma questão levantada foi sobre o tratamento dado a um objeto de interesse histórico e cultural, isto é, como transformá-lo sem infringir o tombamento do estádio.²¹

No caso do Mineirão o tombamento do que eles chamam de fachada, na verdade são 88 pórticos, mas há controvérsias. Pois a fachada é... O que está lá dentro não é fachada?! O que você está vendo através dos pórticos. Até isso chegou a ser discutido, pois entra toda uma parafernália de infraestrutura. Não é um tombamento total. Na verdade, parece que houve um tombamento total e depois eles flexibilizaram, porque senão não ia ter Copa. É um tombamento *sui generis*, mas de qualquer forma a laje, por exemplo, a gente tinha que manter (Arquiteto).

Segundo o Arquiteto, como solução, desenvolveram o conceito de manutenção do Mineirão com a mesma cara por fora, mas todo renovado por dentro para atender às exigências do padrão FIFA.

Outro estádio totalmente novo por dentro e que não tem muito de diferente de qualquer estádio padrão FIFA. Porque o padrão FIFA é um padrão. Então você pega o caderno lá da FIFA que diz que você tem que ter isso daqui, você tem que ter isso dali... quer dizer... é um padrão. E aí você tem que ter as áreas de hospitalidade, você tem que ter os camarotes, você tem que ter os vestiários, então você tem requerimento para tudo (Arquiteto).

Uma das exigências da FIFA para que os países sejam sede de seus eventos é a padronização dos estádios. A entidade ordena que eles cumpram uma série de quesitos no que se refere ao uso, à segurança, à comunicação, à sustentabilidade, à assistência, aos serviços, ao tamanho do campo de jogo, à hospitalidade, entre outros, descritos nos doze capítulos do documento *Stadiumbook – Estádios de Futebol: recomendações e normas*, que tem por objetivo “[...] ajudar a todos os envolvidos em projeto, construção e administração de estádios de futebol e a criar instalações que permitam assistir aos jogos com segurança e conforto”.²²

²¹ O Mineirão está inserido dentro do perímetro de tombamento delimitado pelo IPHAN para o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Para maiores informações conferir: LIMA, Helena B.; MELHEM, Mônica M.; POPE, Zulmira C. (Orgs). Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 1938-2009. 5. ed. rev. e atualizada. [Versão Preliminar] – Rio de Janeiro: IPHAN/ COPEDOC, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>>. Acesso em: dia 10 jul. 2012.

²² FIFA. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*, 2011.

Parte dessa formatação serve para atender a lógica do *fair play*, na qual todas as equipes devem ter iguais condições de jogo. Se há variação no tamanho dos campos, no ambiente, uma equipe pode se sentir prejudicada em relação à outra. Ademais, a variação no campo de jogo não permite a obtenção de recordes e nem a escolha dos melhores jogadores.²³

Se internamente o Mineirão foi todo remodelado, a estrutura externa do estádio foi pouco transformada. Para atender à exigência de instalação de cobertura que proteja a todos os torcedores nos vários níveis de arquibancada,²⁴ o projeto arquitetônico encontrou uma solução mais modesta se comparada a outros estádios, como o Maracanã, por exemplo. De acordo com o entrevistado, os alemães (em alusão aos arquitetos que projetaram a reforma do Maracanã), para cobrir o estádio, planejaram uma

estrutura totalmente independente tanto da laje de cobertura quanto dos pórticos estruturais. Eles colocaram como se fosse uma roda de bicicleta lá, totalmente independente, os pilares ficavam soltos no estádio. A cobertura do Mineirão trabalha junto com a estrutura nova. E que é uma coisa muito difícil de fazer, porque você tem que conhecer muito bem a estrutura e os limites da estrutura de concreto. Logisticamente foi uma solução muito mais inteligente. O *design* deles, obviamente era muito mais atrevido, porque era uma estrutura solta e de cabo e a estrutura do Mineirão é de tubo de aço, mas do ponto de vista do contexto e da adequação para o estádio propriamente dito, é uma solução muito mais adequada (Arquiteto).

A comparação entre Mineirão e Maracanã vem de longa data, desde meados dos anos 1960, época da construção do Mineirão, visto que para a elaboração da planta do estádio, Gaspar Garreto (arquiteto a frente da obra) disse que passou um dia inteiro no Maracanã para conhecer os seus defeitos e as suas qualidades. Já naquela época, a capacidade construtiva do povo mineiro foi evocada, uma vez que o Mineirão foi considerado um grandioso empreendimento, de grande imponência e beleza arquitetônica. Ademais, seu projeto conseguiu aproveitar as qualidades do Maracanã e eliminar os defeitos.²⁵

De acordo com as crônicas da época,²⁶ o Estádio Minas Gerais, primeiro nome do Mineirão, era considerado uma síntese da capacidade realizadora do povo

²³ BALE. *Virtual Fandoms: Futures Capes of Football*, 1998.

²⁴ FIFA. *Estádios de futebol*, 2011.

²⁵ SANTOS. *Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro*, 2005.

²⁶ SANTOS. *Estádio Mineirão*, 2005.

mineiro. Projetado por funcionários da UFMG que trabalhavam no Escritório Técnico da UFMG, havia a demonstração de um orgulho referente à eficiência dos engenheiros, arquitetos, mestres de obras, operários encarregados da execução da obra; à precisão dos calculistas das estruturas; à beleza e à funcionalidade do projeto arquitetônico.

Sendo assim, no contexto atual no qual há a tendência de homogeneizar os espaços, criando formas uniformizadas,²⁷ em diálogo com o urbanismo *ad hoc*,²⁸ há, na fala do Arquiteto, uma disputa discursiva no que tange os binômios local/global; nativo/estrangeiro; simples/arrojado; bem como a retomada do orgulho da mineiridade na arquitetura e engenharia. Nesse contexto, além de recuperar a estrutura de concreto do estádio, a preocupação era, também, oferecer um estádio elegante à população.

A gente trabalhou com uma empresa de *design* fazendo a sinalização gráfica e acho que ficou bom. Assim, a gente usou os acentos todos com tons de cinza para não ser da cor de nenhum time, não ser nada muito cheguei que fosse contrastar com o concreto evidente do Mineirão. Então tem aquela coisa meio monocromática, todas as estruturas também são em tom de cinza que é muito próximo do concreto e a sinalização são as cores mais vivas, mais fortes. Então são esses detalhes que eu acho que dá um contraste bacana, chique e elegante, meio austero, mas elegante. Então você olha o Mineirão não tem aquele carnaval de tom nas cadeiras ou é tudo vermelho porque sei lá... O Mineirão é um estádio que acho que ficou muito elegante internamente (Arquiteto).

Um segundo conceito utilizado foi valorizar a parte tectônica do Mineirão, isto é, respeitar os desníveis interno e externo do terreno.

O subsolo não dá a volta inteira no estádio, porque a parte do Atlético está mais alta que a parte do Cruzeiro, em um andar. Então quando você passa o corte no subsolo, ele é uma meia lua, porque a partir daqui já é terra. Então, tentamos recuperar a estrutura de concreto que é muito bonita, brutalista e tal... e ao mesmo tempo inserir o programa de necessidades para um estádio completamente moderno, multifuncional para os padrões FIFA. Já da área externa, o grande desafio era em relação a topografia, pois o terreno tem um desnível de 15 metros do norte para o sul, então é quase que um prédio de cinco andares. Quase todos os estádios são em estações planas. Então o desafio era como separar o fluxo de pedestres e inserir 200 mil metros de programa ao redor do estádio, e como inserir isso sem perturbar a relação do estádio com a vizinhança e com a própria Lagoa da Pampulha. Então a gente

²⁷ BALE. *Virtual Fandoms*, 1998.

²⁸ VAINER. *Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano*, 2013.

criou isso que a gente chama de topografia artificial. A gente moldou esse programa de necessidades a topografia do terreno e incluiu a grade. Então ele tem diversos platôs que vão escalonando... às vezes ele some como prédio, ou seja, ele chega no nível da rua direto, a pessoa está andando e quando ela percebeu já entrou na esplanada sem ter que subir nenhuma escada ou rampa, é quase como se fosse uma extensão do espaço público. (Arquiteto).

De acordo com o entrevistado, como existe uma amplitude na topografia do terreno, o cercamento do estádio serviria para delimitar o espaço, separar o fluxo entre pedestres e automóveis e dar segurança. Essa cerca externa é composta por portões que podem ser abertos conforme a demanda. Entretanto, cotidianamente, para se acessar o Mineirão, há apenas duas entradas principais: Norte e Sul. Como o Mineirão é administrado por uma entidade privada, por meio de uma parceria público-privada, o cercamento do estádio serve, também, para determinar o que está dentro e o que está fora de sua jurisdição, demonstrando a tensão e a ambiguidade entre os limites do público e do privado.

Ainda no que tange a topografia externa, o grande desafio foi projetar a esplanada que, nos cadernos da FIFA, é entendida como área de dispersão da multidão, mas que no projeto arquitetônico deveria servir, também, de legado à população em dias sem jogos.

E ao mesmo tempo a gente tinha que transformar a esplanada não só em um espaço inóspito, porque a gente tinha que garantir fluxo de multidão de 60 mil pessoas e toda a área necessária para montagem das instalações temporárias de logísticas, aquele mundo de barracões que entram ali dentro e tal, mas, ao mesmo tempo, a gente tinha que ter para o legado alguma coisa que atraísse a população para usar aquilo 24 horas por dia, todos os dias da semana. Então, a ideia de inserir programas de necessidades nesses desníveis, ou seja, lojas e ter também uma área de refúgio na beira. No perímetro fizemos umas pracinhas que a ideia era ter uma área de sombra onde se pudesse sentar ali e descansar ou você está andando com menino, passeia e leva carrinho de bebê, enfim. Então, é a ideia de ser uma praça, uma grande área semi-pública, porque tem que ter um nível de controle por questões de segurança, com um programa de necessidades incluindo estacionamento, museu do futebol, lado institucional e mais áreas comerciais (Arquiteto).

Nessa topografia artificial, a esplanada é um lugar bem amplo, com 80 mil metros quadrados e, aproximadamente, 1.400 metros de circunferência. Ela circunda todo o estádio, em vários desníveis. A esplanada é iluminada, conta com

sistema de som, banheiros, bebedouros, lojas e grandes blocos de cimento que servem como uma área de convivência. Além de possuir horário de funcionamento.

Ainda, segundo o Arquiteto, a meta era fazer um projeto enxuto, com uma infraestrutura capaz de abrigar eventos internacionais e também deixar um legado para a cidade, isto é, a finalidade era não fazer do Mineirão um elefante branco nos dias em que não houvesse futebol. Nesse sentido, embora não soubesse exatamente que usos seriam feitos da esplanada, para além dos já projetados, e nem a forma de animação desse espaço, havia a intenção de criar um espaço público de lazer para a população de Belo Horizonte, suprimindo uma carência da capital.

A gente sabe da dificuldade de ter espaço público na cidade. A gente fez uma comparação do Mineirão em termos de escala com todos os outros espaços públicos da cidade: Parque Municipal, Praça do Papa, Praça da Estação, mostrando como o Mineirão era maior que tudo isso. Ele é quase do tamanho da área em volta da Cidade Administrativa. Quer dizer... Isso tudo com o Mineirinho na frente, com o CEU, com a UFMG, com o pessoal que mora no bairro, com o Parque Tecnológico, com a USIMINAS. Ou seja, você tem um potencial de gerar espaço para todo esse público. E não só um espaço vazio, mas um espaço que pode ser apropriado de diversas formas. Então, você pode ter *shows* ou teatro ao ar livre, pode ter um pouco de skate radical e gente andando de patins ou bicicleta, correndo. Você tem uma belíssima vista da Lagoa e você tem esse potencial de sinergia com o Mineirinho e com o CEU. Então, você pode fazer eventos no Mineirinho utilizando a infraestrutura do Mineirão, por exemplo, estacionamento e vice-versa. A gente teve que deixar um certo nível de indeterminação. A gente não falou 'isso vai ser usado assim e só', porque a gente sabia que, com o tempo, isso ia ser apropriado pelas mais diversas formas que não estariam no nosso controle. O que tentamos foi garantir que a gente atraísse a população para lá. Então, para isso, você precisa ter o mínimo de infra ali, tipo lanchonete, café, restaurante. A gente queria que sempre tivesse isso, banheiro, área sombreada, que fosse realmente uma praça ou parque suspenso com uma certa infraestrutura. Inclusive tem um estudo nosso que tem uma espécie de mercado lá embaixo, tipo um mercado central, mas mais chique, um mercadinho mesmo, mas tipo o mercado central de São Paulo. Como o nosso mercado central, mas mais bacana, no sentido gourmet. Aliás, eu detesto esse termo. Hoje tudo é gourmet, espaço kids gourmet, sauna gourmet, varanda gourmet, já não aguento mais... Mas assim, não tem, por exemplo..., se você vai na Pampulha, tem o restaurante JK, tem o restaurante não sei o que, mas não tem o que fazer e tem potencial. A gente está falando de 7 mil metros quadrados de espaço comercial, eu acho que está subutilizado. Então, se você conseguir viabilizar um mix comercial e de serviços no Mineirão, aí sim ele irá funcionar como um atrativo para o bairro e até mesmo para a cidade, vai virar destinação... 'vamos lá no mercado Mineirão, vamos lá no restaurante tal', porque ali atrás do gol, na parte sul, tem um espaço para ter um restaurante panorâmico e para ter evento. Então se tem um

mundo de possibilidades que não está sendo efetivamente aproveitado pelo consorcio, mas imagino que isso leva tempo também (Arquiteto).

Nesse sentido, a fala acima considera a imprevisibilidade sobre os usos das formas e reconhece que, para que algo seja usado e também apropriado pela população, é necessário oferecer infraestrutura, segurança e possibilidades de convivência. Além disso, a fala do Arquiteto se mostrou mais ampla à apresentada pelos gestores públicos que participaram da execução do projeto de reforma do estádio que o entendia como o novo Eldorado.²⁹

Se por um lado, houve a tentativa de preservação da fachada do Mineirão, por outro, a esplanada foi um dos grandes rompimentos visuais e simbólicos com o Mineirão antes da reforma, uma vez que, alguns elementos presentes em dias de jogos (barraquinhas tradicionais e áreas de concentração de torcedores) e as árvores em torno do estádio foram todos abruptamente retirados da população.

É uma loucura... agora, todo mundo gosta de árvore. As pessoas falam isso como se fossemos biruta, né; 'vamos cortar as árvores...'. Não é isso. A questão é que na verdade, você tem que lidar com um monte de coisas. Como estamos falando de um estádio que, inclusive, será usado nas olimpíadas, tem que garantir um espaço vazio em volta, um perímetro de segurança interna, que é a área onde estão as catracas, para a circulação dessa multidão. Não sei se você já foi lá em dia de jogo... é uma loucura... então assim, não tem como você ter árvores naqueles trechos, além do mais a gente está com uma estrutura de pré-moldado que tem uma sobrecarga muito leve. Então o que a gente trabalhou? A gente pensou em manter as árvores do estacionamento, a gente projetou uma espécie de bosquinho, no acesso Norte (entrada pela Avenida Abrahão Caran), que não foi executado ainda, mas tinha um bosquinho que ia fazer o sombreamento ali, já que ali é terra, isto é, não é suspenso. Então ali a gente tinha o bosquinho, propomos as fontes de água que era para amenizar esse problema e a ideia de ter grandes vasos que é muito comum na Europa... Então essas nove praças que a gente fez, a gente inclusive usou uma árvore que era muito usada por Burle Marx e que dava uma sombra muito espalhada, só que o pessoal da administração colocou umas mudas que na primeira chuva já foram embora. Isso exige uma vontade de você querer fazer aquele negócio e ser realente uma coisa importante. Se você olhar nossas perspectivas iniciais, e a gente não fez isso para enganar ninguém, você pode reparar que a gente tinha árvore de porte médio na esplanada dessas nove pracinhas. Então pelo menos na beira, onde tem aqueles bancos de concreto a gente tem os vasos, e parece que eles estão estudando a possibilidade de ter uma jardineira com vegetação mais baixa, então não sei... sentar em um banco com uma jardineira, como tem na Savassi, de certa forma. Isso é uma coisa que é importante para gente, mas que não está funcionando na prática. Eu

²⁹ LAGES; SILVA; SILVA; MASCARENHAS. A copa do mundo de futebol em Belo Horizonte: impactos e legados, 2015.

não aguento andar ali, quando eu tenho que levar alguém para visitar o Mineirão, você tem que falar 'se prepara que o negócio é ...', como dizia Nelson Rodrigues, '... é um sol de rachar catedrais' (Arquiteto).

A esplanada, feita de cimento, acumula calor e reflete a luz do sol. O trecho indica que houve a necessidade de se adequar às normativas vigentes, mas também encontrar soluções para os problemas advindos dessa norma. Além disso, demonstra também que há uma diferença de entendimento entre o que foi projetado e o que foi executado. Um dos motivos que podem justificar essa discrepância é o fato de o corpo administrativo do Mineirão, isto é, os funcionários da Minas Arena, não terem participado do projeto de concepção da reforma do estádio.

A tentativa de criar uma harmonia entre Mineirão e entorno, atendendo às exigências da FIFA, fez com que uma das principais características do Mineirão fosse desfeita.

As pessoas diziam que o Mineirão era uma maravilha... Peraí, acho que o povo esquece como é que era. Eu tenho um antes e depois lá no escritório que é sinistro, são fotos de antes e depois. É sinistro. Então assim, acho que não há dúvida que as coisas melhoraram agora. Obviamente, que aquela área em volta do Mineirão não era um bosquinho idílico, um parque superbacana para você passear. Ela estava longe disso, com aqueles mourões, com arame farpado em cima. Então, obviamente, isso não foi planejado pelo Gaspar Barreto e pelo Eduardo Mendes (Arquiteto).

Por meio dessa passagem, verifica-se que houve um sucateamento e um desleixo com o Mineirão no decorrer do tempo. De acordo com Raquel Rolnik, ao longo dos anos, a sociedade está apresentando um movimento de fuga dos espaços públicos ou, nas palavras da autora, uma agorafobia coletiva.

Rolnik³⁰ aponta que esse processo de fobia, que se instalou em relação à cidade e ao espaço público, ocorreu em dois momentos. O primeiro é marcado pelo esvaziamento e não-uso do espaço público e, o segundo, pela sua rejeição e medo, já que passou a ser visto como um local de exercício da violência.

A autora aponta que a sociedade, dividida não apenas em classes sociais, mas em grupos, movimentos, organizações, minorias, se fechou em si mesma em espaços específicos, não possibilitando o encontro das diferenças. Assim, basicamente, só permaneceram na rua aqueles que só têm o espaço público como recurso, seja para moradia, trabalho ou refúgio de sobrevivência, como, por

³⁰ ROLNIK. O lazer humaniza o espaço urbano, 2000.

exemplo, mendigos, miseráveis, marginais, enfim, os excluídos socialmente.³¹ É nesse sentido que Mascarenhas³² afirma que o estádio, antes da reforma, era um dos últimos bastiões do direito à cidade, para os menos favorecidos economicamente, excluídos pelo processo de transformação da vida em mercadoria. O processo de reformulação do Mineirão pode induzir o distanciamento de determinadas camadas da população que não podem acessar o estádio nem para "complementar renda" e, talvez, nem para os momentos de lazer.

No entorno do Mineirão antes da reforma, em dias de jogos, havia a concentração de muitos torcedores em frente às barraquinhas credenciadas pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e conhecidas pelos torcedores como barraqueiros do Mineirão, que comercializavam bebidas (água, refrigerante e cerveja) e comida (pão com pernil, cachorro-quente, espetinho e macarrão na chapa entre outras iguarias). Ali os torcedores bebiam, conversavam, paqueravam, exaltavam o clube, provocavam o adversário. Havia encontros breves, conversas rápidas e grupos que se conheciam e se reconheciam como frequentadores daquele lugar, estabelecendo redes de sociabilidades. Por esse espaço também circulavam vendedores ambulantes que ofereciam camisetas e artigos relacionados aos clubes (almofadas, bolsas, tiaras, chaveiros, adesivos, pôsteres, radinhos). Por essa descrição, o Mineirão se constituía como espaço de lazer para alguns e espaço de trabalho para outros, funcionando como fonte de renda complementar.³³

Ao longo do tempo, os barraqueiros do Mineirão tornaram-se parte central dessa experiência de estádio que contribuía para o encontro de e entre classes, uma vez que na mesma barraca comia o juiz, o promotor, o trabalhador e o ladrãozinho. Entretanto, nem sempre esses encontros e vínculos eram formados de forma harmoniosa, uma vez que havia a presença de pivetes.³⁴ Essa convivência e pluralidade de acontecimentos que ocorriam no Mineirão com o próprio sujeito ou com seus conhecidos, agregada ao futebol, ao pertencimento clubístico, também constituíam a experiência do estádio. Em uma análise mais ampliada, essas tramas formavam o enredo para as narrativas do/no estádio.

³¹ ROLNIK. O lazer humaniza o espaço urbano, 2000.

³² MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, 2013.

³³ PEREIRA. *Mineirão em cena: palco de sociabilidades e imagens*, 2004.

³⁴ GUSTIN. *Relatório cidade, trabalho e megaeventos esportivos: o caso dos trabalhadores do entorno do Mineirão*, 2014.

Para tentar recriar essa atmosfera (excluindo o ladrãozinho e o pivete),³⁵ uma das premissas do projeto arquitetônico foi deixar a esplanada mais livre, com capacidade de um mix de lojas e carros de comida.

Então todo mundo que vai ao estádio, teoricamente, já poderia estar aqui dentro, bebendo, fazendo as coisas e tal. Eles não precisavam estar lá do lado de fora. De certa forma, o projeto foi dimensionado para isso, poderiam se acumular aqui, nessas duas praças de acesso. O pessoal com ingresso entrou, passou na segunda checagem e você está aqui na esplanada. Vamos supor, você tem seus barraqueiros, mas você também tem uma série de lanchonetes e lojas nesse nível aqui. Inclusive, se você olhar no vídeo de divulgação do estádio, vemos um monte de gente aqui, inclusive com barraquinhas, sentados civilizadamente e tal. Então essa turma poderia, tranquilamente, estar bebendo aqui e eu não tenho dúvida nenhuma disso. Eles não precisariam estar do lado de fora. O consórcio tinha que dar um jeito de resolver isso e, aqui, poderia ter os *food truck* acontecendo. Isso daqui seria ótimo. Na verdade, na Copa do Mundo funciona assim. É isso! Foi feita para isso, mas eles operam de uma forma como se o povo todo fosse selvagem (Arquiteto).

O trecho, mais uma vez, demonstra um desencontro entre projeto e operacionalização, ainda que, de certa maneira, todo o uso da esplanada tenha sido pensando de modo a atrair o usuário dentro de um processo de consumo de bens e mercadorias.

A questão toda está na operação do dia a dia. Então eu não acho que enquanto eles não conseguirem fazer um mix de lojas e de serviços ali para a população do dia a dia, porque eu vou lá, tem a lojinha do Cruzeiro, tem outra coisa lá, mas... Então, se você conseguir viabilizar um mix comercial e de serviços no Mineirão, aí sim ele irá funcionar como um atrativo para o bairro e até mesmo para a cidade, vai virar destinação... 'vamos lá no mercado Mineirão, vamos lá no restaurante tal'. Esse espaço que tem ali embaixo que na Copa funcionou como vila da mídia e funciona hoje como estacionamento, na verdade a gente projetou um mini shopping ali embaixo. Tem 5 mil metros de área comercial e é onde fizemos a proposta de fazer uma espécie de mercado central, aqui é um pouco mais complicado de mexer, pois é o *background*. Mas no legado, isso poderia ser *show*, com um monte de restaurante, um lugar para vender coisas para turista, que não existe. Fui lá com os alemães e passei vergonha, o cara teve que comer pipoca guri. Então é triste (Arquiteto).

A partir do exposto, cada vez mais é próximo o diálogo entre Estado e iniciativa privada de modo que esta é quem determina o que será veiculado em termos de espetáculos, eventos e acesso. Além disso, enfatiza que o rompimento

³⁵ Faço a ressalva do uso dos termos "ladrãozinho" e "pivetes", por entender que são pejorativos e preconceituosos.

com o Mineirão antes da reforma se deu não apenas com a retirada de alguns elementos constitutivos desse espaço e construção da esplanada, como também nas formas de uso e apropriação desse equipamento.³⁶

Para a reforma do estádio, várias foram as fontes de inspiração:

Gostamos muito do estádio de Durban, por ter essas áreas comerciais em volta do estádio, funciona realmente como um espaço público, uma praça pública, apesar do estádio em si ser outra coisa, mas essa relação de você ter uma área onde as pessoas vão e que tem pracinha que é tratada paisagisticamente e que as famílias vão, foi muito legal de ver. Tem o Allianz Arena que pra gente é um dos estádios que a gente gosta mais, porque é um estádio espartano, mas extremamente funcional e bonito, simultaneamente, tem uma base e plataforma com estacionamento embaixo e, em cima, é uma praça, apesar de ser quase um prédio com uma praça em cima. Esses dois estádios nos deixaram muito bem impressionados. Também gostamos muito do estádio do Green Point, na África do Sul, na Cidade do Cabo, por ter uma esplanada parecida com a do Mineirão, apesar de não ter uma topografia, tem uma esplanada. Mas é uma pena, porque o estádio está subutilizado e eles arriscam a demoli-lo, porque não é usado, mas é um estádio muito elegante também de soluções técnicas para sua implantação. E eu também gosto de estádios que não têm muito a ver, por exemplo, eu acho o Pacaembu uma gracinha, tenho um carinho por ele. O estádio de Berlim nos impressionou muito pela recuperação histórica. E o Dallas Cowboy por essa loucura de tecnologia que a parte de infraestrutura e logística nos fez mudar o projeto. A gente viu que a nossa parte de logística, de carga e descarga, tinha que ter mais espaço. Então acrescentamos mais 2 mil no estacionamento só de manobra de caminhão, carga e descarga, pois estávamos com uma visão meio modesta do que é ter um show do Paul McCartney. Então foi bom visitarmos desde estádios singelos, como o Pacaembu até o com programação intensa (Arquiteto).

Por fim, no que se refere às formas previstas de uso para o Mineirão o Arquiteto tece uma crítica, ao defender que ele está sendo subutilizado em detrimento do seu potencial e dos estádios multifuncionais determinados pela FIFA.³⁷

Por exemplo, há um estádio em uma cidadezinha na África do Sul que virou um *point* da cidade, porque a cidade não tem espaço público, eles gostam mesmo é de rúgbi, então perto tem o estádio de rúgbi, como se fosse o Mineirinho, que lota, e eles usam todos os *pubs*, botecos, lanchonetes, restaurantes, na esplanada do estádio. E lá você ainda pega um elevadorzinho, sobe para visitar o estádio, passa por cima do arco dele, que é incrível, e a área comercial em volta. Não tem jogo de futebol

³⁶ Para maior aprofundamento nessa questão consultar: CAMPOS, Priscila. *As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma*. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

³⁷ FIFA. *Estádios de futebol*, 2011.

lá não, o pessoal fica vendo rúgbi. Aqui eu acho que deveria ter uma empresa profissional de gestão de estádio, uma empresa americana sabe, de gestão de arena esportiva. Porque a gente visitou estádio na África, na Europa, nos EUA e tal, e nos EUA, o esporte é uma coisa tão rentável, os caras ganham em tudo. Eles vendem boné, camiseta, tem maquininha vendendo chocolate, tem restaurante com garçom te servindo, no próprio estádio eles fazem, mais ou menos as mesas da mídia, eles fazem um jantar com um abajourzinho e o cara assistindo ao jogo de basquete. Então, em termos da profissionalização da gestão do esporte, que está longe disso com os clubes todos falindo, não entendo como não conseguem ganhar dinheiro tendo os torcedores fanáticos que tem, então essa parte da profissionalização do esporte tem um pouco a ver com esse amadorismo de gestão de arenas esportiva. Eu fui no estádio do Dallas Cowboy que parecia um shopping, o estádio era um shopping, aliás, com uma tela tão gigantesca que ninguém olhava para o campo... e era assim, um dia tinha jogo de futebol americano, dois dias depois *holliday on ice*, três dias depois *show* da Madona, quatro dias depois *show* de Monsters Trucks, cinco dias depois... era um estádio muito ocupado. Então assim, a gente está longe disso, estamos como você falou, mais próximos dos estádios europeus, é o nosso padrão, vende camiseta e tal, mas não tem todo mundo comendo durante os jogos, cem por cento do tempo as mais variadas cozinhas (Arquiteto).

Esse trecho explicita que, se antes o estádio era o templo sagrado do futebol, atualmente está se tornando em um templo sagrado do consumo. As arenas multiuso tendem a tratar o torcedor como cliente: uma pessoa privada. Gorz afirma que o cidadão é diferente do cliente.³⁸ O cidadão é um sujeito de direito, coletivo, enquanto o cliente é um sujeito individual, privado, em quem a publicidade transforma o seu desejo como único, a sua escolha como símbolo de distinção. “A indústria publicitária promete a procura de soluções individuais para problemas coletivos”.³⁹

Em analogia à relação cidadão-cliente, Campos e Amaral fizeram a relação torcedor-cliente.⁴⁰ As autoras entendem que o torcedor é o sujeito que tem um pertencimento clubístico, escolhido pela natureza simbólica que determinado clube representa em seu contexto socioafetivo; tem a ida ao estádio como momento de lazer e espaço de fruição de uma sociabilidade única, acompanhando o time independentemente de sua classificação na tabela e do dia da semana. Enquanto isso, o cliente consome o produto futebol, as marcas (ou seriam jogadores?) que cada clube contrata, o conforto e a segurança, os camarotes VIP’s

³⁸ GORZ. *O imaterial*, 2005.

³⁹ GORZ. *O imaterial*, p. 49.

⁴⁰ CAMPOS, AMARAL. *A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão*, 2013.

que prometem melhor visibilidade do campo e serviço e, em termos europeus, as ações que determinados clubes dispõem na Bolsa de Valores, visando o lucro.

Nessa economia do futebol, o espetáculo futebolístico, o conforto, a comodidade, a infraestrutura, a tecnologia e a segurança são comercializados enquanto produto. A relação entre capital-produto nas arenas multiuso faz com o que eixo central deixe de ser a partida de futebol em si. Há um novo valor simbólico agregado à marca Novo Mineirão, na qual uma infinita gama de publicidade produz uma imagem desse espaço e as formas de uso desse produto, chancelado por uma marca de escala planetária: a FIFA, e difundida pelos meios de comunicação.

Se, em termos de produção de capital o Mineirão está aquém do mercado internacional, em questões arquitetônicas estão no mesmo nível.

Eu acho que agora os estádios brasileiros estão no mesmo nível que os europeus. E nisso eu não tenho dúvida nenhuma. No estádio do Barcelona tem coisas que você não imagina, eu tenho uma foto do filho do meu sócio lá, ele tem 1,95 m, andando em um pé direito de 1,70m. Então eles têm situações de segurança muito mais precárias do que a gente, porque a copa do mundo deles foi a muito tempo atrás. Então é claro que a cada copa que tem, a tendência é que se tenha... inclusive a FIFA revê o que deu certo nessa Copa, coloca mais requerimentos, aprimora as coisas. Então cada evento é um aprendizado para o novo caderno da FIFA e os estádios vão ficando, teoricamente, melhores e ajustados. Então, na Espanha, que eu saiba, eles vão começar a ficar nesse nível agora. Mas, por exemplo, na Polônia que teve Copa da Europa, eles já estão com estádios de alto nível lá. A Rússia também já está tudo pronto. Na Inglaterra, por causa da olimpíada e, tradicionalmente, já estão muito mais na frente. Na Alemanha também. Mas assim, os estádios aqui estão no nível dos estádios europeus, obviamente que a Alemanha é sempre outro nível. Houve um salto de qualidade enorme. Antes da copa do mundo o Cassio Pena e o filho dele fizeram um diagnóstico dos estádios brasileiros. O Carlos de La Corte mostrava frequentemente nas palestras dele, era sinistro, era sinistro. A gente tem a tendência de romantizar o passado... (Arquiteto).

A FIFA, ao rever as suas normatizações sobre os estádios incluindo, excluindo e mantendo certas normativas, opera de modo a potencializar a difusão dos chamados estádios pós-modernos. Tais estádios têm como características em comum a preocupação com estética e funcionalidade, apresentando, portanto, um desenho inovador, segurança, conforto, hospitalidade, acessibilidade a todo tipo de usuário, multifuncionalidade e aumento do desenvolvimento comercial, tanto em dias de jogos, quanto em dias sem jogo. Além disso, esses estádios devem contribuir para a regeneração urbana; ser uma construção icônica, um lugar turístico e capaz

de recriar novas e antigas experiências para atender a um público mais vasto, em uma perspectiva, ao mesmo tempo, futurista e museológica.⁴¹

Vale ressaltar que esse fenômeno perpassa a FIFA, uma vez que, na atualidade, há a remodelação e construção de estádios independentemente se vão ou não sediar os eventos oferecidos por ela. Entretanto, nos locais em que tais eventos serão realizados, os estádios acompanham a tendência. Em alguns casos, produzem espaços e, em outros, contribuem para a renovação de espaços outrora produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da fala do Arquiteto representa um dos pontos de vista adotados durante o processo de reforma e também de reformulação do Mineirão. Ela evidencia o alinhamento com a escala global de construção e transformação dos estádios em uma arquitetura padronizada, normalizada e reproduzível,⁴² já que o projeto arquitetônico, em cumprimento às exigências da FIFA, enfatizou os elementos funcionais e a valorização da estética, a preocupação com conforto, segurança, hospitalidade e acesso a todos os tipos de usuários, além do desenvolvimento comercial, tanto em dias de jogo, quanto em dias sem jogo.

As falas também demonstram que não há tanta sincronia entre as formas de se planejar um estádio, a implementação e a operacionalização desse planejamento, uma vez que nem sempre os mesmos agentes estão presentes nessas fases e/ou possuem as mesmas expectativas e objetivos, de modo que todo esse processo pode se tornar um híbrido. Assim, ainda que se vislumbre o modelo europeu de futebol a comercialização do espaço tem como referência o modelo estadunidense.

Cabe destacar que, o novo e moderno estádio que, internamente, nada faz lembrar o antigo, precisa da lembrança do passado (especificamente, a permanência de endereço e manutenção da fachada) para criar a identidade e a identificação com o público, de modo que passado e presente se tencionam. Junto a esse processo, houve a tentativa e há a expectativa de transformar a esplanada do Mineirão em um espaço apropriado pela população belo-horizontina em seu cotidiano, sendo mais um espaço de lazer na capital, disponível em dias sem jogos, levando em

⁴¹ PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

⁴² BALE; MOEN. *The stadium and the city*, 1995. PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

consideração, não apenas o consumo proporcionado pelos estabelecimentos comerciais existentes ou pelo futebol, mas também pelas práticas espontâneas desenvolvidas pela própria população.

Por fim, há a necessidade de novos estudos para conhecer amiúde os meandros e os marcos inspiradores das reformas, reformulações e construções dos estádios de futebol no Brasil, assim como suas formas de uso e apropriação.

* * *

REFERÊNCIAS

- BALE, John. **Sport, Space and the City**. Caldwell: The Blackburn Press, 1993.
- BALE, John. Virtual Fandoms: Futurescapes of Football. **Lecturas**: educación física y deportes. Buenos Aires, v. 3, n.10, mayo-1998. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd10/jbale.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BALE, John; MOEN, Olof. **The Stadium and the City**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; AMARAL, Silvia Cristina Franco. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão. **RUA** [online], Campinas, v. 1, n. 19, p. 40-55, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- FIFA. **Estádios de futebol**: recomendações e requisitos técnicos. 5. ed. 2011.
- FRANK, Sybille; STEETS, Silke. **Stadium worlds**: football, space and the built environment. London: Routledge, 2010.
- GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.
- GUSTIN, Miracy. **Relatório cidade, trabalho e megaeventos esportivos**: o caso dos trabalhadores do entorno do Mineirão. Belo Horizonte: Faculdade de Direito/UFMG, 2014.
- LA CORTE, Carlos de. **Estádios brasileiros de futebol**: uma análise de desempenho técnico, funcional e de gestão. 2 v. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LAGES, Carlos Eduardo; SILVA, Silvio Ricardo da; SILVA, Luciano Pereira da.; MASCARENHAS, Fernando. A copa do mundo de futebol em Belo Horizonte: impactos e legados. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 79-92, maio-2015.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v. 10, n. 17, p.142-70, 2013.

PARAMIO Juan Luis; BURAIMO, Babatunde; CAMPOS, Carlos. From Modern to Postmodern: The Development of Football Stadia in Europe. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 11, n. 5, p. 517-34, set. 2008.

PEREIRA, Patrícia. **Mineirão em cena**: palco de sociabilidades e imagens. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000, s/p.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 87, 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: VAINER, Carlos, ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 75-103.

* * *

Recebido para publicação em: 22 jun. 2020.
Aprovado em: 02 dez. 2020.

A geografia dos esportes no Brasil: entrevista com Gilmar Mascarenhas

The Geography of Sports in Brazil:
Interview with Gilmar Mascarenhas

Fausto Amaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil
Doutor em Comunicação, UERJ
faustoarp@hotmail.com

Filipe Mostaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil
Doutor em Comunicação, UERJ

RESUMO: Entrevista concedida por Gilmar Mascarenhas, geógrafo e professor da UERJ, a Fausto Amaro e Filipe Mostaro, pesquisadores do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). A entrevista foi parte de uma série de gravações empreendidas pela equipe do LEME com pesquisadores proeminentes nos estudos sociais do esporte e que estão disponíveis on-line.

PALAVRAS-CHAVE: Gilmar Mascarenhas; Futebol; Estádios; Geografia do esporte.

ABSTRACT: Interview given by Gilmar Mascarenhas, geographer and professor at UERJ, to Fausto Amaro and Filipe Mostaro, researchers at the Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME). The interview was part of a series of recordings undertaken by the LEME team with prominent researchers in the social studies of sport and which are available online.

KEYWORDS: Gilmar Mascarenhas; Football; Stadiums; Sport Geography.

APRESENTAÇÃO¹

Em meados de 2014, o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/UERJ) iniciou uma série de entrevistas com professores e pesquisadores canônicos nos estudos sociais do esporte no Brasil, uma iniciativa que buscava preservar a memória de campo tão profícuo de investigações. Foram entrevistados Gilmar Mascarenhas, Ronaldo Helal, José Carlos Marques, Hugo Lovisoló, Édison Gastaldo, Anderson Gurgel, Ary Rocco, Fernando Segura Trejo, Márcio Guerra, Bernardo Buarque de Hollanda, Sérgio Settani Giglio, Cesar Torres.

A entrevista com o saudoso geógrafo e professor da UERJ Gilmar Mascarenhas foi realizada pelos pesquisadores do LEME Fausto Amaro e Filipe Mostaro no dia 30 de julho de 2014, algumas semanas após o encerramento da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Era um momento de empolgação com a realização de megaeventos na cidade, que culminou com os Jogos

¹ Agradecemos o apoio de Marina Perdigão Mantuano, aluna de Relações Públicas da UERJ e bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, pelo imprescindível trabalho de transcrição do material bruto da entrevista.

Olímpicos de 2016. Tanto a Copa quanto os Jogos Olímpicos tinham pela primeira vez uma sede em um país da América do Sul. Diante desse cenário, Gilmar nos fala sobre suas impressões do processo de arenização dos estádios então em curso, de suas pesquisas sobre a geografia do futebol brasileiro e de suas expectativas para o que seria o legal daqueles megaeventos.

Gilmar Mascarenhas era doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (2001), com estágio na Universidad de Barcelona (1999-2000), e pós-doutor em urbanismo de megaeventos na Université Paris I Panthéon-Sorbonne (2012-2013). Em 1992, ingressa como professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atuava como docente de geografia urbana. Também compunha o quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UERJ) desde sua criação em 2003. Foi professor convidado na Université Michel de Montaigne – Bordeaux III em 2011.

Gilmar publicou cinco livros e dezenas de artigos em diversos países, sendo *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol* sua obra mais recente e que fora indicada para a Feira

de Frankfurt, em 2014. Suas pesquisas sobre esporte envolveram temáticas diversas ligadas ao território, cidade, cultura, cotidiano e políticas urbanas. Gilmar possuía especial interesse pelos megaeventos, tema de seu projeto no Prociência (UERJ) e de sua bolsa de produtividade do CNPq e também do grupo de pesquisa “Megaeventos Esportivos e Cidades”, do qual era líder e mentor.

* * *

LEME (Fausto Amaro; Filipe Mostaro) – Olá, Gilmar. Conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica, como surgiu o interesse por esportes e como essa paixão se transformou em pesquisas e em uma carreira profissional?

Gilmar Mascarenhas – O meu interesse pelo esporte, ele começa já mais tarde, eu já era professor aqui da UERJ. Em 1994, aqui na UERJ, existia um núcleo de Sociologia do Esporte que era coordenado pelo professor Mauricio Murad, que já se aposentou, e, em 1994, ele fez um evento aqui na UERJ, em

comemoração aos 100 anos do futebol no Brasil, tomando 1894 do século XIX como aquela famosa data da chegada de Charles Miller em São Paulo, com as bolas de futebol e as regras. Naquele instante, o futebol ainda era um certo tema tabu dentro das Ciências Humanas, no universo acadêmico no Brasil. Embora geralmente se tome os anos 1980, com aquela famosa coletânea que Roberto da Matta produziu em 1982, *O universo do Futebol*, como um marco em que o tema começa a conquistar uma certa legitimidade no espaço acadêmico. Mas isso é um processo muito lento. Um processo que em 1994 era um tema difícil, ainda mais para a minha área. A Geografia é uma área em que não existia realmente nenhum trabalho feito aqui no Brasil que trabalhasse o tema. Mas eu participei desse evento, acompanhei esse evento, comecei a ler sobre o tema e fui descobrindo alguns trabalhos feitos fora do país, na França, nos Estados Unidos, que trabalhavam a Geografia dos Esportes. Assim, eu fui fazer meu doutoramento na USP, já trabalhando o futebol, e o meu tema foi uma Geografia histórica do futebol no Brasil, na qual eu procuro fazer uma análise de como a presença do imperialismo inglês no final do século XIX, e

não só ele, mas como outras redes que atuavam no país, por exemplo, os padres, as diversas ordens religiosas, como os jesuítas, os salesianos, maristas, como que diversas redes que já circulavam no mundo, elas já vinculavam o futebol como uma informação. E, ao mesmo tempo em que eu analiso essas redes mundiais de difusão do futebol, eu vou analisar o caso do país como um território específico.

LEME – Pode nos contar mais um pouco sobre os “achados” dessa pesquisa?

Gilmar – O Brasil é um país que vai apresentar um processo de adoção do futebol distinto de vários outros países, se for comparar o Brasil com Uruguai, Argentina, Chile, diversos países mesmo fora daqui da América do Sul, países europeus como a França, a Itália. Na Itália, pode-se dizer que o futebol aporta no porto mais importante que é Gênova; na França, o porto de Le Havre, que fica no norte da França, muito próximo a Inglaterra, é onde o futebol tem um registro primeiro de chegada. No Uruguai, pelo porto de Montevideú; na Argentina, pelo porto Buenos Aires; no Chile, pelo porto de Val Paraíso.

Então, você tem situações muito claras em que o principal porto que esses países tinham foi o lugar da primeira informação sobre o futebol. Só que o Brasil é um país diferente, é um país muito grande e que não apresentava naquele final de século XIX um único grande porto, embora o do Rio de Janeiro fosse o maior porto, e depois Santos com o café também. Mas esses portos não tinham uma área de influência que tomasse o país como um todo. O futebol chega ao mesmo tempo por vários pontos do território do país, então se tem um processo muito mais complexo de adoção do futebol no Brasil. A tese eu defendi no ano de 2001, já se vão treze anos, e aí depois eu vou retomar o tema do esporte, mas agora para estudar os megaeventos esportivos.

LEME – Os últimos anos têm sido realmente propícios para investigar o fenômeno dos megaeventos. Como surge o seu interesse por essa temática?

Gilmar – Em 2003, eu começo a investigar o tema, quando o Rio de Janeiro já é uma cidade escolhida para sediar os Jogos Pan-americanos, e aí eu vou me inspirar em alguns autores

como o espanhol Francesc Muñoz, de Barcelona, que trabalhou o tema que ele cunhou de urbanismo olímpico, que é de pensar quais são as transformações urbanas que estão relacionadas à realização de um evento esportivo, no caso um evento olímpico. Então, eu acompanhei de perto toda a preparação do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Pan-americanos, os impactos urbanos, a escolha dos locais, enfim, o legado desses jogos. E, quando os Jogos Pan-americanos acabam, logo depois, em 2009, a cidade é eleita a cidade da Olimpíada de 2016, então o tema continua sendo trabalhado até hoje, embora, como esse tema é um tema que virou uma moda impressionante, você tem hoje centenas de pessoas estudando esse tema em várias áreas de conhecimento, eu comecei um pouco a arrefecer meu interesse por ele e fui voltando a uma paixão que é o futebol. Eu busquei o futebol porque para mim sempre foi uma paixão muito grande e eu sempre achei que fosse impossível casar a minha geografia, que é uma paixão, com o futebol, que é uma outra paixão, mas foi esse contato com o Núcleo de Sociologia do Futebol aqui da UERJ, foi um ato de desbravar esse tema. Então, eu posso dizer que mais recente-

mente, nos últimos dois anos em função da Copa do Mundo, dessa transformação dos estádios de futebol, eu passei a me debruçar um pouco mais sobre esse tema. Neste sentido, o Brasil é um país que tem um parque de estádios fantásticos. Segundo a FIFA, no final da década de 1970, dos dez maiores estádios do mundo, seis estavam aqui entre nós. Dos dez maiores, seis eram brasileiros. Então, o legado do regime militar foi muito efetivo, e esse grande legado, esse parque de estádios, ele é hoje alvo de uma condenação muito grande, são acusados de serem estádios obsoletos, envelhecidos, estádios que não oferecem conforto, segurança e tal. Então, o país sofre hoje uma onda de reforma desses estádios, e a Copa do Mundo serviu muito pra isso, para injetar recursos públicos nessas reformas. E o que me preocupa pensar é o quanto que essa transformação nos estádios afeta e exclui alguns segmentos. Há uma exclusão socioeconômica, um corte a partir do poder aquisitivo do torcedor. Esses estádios trazem consigo um pacote normativo muito claro, todos tem que ficar sentados, não pode ficar em pé, porque você não pode atrapalhar o campo visual do consumidor, que é o torcedor, você não pode atrapa-

lhar. Enfim, é um novo estádio, no qual ele impõe um pacote de normas que, a meu ver, agride uma cultura popular, uma tradição de torcer aqui no nosso país. Então, basicamente, pensando nos 20 anos estudando o esporte, o futebol, é esse o percurso que eu fiz.

LEME – Aproveitando que você trouxe essa perspectiva histórico-geográfica na discussão sobre os estádios, vamos retomar o tema da sua tese, porque a gente sabe que nela você também desenvolveu uma reflexão com semelhante ênfase. Conte-nos um pouco sobre esse processo da chegada do futebol no Brasil, que você explorou tão bem durante o seu Doutorado.

Gilmar – Em 2001, eu defendi uma tese de doutoramento na USP em Geografia Humana sobre a adoção e difusão do futebol no Brasil. Nessa tese, eu procuro fazer um estudo sobre as redes mundiais que estavam presentes no território brasileiro, em especial um imperialismo inglês que era muito forte naquela época, redes religiosas de padres, de missionários, enfim, a rede comercial. Para ver como é que foi que a informação futebol chegou ao Brasil, por que locais, por que pon-

tos do território, chegou ao Brasil, e como foi a difusão do futebol no Brasil. Portanto, é uma geografia histórica do futebol no Brasil, e esse trabalho obteve alguns resultados inéditos, um deles foi: eu me perguntava antes por que o clube mais antigo, mais longo do Brasil é o Esporte Clube Rio Grande, no extremo sul do país. Depois, estudando porque o campeonato de futebol do Rio Grande do Sul foi o primeiro do Brasil a ter uma cobertura territorial expressiva. Em 1919, 1920, você tinha clubes da capital, do pampa gaúcho, da parte norte do Estado, você tinha uma cobertura interessante. Então, eu fui estudando essas influências das conexões, das redes no futebol, e, por exemplo, a gente percebe o quanto que o futebol chega primeiro na América do Sul no Uruguai e na Argentina, em função do intenso comércio que esses países já tinham com a Inglaterra, com a exportação de lã e carne. Havia uma colônia britânica imensa nesses países. O Rio Grande do Sul pode contar com uma. O Brasil é um país imenso, com uma fronteira imensa, mas uma fronteira que em quase toda sua extensão são vazios demográficos, a nossa fronteira mais viva é a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, de intensos

contatos humanos, sociais, comerciais. Então, o Rio Grande do Sul, ele pode se servir dessa precocidade do futebol na Região do Prata. Eu acho muito assintomático pensar que o primeiro confronto entre seleções nacionais na história do futebol foi entre Inglaterra e Escócia; não poderia ser outro, Inglaterra, a mãe do futebol, e seu vizinho imediato e de maior rivalidade. O segundo confronto não foi Inglaterra x Irlanda, não foi Inglaterra x Bélgica, foi Argentina x Uruguai. Isso mostra a precocidade desse futebol, e os gaúchos que vieram beber dessa precocidade, também a presença alemã muito forte no Rio Grande do Sul. O Brasil foi muito resistente em adotar o futebol. O futebol chegou ao Brasil em várias localidades, mas não foi aceito, e por quê? Porque o futebol chegou para quem? Ele chegou para as elites, e as elites elas tinham uma cultura de corpo em que se aceitavam esportes brandos, esportes que prezavam pela destreza, pelo equilíbrio, como o turfe, o remo, que chegou um pouco depois e a esgrima. O futebol é um esporte de movimentos quase que descoordenados, de choque físico, de muito suor. Um país que foi o maior país escravista do mundo moderno, onde o trabalho era visto como algo que

fazia mal as pessoas, ter músculos era algo muito malvisto naquela época, então o futebol teve muita resistência no Brasil. No Rio Grande do Sul, os alemães criaram uma cultura esportiva, uma cultura de ginástica que também ajudou. Enfim, existe uma série de fatores que vou explicando em cada pedaço do Brasil como é que o futebol foi chegando.

LEME – E depois da tese? Esse trabalho virou livro...

Gilmar – Aí, depois da tese, eu trabalhei com outros temas mais recentes, um deles é o que eu chamo de metropolização do futebol no Brasil, que é essa influência crescente dos clubes das metrópoles, clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. O Brasil tinha na década de 1960, 1970, cidades pequenas e médias com clubes de futebol muito vivos. Você tinha campeonatos municipais de futebol no Brasil inteiro, e esses clubes pequenos muitos foram desaparecendo, muitos se fundiram com outros clubes, a maioria desapareceu. Então, há hoje uma concentração oligárquica de alguns clubes, e isso vai cada vez mais acontecer. Isso é um processo marcante no futebol brasileiro dos nossos dias, um país que até a década de 1960 dava

um valor imenso aos campeonatos locais, estaduais, que hoje são altamente desvalorizados. Eu lembro que na minha infância ser campeão carioca tinha culturalmente um peso maior que ser campeão do Brasil ou até mesmo da Copa Libertadores, o que hoje está completamente invertido. Enfim, todo esse estudo que eu fiz eu pude juntar em um livro, que é o *Entradas e bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol*, no qual eu tenho desde os primórdios do futebol no Brasil, desde o contexto que permitiu a chegada do futebol no Brasil, até a chegada em 2014 à Copa do Mundo no Brasil. Então, é um longo percurso em que eu faço essa geografia histórica do futebol. Só pra fechar, umas coisas curiosas. Eu levanto algumas hipóteses que são bastantes polêmicas, uma delas é que eu arrisco dizer que, caso o imperialismo norte-americano fosse mais bem sucedido, aquele plano “América para americanos”, a Doutrina Monroe, chegasse ao Brasil um pouco antes, 20 anos antes, eu acho que agora estaríamos falando de beisebol e não de futebol. Porque a gente percebe que na América Central, na região do Caribe, onde os Estados Unidos conseguiram chegar com a sua influência mais forte que os

ingleses, eles conseguiram fazer valer o seu esporte nacional, que era o beisebol. Na Venezuela, na América do Sul, mas os ingleses foram menos decididos, os americanos conseguiram... Então, eu creio que você pode gerar um mapa dos esportes no mundo, que é o mapa da influência colonial e imperial no dado momento daquela história. Então, acho que a década de 1920 é um marco em que se diz: olha, a partir de agora, o país está mais ligado aos Estados Unidos do que a Inglaterra. A Primeira Guerra Mundial é um marco. Portanto, se os americanos tivessem sido mais consistentes, 20 anos antes seria suficiente para que o beisebol fosse a paixão nacional, o país fosse pentacampeão de beisebol, ou alguma coisa desse tipo.

LEME – Um tema frequente de seus estudos tem sido os estádios de futebol. O que você pode nos dizer do processo de “arenização” pelo qual muitos estádios brasileiros estão passando?

Gilmar – Bem, o tema dos estádios me interessa pensar no seguinte, os estádios no Brasil já existem há mais de cem anos, então existe uma trajetória importante. Eles começam quando o futebol ainda é quase, grosso modo, um passatempo de al-

guns rapazes. Os clubes de futebol, os primeiros clubes, ainda eram agremiações de muito pequeno porte, quase que grupos de colegiais, amigos de rua que iam fundando os clubes. Por exemplo, o Botafogo, ele teve seu primeiro presidente um colegial que tinha 17 anos de idade; ele assina a ata como presidente do Botafogo Football Club. O futebol era estar entre amigos. Mesmo com o futebol ganhando expressão, os estádios, ainda eram estádios que eu procuro chamar de um estádio aristocrático, porque é um estádio de muito pequeno porte, ele se assemelha um pouco a um teatro a céu aberto, o pavilhão que se constrói ali com algumas cadeiras bem colocadas, acolhoadas assim. Então, é o lugar para que sócios, amigos e parentes dos jogadores prestigiassem esses eventos. Mas o futebol, ele vai ganhando popularidade e já na década de 1920, mais precisamente em 1927, o Vasco da Gama constrói um estádio de massa, um estádio de grande porte, que é o estádio de São Januário, que já na época parece que são 35 mil pessoas que cabem no estádio. Para aquela época era uma avalanche de gente, né? Quarenta mil pessoas. Em São Paulo, temos o Palestra Itália de 1933. E aí começa a intervenção

pública, do Estado, dos governos estaduais e municipais, quando, em São Paulo, a municipalidade paulista edifica o estádio do Pacaembu, que é um estádio magnífico em termos de projeto arquitetônico, para 60 mil pessoas. Então, aquilo é um marco para dizer: olha, o futebol atingiu um estágio de importância, de significado, que envolve investimentos públicos para construir essas arenas. E, logo depois, o Rio de Janeiro faz o Maracanã, que, a meu ver, foi feito para Copa, mas, mesmo que não houvesse Copa, nós teríamos um Maracanã, porque acho que o Rio de Janeiro enquanto capital federal havia um debate que a cidade precisava ter um equipamento de porte maior que o de São Paulo, obviamente, que expressasse a capacidade operativa do governo. Agora, esses estádios, eles eram praças de esporte. Isso é importante dizer. Praça por quê? Porque não eram somente estádios de futebol, era todo um complexo esportivo que envolvia piscina olímpica, envolvia ginásios, a própria pista de atletismo em volta do campo, ou seja, o Estado brasileiro entra para construir, mas não só para o futebol. Existe toda uma ideologia do Estado Novo no Brasil, com muita inspiração nazifascista, que dizia que o es-

porte participa da formação do “novo homem”. É um discurso bem fascista. Esse novo homem, esse homem que pratica esporte, por isso ele está apto para exercer atividades do trabalho, para acordar cedo, essa sociedade de uma ordem, o esporte vai nesse momento prestar esse serviço e aí, então, se constrói estádios com todo um conjunto esportivo a sua volta e também até com escolas. O estádio da Fonte Nova, em Salvador, que é de 1951, ele continha uma escola estadual embaixo das arquibancadas do estádio. E aqui no Maracanã, quando houve, no Rio de Janeiro, nos anos 1940, o debate sobre o que vai ser esse novo estádio municipal, se ia ser nacional até o municipal, esse debate todo, onde vai ser, havia, é claro, opiniões a favor e contra. O Mario Filho defendendo um estádio gigantesco e tal e que fosse aqui, onde hoje estamos, na UERJ, ao lado da UERJ. Havia outros projetos, mas aqueles que eram contrários diziam assim: “Olha, isso não pode ser uma política autoritária, temos que investir em saúde, em educação”, e aí o que o Mario Filho respondia: “Um estádio, um complexo esportivo, é saúde e educação também, vale mais que hospitais, porque ele vai reduzir a procura por hospitais”.

O Maracanã iria ajudar a criar uma geração mais saudável, porque ele ia estimular o esporte. Então, hoje se fala tanto em estádios multiusos, multiusos eram aqueles estádios, que tinham uma escola no seu interior, que tinham múltiplos esportes junto com o futebol. Pois bem, aí chega o regime de exceção de 1964, e os militares chegam para abafar toda uma situação de descontentamento, de movimentos sociais, estudantis e sindicatos e eles percebem o futebol como aquilo que depois vão chamar de ópio do povo, o futebol como um grande universo que pode catalisar e canalizar tensões sociais e desviar atenções em relação à política. Essa é uma história que todo mundo conhece bem. Então, esse regime militar vai estimular a realização de campeonatos nacionais no Brasil. O Brasil é um dos últimos países a criar um campeonato de escala nacional, e isso não é por acaso, é pelo tamanho do país e pelo precário grau de integração desse território. É no pós-1930 é que vai começar a ter políticas de expansão de rodovias e de integração nacional. Essa interação nacional vai caminhando ao longo do século XX. Brasília também já é um sinal dessa expansão para o interior do país, e o futebol vai acompanhando

do isso aos poucos. Para criar um campeonato nacional, a CBD, na época, dizia que era preciso ter estádios à altura dessa competição. Mas por quê? Porque o governo estava pronto para financiar isso. Então, tem uma geração de estádios que vão chegar fora dos grandes centros, vai chegar em Maceió, vai chegar em Fortaleza, em Natal, quando era uma cidade de apenas, sei lá, 100 mil habitantes. Então, vai se criar no Brasil um grande parque de estádios, e o que tem de comum entre todos eles é que eles eram rústicos. Eles eram grandes investimentos, mas eram uma coisa que, já que era para o povão, era algo rústico mesmo, as arquibancadas eram de cimento, sem nenhum tipo de sofisticação e grandes anéis de arquibancadas, ou seja, essa rusticidade, para o povo caiu bem. Porque o povo, e aí entra um pouco da cultura brasileira, que é um povo que muitos consideram no exterior um povo festivo, um povo com uma capacidade de realização, de uma sociabilidade intensa no espaço público, o povo brasileiro ele vai inscrevendo nesses estádios uma série de comportamentos, de práticas festivas. E, aí, esse estádio, ele é uma página em branco, porque ele é uma estrutura rústica, quase que indiferente, um

anel imenso, tipo assim: ocupe-se. Ele estava pronto para ser produzido enquanto uso. Então, vai haver essa apropriação intensa da população e vai fazer dos nossos estádios das massas um estádio extremamente festivo, com um repertório maravilhoso de canto, de danças. Alguns falam de uma carnavalização dos estádios, então tudo isso vai ser criado nesses estádios, ou seja, o Brasil chega ao final do século XX com um parque de estádios imenso, de estádios grandes e com uma cultura de torcer nesses estádios. Mas aí o futebol está passando por algumas metamorfoses desde que o João Havelange assumiu a FIFA em 1974. O futebol vai se reformatando numa capacidade de atrair investimentos, mais marketing, grandes empresas, os jogadores vão passar a ter salários astronômicos, vão surgir campeonatos bastante financiados, e, neste cenário, esses estádios começam a ficar em descompasso com uma nova ordem do futebol, que é uma ordem muito mais elitista e que os atletas, eles são astros internacionais, alguns deles são multimilionários. Então, aquele estádio rústico, com pessoas de baixa renda, vai entrando em descompasso. Ao mesmo tempo, os clubes que tanto se beneficiaram com esses

estádios das massas, com o valor dos ingressos, eles agora têm muito mais na sua receita enquanto empresa a transmissão na TV, os direitos de transmissão. Então, se esse público, se essas massas construíram no estádio uma forma de uso, de estar ali, que é barulhento, que, por ser muito intensa, ela gera conflitos, e esses conflitos poderiam, em alguns casos, gerar problemas sérios para os estádios, então o melhor a fazer era mudar o público dos estádios. Tem um livro fantástico do escritor britânico Nick Hornby que é o *Febre de bola*. Ele descreve a sua trajetória enquanto torcedor do Arsenal e seu fascínio pelos estádios. Ele conta que quando era adolescente, aos 13 anos de idade, ia ao estádio com o seu pai no setor, digamos assim, familiar do estádio e ele ficava sempre olhando com muita fascinação para a ala que ficava atrás do gol, onde ficavam os rapazes já crescidos e com uma expressão de uma virilidade de saltar, de empurrar. E ele fica sonhando com o dia em que ele chegaria ali. Então, aos 16 anos ele cruza aquela catraca, vai até lá e relata da seguinte forma: de todos os ritos de passagem que compõe a minha passagem para a vida adulta, que é meu primeiro cigarro, meu primeiro *drink*, meu

primeiro porre, o primeiro beijo, a primeira transa, entrada na universidade, tudo isso que forma essa passagem para uma vida adulta, nenhuma delas se compara ao dia em que eu atravessei a catraca do setor norte e fiz parte daquilo ali. Em seguida, quando o livro já fala dele adulto, os estádios vão sendo reformados, e ele destaca: é óbvio que isso ia acontecer, é óbvio que isso tudo é muito triste, mas é óbvio que isso seria inevitável. Os clubes sempre vão preferir, é claro, torcedores com mais dinheiro e muito mais comportados que os da minha época. É isso que a gente está vivendo esse momento, não é só no Brasil, mas no mundo inteiro. Mas acho que no Brasil, em especial, ele é forte porque, do que eu pude conhecer um pouco de uma cultura europeia de estádios, parece que ela nunca foi tão festiva quanto foi aqui no Brasil. Então, eu creio que essa transição desse estádio com todos sentados e tal, ela foi muito mais branda em alguns países do que aqui no Brasil. E se a gente pensar o que vai ser dos nossos estádios? Bom, primeiro, é claro que esse novo estádio, que eu faço uma crítica ao seu elitismo e ao engessamento dos corpos ali, é claro que a gente tem que reconhecer alguns ganhos nisso, e um

deles é o fato de que o velho estádio na sua dinâmica de corpos de dança, de cânticos, havia uma intensidade ali que um pouco afastava pessoas mais idosas, afastava as crianças, afastava as mulheres também. Então, era um ambiente mais tipicamente do homem e de um homem de certa idade, de 15 aos 50 anos. Então, havia certo padrão sexista nesse estádio das massas e que o estádio hoje, nesse ponto, quem vai ao Maracanã vê muito mais idosos presentes, muito mais bebês, enfim, porque é um ambiente muito mais sob controle. Mas, assim, se você me perguntar “o que vai ser desse estádio?”, se esse pacote normativo ele vai realmente vingar ou não, é claro que a gente não tem como prever. A gente está vendo um processo que está em curso, mas eu creio que fatalmente vai haver alguma negociação, não sei se alguma negociação tácita assim, do que pode e do que não pode. Que a gente tem ido aos estádios, então a gente vê uma cena se tornando comum, torcedores em pé e os “steward” (seguranças do estádio) pedindo, por favor; quando é um ou dois faz sentar, mas quando são cinquenta, cem, eles não conseguem mandar, eles ficam olhando: “e aí? vou ficar em pé”. Então, há situações que são

incontroláveis nos estádios. Pessoas já conseguem entrar no estádio portando algumas bandeiras, quer dizer, há toda uma legislação, uma séria de coisas que as pessoas estão aos pouquinhos passando por cima. O que eu imagino é que o debate está só começando. Há hoje todo um debate sobre as torcidas organizadas nesse país; a gente já está vendo eventos debatendo isso, elas estão reivindicando um espaço de debate com o poder público; elas sempre falam assim: “todos falam de nós, mas ninguém fala com a gente”. Também há uma evidente criminalização das torcidas organizadas. Assim, eu acho que a gente está vivendo hoje um momento muito interessante, que é de transição. Agora, para onde vai, não sabemos. Agora, eu acho que a gente não vai ter mais aqueles velhos estádios que nós tínhamos, mas também acho que não vai ser esse estádio frio, esse estádio elitizado, que se propõe esse estádio altamente higiênico que se coloca aí. Vai ser alguma coisa que vai ser fruto de um duelo, de um confronto, de uma negociação entre uma tradição cultural que nós temos, que já se vão décadas de uma cultura de torcer. Eu acho até que, é até um pouco ousado dizer, mas se o país tem hoje uma políti-

ca que é de reconhecimento do patrimônio cultural, patrimônio imaterial, por que não reconhecer uma forma de torcer como patrimônio imaterial também? Todos os cânticos que se produziram, todas as fantásticas coreografias das torcidas e, enfim, eu acho que a gente está vivendo um momento de transição e é muito bom poder acompanhar e participar disso. Participar reivindicando que nossos estádios não percam algo que eles tinham de mais vivo, que é esse protagonismo de quem assiste ao jogo. O que se quer hoje é fazer do estádio um estúdio, então você carregar toda tensão para o campo de futebol, fazer dele a centralidade do espetáculo, quando até então se tinha uma multicentralidade. As torcidas, a geral, ou seja, você tinha vários setores onde você podia jogar sua atenção e dialogar com elas. E, nesse processo de intervenção, nesse pacote do estádio, há uma intervenção sobre toda uma cultura popular que ali existia. Em setembro passado (2014), houve um encontro sobre futebol em Belo Horizonte e fomos todos ao Mineirão, ao novo Mineirão, e aí os colegas mineiros estavam contando que o Mineirão é um estádio peculiar porque ele fica no canto da universidade, ele tem toda uma imen-

sa explanada em volta dele, um espaço plano, uma superfície muito grande em volta dele, e, nessa imensa explanada, em dia de grandes jogos, ali se colocavam as barraquinhas, porque tem isso também, um estádio de futebol, enquanto um espaço vivido, ele não se restringe ao monumento em si. Ele tem todo um espaço externo ao estádio e, em dia de grandes jogos, esse espaço ele se expande muito. A experiência do estádio começa muito antes de chegar ao estádio, e, aí, esse estádio das massas, ele era tão multiuso que ele também permitia que o chamado setor informal da economia pudesse utilizar-se de estratégia de renda, estacionando carro, vendendo bebidas, vendendo camisa, bandeira, boné, vendendo comida também. E, como em Minas Gerais, o feijão tropeiro, ele é uma marca forte da comida mineira, se produzia muito feijão tropeiro nas barraquinhas ali fora, e era, assim, um feijão bastante popular, feito em grandes panelas, servido em quantidades generosas, e no novo estádio não tinha mais o feijão tropeiro. Você tinha que comer um *hot dog* daquele bem americano e tal, e isso incomodava mesmo os novos torcedores que falavam: “olha, eu preferia o feijão tropeiro”. Houve essa inquietude

tação e tal, esse descontentamento, e, aí, aquelas lanchonetes que operam dentro do estádio, todas muito branquinhas de verniz, elas começaram a oferecer o feijão tropeiro, e eu fui lá e pude experimentar o feijão tropeiro, e disse “olha, isso aí não tem gosto de nada, tá?!”. Além de ser numa porção pequena, uma porção *light*, em relação ao que se oferecia antes, ele não tem aquele sabor especial da comida mineira. Enfim, são momentos que você percebe essa tensão e essa negociação que vai acontecendo nesse processo de higienização dos estádios.

* * *

REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Editora Companhia das Letras, 2013.

* * *

Recebido para publicação em: 13 abr. 2020.
Aprovado em: 23 set. 2020.

Futebol e Cidade: entrevista com Gilmar Mascarenhas

Football and City:
Interview with Gilmar Mascarenhas

Sérgio Settani Giglio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Ciências, USP

Enrico Spaggiari

Doutor em Antropologia, USP

RESUMO: Entrevista realizada com o professor Gilmar Mascarenhas durante o I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado em setembro de 2013, na cidade de Belo Horizonte. Na entrevista, Gilmar Mascarenhas abordou temas da política urbana, territorialidades, estádios de futebol, legados e impactos na cidade a partir de estudos sobre os megaeventos esportivos no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gilmar Mascarenhas, Futebol e cidade, Geografia urbana, Megaeventos

ABSTRACT: Interview with Professor Gilmar Mascarenhas during the I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, held in September 2013, in the city of Belo Horizonte. In the interview, Gilmar Mascarenhas addressed themes of urban politics, territorialities, football stadiums, legacies and impacts on the city from studies on the mega sports events in Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Gilmar Mascarenhas, Football and City, Urban Geography, Mega Events.

Entre as inúmeras possibilidades que tínhamos para definir o título desta entrevista escolhemos o nome da coluna que o querido professor Gilmar Mascarenhas assinava no *Ludopédio*. O convite feito em 15 de julho de 2017 representava uma mudança que começávamos a implementar no *Ludopédio*: dar maior visibilidade para a sessão Arquibancada e isso seria feito em uma aproximação com pesquisadores e pesquisadoras sobre futebol.

Os quatro dias que separam o envio da resposta nos deixaram apreensivos. Será que o Gilmar aceitaria? A resposta simples e carinhosa era uma das marcas de Gilmar. Assim ele nos respondeu: "Com prazer! Aceito". Na sequência dissemos que a frequência seria mensal e isso assustou um pouco o Gilmar, como pode se ver na sua resposta: "Uai... não sabia que tinha compromisso de produzir mensalmente um texto! Deixa eu pensar melhor, já te respondo." Logo em seguida, com os dizeres "vamos fazer um teste" começou a coluna Futebol e Cidade.

O fato é que o teste nunca aconteceu. Gilmar gostava de escrever para o *Ludopédio*. Como dizia para os mais pró-

ximos, "escrever para o *Ludopédio* era uma diversão, não um trabalho". De setembro de 2017 a 25 de julho de 2019 foram publicados 22 textos na coluna. A cada viagem que Gilmar fazia a trabalho recebíamos um texto novo falando do que ele adorava falar: futebol, estádios e cidade.

A entrevista que se segue foi realizada muito antes do início da coluna. Ela foi realizada durante o I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado em setembro de 2013, na cidade de Belo Horizonte. Mas foi publicada somente no ano seguinte, a dividimos em duas partes no *Ludopédio*, sendo a primeira publicada no dia 12 de março de 2014¹ e a segunda no dia 26 de março de 2014.²

A conversa com Gilmar passou pelos assuntos que o constituíam como ser humano e como crítico de uma sociedade que transformava os espaços para segregar as pessoas. Gilmar tinha na interface entre geografia e futebol uma jane-

¹ Gilmar Mascarenhas, *Ludopédio*, v. 10, n. 5, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/gilmar-mascarenhas/>.

² Gilmar Mascarenhas, *Ludopédio*, v. 10, n. 6, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/gilmar-mascarenhas-parte-2/>.

la interessante para acessar essas dinâmicas urbanas, suas contradições e possibilidades.

“Como pode a geografia contribuir com os estudos sobre o futebol? Sem jamais alcançar uma resposta definitiva, há 25 anos me dirijo essa indagação. Mas acumulo algumas pistas interessantes, e muito trabalho amalhado desde então” (2020, p. 493). Este foi o questionamento de Mascarenhas em um de seus últimos textos publicados. E ninguém melhor que o próprio Gilmar para responder a essa pergunta.

Grande parte de sua obra foi construída na intersecção entre esportes, urbanização e cultura. Seus trabalhos pioneiros sobre a espacialidade do futebol na urbanização brasileira permitem problematizar questões sobre cotidiano, territórios, espaços públicos e planejamento urbano. A centralidade do futebol para a compreensão de certas dinâmicas geográficas aparece, de forma notável, em sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo, *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*, quando Gilmar se voltou a uma geografia dos esportes e uma geografia do lugar, abordando questões rela-

cionadas à difusão do futebol no Brasil e aos aspectos da configuração socioespacial do Rio Grande do Sul que auxiliaram na entrada e consolidação da prática futebolística nos campos e planaltos riograndenses.

Posteriormente, além de atuar como professor de Geografia Urbana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor visitante na Université Michel de Montaigne Bordeaux III, Gilmar realizou também pesquisas sobre política urbana, territorialidades, estádios de futebol, legados e impactos na cidade a partir de estudos sobre os megaeventos esportivos no Rio de Janeiro, sempre de uma perspectiva geográfica.

Seu falecimento inesperado em um acidente de trânsito quando estava de bicicleta cessou uma produção e reflexão fundamental para entender a nossa sociedade. Porém, sua obra continua como uma inspiração para não desistirmos, para lutarmos por um mundo melhor e um mundo que seja feito pelas pessoas. Nesse sentido, a entrevista é uma forma de ter Gilmar Mascarenhas presente.

Gilmar, em seu mestrado você trabalhou com questões relacionadas à cidade, sociabilidades, territorialidades, espaço público. No doutorado, voltou-se a uma geografia dos esportes e uma geografia do lugar, abordando questões relacionadas à difusão do futebol no Brasil. Conte como iniciou o seu interesse acadêmico pelo universo futebolístico.

Acho que o ponto de partida é o mesmo para quase todos nós. Primeiro, a gente gosta de futebol, joga futebol, se apaixona, aí depois, mais tarde, vai pensar em como conciliar essa paixão pelo futebol com nosso trabalho acadêmico. Então o ponto de partida é a vivência do futebol, o prazer que o futebol traz. Sendo geógrafo, no começo parecia muito difícil ou impossível trabalhar com futebol, porque no Brasil não existia nenhuma geografia do futebol. O que existia eram alguns trabalhos sobre futebol de várzea em São Paulo. Trabalhos da professora Odete Seabra e do professor André Martin, ambos do Departamento de Geografia da USP, que fizeram teses sobre bairros operários e fizeram menção ao futebol de várzea. Mas são menções muito rápidas. No Rio de Janeiro,

Márcio Piñon, professor da UFF, fez uma dissertação sobre a Fábrica de Tecidos Bangu e incluiu o clube de futebol do bairro, mas repito: o futebol comparecia de forma muito rápida e marginal na obra destes pesquisadores. Para quem é da área de História, Antropologia ou Sociologia, o futebol está muito mais próximo. Existe alguma tradição de estudos. Na Geografia não. Por isso foi mais tarde, em 1995, que eu conheci o trabalho do geógrafo John Bale. Primeiro, houve uma motivação especial, que foi a criação do Núcleo de Sociologia do Futebol na UERJ, instituição onde eu atuo. Iniciativa do professor Mauricio Murad, que criou o grupo em 1993 e fez um evento em 1994, celebrando 100 anos de futebol no Brasil. Fui assistir, conheci o Mauricio Murad e ele me encorajou: “Claro, é possível fazer sim uma ligação entre geografia e futebol”, e no ano seguinte, em uma viagem à Londres, encontrei trabalhos do John Bale, como o livro *Sport, Space and The City*. Bom, então percebi que era viável. No mestrado eu havia realizado uma pesquisa sobre as feiras livres, porque eu sempre tive um grande interesse por estudar a rua, o espaço público e a vida pública. O próximo passo

era pensar o futebol. Fui fazer na USP porque a professora Odette Seabra, que já tinha um trabalho sobre futebol varzeano, acolheu muito bem a proposta.

Como você disse, o futebol estava muito presente em sua vida. Em algum momento você tentou ser jogador e seguir outra geografia pelos campos brasileiros?

Todas as crianças sonham com futebol, eu sonhei, mas a partir dos 10 anos percebi que definitivamente não era possível. Tenho um irmão mais novo que chegou até as divisões de base do Botafogo (sou de uma família 100% alvinegra), quer dizer, treinou em uma das escolinhas, ali perto do Méier, onde morávamos. Ele tinha uma condição muito melhor do que a minha. Com 10 anos eu já sabia que o futebol era uma ilusão superada. Até lembro daquela fala do Eduardo Galeano, que diz assim: “quando era criança ele fazia gols de bicicleta e gols memoráveis, mas só de noite, enquanto dormia”.

Você descreveu um momento em que havia muito preconceito em relação ao futebol ser um objeto de estudo da academia. Contudo, podemos dizer que hoje isso já

diminuiu. Quais eram os principais desafios nos estudos iniciais sobre a temática esportiva, principalmente sobre o futebol, quando a produção bibliográfica ainda era incipiente no Brasil?

Eu creio que quem vivenciou nos anos 70 e 80 o meio acadêmico, percebia que se tinha pela frente um muro. O futebol estava completamente alijado da universidade, inclusive por conta do próprio uso que o regime militar fazia deste esporte. O pouco que se escrevia na época era sobre o futebol enquanto manifestação política, instrumento de alienação. Joel Rufino dos Santos publicou o livro Futebol e Política, da coleção Tudo é História, se eu não me engano, em 1980. Quando se falava mais academicamente de futebol, era como uma máquina política de controle e alienação das massas. Até aparecer a iniciativa do Roberto DaMatta, que foi fundamental, e antes dele o trabalho da Simoni Guedes, com uma dissertação de mestrado de 1977. Imagino que o Roberto DaMatta, vendo o belo trabalho da Simoni, pensou, “bom, é possível”, e deu aquele passo no sentido de organizar um livro. Para ser respeitado como tema de estudos, o futebol preci-

sava de alguém que já tivesse uma posição na academia, e ele já tinha um certo renome nos anos 1970 e 1980, já tinha escrito ‘Carnavais, Malandros e Heróis’. Ele então lança a coletânea “Universo do Futebol” em 1982. Enfim, são pequenos movimentos, quase que pregando no deserto, que foram pavimentando o caminho que temos hoje. Quando chegam os anos 1990, o Mauricio Murad organiza o Núcleo, um núcleo permanente, consegue juntar um acervo bibliográfico, e eu tive acesso a esse acervo. Mesmo naquele instante ainda havia, principalmente na Geografia, algo do tipo: “você tá louco? como é possível isso?” [Gilmar Mascarenhas possui Doutorado em Geografia, cuja pesquisa é voltada ao futebol].

Você passa a compor o Núcleo como integrante?

Não propriamente. Na época eu tinha uma vida atribulada. Eu tinha filhos pequenos e trabalhava ao mesmo tempo na UERJ e no Colégio Pedro II. Conciliava os dois trabalhos e não tinha muito tempo para participar. Mas era um simpatizante do grupo.

E quais temas, questões e aspectos dentre a produção brasileira sobre a temática esportiva ainda precisariam ser pesquisados de forma mais detida?

Agora não me vêm muitos exemplos, mas há certamente. No caso da Geografia, o futebol no Rio de Janeiro tem uma trajetória peculiar. Até 1975, quando houve a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, além do Campeonato Carioca ocupar grande parte do calendário no ano, havia um lugar cativo para os clubes suburbanos São Cristóvão, Bonsucesso, Madureira, Campo Grande, Olaria, Bangu. Os clubes sabiam que durante seis meses do ano, além de participarem em certos momentos da competição nacional, que havia se expandido naquele momento, tinham o prestigiado campeonato carioca. Em 1975, a fusão começa a trazer lentamente os clubes do antigo do Estado do Rio, como Campos, Macaé, Saquarema, Cabo Frio, Nova Friburgo, Resende, Volta Redonda, que vão tirando o espaço dos outros clubes. Esse é um tema a ser estudado. O impacto da “fusão” no futebol suburbano, que quase desapareceu, bem como os estádios desses clubes. O São Cristóvão ainda teve um último lapso de

vida quando o Ronaldo Fenômeno jogou alguns meses ali. Esse é um tema: o futebol suburbano do Rio de Janeiro. Outro tema, ligado mais à história social do futebol, são as ligas suburbanas que existiram. O Engenho de Dentro, bairro dos ferroviários, teve uma liga de futebol. O bairro das oficinas ferroviárias, onde hoje está o Engenhão. Tinha uma população muito numerosa, que depois se juntou num conjunto habitacional dos ferroviários na década de 1960. Há uma história silenciosa sobre o futebol suburbano. Por exemplo, fala-se muito sobre o Vasco e a Revolução Vascaína: “o Vasco é o primeiro time grande a escalar negros...”. O Vasco era um time suburbano. A classificação era essa e, enquanto tal, acolhia jogadores de origem humilde, o que significa reunir também mulatos e negros. Clubes de elite eram Flamengo, Botafogo e Fluminense; os clubes suburbanos que não tinham essa distinção e por isso eram permeáveis a mulatos e negros. A maior façanha do Vasco foi ter dinheiro, por conta de um grupo de comerciantes portugueses que estava interessado em reforçar a imagem de um grupo empreendedor no contexto antilusitano da Primeira República e que viu no

Vasco a possibilidade de mostrar sua capacidade enquanto colônia na cidade. Então, esse grupo de comerciantes faz uma espécie de “seleção suburbana” no Vasco, que ganhou o campeonato de forma incontestável em 1923. Há muito o que estudar, como os estádios, tema que me ocupa agora. Com relação a todas as demais modalidades esportivas, as lacunas são profundas...

Na tese de doutorado, você teve como proposta definir os aspectos da configuração socioespacial do Rio Grande do Sul que auxiliaram no advento do futebol nos campos e planaltos rio-grandenses. Porém, quais aspectos iniciais – antes mesmo de iniciar a pesquisa – o levaram a escolher o Rio Grande do Sul como objeto de reflexão? Como foi esse fluxo migratório: um carioca estudando em São Paulo e tendo como objeto o futebol gaúcho?

É uma boa pergunta. Quando comecei a trabalhar com futebol, minha ideia inicial era fazer uma geografia urbana, pensar os espaços do futebol na cidade. Mas depois, lendo a história social do futebol, percebi que havia uma lacuna imensa

que seria geografizar essa história do futebol. Seria interessante fazer uma geografia histórica do futebol, um projeto muito ambicioso, mas eu estava com vontade de fazer isso. Por ocasião de eventos acadêmicos, entre 1995 e 1998 estive em Manaus, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Florianópolis. Visitei os principais centros de futebol do Brasil. O primeiro trabalho que apresentei sobre futebol, em 1997, no Encontro Nacional de História do Esporte, foi sobre a difusão desse esporte no Brasil, comparando várias cidades do Brasil inteiro, tentando mostrar que cada local tinha uma velocidade diferente, um tempo próprio no processo de adoção do futebol, conforme as circunstâncias. Abordava a rede urbana, o sistema urbano nacional, para entender aonde o futebol chegava; as cidades portuárias e as cidades industriais eram os principais pontos de adoção do futebol, o ritmo tinha a ver com o dinamismo que cada cidade tinha. Comecei assim a trabalhar numa escala nacional. Ao estudar o Brasil inteiro é que fui descobrir a precocidade impressionante do Rio Grande do Sul, que é muito mais do que ter o esporte clube Rio Grande, clube

mais longo do Brasil. Muito mais do que isso. Porque São Paulo tem clubes que nasceram antes. Mas é o fato de que o primeiro estado brasileiro a ter um campeonato estadual com uma cobertura territorial abrangente foi o Rio Grande do Sul. Enquanto São Paulo estava montando um campeonato que abrigava cidades como Santos, São Paulo, Campinas, Jundiaí e Sorocaba, que exigia deslocamentos curtos, o Rio Grande do Sul já tinha um campeonato que juntava toda a fronteira sul, Uruguaiana, Bagé, Livramento, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre. Ou seja, um sucesso de adoção e difusão do futebol impressionante. Falei: “vou estudar isso aqui”. A conclusão a que eu cheguei é que as vantagens do Rio Grande do Sul eram basicamente duas, muito importantes: uma era o fato de ser vizinho do eixo do Prata-Uruguai-Argentina, berço do futebol sul-americano. O primeiro confronto de seleções nacionais é Inglaterra e Escócia. O segundo deveria ser Inglaterra x Irlanda, Inglaterra x Bélgica, ou algo do tipo. Mas o segundo confronto entre seleções é, de forma surpreendente, Argentina x Uruguai. Isso é um dado impressionante. O Rio Grande do Sul, mais do que vizinho, é

um irmão, porque havia a região do pampa, da campanha gaúcha, de planície, da agropecuária, que era quase uma só região. O Uruguai nasce em 1830, a República Oriental do Uruguai, por uma questão de disputa portuária e econômica com a Argentina. Mas o Uruguai nasce sobre um espaço que é um conjunto só, o espaço do gaúcho. Essa identidade platina é muito forte, culturalmente falando. Existia uma fronteira, mas existia também um trânsito impressionante para todos os lados. Vizinhos que adotaram o futebol antes da França e de outros países europeus, e com os quais o RS tinha uma relação intensa. Esse é um fator muito importante. Outro fator é a base esportiva alemã. O futebol, quando chega às cidades no final do século XIX, causa um grande estranhamento, porque realmente é um esporte muito esquisito. Colocar homens adultos e de distinção social de bermuda para correr atrás de uma bola, chocar um com o outro, cair sentado; ainda mais quando comparado a esportes mais tradicionais, já consolidados, como a esgrima, arco e flecha, remo, hipismo, nos quais o esportista se reveste de uma elegância, de uma destreza. No futebol você se expõe ao ridícu-

lo. Na França, por exemplo, o futebol chega pelo porto de Le Havre, um dos mais próximos da Inglaterra, e as primeiras exibições dos ingleses ali são consideradas como coisa de “palhaços de circo”. O futebol causava muita resistência no começo, uma impressão estranha. Além disso, no caso do Brasil, um país que não desenvolveu uma cultura de ginástica, como tinha a Alemanha, Suécia e outros países, que acreditavam que a atividade física era benéfica. O Brasil, ao contrário, tinha uma sociedade escravocrata, na qual o esforço muscular era extremamente mal visto. O Victor Melo mostra isso: a grande revolução do Remo foi a de dizer: músculo pode ser algo bonito, pode ser uma nova estética do homem burguês. Nesse país avesso à atividade física havia mais uma resistência. No Rio Grande do Sul, os alemães, logo que chegaram, criaram seus clubes. Não é a toa que o E. C. Rio Grande, o mais antigo do estado, é fundado por alemães e ingleses, sendo que estes estavam por todo o Brasil. E o Grêmio de Porto Alegre também foi fundado por alemães, em 1903. Então, essa base esportiva alemã, juntando com a platinidade, foram os fatores que levaram a esse êxito precoce do Rio

Grande do Sul em relação a qualquer outro estado do Brasil, mesmo São Paulo.

Um dos pontos principais da tese aborda a ligação rio-grandense com as metrópoles do Rio Prata, ou seja, os fortes vínculos das cidades gaúchas – como Rio Grande e Pelotas – com os parceiros platinos, geograficamente mais acessíveis, Montevideú e Buenos Aires. Podemos ampliar essa análise geográfica para outras regiões do país que também desenvolveram intensas relações fronteiriças com países sul-americanos?

O Brasil tem grande parte de sua fronteira na região amazônica, bastante despovoada. Depois tem outras fronteiras no Centro-Oeste que também são muito despovoadas. As fronteiras mais vivas são a que nos liga ao Paraguai pela região de Foz do Iguaçu, mas a ocupação do oeste paranaense é um dado já do século XX. Quando o futebol aporta no Brasil, no final do século XIX, a única fronteira viva e ocupada era a fronteira com o Uruguai. Para você ter uma ideia, no começo do século XX, a correspondência postada por uma pessoa

que morasse na região da campanha gaúcha (Bagé, Livramento, Pelotas) ia de trem até Montevideú e depois de embarcação até o Rio de Janeiro. Era o caminho mais rápido que tinha. Nesse sentido, o sul do Rio Grande do Sul estava mais conectado ao Rio de Janeiro que ao Paraná ou mesmo Santa Catarina. Era uma conexão intensa, via Uruguai. Como os uruguaiois adotaram o futebol precocemente, os gaúchos contaram com esse intercâmbio fundamental.

A tese aborda diversos aspectos sobre essa geografia do lugar – entre eles, as conexões com o Império Britânico e o capitalismo, os laços com os países do Prata, o reconhecimento de outros agentes de difusão antes ignorados. Vale destacar, porém, que apesar de ultrapassar a barreira da análise esportiva, a análise não exclui o valor e as especificidades intrínsecas ao jogo, pois para adentrar numa sociedade e ser reconhecido, um elemento novo precisa demonstrar ter um grande valor. Quais eram – e são – esses atributos intrínsecos ao futebol que permitiram o sucesso da modalidade no Brasil?

Embora tenha enfrentado uma resistência inicial, o futebol tem aquelas facilidades tão clássicas de improvisação. Uma modalidade com regras de muito fácil assimilação. A única regra complicada, o *offside* ou impedimento, é abolida do futebol informal. Então existe essa facilidade de assimilação e improvisação, já que não demanda equipamentos, nem uma bola que quique bastante, como no basquete. É possível improvisar quase tudo no futebol. Como lembra o Joel Rufino, quando o futebol chega ao Brasil, a população que é egressa da escravidão, o negro pobre, não tem trabalho, já que está concentrado nas mãos dos imigrantes; o que ele tem é o tempo, seu corpo e espaço, pois as cidades ainda não tinham esse cercamento que têm hoje. Essa população marginalizada, que abundava nas cidades no começo do século no Brasil, encortçada, vai encontrar no futebol um meio de diversão, de copiar algo legitimado socialmente, que era tão aplaudido pelas elites. Então o futebol tem elementos que são inerentes a ele e que no caso do Brasil adquirem uma potência em função das condições urbanas e da situação social das camadas que eram ociosas, por força de uma condição de marginalização.

É possível pensar, num futuro próximo, em novos processos de integração social e cultural, pelos mais diversos caminhos e fluxos, que catalisem a ascensão de alguma modalidade possa vir a ter o mesmo destaque no Brasil?

Embora eu nunca tenha parado para refletir sobre isso, eu vou arriscar dizer que acho muito difícil num futuro de curto prazo. O Brasil se urbanizou sendo colonizado pelo futebol. Temos a força de um Brasil urbano em movimento e o futebol é um elemento dessa urbanização. Está agarrado a essa urbanização. Para que houvesse outro esporte só uma mudança muito profunda na sociedade e na estrutura urbana, para poder acolher de forma tão extensiva um novo esporte. O futebol, assim como o beisebol nos países da região do Caribe e o críquete na Índia, são esportes que tiveram a sorte de entrar num país num dado momento de conformação de uma sociedade e de um território, e que havia um todo um espaço a ser preenchido. Acho muito difícil imaginar qualquer outro esporte, embora outras modalidades tenham êxito hoje, como voleibol e as lutas de MMA mais recentemente,

mas eles não serão capazes de colonizar as cidades como o futebol fez.

Então o futebol teve um papel decisivo para uma valorização da identidade nacional no século XX. Mas é possível que ele continue a ter?

O futebol perdeu força sociocultural no Brasil. Como um elemento constitutivo da vida social urbana, o futebol atingiu um certo apogeu no período aproximado entre as décadas de 1940 e 1960, quando o futebol, uma vez consolidado já na década de 1930, começa a chegar às cidades pequenas e vilarejos. Em 1950, o Brasil é um país em que o futebol está em todo o território nacional. Nunca pesquisei isso, mas o que já pude observar mostra um país na década de 1950 e 1960 com uma população masculina toda engajada em clubes de bairro, clubes da fábrica. Havia um engajamento muito grande no futebol e quase um monopólio da modalidade, apesar do sucesso do basquete nos anos 60. Da década de 1970 em diante começa a ter a televisão como novo espaço de consumo do esporte, e o sucesso da Fórmula 1, do voleibol. A cul-

tura esportiva do Brasil vai ficando um pouco mais heterogênea. Mas alguns esportes saíram perdendo. O pugilismo, por exemplo, era muito popular. Mas o futebol já gozou de maior hegemonia na década de 1960. E hoje, com essa nova economia milionária do futebol, na qual os jogadores são estrelas, começa a haver uma redução da simpatia do torcedor com o jogador. Se lembrarmos que um jogador da década de 1950 como o Zizinho pegava o bonde ou o trem para ir jogar no Maracanã. Conheci pessoas que diziam ter presenciado Zizinho pegar o trem de chinelo e com as chuteiras no ombro para ir ao estádio. Garrincha ia num caminhãozinho aberto, com seus amigos de farra e ia para o Maracanã para jogar; o jogo acabava, subia nessa carroceria aberta e ia bebendo e cantando até Pau Grande. Esses ídolos eram pessoas comuns. O Nílton Santos conta que quando era jovem morava na Ilha do Governador, na época que não tinha ponte, era barco. Era uma ilha, com pescadores, oleiros etc. Ele era jovem, jogava na rua e nos campinhos, até que chamaram para jogar futebol profissional. Ele disse: “O que é isso? Não tem como. Quem sou eu? Aqueles caras são muito bons”, “Como

você sabe?”, “Eu escuto no rádio, os caras fazem acrobacias, o goleiro voa”. Ele nunca tinha ido a um jogo de futebol profissional, e imaginava performances fantásticas, que a mídia evocava. Ele achava por isso que não tinha capacidade, mas quando enfim presenciou uma partida de profissionais viu que era simples para ela, e foi um dos maiores jogadores que o país já teve. Ele conta também que gostava de vencer o Flamengo pois: “poxa, na segunda eu vou na feira com a patroa e se o Botafogo perder para o Flamengo no domingo vai ser aquela gozação”. É o homem comum, que vive na rua, que vai à feira com a esposa. E como é hoje? Jogadores têm situações completamente diferentes. Outro dia, o Jóbson, atacante que jogou no Botafogo, ganhou uma Ferrari num país árabe. É difícil construir um ídolo como foram Zico, Roberto Dinamite, Garrincha, com essa nova situação que aí está. Acho que hoje existem muito mais pessoas descrentes com o futebol. Tem aquela história de que pessoas morreram enfartadas na derrota do Brasil na Copa de 1950. Eu não consigo imaginar ninguém enfartando hoje, numa Copa aqui no Brasil, apesar do risco cardíaco ser muito maior que outrora,

pelo envelhecimento da população, alimentação ruim etc. Acho que o futebol já foi muito mais uma religião do que ele é hoje. Ele perdeu espaço. O vigor patriótico associado ao futebol já não é mais o mesmo, a gente percebe isso nitidamente a cada copa do mundo.

Frente às demais práticas esportivas, como os que você citou, por exemplo, basquete e voleibol, que por vezes ficam restritas a determinados espaços ou cidades específicas, um diferencial do futebol, do ponto de vista geográfico, é o fato de se expandir e espalhar pelo Brasil inteiro, não somente em sua dimensão profissional, mas também em suas diferentes expressões e formas improvisadas?

Um esporte para ser popular tem que ser praticado também. Quando o Emerson Fittipaldi criou um público de Fórmula 1 houve até uma boa continuidade com outros pilotos, mas é um esporte que sempre será restrito à ideia de que eles são apenas para consumo pela televisão. O próprio basquete, embora tenha crescido no Brasil, é muito limitado pela própria estrutura do país que não tem uma política esportiva,

não tem quadras em todas as escolas. Essas modalidades enfrentam essas dificuldades. Um país como a Argentina, que leva um pouco mais a sério a prática esportiva, tem pessoas que praticam mais esportes do que aqui no Brasil. Não vou nem falar de Espanha ou da França, onde morei por curto tempo, e outros países da Europa. Nunca houve um apoio estatal de incentivo ao esporte no Brasil. E quando surgiu o Ministério dos Esportes em 2003, ele surge enviesado, voltado para o esporte de alto rendimento, e para produzir os megaeventos, favorecer as federações e fazer o espetáculo do esporte. Essa é uma grande lacuna na história do nosso país. Há pouco tempo realizou-se um evento na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro sobre o João Saldanha. A torcida do Botafogo levantou uma faixa assim: “Estádio João Saldanha” (em relação ao Estádio João Havelange). Essa faixa gerou debates e houve uma audiência sobre o assunto na Câmara dos Vereadores. Estava presente o filho que João Saldanha, que revelou um fato interessante. Quando o José Sarney assume a Presidência da República e o Marco Maciel é o ministro da Educação e Cultura, pasta que agregava o

esporte, ele convidou o João Saldanha para ser secretário de esportes, ou algo do tipo. O João falou assim: “eu só aceito se você disser que vai ter dinheiro para fazer do esporte uma prática comunitária nas escolas. É para isso que tem que existir uma política de esportes. É para isso que você vai me chamar? Se não for, eu não quero. O país precisa praticar esporte na escola”. O Saldanha já tinha essa visão, assim como hoje o Juca Kfoury afirma: é um absurdo um país que não pratica esportes olímpicos fazer Jogos Olímpicos. O Brasil tem uma defasagem muito grande em relação a vários países quando o assunto é a política de esporte escolar ou comunitário.

Como foi a sua experiência recente no pós-doutorado em Paris e de que forma está relacionada aos seus projetos atuais?

Foi muito positiva. Nessa estadia na França, tive dois ganhos importantes. O primeiro foi poder acompanhar de perto os Jogos de 2012 em Londres, conversar com moradores, colegas e especialistas, e vislumbrar para muito além do que circula. Acho que os Jogos de 2012 são um marco, na minha

opinião, com uma proposta que parece representar uma fase nova, que começar a baixar um pouco a bola do gigantismo. Fazer os Jogos numa área decadente, recuperá-la, com índices muito baixos de remoção se comparados ao Brasil e China. Por isso foi um marco. Pena que o Rio de Janeiro não vai dar sequência a isso. Acredito que o Rio de Janeiro será o último exemplo deste modelo violento e de gastar de forma extravagante, pois o COI já percebeu que isso também desgasta a imagem do Comitê Olímpico. Quando o COI escolheu recentemente Tóquio para os próximos Jogos, foi uma escolha bastante estratégica. Com Madrid, seria enfrentar uma situação econômica instável, um pouco complicada. E Istambul provavelmente repetiria o Rio de Janeiro em termos de turbulência social e política. Em Tóquio, existe uma sociedade que em geral quer os Jogos e o país tem recursos financeiros. Meu segundo ganho no pós-doc foi conhecer uma boa literatura sobre a “cidade festiva”. Quem trabalha com este tema de megaevento acaba lendo só sobre Copa do Mundo e Olimpíada, mas existe uma literatura sobre eventos de um modo geral, que traz outras facetas, como a da festa em si

(há um grande debate) e que nos leva a entender melhor essa política de cidade vitrines, ou seja, os ganhos que os eventos trazem para alguns setores da economia urbana. Não se trata de questionar: qual a cidade ou qual o país? A pergunta é: que segmentos e setores vão ganhar e quais vão perder? Existem setores vitoriosos em cada megaevento. Setor hoteleiro, setor de construção, dividendos políticos. Mas, enfim, essa literatura me deu condição de pensar a Olimpíada e a Copa do Mundo numa visão um pouco mais abrangente para além do esporte, e pensar as estratégias urbanas de visibilidade. O que se disputa são horas de transmissão, horas de visibilidade, horas de exposição, e ao mesmo tempo são mobilizados recursos identitários e a própria paixão.

Nesse cenário, que começou em 2007, teremos Copa de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. O Brasil recebeu e vai receber três grandes competições esportivas. Como você avalia essa organização? E o que aprendemos com os Jogos Pan-Americanos, se é que aprendemos alguma coisa, para projetar os dois próximos eventos?

O que o COB fala é que os Jogos Pan-Americanos foram o nosso vestibular para se fazer a Olimpíada. Acredito que o Brasil já tinha condições materiais e de capacidade logística para organizar a Olimpíada, mas faltava o aval, uma espécie de aprovação internacional em relação ao país, que tem sua imagem internacional muito ligada à favela, crianças de rua, violência etc. Desde que o governo PT entrou, o Brasil tem apresentado uma política externa de projeção de uma potência emergente, e os Jogos fazem parte da construção de uma imagem do *softpower* do Brasil. Acho que os Jogos Pan-americanos foram uma exibição ao mundo do quanto o país tinha know-how e dinheiro. Foram os Jogos mais caros da história. O Brasil mostrou uma capacidade logística, mas sobretudo vontade política e poder econômico. Para dizer, enfim: “Olha como nós gastamos com os Jogos Pan-Americanos”. Impressionou o mundo inteiro para mostrar que estava pronto para fazer uma Olimpíada. Acho que os Jogos Pan-Americanos, apesar de todos os problemas, foram bons também para se desenvolver, devido ao trabalho de uma militância, uma visão crítica em relação a isso. Porque essa visão

crítica não existia. Se hoje a população olha para a Olimpíada e para a Copa com alguma desconfiança é porque isso foi construído lá nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Acho que começou lá. Acho que existe o legado de ampliação de uma consciência política. Se não fossem os Jogos Pan-Americanos teríamos um pouco mais de trabalho para criar essa massa crítica que nós temos hoje. E vários colegas do exterior, da França, Noruega, que estudam o tema, falam: “olha, estamos achando que será a Olimpíada mais conflituosa da história”. Porque realmente é uma eclosão de resistência muito interessante. E eles falavam isso antes dos episódios de junho de 2013. Essa disposição inédita para dizer não ao espetáculo. Voltei ao Brasil no final de maio. Cheguei e me deparei com o que estava acontecendo. Eu já estava entusiasmado com o que aconteceu antes no Rio de Janeiro, a movimentação em relação à luta pela aldeia Maracanã. Uma luta memorável. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, pelo pude acompanhar à distância, foram de luta e de repercussão internacional. E todos lá fora dizendo: essa é uma luta ganha, o governador não vai querer tirar índio dali.

Aí o Cabral vai e tira. Aquilo me surpreendeu. O senso comum no Brasil infelizmente vê o índio como vagabundo e alcoólatra, e o Sérgio Cabral apostou nisso. Mas houve muita mobilização contra. Essa mobilização vem crescendo. O Comitê Popular da Copa reúne semanalmente 15-20 pessoas. O Comitê Social do Pan reunia 5 ou 6 pessoas. É uma mudança de escala significativa. Além disso, o Comitê Popular da Copa tem reuniões semanais. Eu não lembro de ver outros movimentos populares no Rio de Janeiro com esse vigor, essa regularidade, essa permanência, o que coloca os organizadores dos Jogos numa situação de preocupação. Não é uma eclosão esporádica, mas sim uma crítica constante, há um monitoramento constante. Mas quem também ajudou a projetar isso foi a surpreendente atuação do deputado federal Romário, com uma penetração popular gigantesca. O Romário tem um papel importante na difusão dessa postura crítica. É fácil a gente convencer uma classe média escolarizada sobre os gastos abusivos etc. Mas convencer uma população ultramarginalizada, que não tem acesso a informação qualificada, é difícil. E o Romário chega nas camadas populares, porque é

visto como alguém que é como eles, que conservou uma fala popular, uma certa molecagem que destoa do ambiente oficial. A fala dele tem um alcance muito grande. Enfim, aprendemos com o Pan 2007 como este jogo é jogado, de forma que estamos muito mais atentos agora.

Pensando no modelo urbanístico do Rio de Janeiro na organização dos Jogos Olímpicos, você acha que existe um planejamento? Muito se fala dos Jogos de Barcelona, como um modelo, onde houve um legado urbano, embora a cidade ainda tenha seus problemas. Você acha que isso está sendo pensado para o Rio de Janeiro? Mudar não só o esporte, mas pensar o impacto na cidade, um legado urbanístico.

Com certeza houve planejamento. A questão é o tipo de planejamento. A partir de 2000, o COI passou a exigir que todas as candidaturas tenham uma preocupação explícita com o legado, em vários setores, como no transporte, no ambiental. Isso é uma exigência do Comitê Olímpico. A questão é que legado é uma ideia em si muito vaga. Barcelona se afirmou

como um modelo muito em função de ser a cidade do então presidente do COI, José Samaranch. Mas era uma cidade que já vinha mudando, se redemocratizando, dentro de um país cuja economia era uma das que mais cresceram entre as décadas de 1980 e 1990. O país que mais se beneficiou da União Europeia foi a Espanha. A Espanha viveu um boom econômico fantástico a partir dos anos 80. Barcelona iria se projetar com certeza. Algo que pouco se fala dos Jogos de Barcelona é que um dos méritos daquele projeto foi ter sido construído sob uma gestão socialista pós-Franco que estabeleceu que deveria haver uma melhor distribuição de instalações no espaço urbano. Era uma concepção de evento que englobava toda a área metropolitana da cidade. Em 1996, quando o César Maia vai levantar a candidatura Olímpica para 2004, ele contrata a consultoria catalã, que fala assim: “olha, tem que espalhar os benefícios pela cidade”. O César Maia gostou? Claro que não. Mas naquela ocasião, houve no Rio uma candidatura com uma certa transparência, de participação. O Betinho participou ativamente, havia um certo diálogo, resultando num projeto que teria a empobrecida Zona Norte

do Rio como centralidade do evento. Na candidatura seguinte não houve isso, foi bem mais fechada, montaram seus grupinhos, que concentrou na Barra os investimentos. Os Jogos de Barcelona tem um lado positivo por estar sediado em um país em crescimento e em reconstrução da democracia; segundo, com um projeto de Jogos que trazia elementos de uma concepção geográfica de distribuição dos benefícios. Mas também tem um lado complicado de Barcelona, um lado B. Houve remoção em larga escala e essa história não se conta. O bairro onde está a Vila Olímpica era uma área operária, o bairro Icária, com várias fábricas. Montjuic igualmente foi alvo de intensa remoção de população. Mas Barcelona vendeu bem sua imagem. E Londres diz hoje que seus Jogos foram melhores que o de Barcelona. Afirma que removeram muito menos gente e que teve a preocupação de reforçar o transporte na região leste de Londres, complicadíssima, de imigrantes pobres. Houve um ganho para a periferia com um nível de remoção baixo. Comparando friamente, Londres teria sido muito superior ao de Barcelona em legado. Mas o Rio de Janeiro não se pautou em nenhum dos dois. Está mais

relacionada àquela proposta monumental de Pequim. Atenas também fez obras monumentais, mas a um custo social e econômico absurdo. Enfim, o Rio pagou pela consultoria catalã, mas trilhou o caminho chinês.

Você falou que a palavra legado é muito vaga e recente dentro desse contexto olímpico. É possível pensá-la para o Rio de Janeiro?

O legado da Copa no Rio será um estádio amplamente reformado, que alguns gostam e outros não. E a implantação dos corredores de ônibus, que eu considero um legado bastante polêmico, porque são três linhas que supõem a Barra como centralidade principal do Rio. Essas linhas não estão na direção que a massa trabalhadora usa em seu dia a dia. Sem falar que o governo do PT, o governo Lula, elegeu a mobilidade urbana como o principal legado da Copa. Uma escolha perfeita. O problema é: trata-se de que tipo de mobilidade urbana? Deveria ser transporte sobre trilhos, deveria ser metrô, mas o quê o governo alega? “Não dá tempo de fazer”. Então será ônibus mesmo. A cidade vai se rodoviarizar ainda mais, se

poluir ainda mais. Então o legado da Copa são os estádios novos e um legado de transporte que só investe nesse modelo rodoviarista extremamente anacrônico. Sobre as Olimpíadas, vão trazer novas instalações, sendo que algumas virarão elefantes brancos, sem uso, enquanto que outras serão desmontadas; e no que diz respeito ao transporte urbano teremos a expansão do metrô para a Barra da Tijuca. É um absurdo, pois será o único metrô linear do mundo. Todos os especialistas concordam que é um erro. Tem que ser uma coisa reticular. Mas o governo fala: “não temos dinheiro para tanto, só para isso aqui”. Mas por que a Barra? Porque ali serão os jogos. Então o critério de definição do traçado do metrô é o recorte de um evento, e não as necessidades de uma cidade inteira. O próprio governador já admitiu, mas terá que ser assim. É um legado de remoções intensas, muito descontentamento e revolta popular em uma cidade que está se redesenhando profundamente. E não posso deixar de citar o Porto Maravilha, que não estava previsto no projeto das Olimpíadas, entrou depois. Havia antes um debate em que a Prefeitura queria um porto turístico e o Governo Federal

defendia outros projetos, de cunho social. Havia essa divergência. Quando chega a Olimpíada, o cenário muda. O Governo adere a essa visão neoliberal e a zona portuária deixa de ser para os pobres. O Porto Maravilha será uma reforma gigantesca, inédita e que o pobre só entrará como pitoresco, folclore. O teleférico vai chegar lá e ele passa ao lado de uma grande casa, azul, nova, com uma águia da Portela. O que é isso? Nessa casa mora uma antiga passista octogenária da Portela, que atua como uma espécie de cartão de visita. Ela vai ao portão, fala com todo mundo, conta histórias, faz rir. Como se fosse para mostrar: “olha, o Rio está se modificando, mas o povo está aqui, eu sou povo, sou negra, sou a pobreza, eu sou o samba”. É o jogo de espetacularizar a pobreza e uma identidade cultural da cidade. Basicamente é esse o legado. Uma cidade muito mais cara, tal como Barcelona também ficou muito mais cara. E uma cidade com um alto grau de exclusão. O Rio de Janeiro tem uma grande peculiaridade: em função de seu sítio e relevo, mais do que qualquer outra metrópole do Brasil, consegue conjugar vizinhança de espaços de classe média alta com espaços pobres. Isso é uma

coisa muito do Rio de Janeiro. Para mim, é algo muito rico, essa “mixité” como dizem os franceses, é fantástica. Se tem serviço no bairro, a favela pode desfrutar da mesma forma. O bairro nobre é um mercado de trabalho para a favela. Mas essas mudanças vão cortar um pouco isso, os espaços estão gentrificados e muito mais caros hoje. É uma mudança radical na cidade. Surge uma cidade bem mais capitalista e elitista.

Sobre os estádios modernos, procurou-se mudar para ter uma concepção integrada do ver e sentir. Você acha que poderá ocorrer uma desconexão desse sentido inicial, visto que os estádios sendo construídos muito mais para ser ver? Já é possível inferir isso?

A concepção do novo estádio é para ver, ser assistente passivo. Mas eu creio que tem havido um afrouxamento da vigilância sobre estes espaços. Ainda ontem [após a partida entre Cruzeiro e Botafogo pelo Campeonato Brasileiro de 2013], no Mineirão, muitas pessoas estavam em pé, e vinha um funcionário do estádio para tentar em vão convencer diversas pessoas a sentar. É um afrouxamento do controle

que não acontece por acaso. Acho que a política é: vamos tentar conciliar diferentes grupos que vão ao estádio. Esse público que vai para ficar em pé e cantar promove essas sensações no estádio. Está acontecendo agora, acho que a tendência é ocorrer uma reapropriação do estádio.

Gilmar, muito bem. Para encerrar poderia dizer qual foi o seu grande jogo, inesquecível?

É difícil escolher um. Fácil dizer que seria o campeonato de 1989 no Maracanã contra o Flamengo. Foi aquela conquista depois de 21 anos de espera. Esse é inesquecível e eu estava no Maracanã. Ou o 6×0 da minha infância, que jamais foi devolvido integralmente, pois com direto a gol de letra e em pleno dia de aniversário do rival. Poderia falar de um jogo bem recente, e que não vou esquecer, pois foi estreia da minha sobrinha e do meu afilhado no Maracanã, contra o Corinthians. Eu pensei: “que pena, eles vão conhecer um Maracanã asséptico, tão diferente de outrora”. Mas o estádio lotou, a torcida do Botafogo fez uma grande festa e quando o gol saiu no final, as pessoas foram ao êxtase, todo mundo se abra-

çando, gente chorando. Esses meninos puderam ver um instante que para mim eles não veriam nunca mais. Acho que esse jogo não vou esquecer, vitória contra o Corinthians, 1 x 0, gol aos 40 minutos do segundo tempo. Por reviver no Maracanã algo que eu achava que eu não iria viver mais: aquele espírito de vibração e confraternização. Mas tem tanto jogo que é difícil escolher... Por isso vou ficar com uma partida que assisti em 1998, numa semana que passei na África do Sul. Foi em Joanesburgo, no estádio Soccer City (hoje FNB Stadium, reformado para a Copa). Jogava o Orlando Pirates, um espécie de Flamengo ou Corinthians de lá, pela sua imensa popularidade, contra um clube de pouca expressão, e era semifinal de uma competição tipo mata-mata. Eu hesitei em ir, apesar da imensa vontade, pois os brancos me diziam que não deveria ir, por ser perigoso, eu havia tiroteio etc. Já os poucos negros com quem conversei diziam que era uma festa tranqüila. Lamento não ter levado a câmera fotográfica, pelo medo que me incutiram (e de fato conheci lá um jornalista amador argentino, que filmou no Soweto mas depois teve que deixar a câmera lá, levando consigo apenas o filme).

Mais de 50 mil pessoas, num espetáculo de alegria e cores indescritível. Já na chegada, vi caminhões vindos da periferia ou do interior, lotados de torcedores do Pirates. Lá dentro, de fato só vi um branco, um rapaz que batucava na torcida organizada. Muitas mulheres, com roupa coloridas, todas dançando sem parar. Os que souberam que eu era brasileiro me abraçaram, difundiram a informação e fizeram festa. E o jogo? Sensacional, apesar do 0 a 0, pois ambos os times fizeram um futebol arte e muito lúdico. Bastante irresponsável o Orlando Pirates, que dependia do empate para seguir na competição e se arriscou muito. Logo no início percebi que minha atitude destoava, pois somente eu vibrava quando “nossos” (torci pro time da casa, claro) jogadores davam carinho para lateral ou salvavam um perigoso ataque do adversário. Os torcedores queriam ver jogadas bonitas, lençol, caneta, zero pragmatismo. Penso que hoje, mais de 15 anos depois, o cenário deva ser distinto, infelizmente, daquele contexto festivo e romântico que pude vivenciar.

* * *

**Recebido para publicação em: 03 out. 2020.
Aprovado em: 01 dez. 2020.**

Esporte, geopolítica e relações internacionais

Sport, Geopolitics and International Relations

César Teixeira Castilho

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil
Doutor em Sciences du Sport, Université Paris-Sud 11
castcesarster@gmail.com

Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná, Curitiba/Brasil
Doutor em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os possíveis diálogos existentes entre o esporte, a geopolítica e as relações internacionais. Trata-se de um estudo exploratório do tipo qualitativo, combinando as abordagens bibliográficas e documental de diferentes fontes e países de origem. Percebe-se, desde os Jogos Olímpicos Antigos, 776 a. C., uma correlação estreita entre as práticas esportivas e os interesses geopolíticos. Com o passar do tempo, tais aproximações tornaram-se mais indubitáveis, ditando tomadas de decisões dos órgãos responsáveis pelos megaeventos esportivos e fomentando o aparelhamento do esporte pelas nações através do conceito de *soft-power*. Embora estejam claro o diálogo e o uso do esporte como ferramenta geopolítica e de relações internacionais, análises contrabalanceadas e dialógicas devem ser realizadas para que certa relativização do fenômeno esportivo seja factível.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Geopolítica; Relações Internacionais; *Soft-Power*.

ABSTRACT: This article's goal is to analyse possible interactions between sport, geopolitics and international relations. Based on an exploratory qualitative study, it combines the bibliographic and documentary approaches from different sources and countries of origin. Since the Ancient Olympics, in 776 BC, there has been a close correlation between sport practices and geopolitical interests. Over time, such approaches became even more clear, dictating the organizations responsible for sports mega-events' decision-making, and having Nations' promoting the infrastructure built for sports' through the concept of *soft-power*. Although the use of sport as a geopolitical and international relations' tool is clear, counterbalanced and dialogical analysis must be carried out in order to make certain relativization on the sport phenomenon feasible.

KEYWORDS: Sport; Geopolitics; International Relations; *Soft-Power*.

INTRODUÇÃO

A ideia olímpica da Era Moderna simboliza uma guerra mundial, que não demonstra abertamente seu caráter militar, mas que oferece – para aqueles que sabem ler as estatísticas esportivas – um panorama suficiente da hierarquia das Nações (citação retirada de um jornal esportivo alemão de 1913).¹

Os exercícios, as atividades e as competições esportivas são tão diversos e tão ricos que não podem ser reduzidos ou apresentados somente pelos detalhes. Certos esportes são individuais, outros coletivos. Alguns são limitados por uma região, um país, um continente, um espaço cultural, enquanto outros são quase universais. Existem práticas esportivas populares, facilmente e largamente praticadas, e outras ainda marcadamente aristocráticas, servindo como identidades sociais, ou elementos de distinção.² Neste contexto, temos os Jogos Olímpicos (JO) apresentando o suprassumo mais complexo e universal, não obstante, o esporte não pode se reduzir às disciplinas que o compõem. Outrora, “o esporte era por definição uma atividade de proximidade, na medida em que poderíamos fazer uma analogia com a ironia expressa por Napoleão: o amor e a guerra só são possíveis pela presença do adversário”.³ Atualmente, a distância não representa um empecilho, contemplamos o esporte de qualquer local e, a bem da verdade, poderíamos dizer que invariavelmente o contemplamos mais que o praticamos. O esporte tornou-se um fenômeno internacional, componente das relações internacionais. De um lado, sociedade transnacional, por outro lado, instrumento de paz e “guerra” entre nações.

Espontaneamente, a associação entre o esporte e a geopolítica não nos parece tão evidente. O primeiro nos remete a um objeto popular e frequentemente vinculado a certa frivolidade, enquanto o segundo termo, evoca uma correlação com a leitura e a compreensão da complexidade do mundo e as inúmeras relações entre seus atores, seus protagonistas. Deste modo, é preciso se inscrever na linha de pensamento de Pierre Milza, autor do livro *Sport et Relations Internationales*,

¹ GILLON. *Une lecture géopolitique du système olympique*, p. 1. (Tradução do autor).

² BOURDIEU. *A distinção: crítica social do julgamento*, s/ pág.

³ GUÉGAN. *Géopolitique du sport, une autre explication du monde*, p. 77.

para que possamos pensar no esporte contemporâneo.⁴ Para o autor, o esporte é bem mais que um jogo, vai além de uma vitória ou de uma derrota. O esporte, enquanto campo, é o mundo em miniatura, ele possui suas especificidades, suas crises e seus sucessos. Ele está inserido no meio social e é seu reflexo.

Fenômeno de massa, presente atualmente em todas as partes do planeta, atravessado por todas as ideologias do século, indicador de soberania e declínio das Nações, ora revelador, ora manipulador do sentimento público, substituto da guerra e instrumento de diplomacia, o esporte é o centro da vida internacional. Mas é igualmente seu constituinte, um reflexo da vida internacional e um meio de política de relações exteriores.⁵

No mesmo sentido interpretativo do esporte na contemporaneidade, encontramos uma leitura polissêmica a qual favorece uma melhor contextualização desse fenômeno social e suas possíveis interconexões funcionais:

*O esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização.*⁶

Diante disso, neste artigo, pretendemos expor os diálogos já construídos e aqueles que ainda despontarão entre o campo esportivo, a geopolítica e as relações internacionais. Como exemplo dessa possível inter-relação, já nos Jogos Antigos, 776 a. C., era possível perceber o poder do esporte nas relações entre as cidades gregas. Segundo pesquisadores do tema, existem evidências de “compras” de atletas entre regiões gregas como forma de publicidade de uma localidade em detrimento de outra. Estes atletas, tal qual observamos nos dias de hoje, eram tidos como traidores e desleais.⁷

⁴ MILZA. *Sport e t relationsinternacionales*, sem página.

⁵ MILZA. *Sport e t relations internationales*, p. 152. (Tradução do autor).

⁶ MARCHI JR. *O “esporte em cena”*, p. 69.

⁷ GOLDBLATT. *The Games, a global history of the Olympics*, sem página.

ESPORTE, HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: GUERRAS E RIVALIDADES POR OUTROS MEIOS

O esporte pode revelar as relações internacionais. Nele encontramos as oposições, as composições, suas estruturas e seus atores principais. Por meio dele, as Nações se mostram para o mundo, através das suas convergências e/ou divergências. Quer seja, por exemplo, pelos boicotes dos JO de Moscou (1980), ou aqueles dos JO de Los Angeles (1984), ou ainda pensando na disputa pelas medalhas douradas durante a Guerra Fria a qual representa o maior sinal de oposição irreduzível entre as duas grandes potências globais e seus modelos antagonistas no contexto de confrontação em escala mundial perdurando mais de quarenta anos.⁸

A história está pejada de utilizações, de recuperação e de difusão do esporte com fins geopolíticos com uma multiplicidade de exemplos remarcáveis (Guerra Fria, Primavera Árabe, a questão da Palestina, Ilhas Malvinas, entre outros). Que seja um detentor de uma unidade nacional nos estádios⁹ ou um orgulho ferido de populações ameaçadas, o esporte possui uma ligação direta com os povos, com suas histórias e, evidentemente, com as relações entre os estados-nações.

O campo esportivo porta uma historicidade e memórias próprias que revelam seus homens, suas histórias e seus poderes que o organizam e o dirigem. Ao se constituir desta forma, o esporte oferece espaço para que diferentes partes do mundo utilizem do seu território – ou tabuleiro mundial – para manipular ou jogar suas relações internacionais, suas relações exteriores. Tal situação é tanto mais verdadeira que, nas modalidades esportivas de confronto direto entre os oponentes, a disputa é representada frequentemente como um simulacro militar ou como um substituto da guerra, ou seja, uma maneira de prolongar a diplomacia e as rivalidades entre seus protagonistas por outros meios.

⁸ GUÉGAN. *Géopolitique du sport, une autre explication du monde*, s/ pág. GYGAX. *Diplomatique culturelle et sportive américaine*, s/ pág.

⁹ BOLZ. *Les arènes totalitaires*, s/ pág. Sobre este assunto, sugerimos a leitura do livro *Les arènes totalitaires: Hitler, Mussolini et les jeux du stade* (BOLZ, 2008), no qual a autora discute a arquitetura dos estádios e suas apropriações na gênese da “religião fascista” na primeira metade do século XX.

ESPORTE, ENTRE DESENVOLVIMENTO E PODER: UM REVELADOR GEOPOLÍTICO

Graças ao seu prestígio econômico enquanto setor de atividade e sua importância nas diversas sociedades globais, em termos de empregos, atores econômicos e empresas especializadas, o esporte é um indicador da potência econômica e financeira de um estado. Ele posiciona igualmente seu nível de maturação e de integração na mundialização das trocas comerciais. As tabelas de classificação de diferentes modalidades mundiais saltam aos olhos, salvo certas exceções, como a Índia, a hierarquia econômica das potências globalizadas.

A China investe no esporte e, através disto, se distingue desde sua emergência e seus frutos gerados pelas reformas de modernização e sua política de abertura internacional presidida por Deng Xiaoping,¹⁰ em 1979. A África do Sul conhece a mesma situação. Suas vitórias esportivas a posicionaram numa posição de destaque no cenário internacional. Marcando sua nova dimensão econômica e com o fim do *apartheid*, os triunfos esportivos no rúgbi, e em outras modalidades, contribuíram para que a nação “Arco-Íris” se transformasse em um estado mais turístico e capaz de financiar suas palmas no esporte através do seu crescimento concomitante. Sua situação financeira atual, caracterizada pela recessão econômica, também reflete na performance da sua equipe fetiche, os *Springboks*.¹¹ Já há algum tempo, a equipe nacional de rúgbi parece “patinar” no cenário mundial.

O esporte demonstra a capacidade de uma sociedade e de seus atores no investimento financeiro, institucional e social, gerando possíveis benefícios. Ele sinaliza qual o grau de maturidade econômica e política de uma nação, mas igualmente seu nível de progresso e de organização, por ser capaz de mobilizar recursos que vão além dos interesses inerentes ao esporte. Neste aspecto, o esporte é um revelador estratégico do desenvolvimento social e político dos seus protagonistas. Em todas as etapas, e no curto e longo termos, a performance esportiva não é obtida somente pelo talento dos atletas ou pelo campeão por

¹⁰ Deng Xiaoping (1904 – 1997), foi líder supremo da República Popular da China entre 1978 e 1992. Neste período, introduziu diversas medidas que caracterizaram a reforma econômica, conhecida como a “segunda revolução”, responsável por uma transformação completa do país (LACOSTE, 1999).

¹¹ Apelido dado à equipe de rúgbi sul-africana.

exceção que surge, quando muito, ao longo de uma geração. O campo esportivo é um sistema institucionalizado, financiado e dirigido que pressupõe a capacidade de um país em selecionar, formar, educar e treinar sua juventude para que seja competitiva, localmente ou mundialmente.

Tendo como referência Raymond Aron, o esporte expõe como um ator (instituição) e valoriza o fator população, para que se possa transformá-lo em um fator decisivo.¹² Por exemplo, o número de jogadores presentes entre os cem melhores no ranking da Associação Mundial de Tênis (ATP) demonstra a força das federações locais e possíveis imbricações em instituições privadas internacionais, tal qual academias de renome mundial, presença de técnicos estrangeiros, entre outros. Estes dados revelam igualmente uma relativa modernidade em uma determinada modalidade. O esporte ilustra a capacidade dos seus atores, notadamente oriundos do setor público, em organizar, difundir e institucionalizar o esporte em todas as camadas sociais. A reorganização do futebol alemão após o Mundial de 2002 e seus triunfos recentes oferece outro exemplo, bem como a exportação do modelo de formação do futebol espanhol em direção à Ásia.¹³ Neste mesmo sentido, a política voluntarista chinesa de investimento e de formação no rúgbi e futebol é um exemplo notável. Implementado por Xi Jinping, presidente chinês, e subvencionado pelos oligarcas do país, este projeto constitui uma ação eloquente nos campos do esporte, do desenvolvimento científico e geopolítico.¹⁴

Nesta perspectiva, outro constato se impõe: o esporte, através da sua pesquisa em performance, revela a capacidade científica e técnica de um país ao mesmo tempo que sua atratividade e seu alcance internacional. Ao permitir, facilitar e melhorar a performance dos atores esportivos (atletas e instituições), o que se evidencia é o poderio tecnológico e científico de um estado. A capacidade de inovação e de invenção integrada ao aporte científico de ponta revela-se como um fator de distinção entre as grandes potências permitindo catalisar recursos e

¹² ARON. *Le spectateur engagé*, sempágina.

¹³ Diferentemente do Brasil que exporta seus jogadores ainda jovens e não um modelo de formação dos atletas. O Catar e a equipe catalã do FC Barcelona, através do futebol, estabeleceram parcerias importantes (patrocínio, troca de expertises, etc.). Com este intercâmbio, o Catar visava melhorar a qualidade do seu futebol – a equipe foi campeã da Copa da Ásia em 2019 de forma inédita –, enquanto a equipe espanhola se beneficiava através dos investimentos milionários (GINESTA e EUGENIO, 2013).

¹⁴ GUÉGAN. *Géopolitique du sport, une autre explication du monde*, sempágina.

estabelecer parcerias exteriores. A título de exemplo, podemos citar como o Emirado do Qatar vem investindo neste setor nos últimos anos, para além dos megaeventos esportivos (Tabela 1). O *Aspire Complex*, originalmente projetado para os Jogos Asiáticos de 2006, foi readaptado como um centro de treinamento de futebol (*Football Dreams Program*), além de ser o único centro médico credenciado pela FIFA no Oriente Médio. Incorporando dois hotéis cinco estrelas, um estádio com capacidade para 50.000 pessoas, uma piscina olímpica, e laboratórios com alta qualidade tecnológica, o Complexo Esportivo encarna o desejo do Catar de “crescer como um ator mundial no mundo esportivo, misturando criatividade e desenvolvimento ao talento individual dos atletas”.¹⁵

(2014)¹⁶

TORNEIOS	ANO
JOGOS DO OESTE DA ÁSIA (<i>WEST ASIAN GAMES</i>)	2005
JOGOS ASIÁTICOS (<i>ASIAN GAMES</i>)	2006
CAMPEONATO ASIÁTICO DE ATLETISMO INDOOR	2008
CAMPEONATO INTERNACIONAL INTERCLUBES DE VOLEIBOL (FIVB)	2009
CAMPEONATO MUNDIAL DE ATLETISMO INDOOR (IAAF)	2010
COPA DA ÁSIA DE FUTEBOL	2011
JOGOS ÁRABES	2011
COPA DO MUNDO DE HANDEBOL (IHF)	2015
CAMPEONATO MUNDIAL DE CICLISMO DE ESTRADA (UCI)	2016
CAMPEONATO MUNDIAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA (FIG)	2018
JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO (COI) - *CANDIDATURA NÃO VITORIOSA	2020
COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FIFA	2022

Tabela 1: Torneios Esportivos organizados pelo Catar recentemente - Fonte: Brannagan;Giulianotti.

Por outro lado, o desenvolvimento do *doping* institucionalizado na Rússia é um exemplo de malversação flagrante no campo esportivo, como demonstrado nos documentos produzidos pelo relatório McLaren de 2016.¹⁷ A descoberta da ação e a compreensão de como o estado liderado pelo presidente Vladimir Putin procedeu é eloquente. Este caso se inscreve em uma linhagem de outros eventos

¹⁵ CAMPBELL. *Staging globalization for national projects*, p. 50.

¹⁶ BRANNAGAN; GIULIANOTTI. *Qatar, Global Sport, and 2022 FIFA World Cup*, p. 32.

¹⁷ MACLAREN. *Wada investigation of Sochi allegations*, s/ pág.

que ocorreram nos grandes regimes hegemônicos e totalitários do século XX – Alemanha nazista, República Democrática Alemã (RDA), URSS, China comunista, Itália fascista, entre outros – na utilização do esporte como propaganda nacional.¹⁸ O sistema de *doping* institucionalizado é o exemplo mais radical do que se pode produzir através da instrumentalização do esporte e da ciência: a obtenção de resultados esportivos utilizando de todos os meios possíveis – lícitos e ilícitos – tendo como objetivo único a vitrine política e geopolítica, não importando suas feridas e suas consequências futuras.¹⁹

Outro tema atual, embora a problemática seja milenar, diz respeito à relação entre o esporte como bom indicador de fluxo de migração, de políticas de imigração nacional e de trâmites e procedimentos de acesso à nacionalidade. Durante muito tempo, a Alemanha se privou de seus jogadores de origem estrangeira, notadamente aqueles de origem turca, até o momento no qual a legislação foi alterada, permitindo o recrutamento de atletas renomados como Masut Özil e Sami Khedira, peças fundamentais na *Mannschaft*. Neste mesmo contexto, percebemos inúmeros fluxos de imigração ao longo do século XX, especialmente entre o norte da África em direção à França, viabilizando o surgimento de gerações Kopa, Platini, Zidane e Progba.²⁰

Outro fator essencial é a atração de determinadas Nações por atletas renomados, em outras palavras, a política de naturalização de talentos esportivos. Como exemplo máximo, podemos citar o caso do Catar no contexto do handebol. Aos 27 dias de janeiro de 2011, a Federação Internacional de Handball conferiu ao Catar a organização do Campeonato Mundial de Handball Masculino 2015. Tendo em vista a grande possibilidade de projeção/visibilidade internacional, o Catar constituiu uma equipe formada essencialmente por jogadores naturalizados às pressas. Dos 19 atletas convocados, somente dois eram nativos do país. Com essa equipe, o Catar foi o primeiro país não-europeu a disputar uma final do campeonato, sendo vencido pela França. Esse fato foi amplamente divulgado nos

¹⁸ GYGAX, *Diplomatique culturelle et sportive américaine*, sempágina.

¹⁹ GILLON. *Une lecture géopolitique du système olympique*, sempágina.

²⁰ Para maiores informações sobre este tema no contexto francês, sugerimos o documentário *Les Bleus: une autre histoire de France 1996-2016*, dirigido por Sonia Dauger, Pascal Blanchard e David Dietz, lançado em 2016.

jornais internacionais como exemplo de uso dos megaeventos como *soft-power*.²¹ Segundo especialistas, o discreto emir Tamim bin al-Thani é um entusiasta do *soft-power*, que permite “influenciar as relações internacionais de maneira mais branda”.²²

ESPORTE COMO INDICADOR GEOPOLÍTICO DE PODER DE UMA NAÇÃO: DO SEU PAPEL À SUA INFLUÊNCIA INTERNACIONAL

O esporte, para além do que já foi discutido, aparece como um importante revelador da capacidade de expansão de uma nação, da sua habilidade de atrair novos investimentos e da sua posição estratégica no mundo globalizado. Nos dias de hoje, o esporte permite aos países uma situação afora da existência, ele outorga um posicionamento planejado e uma habilidade de abertura do raio de ação. O Azerbaijão²³ e o Cazaquistão, à semelhança da China e Catar, têm conduzido políticas de influência e de expansão territorial via esporte de maneira refletida e estratégica. Neste aspecto, vale lembrar que a última edição da final da Liga Europa, temporada 2018/2019, opondo Arsenal e Chelsea, ocorreu em Baku,²⁴ capital do Azerbaijão, comprometendo a escalação do jogador armênio, Mkhitarjan, pela não garantia de sua segurança em território azerbaijano.²⁵ Mais

²¹ Joseph S. Nye Jr, em 1990, no seu livro *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power* (NYE, 1990), e depois em uma série de artigos e outras publicações reinterpretaria a noção de poder na política internacional (NYE, 2004;2008), dividindo-o em duas grandes categorias, *Hard* e *Soft*, termos que em pouquíssimo tempo se consagrariam, tanto na academia quanto na própria política, sendo inclusive tema de discursos dos mais variados líderes internacionais. A noção de *Hard Power* pode ser definida de uma maneira direta, sendo a capacidade de coerção de uma nação sobre as outras. *Soft Power* é definido como, a forma de um país obter resultados na política internacional, porque os outros países admiram seus valores e aspiram o seu nível de prosperidade e acabam por segui-lo. Para o autor, o poder nas relações internacionais é a capacidade de um país conseguir os resultados na política internacional e isso pode ser feito por meio da coerção (*Hard Power*) ou da cooptação (*Soft Power*). Nye irá dividir as fontes de *Soft Power* em três elementos principais: (1) a cultura, (2) os valores políticos e (3) a política internacional.

²² DJAMSHIDI. *Neymar au PSG*, p. 1.

²³ Há uma década que o país de 10 milhões de habitantes no Cáucaso vem aproveitando dos seus recursos naturais (petróleo) para se destacar através do esporte. É também uma maneira do país, governado desde a queda da União Soviética pela família Aliiev, de maquiar as violações de direitos humanos das quais é continuamente acusado (LOBO, 2019).

²⁴ Baku, capital do Azerbaijão, candidatou-se duas vezes para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 e 2020, perdendo respectivamente para a cidade do Rio de Janeiro e Tóquio. No entanto, sediou os Jogos Europeus de 2015, no estádio Olímpico de Baku construído nesta ocasião, além da organização de uma das etapas da Fórmula 1. Para a Eurocopa de 2020, que não terá um país fixo, a capital sediará três partidas da fase de classificação e um jogo das quartas de final (LOBO, 2019).

²⁵ PEREZ. *Por conflito político*, s/ pág.

uma vez, tocamos em uma das novas dimensões da geopolítica contemporânea, aquela do *soft-power* esportivo no seu sentido *lato*, ou seja, no uso do esporte de maneira pensada como uma alavanca de poder suplementar na esteira de uma política externa clássica.

Além da influência que o esporte oferece à abertura de um raio de ação de uma nação, ele se impõe como um elemento identitário forte. O fato esportivo é um elemento essencial de afirmação dos atores mundiais pela sua capacidade de representar um território qualquer e por reencarnar atributos nacionalistas, em outras palavras, identidades locais. Portador de representação, fator de unidade interna, seja em plano local ou internacional, o fenômeno esportivo revela a construção e a difusão de uma identidade sobre um território apropriado, preparado e valorizado. Isso dito, o esporte se inscreve como uma chave na construção nacional dos estados-nações. O Afeganistão, por exemplo, encontrou uma nova posição no cenário mundial por meio do esporte, especialmente o críquete. A Palestina, que não é reconhecida como um estado-membro da ONU, é integrante da FIFA e utiliza o esporte para realçar sua unidade, malgrado sua relação complexa e turbulenta com o estado de Israel.

Neste contexto, o esporte pode servir como vitrine de uma maestria de valorização e organização de um determinado país. Considerando que o esporte predispõe uma relação particular junto ao espaço urbano que ele ocupa, ele é um marcador e uma medida da capacidade e do poderio de um estado quanto à utilização proveitosa de implementação de serviços no campo esportivo. Quer tenhamos como exemplo o Estádio de Wembley, em Londres, o Maracanã no Rio de Janeiro, ou a ampliação do complexo esportivo de Roland Garros, em Paris, toda construção de uma infraestrutura esportiva responde à lógica de planificação e à uma estratégia de ordenamento de territórios que demonstram a habilidade de diversos atores e instituições esportivas na organização conjunta de uma proeza esportiva. Com efeito, trata-se de um novo vestígio da relação estreita entre esporte e geopolítica em escala local alcançando conseqüentemente dimensões mundiais.

Ilustremos através do caso dos JO de Inverno de Turim organizado no ano de 2006. A aproximação dos jogos foi pensada estrategicamente e de maneira manifesta em termos geopolíticos. Preconizado como “um processo dotado de uma

organização precisa cujas dimensões espaciais e temporais interagiriam intensamente [...] o espaço afetado pelo megaevento foi utilizado como catalisador de investimentos e sofrendo alterações constantes para se adaptar aos objetivos do projeto”.²⁶ Tudo isto mostrou a capacidade do estado italiano, bem como da cidade de Turim, de transformar um território em uma força política. A organização do megaevento proporcionou um aumento da atratividade internacional da cidade, ampliou seu raio de ação em termos comerciais, estrategicamente locado no pensamento de uma perenidade do território.²⁷

O contraexemplo deste sucesso pode ser visto na organização megalomaniaca dos JO de Inverno de Sóchi em 2014. Projeto vasto vislumbrando a valorização do território caucasiano em diversos aspectos, os JO de Inverno russo visavam tanto objetivos geopolíticos, quanto econômicos, utilizando de meios colossais (mais de 45 bilhões de euros). No entanto, a vigésima segunda olimpíada de inverno foi uma decepção e ficou aquém de deixar uma marca na reorganização do território no longo prazo. Os JO de Sóchi atestaram a vontade incomensurável da Rússia de se fazer resplandecer no curto prazo, não obstante, no transcorrer do tempo, a organização dos jogos se transformou em uma estratégia impotente no âmbito da política esportiva.

Da maneira similar, o fato de atrair os maiores eventos esportivos mundiais para o seu território se impõe como uma demonstração de poder dos estados e demonstra sua capacidade de pensar e refletir, a seu próprio benefício, das grandes decisões que permeiam o campo esportivo. Diretamente relacionado à valorização do território, mas não somente isto, a escolha de um país, ou cidade, em detrimento de outro, escancara mais uma vez aspectos geopolíticos. A FIFA e o COI não podem negar que suas escolhas foram e são orientadas estrategicamente pelo viés político e/ou geográfico. Efetivamente, quando analisamos os mecanismos de designação, percebemos que aspectos econômicos, políticos, ambientais, sociais, entre outros, são analisados de maneira similar às análises dos dossiês de candidaturas. A escolha da África do Sul em 2010 para a organização da

²⁶ DANSERO; MELA. *La territorialisation olympique*, p. 11.

²⁷ Neste aspecto, os JO de Barcelona são igualmente notórios e reconhecido, pelos especialistas, como modelo de transformação urbana via megaevento, embora problemas de gentrificação e expropriação tenham sido frequentes (CASTILHO, 2016).

CM de futebol, ou em 1995, para a CM de rúgbi, ilustra plenamente a ideia de um país emergente em termos econômicos e o retorno pós-*apartheid* do país na cena internacional. Certamente, estes dois fatores pesaram de forma justa junto à qualidade do dossiê local.

Eventos geopolíticos mundiais influenciam sobremaneira as decisões sustentadas pelo COI desde a escolha da primeira sede dos JO, em 1896, na cidade de Atenas, Grécia. Embora o COI sustente a ideia de imparcialidade e não influência política no que concerne suas deliberações, sabe-se que o contexto mundial – guerras, tratados, aspectos sociais e econômicos, disputas políticas, entre outros – dita as suas relações, predileções e resoluções finais. A título de exemplo, pode-se citar a escolha da cidade de Berlim em 1936, de Tóquio em 1964, da cidade do México em 1968, de Moscou em 1980, de Seul em 1988, de Barcelona em 1992, de Atlanta em 1996, de Pequim em 2008 e do Rio de Janeiro em 2016. Estudos demonstram como fatores geopolíticos mundiais foram preponderantes nestas decisões,²⁸ sobrepondo quaisquer aspectos técnico ou racional. O COI, contrariamente ao discurso dos seus diretores, vincula sua decisão ao contexto político em detrimento de uma candidatura de qualidade, na qual gastos, legados e transparência deveriam servir como critérios primários.

Atualmente, percebemos uma mudança de postura dos órgãos responsáveis pelos megaeventos uma vez que o número de candidatas a cidades-sede vem diminuindo e que os legados desses eventos veem sendo questionados por pesquisadores. Este é o caso dos JO, tanto os de verão, quanto os de inverno. De maneira inédita, o COI votou pela dupla atribuição dos JO de 2024, Paris, e 2028, Los Angeles, visto que quatro candidaturas prévias – Boston (EUA), Hamburgo (ALE), Roma (ITA), Budapeste (HUN) – foram retiradas anteriormente ao 131º Congresso do COI, realizado no dia 13 de setembro 2017, na cidade de Lima (Peru), momento durante o qual a instituição máxima dos JO decidiria pela cidade-sede dos JO 2024.

O esporte desvela dessa forma as diferentes facetas do poder tradicional dos estados-nações e suas hierarquias, bem como suas relações e rivalidades, no

²⁸ BONIFACE. *JO politiques*, s/ pág. GOLDBLATT. *The Games, a global history of the Olympics*, s/ pág.

momento presente e ao longo do tempo. Ele permite simplesmente a captura – ou a percepção – da articulação de diferentes componentes relacionados às políticas de poder de um país. Por isto, o esporte pode e deve ser considerado como um objeto geopolítico. Sobretudo porque ele é um revelador de poder político e um fator de criação, de apropriação e/ou reconstrução de representações geopolíticas *vis-à-vis* dos fatores internos e que são destinados a outros elementos externos.

O objeto esportivo torna-se então legítimo na abordagem geopolítica, pois ele faz jus a exatamente aquilo que ele se propõe e aquilo que ele permite compreender. Para além de um simples elemento circunscrito no *soft-power*, nós poderíamos atualmente nomeá-lo como *sportpower* puramente.²⁹

À GUIA DE CONCLUSÃO: ESPORTE UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE GEOPOLÍTICA A RELATIVIZAR

O esporte é um termômetro das relações internacionais. É preciso que as condições estejam reunidas a montante, e que os Estados tenham de antemão desejo de fazer evoluir suas políticas externas. Não foi o *ping-pong* que levou à reaproximação entre os Estados Unidos e a China, pois esta política já vinha sendo imaginada e estruturada desde os anos 1960. Estes eventos servem no melhor dos cenários como símbolos importantes, e no pior como pretexto para algo.³⁰

A despeito de todo o interesse que gostaríamos de lhe associar e toda importância que desejaríamos lhe conceder, o esporte, como critério de relações de poder contemporâneo, não possui nem o mesmo peso, nem o mesmo valor, que os aspectos militares ou nucleares, por exemplo. Dessa forma, ao falarmos de esporte, sempre precisamos relativizar. Estas reservas, notadamente sublinhadas pelo geopolítico Frédéric Encel, se devem ao fato do esporte ser frequentemente o resultado de outros elementos componentes do poderio de um estado.

O fato de um país ter uma economia pulsante e globalizada viabiliza e permite o desenvolvimento do esporte, não obstante, o contrário não é factível. Idem, o esporte, através do seu aspecto sistemático e plural, é tributário de diversos fatores de poder combinados. Mais facilmente apreendido pelo mundo, o

²⁹ GUÉGAN. *Géopolitique du sport*, smpágina.

³⁰ GOLDBAUM. *La diplomatie du ping-pong fait son retour au Qatar*, p. 3. Entrevista com Paul Dietschy, pesquisador associado do Centro de Pesquisas em História da *Sciences-Po* e professor da disciplina História do Esporte (*Sciences-Po*, Paris, França).

esporte tem o mérito de ser mais claro e acessível que outras formas de poder, tal qual o poder nuclear. O esporte atinge e impressiona com mais aferro o imaginário coletivo, sem a necessidade de coagir, comportando igualmente uma carga simbólica compreendida e considerada no seu devido momento.

O esporte, na política contemporânea, desempenha o seguinte papel: reforçar o poder impressionando os espíritos. Pequenas e grandes Nações aventuram-se neste jogo. Nada mais importante, aos olhos da China, do que se passar por uma grande potência esportiva e, se possível, ultrapassar os Estados Unidos no quadro de medalhas olímpicas! A *frontline* da Guerra Fria, entre a URSS e os EUA, passava necessariamente pelo esporte. E não acreditemos que, com a extinção da URSS, e o novo sistema capitalista dominante no mundo, o jogo esportivo em termos de poder tenha desaparecido. Os Estados sabem muito bem que o esporte é a chave do imaginário do homem contemporâneo. Enfim, o esporte é utilizado para aumentar o poder imaginário de um determinado Estado.³¹

Por si mesmo, a partir da linha de pensamento de Robert Redeker, o esporte acompanha a história do poder global. Ele reflete este poder e possibilita igualmente a sua apreensão. Podemos considerá-lo como um marcador, um indicador, um fator, mas não como uma alavanca que, através das suas consequências, promoveria mudanças geopolíticas eloquentes. É preciso, dessa maneira, pensá-lo e aproximá-lo sob a égide geopolítica, colocando-o nas análises de acordo com a sua grandeza.³² Uma partida de críquete entre o Paquistão e a Índia não é capaz de alterar a condição de suas relações conflituosas, mesmo que permita o estabelecimento de um novo diálogo, como foi o caso da diplomacia do *ping-pong* entre a China de Mao e os EUA de Nixon. Similarmente, a organização da CM 2010 não permitiu à África do Sul alterar profundamente sua sociedade ou o seu lugar no mundo. Quanto ao Catar, o fato de ser o proprietário do Paris Saint-Germain (PSG) via QIA (Qatar Investment Authority), fundo de investimentos soberano, não lhe permite uma vantagem estratégica maior *vis-à-vis* seu vizinho Saudita no contexto do conflito que os opõem desde junho 2017. Mais recentemente, os JO de Inverno na Coréia do Sul foram igualmente utilizados como forma de aproximação à Coréia do Norte. Para além do desfile conjunto na

³¹ REDEKER. *Le sport contre les peuples*, p. 34-35.

³² GUÉGAN. *Géopolitique du sport*, s/ pág.

abertura dos Jogos,³³ as duas Coreias disputaram sob a mesma bandeira a modalidade de hóquei no gelo.³⁴

Desse modo, a geopolítica do esporte permite a mensuração da expressão de um determinado poder estatal, incorporando o esporte como um dos seus componentes. A geopolítica é o reflexo desse jogo de poder que ela mesma decodifica ao mesmo tempo em reflete os seus próprios limites de análise. Demandar mais do que isso do campo geopolítico esportivo seria excessivo e presumiria uma importância exagerada no que tange o esporte.

Falar de geopolítica do esporte é extremamente relevante, mas, através das suas análises, faz-se necessário saber relativizar sua amplitude e sua eficiência. Pelo seu aspecto elitista e seletivo, o esporte global só diz respeito àqueles atores que estão destacados e que se impõem neste meio. Por si mesmo, o esporte, pelo que o implica, opera uma seleção. Esta distinção revela uma hierarquia do mundo e dos seus locais mais poderosos, excluindo a maior parte dos indivíduos e os colocando em posição periférica. Tal prisma nos coloca outro limite de sistematização para que um critério de análise em geopolítica do esporte seja factível, ou seja, uma leitura fiel do mundo contemporâneo. A geopolítica do esporte “operaria ao mesmo tempo como um espelho ampliado, mas igualmente como um fator de exclusão demasiado superficial”.³⁵ Ela favoreceria as potências ao adquirir o papel de vetor de afirmação de um determinado poder sobrepondo com mais eficiência outros. Os estados são evidentemente os primeiros atores e beneficiários dessa aproximação geopolítica, mas, concomitantemente, as empresas transnacionais (financiadoras), as organizações não-governamentais (organizadoras – FIFA, COI, etc.), outras ligas privadas e as empresas midiáticas globais de difusão, lucram e se beneficiam demasiadamente do campo esportivo. Tais benefícios, evidentemente, acarretam na exclusão de outros diversos atores.

³³ O desfile em conjunto já havia ocorrido nos JO de Sidney em 2000, nos JO de Atenas 2004 e nos JO de Inverno de Turim em 2006 (RICH, 2018).

³⁴ RICH. *Olympics open with Koreas marching together*, sempágina.

³⁵ GUÉGAN. *Géopolitique du sport*, p. 88.

PAÍS ORGANIZADOR/Ano	CUSTO FINAL (em dólar)
QATAR 2022*	200 bilhões * previsão segundo Touzri (2013)
RUSSIE 2018*	20 bilhões * informações conflitantes
BRESIL 2014	15 bilhões
AFRIQUE DU SUD 2010	3 bilhões
ALLEMAGNE 2006	600 milhões
FRANCE 1998	500 milhões

Tabela 2: Custo final das Jogos Olímpicos de Verão– Fonte:Pouchard;Bellanger(2017).³⁶

PAÍS ORGANIZADOR/Ano	CUSTO FINAL (em euros)
RIO DE JANEIRO 2016	16,5 bilhões de €
LONDRES 2012	11 bilhões de €
PÉQUIN 2008	31 bilhões de €
ATENAS 2004	10 bilhões de €
SIDNEY 2000	5,5 bilhões de €
ATLANTA 1996	2,3 bilhões de €
BARCELONA 1992	9,3 bilhões de €
SEUL 1988	4,2 bilhões de €

Tabela 3: Custo final das últimas Copas do Mundo – Fonte: Castilho (2016, p. 45).³⁷

Atualmente, quando comparamos os custos relacionados ao acolhimento e organização dos JO e das Copas do Mundo desde 1980 (mesmo corrigindo a inflação), percebemos uma verdadeira explosão nos gastos (Tabela 2). As olimpíadas custam 12 vezes mais nos dias de hoje (Tabela 3). Rússia, China e Brasil precisaram desembolsar quantias inimagináveis em determinados momentos para reestruturar seus equipamentos esportivos e infraestruturas em geral. No que tange à CM de futebol, um acréscimo exorbitante relacionado à segurança e à mundialização do evento provocou um aumento real de cinco vezes no seu gasto. Deste modo, constatamos que nada menos que 90% dos países do mundo encontram-se excluídos de facto da organização dos dois maiores eventos esportivos globais. Hodiernamente, uma parcela de pouco mais de 15 países pode sonhar com a possibilidade de acolher um megaevento, obviamente, respeitando seus respectivos interesses e intenções. Com essa linha de análise, deixamos em aberto novas incursões e, porque não dizer, novas possíveis correlações teóricas para o estudo do esporte no campo da geopolítica.

³⁶ POUCHARD; BELLANGER. *Les Jeux olympiques*, sempágina.

³⁷ CASTILHO. *Politiques publiques et la Coupe du monde de football 2014 au Brésil*, p. 45.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Le spectateur engagé**: entretiens avec Jean-Louis Missika et Dominique Wolton. Paris: Presse Pocket/Julliard, 1983.
- BOLZ, Daphné. **Les arènes totalitaires**: Hitler, Mussolini et les jeux du stade. Paris: CNRS Éditions, 2008.
- BONIFACE, Pascal. **JO Politiques**: sport et relations internationales. Paris: Eyrolles, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2º Edição. ed. Rio de Janeiro: Editora Zouk, 2006.
- BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. Qatar, Global Sport, and the 2022 FIFA World Cup. In: GRIX, Jonathan. **Leveraging Legacies from Sports Mega-Events**. Basingstoke: Palgrave, 2014.
- CAMPBELL, Rook. Staging Globalization for National Projects: Global Sport Markets and Elite Athletic Transnational Labour in Qatar. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 1, p. 45-60, 2010.
- CASTILHO, César Teixeira. **Politiques Publiques et la Coupe du monde de football 2014 au Brésil**: des espoirs aux héritages locaux. Paris, 2016, 556 f. Tese (Doutorado em Sciences du Sport et du Mouvement Humain). Sciences et techniques des activités physiques (STAPS), Université de Paris-Sud (Paris 11).
- DANSERO, Egidio; MELA, Alfredo. La territorialisation olympique: le cas des jeux de Turin, 2006. **Revue de géographie alpine**, v. 95, n. 3, p. 1-15, 2007.
- DJAMSHIDI, Antoine. Neymar au PSG: Nasser Al-Khelaïfi promet de "gros changements", Laurent Blanc peut-être menacé. **Le Parisien**, 03 jun. 2016.
- GILLON, Pascal. Une lecture géopolitique du système olympique. **Annales de Géographie**, v. 4, n. 680, p. 425-448, 2011.
- GINESTA, Xavier; EUGENIO, Jordi de San. The Use of Football as a Country Branding Strategy: Case Study: Qatar and the Catalan Sports Press. **Communication & Sport**, v. 2, n. 3, p. 225-241, 2013.
- GOLDBAUM, Maxime. La diplomate du ping-pong fait son retour au Qatar. **Le Monde Web Site**, 2011. Disponível em: <https://bityli.com/sXoVQ>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- GOLDBLATT, David. **The Games**: A Global History of the Olympics. New York and London: Norton, 2016.
- GUÉGAN, Jean-Baptiste. **Géopolitique du sport**: une autre explication du monde. Paris: Breal, 2017.
- GYGAX, Jérôme. Diplomatie culturelle et sportive américaine: persuasion et proagande durant la Guerre froide. **Relations Internationales**, v. 3, n. 123, p. 87-106, 2005.
- LACOSTE, Yves. **Dictionnaire de Geopolitique**. Paris: Flammarion, 1999.

LOBO, Felipe. Da Euro 2020 à F1: Baku, mergulhada em controvérsia, é símbolo do Azerbaijão que se promove para o mundo. **Trivela Web Site**, 2019. Disponível em: <https://bitly.com/t9Kc4>. Acesso em: 04 jun. 2020.

MARCHI JR, Wanderley. O "Esporte em Cena": perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latinamerican Socio-Cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MCLAREN, Richard. **WADA Investigation of Sochi Allegations**. World Anti-Doping Agency. Montreal, p. 144. 2016.

MILZA, Pierre. Sport et relations internationales. **Relations Internationales**, n. 38, p. 155-174, 1984.

NYE, Joseph. **Bound to lead**: the changing nature of American Power. New York: Basic Book, 1990.

PÉREZ, Gorka. Por conflito político, Arsenal anuncia que não levará jogador armênio à final da Liga Europa no Azerbaijão. **El País Web Site**, 2019. Disponível em: <https://bitly.com/u7EFfe>. Acesso em: 04 jun. 2020.

POUCHARD, Alexandre; BELLANGER, Elisa. Les Jeux olympiques, un budget difficile à maîtriser. **Le Monde Web Site**, 2017. Disponível em: <https://bitly.com/yODjr>. Acesso em: 25 jun. 2020.

REDEKER, Robert. **Le Sport contre les peuples**. Paris: Berg International, 2002.

RICH, Motoko. The New York Times. **Olympics Open With Koreas Marching Together, Offering Hope for Peace**, 2018. Disponível em: <https://bitly.com/0zmLp>. Acesso em: 24 jun. 2020.

TOUZRI, Michel. Ça coûte combien une Coupe du Monde de football? **Paris Sportifs**, 2013. Disponível em: <https://bitly.com/SUX3H>. Acesso em: 25 jun. 2020.

* * *

Recebido para publicação em: 30 abr. 2020.
Aprovado em: 10 out. 2020.

Nunca foi apenas um jogo: a minissérie *The English Game*

Edilson de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas, UEPG

Miguel Archanjo de Freitas Júnior

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutor em História, Universidade Federal do Paraná

Thiago Savio Ingles da Luz

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Graduando em Educação Física, UEPG

Entender os significados do futebol para um determinado indivíduo ou grupo é uma tarefa bastante complexa. Em diferentes localidades do mundo, pesquisadores têm se esforçado para buscar compreender como um jogo aparentemente simples adentrou no gosto popular e tornou-se um dos principais símbolos de todo um sistema cultural, sendo capaz de emanar profundos sentimentos nos indivíduos que o vivencia, influenciando seu modo de ser, pensar e agir.

Desde questões primárias como a definição do clube para o qual irá torcer, o ritual da roupa que irá vestir para assistir ao jogo ou, então, até mesmo a mudança da rotina cotidiana para se adequar aos horários das partidas, a importância do jogo é uma questão que influencia o torcedor de uma forma geral, tanto nas crenças, no sentimento de pertencimento, quanto nas relações trabalhistas, familiares e sociais.

Todas essas dimensões podem ser observadas quando se acompanha o processo histórico desse esporte. Assim, a minissérie intitulada: *The English Game*, ou *O jogo inglês*, é um material que nos seus seis episódios transcende as linhas do gramado, retratando a gênese do profissionalismo no futebol inglês.

Produzida pela servidora de *streaming* Netflix, a série apresenta esse momento histórico ao público por meio de um clube de futebol formado a partir de uma usina de algodão da cidade de Darwen, na Inglaterra, que “contratou” dois

jogadores escoceses classificados como craques para reforçar a sua equipe e tentar obter o título da Copa da Inglaterra na temporada 1878-1879.

O enredo estabelecido faz da minissérie um excelente exercício de reflexão do presente, por intermédio de relatos ocorridos no passado, ao passo em que aponta indícios do porquê o futebol atingiu tamanhas proporções. A reivindicação de poder receber para jogar futebol, expressa na trama, foi apenas a ponta do *iceberg* de uma série de lutas sociais e de classe que ganharam visibilidade e relevância devido às disputas dentro e fora de campo. Assim, pode-se inferir que, desde a sua origem, o futebol nunca foi visto apenas como um simples jogo esportivo.



Folder de divulgação da minissérie. Fonte: Reprodução, Netflix.

A obra classificada como drama estreou na plataforma da Netflix no dia 20 de março de 2020. Foi escrita por Julian Fellowes, Tony Charles, Oliver Cotton e dirigida por Tim Fywell. Vale destacar que Fellowes venceu o Oscar de Melhor Roteiro Original, em 2001, com *Gosford Park*, seu primeiro filme.

O protagonismo da minissérie *The English Game* está na figura de Fergus Suter, um operário nascido em Glasgow, oriundo de uma família humilde, sempre acompanhado por seu amigo Jimmy Love, um lorde pertencente a uma família rica do sul da Inglaterra. Esses dois personagens, interpretados respectivamente por Kevin Guthrie e James Harkness, foram contratados para o time da usina de algodão de Darwen pelo seu proprietário James Walsh (Craig Parkinson).

Ao lado de Suter, Arthur Kinnard (Edward Holcroft) também foi responsável pelo processo transformador do futebol britânico. Pertencente a elite e membro da Associação de Futebol inglesa, Kinnard foi visionário ao defender a prática do futebol pela classe operária e propor a criação de nova associação de futebol formada pelas equipes trabalhadoras, caso a Associação de Futebol inglesa não aceitasse o pagamento de atletas. Além disso, possui centralidade na produção cinematográfica o dono do clube que contratou Suter quando era do Darwen, John Cartwright (Bem Batt), Margaret Alma Kinnard (Charlotte Hope), esposa de Kinnard, bem como Martha Almond (Niamh Walsh), a possível esposa de Suter.

De acordo com Elias e Dunning, a busca por uma normatização das regras de um jogo de bola disputado com os pés, o futebol, intensificaram-se entre os anos de 1845 e 1862 nas escolas inglesas, com o objetivo de tornar a prática mais civilizada.¹ Dentre os debates sobre as regras, estava a abolição das “caneladas”, fato controverso entre os praticantes, pois, para alguns, isto significaria tornar o jogo “efeminado”.² Em prol desta mudança, dentre outras, que propunham o fomento de uma prática de lazer entre “cavalheiros”, foi fundada, nos fins de 1863, a Associação de Futebol inglesa (*The Football Association* – FA), entidade que controla o futebol inglês até os dias de hoje.

O jogo inglês retrata o crescimento da prática e das organizações de futebol na Inglaterra, pós-criação da *The Football Association*. Como o pagamento de salários para atuação em campo era condenado socialmente e proibido pela *The Football Association*, a prática ocorria de forma velada. A trama inicia quando James Walsh, o proprietário da usina de algodão em Darwen, cidade localizada ao norte da Inglaterra, contrata, por meio do pagamento de salários, Fergus Suter e Jimmy Love para trabalharem e jogarem pelo time da fábrica, com o objetivo de vencer a Copa da Inglaterra, na temporada de 1878-1879.

Esta é a competição de futebol mais antiga e democrática do mundo, segundo a *The Football Association*. Devido ao número de inscritos (na temporada 2008-2009, em sua 128ª edição, 761 equipes participaram do evento) e do modelo

¹ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

² ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

de disputa, mata-mata ou eliminatória simples, a Copa da Inglaterra abre margem para que uma pequena equipe possa eliminar um grande clube. No contexto da minissérie, a Copa despertava nas pequenas equipes operárias os sentimentos de esperança e orgulho. Esperança de construir uma vida melhor e orgulho por ser quem são. Deste modo, vencer a competição significava legitimar-se perante a elite, ser visto e reconhecido.

É importante destacar que naquele contexto sócio-histórico, eram semelhantes os sentimentos que efervesciam na Grã-Bretanha. A invenção das máquinas a vapor e destinadas a processar o algodão foram um dos pilares da revolução industrial e conseqüentemente do surgimento da classe operária. As famílias tecelãs perderam espaço para os grandes prédios e grandes teares movidos pela força hidráulica que reduziam drasticamente o número de operários e sua importância no processo produtivo. Deste modo, os trabalhadores passaram a ser vistos como “máquinas de trabalho a serviço dos poucos aristocratas que até então haviam dirigido a história”.³

Segundo Engels, em pouco tempo, as produções cresceram a números antes inimagináveis.⁴ Com a redução dos custos de produção e venda do produto, houve um *boom* produtivo e de crescimento populacional nas cidades, devido ao êxodo rural. Porém, mesmo que a indústria soubesse o consumo de um produto em determinado país, ela não possuía controle sobre estoques lá acumulados ou sobre a exportação de seus concorrentes. Tal situação ocasionava grandes oscilações de preço em um mercado que ainda se estruturava. Em determinados períodos, como o que a minissérie se passa, os mercados interno e externo eram inundados de produtos ingleses, escoados lentamente. O resultado era uma indústria estagnada que levava os pequenos industriais e comerciantes à falência. Já os grandes adotavam como estratégia a redução dos salários dos operários, uma vez que a concorrência entre os desempregados era alta.⁵

A cidade de Darwen, que tinha a usina de algodão como base de sua economia, enfrentava um destes períodos de estagnação comercial com grandes

³ ENGELS. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.*

⁴ ENGELS. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.*

⁵ ENGELS. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.*

dificuldades. Um desses entreveros podia ser observado em campo. Para disputar as quartas de final da Copa da Inglaterra, na temporada de 1878-1879, James Walsh destina as economias da usina para que a equipe de Darwen enfrente o Old Etonians, fora de casa. Em um jogo marcado pela superioridade do Old Etonians no primeiro tempo e pela recuperação de seus adversários no segundo, a partida é encerrada empatada.

Devido às dificuldades e custos com transporte, os jogadores de Darwen solicitam a realização de uma prorrogação, porém, ela não é aceita pelos jogadores do Old Etonians, sob a alegação de que não haviam acordado tal situação antes do início do jogo. Como a equipe possuía em seu elenco membros e o presidente da *The Football Association*, foi decidido que a equipe operária deveria viajar novamente para um novo confronto. Tal situação colocou em xeque o cavalheirismo e a honra do time representante da elite.

Paralelamente a este acontecimento, a indústria do algodão sofre com as quedas de preço, levando a fábrica de Darwen a cortar 5% dos salários de seus empregados e alguns jogadores. Nesse cenário, a crise impossibilitava que o time participasse da revanche das quartas de final da Copa da Inglaterra. Neste momento, a minissérie mostra os primeiros resquícios de gestão e captação de recursos no futebol, por meio da criação de uma espécie de programa de sócio-torcedores por parte de alguns integrantes do próprio time, que levantou recursos e possibilitou o time participar da importante partida.

Diante disso, deparamo-nos com uma primeira impressão de fanatismo na história do esporte bretão, já que a população quase majoritariamente dependente do algodão, cujo negócio estava enfraquecido, contribuía financeiramente para a continuação do futebol. Porém, tal estratégia não surtiu efeito do ponto de vista competitivo, pois, mesmo que Fergus e seus colegas de equipe tenham se dedicado para tentar proporcionar a população de Darwen um alento por meio do futebol, uma vez que eles estavam sofrendo com os cortes no salário, a equipe de Darwin acabou perdendo a partida. Porém, o resultado do jogo causou marcas em ambos os lados.

Em Darwen, o sentimento de fracasso, que legitimava a superioridade dos capitalistas, dividia espaço com a revolta, pois acreditavam que, se o jogo fosse decidido na prorrogação da primeira partida, eles seriam vencedores. Já para os

Old Etonians, membros da *The Football Association*, a vitória esvaziou-se de sentido, pois sem a posição favorável, não existiria uma segunda partida.

Na temporada seguinte, 1879-1880, o algodão sofre uma nova queda e, desta vez, os trabalhadores sofrem 10% de corte em seus salários, aprofundando a crise, ao ocasionar greves e protestos. Diante do cenário delicado, os jogadores que também faziam parte do movimento de greve se recusaram a vestir a camisa do Darwen. Eles aceitaram entrar em campo pela primeira partida da temporada minutos antes do jogo começar, após negociação com James Walsh, dono da usina de algodão da cidade e presidente do time. Embora as questões fora de campo tenham sido amenizadas, em campo, o Darwen não fez uma boa campanha e foi eliminado da Copa da Inglaterra nas oitavas de final.

Este fato foi muito impactante para Fergus Suter, que possuía uma difícil relação com seu pai, por conta da dependência alcoólica e das constantes agressões à sua mãe. Ele via no futebol uma possibilidade de melhorar a própria condição de vida, bem como afastar sua matriarca e suas irmãs das condições e situações violentas que vivenciavam cotidianamente. Neste cenário de dificuldades, após a eliminação, John Cartwright, presidente da equipe Blackburn, fez uma irrecusável proposta financeira a Suter para que passasse a integrar sua equipe, deixando o Darwen.

O atleta aceitou a proposta feita por Cartwright, gerando revolta dos seus companheiros e da torcida de Darwen, porém, o fato marcou a primeira transação de jogador entre clubes de futebol motivada por melhores condições financeiras, pois o Blackburn pagaria muito mais a Suter do que ele recebia em Darwen. O melhor amigo de Suter, Jimmy Love, o acompanhou para o novo clube, gerando ainda mais revolta nos integrantes e torcedores do time de Darwen.

Como parte da negociação por Suter, entre James Walsh e John Cartwright, proprietários das equipes de Darwen e Blackburn, respectivamente, foi realizado um amistoso com objetivo de arrecadar dinheiro para ambas as equipes. Embora fosse um amistoso, as tensões das transferências contribuíram para que a partida entre Blackburn e Darwen acabasse em uma confusão generalizada fora de campo, queria interferir diretamente no desfecho da Copa da Inglaterra.

Na tentativa de defender o futebol como esporte da elite, os nobres do Etonians/ *The Football Association* decidiram por desclassificar o Blackburn, que

representava as classes inferiores da sociedade nos dias antecedentes ao confronto entre ambos que decidiria quem seria o campeão da Copa da Inglaterra. A final aproximou as equipes do Blackburn e Darwen, que se uniram com o objetivo de que um clube representante da classe trabalhadora vencesse pela primeira vez na história a competição.

Artur Kinnard, integrante do Old Etonians e da associação, reconhecendo as dificuldades dos operários em trabalhar braçalmente e jogar futebol simultaneamente, apoiou o adversário para que a decisão de banimento fosse revertida. A ação liderada por Fergus Suter expôs a realidade do futebol como um esporte capaz de transcender o lazer dos integrantes da elite, ao caracterizar-se como entretenimento dos trabalhadores, que viam o futebol como uma alternativa de vida frente à maçante rotina de trabalho nas usinas de algodão, fato social que se difundiria às demais localidades do globo, por todas as classes.

A este respeito, Elias e Dunning afirmam que o futebol se caracterizou como um esporte que encontrou equilíbrio entre o comportamento civilizado, esperado, e o um nível elevado de confronto não violento, porém, com um nível de excitação capaz de manter o interesse pelo jogo.⁶ Neste contexto, o jogo de futebol pode ser compreendido como “uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura”.⁷

Diante deste cenário e sobre a ameaça de criação de uma nova liga que aceitasse o pagamento de jogadores, a decisão é revertida pela *The Football Association*, realizando-se a final da Copa da Inglaterra entre Old Etonians e Blackburn (elite x trabalhadores). Em uma partida com empate no tempo normal, os capitães das equipes reuniram-se para decidir o desfecho do jogo. Porém, desta vez a prorrogação é acertada e o Blackburn (com auxílio do Darwen) sagrou-se campeão, representando os trabalhadores e as demais classes inferiores da sociedade da época.

Na minissérie, mas também no desenvolvimento histórico da modalidade na “vida real”, as disputas dentro de campo, imbricaram em dificuldades e embates

⁶ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

⁷ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, p. 87.

fora dele por melhores condições de trabalho e de vida. Deste modo, o futebol e a usina consolidam-se como símbolos identitários da comunidade, capazes de promover uma transformação positiva. Esta minissérie revela como o futebol transcende as linhas do campo e nos revela sentimentos e pertencimentos sociais.

* * *

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Trad. M. M. A. Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

THE ENGLISH GAME. Direção: Tim Fywell. Estados Unidos, Netflix, seis episódios, 50 min. (aprox.), son., color., 2020.

* * *

Recebido para publicação em: 12 jun. 2020.
Aprovado em: 08 out. 2020.

Experiências Futebolísticas: estádios do Brasil

Football Experiences: Stadiums in Brazil

Victor de Leonardo Figols

O “Experiências Futebolísticas” surgiu em dezembro de 2015, primeiramente por meio de publicações no Blog e, depois, em fevereiro de 2016, no Instagram.¹ Segundo Victor Figols, a ideia veio quando ele reparou a grande quantidade de fotos de jogos em diferentes estádios em seu arquivo.



No Instagram, descobriu diversas páginas dedicadas ao hobby *groundhopping* (*ground*: campo e *hopper*: saltador), aquele que procura assistir ao maior número de jogos em um maior número de estádios diferentes.

A proposta inicial de Victor era apenas postar as fotografias dos estádios visitados por ele, porém ao longo do tempo, passou a receber colaborações de seguidores, em mais de 400 postagens, registrando mais de 50 estádios diferentes ao redor do mundo.

A seguir, a revista **FuLiA/UFMG** apresenta 19 imagens de estádios brasileiros – Morumbi, Anacleto Campanella, Itaquerão, Arena da Baixada, Canindé, Mangueirão etc. –, entre 2011 e 2020, selecionadas pelo próprio autor.

* * *

Victor de Leonardo Figols é doutorando em História na Universidade Federal do Paraná. Estuda as identidades clubísticas e regionais das associações espanholas no contexto da globalização do futebol. É editor e colunista do portal *Ludopédio* (www.ludopedio.com.br).

¹ Blog: <https://experienciasfutebolisticas.tumblr.com>.
Instagram: <https://www.instagram.com/experienciasfutebolisticas>.



Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) – São Paulo

São Paulo 2 x 1 Atlético Mineiro

Milésimo jogo do goleiro Rogério Ceni com a camisa do São Paulo

Campeonato Brasileiro, 07 set. 2011



Estádio Municipal Anacleto Campanella – São Caetano do Sul/SP
25 abr. 2016



Arena Corinthians (Itaquerao) – São Paulo
Alemanha 2 x 2 Austrália
Jogos Olímpicos Rio (fut. fem.), 06 ago. 2016



Arena Corinthians II (Itaquerão) – São Paulo

Brasil 2 x 0 Colômbia

Jogos Olímpicos Rio (fut. masc.), 13 ago. 2016

Capa da revista **FuLiA / UFMG**, v. 5, n. 2, 2020.



Arena Corinthians III (Itaquerao) – São Paulo
Brasil 2 x 0 Colômbia
Jogos Olímpicos Rio (fut. masc.), 13 ago. 2016



Estádio Conde Rodolfo Crespi (Rua Javari) – São Paulo

Juventus 1 x 0 Taubaté

Campeonato Paulista da Série A2, 19 mar. 2016



Estádio Joaquim Américo Guimarães (Arena da Baixada) - Curitiba

Atlético Paranaense 4 x 0 Cascavel
Campeonato Paranaense, 18 mar. 2017



Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) – Belo Horizonte
10 maio 2017



Estádio Municipal Primeiro de Maio – S. Bernardo do Campo/SP
14 ago. 2017



Estádio Doutor Oswaldo Teixeira Duarte (Estádio do Canindé) – São Paulo

Portela/BA 0 x 1 América/MG

Copa São Paulo de Futebol Júnior, 05 jan. 2018



Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) – São Paulo
09 jun. 2018



Estádio Fioravante Slaviero – Irati/PR
04 nov. 2018



Estádio Estadual Jornalista Edgar Augusto Proença (Mangueirão) – Belém
09 jan. 2019



Estádio Leônidas Sodré de Castro (Curuzu) – Belém
11 jan. 2019



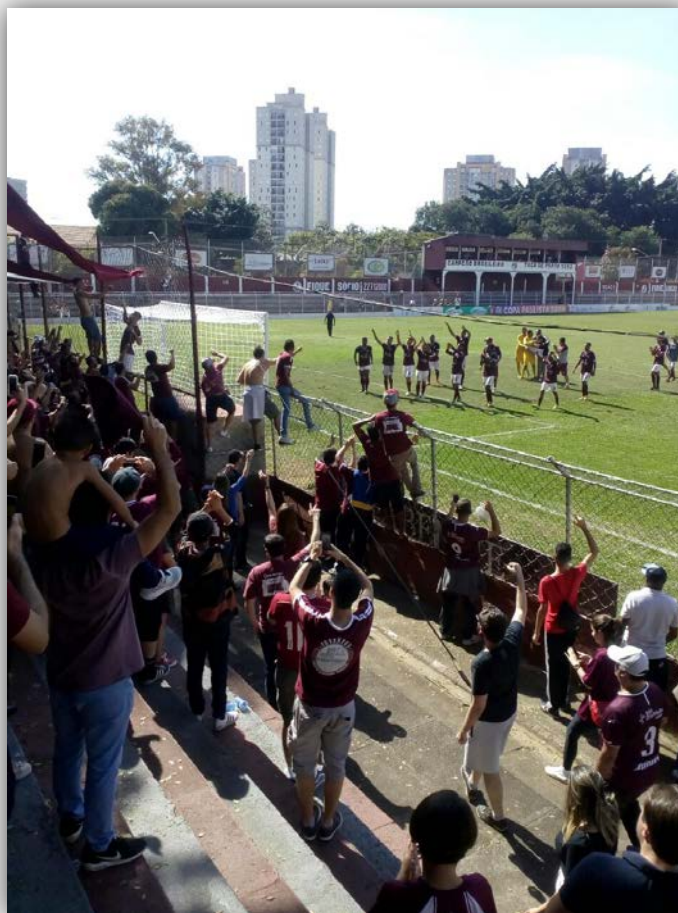
Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) – São Paulo

São Paulo 2 x 2 Vasco da Gama (pênaltis: 3 x 1)

Copa São Paulo de Futebol Júnior, 25 fev. 2019



Estádio Municipal Bruno José Daniel (Brunão) – Santo André/SP
Rio Preto Weilers 35 x 13 Ocelots Futebol Americano
São Paulo Football League 2019 - Série Diamante
Futebol Americano



Estádio Conde Rodolfo Crespi (Rua Javari) – São Paulo
Juventus 1 x 0 Portuguesa de Desportos
Copa Paulista de Futebol, 14 jul. 2019



Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) – São Paulo

Brasil 0 x 0 Chile (pênaltis: 4 x 5)

Torneio Uber Internacional de Futebol Feminino, 31 ago. 2019



Estádio Municipal Primeiro de Maio – São Bernardo do Campo/SP
Operário Ferroviário 3 x 1 Palmeira/RN
Copa São Paulo de Futebol Júnior, 10 jan. 2020